

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

090)

PRISCILA DE OLIVEIRA XAVIER

Mãe
Meu Filho
Mamãe
Papozão
Mamãe

que o pai pode fazer então eu sou
Te escrevendo p/ ler meu Filho o que
você quer, que o pai faz p/ você que
o pai vai fazer o corre com seriedade
e com paz, então toda vez que a
vó for aí você manda uma carta p/
mim, e eu mandarei outra p/ você
meu Filho aí você vê o que você quer
que o pai faz tá bom, pai vai
parando por aqui, pedindo que Deus
te abençoe com muita paz e saúde

POMERI: ESPAÇO DE RECLUSÃO – MÁQUINA DE GUERRA: O COTIDIANO,
DE UMA INSTITUIÇÃO DE FECHAMENTO: MATO GROSSO NOS AUSPÍCIOS
DO SÉCULO XXI.

Aí e um abraço a um abraço no pai
que tá morrendo d/ saudades do
Filhinho dele, não esquece d/ escrever
p/ mim como pedi ok, fica com des
no seu coração um abraço p/ você
e p/ todos os seu amigos aí que
Deus abençoe vocês todos FALA p/
WILIA que o pai não esqueceu ele
não e que o pai tá mandando um
abraço p/ ele também, Beijos abraços
p/ meu Filhinho Mamãe Tolo
Ab/ Mamãe Papozão

Cuiabá
2007

090

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA/ NÍVEL MESTRADO
PRISCILA DE OLIVEIRA XAVIER

que o pai não faz
Te escrevendo
você que o pai faz
o pai vai fazer o corre
e com paz, otha toda
você foi ai você manda
mim, e eu mandarei
POMERI: ESPAÇO DE RECLUSÃO - MÁQUINA DE GUERRA: O COTIDIANO,
DE UMA INSTITUIÇÃO DE FECHAMENTO: MATO GROSSO NOS AUSPÍCIOS
DO SÉCULO XXI.
parando por Am, pedindo que Deus
e abençoe com muita paz e saúde
e abençoe p/ que Brede
ai e um am da um abraço no pai
que tá momento d/ saudades do
Filhão dele, não
p/ mim como pedi
no seu coração um
e p/ todos os seus
Deus abençoe
WILIA que o pai não
não e que o pai tá
abraço p/ ele também,
p/ meu Filhão
p/ Hamilton Rapoza

**POMERI: ESPAÇO DE RECLUSÃO - MÁQUINA DE GUERRA: O COTIDIANO,
DE UMA INSTITUIÇÃO DE FECHAMENTO: MATO GROSSO NOS AUSPÍCIOS
DO SÉCULO XXI.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação do Professor Dr. Oswaldo Machado Filho.

Cuiabá

2007

090)
POMERI: ESPAÇO DE RECLUSÃO – MÁQUINA DE GUERRA: O COTIDIANO DE ADOLESCENTES EM UMA INSTITUIÇÃO DE FECHAMENTO: MATO GROSSO NOS AUSPÍCIOS DO SÉCULO XXI.

Te escrevendo p/ ler meu Filho o que
você quer, que o pai faz p/ você que
o pai vai fazer o corre com seriedade
e com paz, tá tá toda criança que a

Dissertação apresentada por Priscila de Oliveira Xavier à Coordenadoria à Banca
Examinadora composta pelos professores:

MIM, e eu mandarei outra p/ você
meu Filho aí vou lá o que você quer
que o pai faz tá bom, pai vai

Assinatura do Presidente da Banca
Prof. Dr. Oswaldo Machado Filho (UFMT)

mandando a minha filha com Deus
de abençoe com muita paz e saúde
e abençoe p/ que Breve vou sair
aí e vou sair da um abração no pai

Assinatura do Examinador Externo
Profa. Dra. Marilene Rosa Nogueira da Silva (UERJ)

que tá mandando a minha filha com Deus
Filhão dele, não esquece de escrever
p/ mim como pedi ok, tá tá com des

Assinatura da Examinadora Interna
Profa. Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto (UFMT)

no seu coração p/ você
e p/ todos os seus amigos aí que
Deus abençoe vocês todas FALA p/

Assinatura da Suplente
Profa. Dra. Ludmila de Lima Brandão (UFMT)

WILMA que não esquece de escrever
não é que o pai tá mandando um
abraço p/ ele também, beijão abraço
p/ meu Filhão Hamineir Tolo
Cuiabá
2007
p/ Hamineir Rapoza

Com amor a Mirelly e Lucas, filhos amados, que tiveram o poder de fazer o mundo parar em tempos diversos, e por preencherem minha vida de sentido.

DEDICO.

HOMENAGEM

“A vocês que através de sua história e coragem tornaram-se personagens principais desta trama. Meninos tristes de ontem e hoje.”

Criança

*Cabecinha boa de menino triste
De menino triste que sofre sozinho,
Que sozinho sofre, - e resiste.*

*Cabecinha boa de menino ausente,
Que de sofrer tanto se fez pensativo,
E não sabe mais o que sente...*

*Cabecinha boa de menino mudo
Que não teve nada, que não pediu nada,
Pelo medo de perder tudo.*

*Cabecinha boa de menino santo
Que do alto se inclina sobre a água do mundo
Para mirar seu desencanto.*

*Para ver passar numa onda lenta e fria
A estrela perdida da felicidade
Que soube que não possuiria.*

Cecília Meireles

Confesso que neste momento o medo de não fazer justiça a todos a quem quero e preciso agradecer me invade. Mas invadem-me também o prazer de rememorar, de trazer sons, músicas, conversas confidenciais, perfumes, paisagens, olhares, sabores e tantas sensações à tona.

A meu orientador Prof. Dr. Oswaldo Machado Filho, por sua sensibilidade, paciência, sua orientação, os e-mails bem humorados que me tiravam do choro, a atenção em ouvir meus dilemas e medos possibilitou a tranqüilidade de que conseguiria chegar até o final. Você transpira afeto e confiança, muita coisa que ousei fazer, fiz por confiar em sua orientação, as indicações bibliográficas foram certeiras, cada livro somado a outro, formou uma rede onde me senti à vontade para tecer a trama. Foi um presente e um prazer tê-lo nesta caminhada! E isto é uma ameaça: pode ter certeza que cortar o cordão é impossível.

A meus filhos: Mirelly e Lucas, com todo amor que lhes pertence.

Aos meus pais, Jair da Costa Xavier e Elzi de Oliveira Xavier, meus irmãos Isaias, Lídia, Enéas e Talita, além de Jair Neto e Estevão, meus sobrinhos, com amor.

A professora Regina Beatriz Guimarães Neto, tê-la como professora foi decisivo, um encontro marcante, especial, daqueles que mudam a vida, o modo de pensar. Nunca mais a minha história e o mundo foram os mesmos, meu olhar agora vê outras coisas, enxerga outras paragens. Com suas obras comecei a aprender a lidar com a memória. As aulas de minha vida foram “aquelas” sobre Proust e os Signos, inesquecíveis (e o replay foi ainda melhor)!

Professor Pio Penna, não quero explicitar, mas tu bem sabes o momento de dor que passei e que só pude e quis dividir contigo. Um carinho imenso, um gostar verdadeiro! Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Ao querido professor Otávio Canavarros, agradeço pela colaboração imprescindível junto ao Pomeri. Modestamente indicou outros nomes, segundo ele, mais capazes. Mas que nada! Desta vez estava enganado tinha que ser você mesmo!

Professora Maria Adenir Peraro obrigada pelas indicações de leitura; artigos, revistas, teses, pelo empréstimo de algumas. Indicações certeiras e valiosas. Por compartilhar não apenas saberes, mas pela convivência, pelo prazer de tê-la como mestre. Por seu projeto de incluir a nós, mestrandos, nas atividades da academia, oportunizando que as experiências fossem ainda maiores.

Ao professor Dr. Phd. Flávio Antônio da Silva Nascimento, pela presença em minha vida tanto profissional quanto pessoal, pelo ombro onde sempre foi possível encostar-me, pelo socorro nas horas decisivas, pela confiança sempre demonstrada. Sem sua amizade, incentivo

e orientação a caminhada seria outra, uem sabe nem teria começado. Sua amizade é pura poesia.

Ao professor Dr. Naldson Ramos da Costa. Lá se vão quatorze anos desde o primeiro dia de aula, entre Comte, Durkheim, Weber, Marx, entre os debates sociológicos, uma amizade sólida, que não necessita de muitas explicações, simplesmente existe! Em meio às idas e vindas de uma militância e outra, um casamento e outro, o universo sempre conspirou a favor da permanência desta relação mais que “didático-pedagógica”. Por isso me sinto no direito de dizer tudo que me vem à cabeça sem nada de arrependimento.

Théo, que falar de você amigo? Reconhecemos-nos no saguão, e de lá pra cá, nem mesmo os quilômetros que separam Cuiabá de Rondonópolis, os custos da Embratel e da internet, os amores, as preocupações com filhos, estudos, foram capazes de diminuir o amor que sinto por você. Minha dívida para contigo é tão crescente...

Rose, sua disposição em militar no Movimento Negro é espantosa. Admiro a forma como consegue se equilibrar entre casa, filhos, trabalho, militância, sei o quanto é desgastante. Agradeço por sua presença em minha vida, mesmo que a geografia nos mantenha fisicamente (apenas) afastadas.

Há um grupo de novos e preciosos amigos que ganhei no Mestrado e quero uní-los neste parágrafo, porque é impossível separá-los, mesmo aqui. Rô aprendemos juntas, nos indignamos juntas, falamos das questões mais íntimas, da luta do dia-a-dia, e lógico falamos muita besteira! Guido, Antônio Leôncio, amigos de toda hora, cumplicidade, paciência, sugestões, críticas, como vocês me ajudaram a “guentar o tranco”, o sufoco de tantas situações, as aventuras no R.U.! Vocês estão no meu coração!

Val e Kebe um casal “tudo de bom”, adoro vocês.

Sandra minha amiga que leva a vida com uma tranquilidade invejável, que se satisfaz de maneira simples, você é uma pessoa com quem tenho aprendido que “ser simples não é simples”.

Rubens meu amigo do “Código da Vinci”, divertidíssimo e generoso, gosto muito de nossos papos, gentil, ponderado, foi muito bom te conhecer, entre cafés e cervejas vamos levando.

Gilbert e Banana (Ana), pelo apoio logístico, por terem me ofertado um presente incomparável!

Manuel Ramirez, pelo conhecimento técnico e pela paciência e bom humor diante de tantas correções e de atrasos constantes.

Ao povo brasileiro que através da Universidade Federal de Mato Grosso ofereceu-me um espaço de construção do conhecimento, de relações de amizade e profissionais em tudo fundamentais.

À professora Leny Caselli pelo atendimento sempre atencioso e estimulador, pelas correções de resumos na última hora, pela orientação em como conduzir o doutorado, e pelo brilhante trabalho à frente da coordenação do programa de mestrado.

À Mônica secretária do programa de pós-graduação em história por sua assessoria imprescindível.

À Profa. Dra. Marilene Rosa Nogueira da Silva, por ter aceito o convite, por ter respondido a tantos e-mails!

À Tatiane, garota guerreira, que desde os nove anos de idade experimenta o confinamento. Ah! Se Nietzsche tivesse te conhecido...

À PROVIVAS pelo financiamento de viagens que possibilitaram a apresentação de trabalhos, bem como o contato com outras pesquisas.

Finalmente, aos “meninos tristes” do Pomeri. Trago presente na memória os “jumbos” que me ofereciam quando eu chegava faminta da universidade, as cartinhas e bilhetes, as músicas, as entrevistas, a confiança que demonstravam ao compartilhar suas histórias. Em todo tempo que passei como orientadora nesta prisão me senti privilegiada por estar entre pessoas especiais, fortes, que com tão pouca idade suportam as dores que lhes são impostas. Lembro-me do primeiro contato com M.A., A.N., a quem reencontrei no show do Racionais M.Cs. a poucos dias, de Cacá, J., S., W.B., e mais 53 adolescentes, confinados no Pascoal Ramos. Na ocasião desafiadoramente perguntaram: *Não vai cumprimentar a gente orientadora? Tá com medo? Vamos conversar!* Cumprimentei, conversamos sobre como nós afro-descendentes viemos para aqui “nesse” Brasil, e em porque eu estava de um lado da grade e vocês de outro. Recordo que para que eu não saísse dali e a conversa não tivesse fim, dividiram comigo lanche, fizeram suco com o que dispunham, e assim passamos doze horas conversando, aprendendo um sobre o mundo do outro. Perdi medos, aprendi a ver o outro, me identifiquei com histórias, experimentei a dor da impotência, o peso do fracasso, a ter notícias de mortes, a viver a tragédia. A vocês não posso e não desejo apenas agradecer, reconhecer, mas quero declarar meu prazer em tê-los conhecido, meu contentamento em ter compartilhado horas e dividir minha angústia por ter tão somente uma narrativa para oferecer frente a tanto que me foi dado. Generosos e verdadeiros, “monstros”, “hediondos”, me demonstraram a “idiotice” do pensamento maniqueísta. Hoje distante sinto falta da pergunta que me faziam quando iniciava o plantão: *Como tá a rua Priscila?* Ou quando terminava: *Vai com Deus*

Priscilinha, você é nossa relíquia! Quando é seu plantão de novo? Entre vocês me senti útil como pessoa e historiadora. Por tudo isto e tudo mais obrigada! Em que lugar do mundo alguém chama o outro de relíquia?

Sobre o húmus da necessidade cresce essa bela obra que é a existência, assim como o esterco permite a eclosão da flor suave.

-Michel Maffesoli-

AGRADEÇO.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade se constituir em um espaço aberto as vozes dos adolescentes infratores, confinados no Centro Sócio-Educativo Pomeri – Lar do Adolescente, única instituição total do estado de Mato Grosso, responsável pelo confinamento de meninos entre doze e dezoito anos de idade. Diagramamos o interior de uma máquina de guerra, e através dos relatos de seus atores, construímos o palco da batalha cotidiana. Analisamos as estratégias dos mais fortes e as táticas dos mais fracos, que não se furtam ao enfrentamento, e em surdina denunciam o peso de estar constantemente submetido à disciplinarização e a tecnologia do poder. Refletimos sobre os usos e as maneiras de fazer desses adolescentes, a forma como empregam sua imaginação, inventividade e força para resistir sempre.

Palavras-chave: Disciplina, Poder, Controle, Inversão.

SUMMARY

This work has as purpose if to constitute in an open space the voices of the adolescent infractors, confined in the Center Partner-Educative Pomeri - Home of the Adolescent. Diagrammed the interior of a machine of war, and through the stories of its actors, we construct pace of the daily battle. We analyze the strategies of strongest and the tactics of weakest, that if do not steal to the confrontation, and in silence denounce the weight to be constantly submitted á disciplinarization and the technology of the power. We reflect on the uses and the ways to make of these adolescents, the form as they use its imagination, inventively and force to always resist.

Key-Word: Disciplines, Power, Control, Inversion.

Lista de Abreviaturas

C.A.: Centro Acautelatório

C.S.E. Pomeri: Centro Sócio-Educativo Pomeri

D.E.A.: Delegacia Especializada do Adolescente

E.C.A.: Estatuto da Criança e do Adolescente

FEBEM: Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

FEBEMAT: Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de Mato Grosso

FUNABEM: Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor

L.A. Lar do Adolescente

PM.: Polícia Militar

PROSOL: Secretaria de Promoção Social

SEDUC: Secretaria Estadual de Educação e Cultura

SEJUSP: Secretaria Estadual de Justiça e Segurança Pública

O vocabulário dos presos.

Expressão	Significado
Aí Ladrão	Cumprimento
Arroz	Cocaína
Assinar o BO	Assumir a culpa de algo
Bala	Trouxa de pasta base
Bereu	Bilhete
Berro	Arma de Fogo
Blá-blá-blá	Argumento
Boi	Banheiro/Sanitário
Bonde	Mudar de ala ou Presídio
Bota branca, giz	Cigarro
Cabuloso	Misterioso, imprevisível
Cagueta	Dedo-duro, informante
Caí no chico	Apanhar
Cavalo louco	Fuga em massa
Conta	Aguardar
Capa preta	Juiz
Cascuda	Marmita
Casinha	Armadilha
Chega aí	Vem aqui
Chegado	Sangue bom, pessoa legal
Chuchu	Arma artesanal
Corro	Novato
Correria	Prestar serviço, ir atrás de algo
Cuas cuas	Conversa fiada
Cuzão	Cara babaca, quer ser diferente
Dá licença meu irmão	Pode sair, sai fora
Dona onça	Esposa
Dezoito	Revista, pessoa suja, polícia
Duzentão	Estuprador
Embiloca	Transar
Está viajando	Fumou maconha
Estigar	Provocar o desejo do outro
Fazendo castelo	Está sonhando, planejando
Fazendo hora extra no mundo	Já passou da hora de morrer
Fazer presença	Dar um presente
Feijão	Maconha
Fim de carreira	Condenado a mais de 30 anos
Fita	Um lance, momento do assalto, roubo, do homicídio...
Fofó	Cheio de dinheiro ou bens
Forte	Pessoa cheia de argumento
Guentá	Segurar
Jacaré	Serra
Jega	Cama de cimento do Xadrez
Julia	Comida
Jumbo	Entrada de sacolão

Latrô	Assaltante, latrocida
Ligá Fulano	Chamar alguém
Madeira	Dinheiro para suborno
Mancada	Dar um fora, fiasco
Marmota	Otário, devagar, preguiçoso
Maria louca	Bebida artesanal
Marica	Cachimbo para consumo de droga
Maria Tereza	Corda artesanal para fuga
Marroco	Pão
Medir pressão	Testar
Miliano	Preso mais de um ano
Moca	Café
Não vai ter boi	Não vai dar moleza para outro
Noiado	Quem usa droga
Parada	Um negocio
Pé de ferro	Assasino
Pé de pato	Justiceiro
Pé preto	Polícia
Pela ordem	Tudo bem, tá de boa
Pode crê	Concordar
Porronco	Cigarro de fumo
Psicopata	Calmo, frio, sem sentimento
Pulô	Morreu
Quadrada	Pistola
Rabuda	Condenação
Raio	Ala
Repousa	Está Ocupada
Sapo	Cadeado
Seguro	Ala mais segura que outras
Seguro BO	Assumiu para si
Sem palavra	Muitissimo obrigado
Só você mesmo	Como se fosse a última esperança
Soviético	Pessoa de duas caras
Sujeira	Polícia
Teste da farinha	Dar choque
Tá filmando	Está de olho, cuidando de você
Tá ligado	Está prestando Atenção
Tá na praia	Está dormindo no chão
Tá no barro	Dormindo no chão
Tá tirando	Está desfazendo
Tatu	Túnel
Truta	Parceiro
Tá veno ocê fulano	Está brincando com a minha cara
Tela	Televisão
Tô mal	Quebrado sem nada
Telefone	Buraco na parede
Uma mínima	Um pouco de qualquer coisa
Vento	Ventilador
Zica	Problemático
Zuá	Bagunçar os materiais

Zuca	Droga, pasta base
Tô mal	Quebrado sem nada
Telefone	Buraco na parede
Uma mínima	Um pouco de qualquer coisa
Vento	Ventilador
Zica	Problemático
Zuá	Bagunçar os materiais
Zuca	Droga, pasta base

Sumário

Abrem-se as Cortinas.....	01
Primeiro Ato – O Concreto.....	17
O Palco – A Arquitetura de Uma Máquina.....	19
Ferragens e Concreto.....	22
Espaços Fugidios.....	26
Usos ou Maneiras de Fazer – As Táticas no Interior da Grande Máquina.....	28
O Uso da Linguagem.....	29
O Uso da Música.....	31
O Uso do Corpo.....	36
O Uso dos prazeres.....	42
Segundo Ato – Disciplina e Inversão.....	51
O Encontro do Corpo com a tecnologia do Poder.....	51
Disciplina e Encenação.....	53
O Confinamento.....	66
As Noites na Cadeia.....	73
As Rebeliões.....	77
A Vida na Cela.....	88
Terceiro Ato – A Fronteira Entre a Neura e a Sanidade.....	92
As Sensações Pulsantes em um não Lugar – Cheiros e Odores.....	93
Prisão: Edifício Insano.....	103
Último Ato: Cerram-se as Cortinas – Em Obras.....	128
Anexos.....	137
Relação de Elenco:.....	138
Anexos A: Fotos.....	139
Anexos B; Relatório de Livros de Ocorrência.....	145
Anexos C: Entrevistas.....	152
Anexos D: Relatório de Livros de Punições.....	168
Anexos E: Jornais.....	178
Anexos F: Bilhete.....	183
Anexos G: Poesia.....	184
Anexos H: Desenho.....	185
Participações Especiais.....	186

Estréia - Abrem-se as Cortinas:

Interlúdio: Informações Sobre A Montagem da Peça

*Vocês, artistas que fazem teatro
Em grandes casas, sob sóis artificiais
Diante da multidão calada, procurem alguma vez
Aquele teatro encenado na rua.
Cotidiano, vário e anônimo, mas
Tão vívido, terreno, nutrido da convivência
Dos homens, o teatro que se passa na rua¹.*

A trama da história que será aqui encenada parte de um estudo sobre o mundo social dos adolescentes em conflito com a lei² confinados no Centro Sócio-Educativo Pomeri (C.S.E.); instituição total³, cercada por mistérios e curiosidades bem escondidos por trás de muros. A imaginação sobre este lugar onde supostamente estão as pessoas mais perigosas que mentes férteis e fantasiosas podem dar forma, revela o quanto ainda estamos envoltos e respiramos em silêncios históricos.

Tatuagens, piercings, bonés, “roupas pela ordem”⁴, inversão de objetos, funk, rap, teatro, vocabulário próprio... são pistas, indícios que encontrei ao investigar práticas culturais, táticas e artimanhas construídas por esses adolescentes no interior de uma máquina de guerra⁵.

Estes sinais encontrados possibilitaram a construção de uma escrita sobre a história de uma guerra, de uma *espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos*⁶, e da percepção das linhas de fuga

¹BRECHT, Bertold. Sobre a Teatralidade Cotidiana. In *Poemas – 1913-1956*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 238.

² O E.C.A. , publicado no Diário Oficial da União de 16/07/1990 Seção 1, promulgado através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu artigo 1º considera como *adolescente aquela pessoa entre 12 e dezoito anos de idade, e no artigo 104º a lei determina que são penalmente ininputáveis os menores de dezoito anos; porém como o Estatuto ainda no artigo 103º considera ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal, o adolescente que comete atos infracionais é denominado adolescente infrator ou em conflito com a lei.* Neste trabalho utilizaremos estas denominações definidas pelo Estatuto.

³ GOFFMAN, Erving. *Prisões, Manicômios e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 11. O autor define Instituição Total como, *um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada*³.

⁴ Expressão empregada pelos adolescentes internos no Centro Sócio-educativo Pomeri para indicar roupas “transadas”, “estilosas”, “maneiras”, legais.

⁵ Conceito desenvolvido por Gilles Deleuze em Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 11 , que remete não somente a uma idéia, mas a uma imagem, e a ele retornaremos durante o texto mais detalhadamente.

⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 176.

traçadas pelos confinados para escapar ao peso da tecnologia do poder existente e exercida nesta maquinaria, no Pomeri.

É uma guerra atual, próxima, passada entre 2004 e 2006, e que ainda não teve desfecho. Ela acontece ao nosso lado, em nosso tempo, mas escapa aos olhos, pois a visão do centro da luta é invizibilizada por um bem guardado muro.

Pensar este trabalho, desde a escolha de seu tema, constituiu-se desafio constante. Construir um texto que indicasse o comprometimento com as questões e os movimentos sociais sem, contudo, tornar-se carta-aberta, manifesto, enciclopédia de palavras de ordens e gritos de guerra ou ainda mero discurso panfletário, foi angústia inicial e companheira permanente.

Falar sobre prisões⁷, em especial em prisões para adolescentes é lidar com a poeira embaixo do tapete, com o escuso, com massacres e lobotomias. É escavar a podridão, remexer no lixo, colocar o dedo na ferida. É se indispor e se dispor a falar das paixões humanas, de ódios e crimes, das formas de enquadramento e esquadramento dos indivíduos, da deterioração da personalidade, da mortificação do eu.⁸

Apesar de trabalhar com uma instituição, visto ser nela que se passa a trama que ora investigo não me dedico a lançar meu foco sobre a história institucional, tampouco legitimar um regime ou governo. Ao contrário, reconheço que:

Durante muito tempo, só os gestos dos grandes mereceram ser ditos sem escárnio; o sangue, o nascimento e a exploração davam direito à história. E, se às vezes acontecia aos mais humildes terem acesso a uma espécie de glória, era por algum feito extraordinário – o resplendor de uma santidade ou a enormidade de uma maldade. Que pudesse haver na ordem de todos os dias alguma coisa como um segredo a ser levantado, que o não essencial pudesse ser, de uma certa maneira, importante, isto permaneceu excluído

⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 163. Trabalhamos com o conceito de Prisão definido por Foucault, como: *Esse espaço fechado, recortado vigiado em todos os pontos, onde os indivíduos estão inseridos em um lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos (...)*

⁸ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1987. p.24-25. O autor indica como rituais ou processos de mortificação do eu alguns procedimentos típicos das instituições totais quando do ingresso do novato no estabelecimento: *uma série de rebaixamentos, humilhações e profanações do eu, mudanças radicais na carreira moral, composta por progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu próprio respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele.(...) a proibição inicial de visitas vindas de fora e as saídas do estabelecimento, o que assegura uma ruptura inicial profunda com os papéis anteriores (...)* o internado *descobre que perdeu alguns dos papéis em virtude da barreira que o separa do mundo exterior. (...) outros processos de perda e mortificação (...)* obter uma história de vida, tirar fotografia, pesar, tirar impressões digitais, atribuir números, procurar e enumerar bens pessoais para que sejam guardados, despir, dar banho, desinfetar, cortar os cabelos, distribuir roupas da instituição, dar instruções quanto a regras, designar um local para o internado.

*até que viesse se colocar, sobre essas turbulências minúsculas, o olhar branco do poder.*⁹

O que quero e contemplo de forma especial são as histórias de vida de alguns atores que interpretam o cotidiano do Pomeri - os adolescentes em conflito com a lei - pois penso como Foucault, para quem *cada uma dessas pequenas histórias do dia-a-dia devia ser dita com a ênfase dos raros acontecimentos que são dignos de reter a atenção dos monarcas; a grande retórica devia vestir esses casacos de nada.*¹⁰

A sociedade e os governos, acostumados ao registro da história dos poderosos, dos heróis e das instituições, silenciaram sobre a população confinada. Buscando romper com esse marasmo e murmúrio sobre tantos, me volto então para o cotidiano das instituições de fechamento, e, obviamente, no afã de revelar este “filme”, ao focalizar determinada situação ou personagem, sei que secreto outros, *pois é óbvio que cada um desses focos difunde um discurso diferente por suas formas, normas e funções.*¹¹

O foco da história que hoje escrevo e privilegio, não é neutro, pois, intencionalmente busca trabalhar com certo número de personagens que foram costumeiramente expulsos da história, e que a sua maneira indicam o que Marc Ferro denomina de *contra-história*¹².

Refletindo sobre as dimensões silenciadas do universo urbano¹³ e entendendo que a prisão é uma dessas, resolvi soltar a voz, romper com o silêncio imposto pela história institucional, e construir, ainda que no pequeno espaço desta narrativa, uma história que mostrasse a visão do interno sobre a prisão e seus dispositivos disciplinares, que apontasse para o caos presente, o limbo, o enxofre, o terror e porque não, o torpor das instituições totais, e retirasse do *sepulcro*¹⁴ os desprezados pela história.

⁹ FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: *Estratégias, poder-saber*. Ditos e Escritos, vol.5. Forense-Universitária, 2003. p. 216.

¹⁰ _____ Idem. p. 217.

¹¹ FERRO, Marc. *A História Vigida* São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 09. Ainda que o autor ao desenvolver a idéia de *contra-foco* compreenda que isso se efetive através do exercício do poder pelo grupo que até então não o detinha, empregamos o conceito de maneira muito pessoal possivelmente deformando-o e pensando na possibilidade de um novo foco também nos interstícios do poder, nas narrativas que elegeem outros atores até então obscurecidos no papel secular de coadjuvantes.

¹² _____ Idem. p. 41.

¹³ Pensamos a urbanidade como um universo multidimensional, e no amadurecimento das reflexões a este respeito foi fundamental a obra de Regina Beatriz Cidades da Mineração: memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX, nesta a autora comenta: ... *o espaço geométrico comporta um sem-número de práticas cotidianas, nem sempre designáveis, encontrando-se, muitas vezes, pouco visíveis, rarefeitas, dispersas ou fugidias, mas, de qualquer modo, constituidoras da rede urbana. Vistas assim as cidades representam superfícies multiformes... superfícies errantes, das quais emergem linhas ou traços, trajetórias cotidianas, passagens desconhecidas, mas reveladoras da vida social.* P. 182.

¹⁴ Não utilizo a palavra sepulcro no sentido de algo definitivamente lacrado, ainda que este era lugar em que a história institucional depositava as ditas minorias Empregamos remetendo ao sepulcro “remexido” e “revirado”

Percorri então os caminhos trilhados pelos adolescentes infratores em Mato Grosso. O atendimento ao adolescente em conflito com a lei no estado de Mato Grosso tem como marco a criação da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de Mato Grosso (FEBEMAT), através da lei 3.137, de 13 de dezembro de 1971, seguindo diretriz nacional, que determinava que a responsabilidade pela política de assistência social ao menor estava a cargo da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM).

Assim, a FEBEMAT vinculada à Secretaria do Interior e Justiça e tinha como objetivo formular e implantar no estado de Mato Grosso, uma política de bem-estar do menor¹⁵.

Não competia à FEBEMAT, apenas o atendimento ao adolescente em conflito com a lei, mas também a execução de toda política de atendimento às crianças, adolescentes em situação de risco, portadores de necessidades especiais, ou seja, era o órgão responsável pela política de assistência social.

Incorporada à Secretaria de Promoção Social (PROSOL) em 1992 pelo decreto n° 1224, de 11 de fevereiro do mesmo ano, o qual criou casas de retaguarda com o objetivo de atender a uma clientela específica. Assim a Casa do Porto, situada no bairro de mesmo nome, funcionava como casa de passagem, já que os adolescentes aí encontravam alimentação, escola e abrigo, mas não tinham a obrigação de permanecer por tempo integral em suas dependências. O Lar da Criança, situado no bairro Bandeirantes, recebia crianças em situação de risco do berçário atos onze meses, de ambos os sexos. As crianças ficavam sob a tutela da instituição até serem reintegradas às suas famílias ou colocadas em lares substitutos. O Lar Meninos do Futuro era uma espécie de instituição de internamento, porém com a característica de reencaminhar os internos à suas famílias. Recebia adolescentes do sexo masculino em situação de risco social e criminal em regime de abrigo. Estava localizado em

dos personagens bíblicos Cristo e Lázaro. Indicando que mesmo uma tumba pode ser rompida através da resistência e das táticas constantemente fomentadas.

¹⁵ Recuando para um tempo anterior, é possível notar que até 1927, ano em que foi criado o Código de Menores, a população pobre, incluindo aí as crianças, eram atendidas pelas obras sociais das Igrejas e Santas Casas, que tinham um evidente caráter filantrópico. Com o código de menores, emerge a questão higienista e repressora, o internamento como instrumento corretivo, a visão da infância como incapaz e perversa, além de outorgar ao juiz o poder sobre a família e a criança. Judite Maria Barbosa Trindade em seu trabalho, *Metamorfose: de criança para menor Curitiba – início do século XX*. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de história da Universidade Federal do Paraná, 1988/Int., indica que: *Outrora denominado menor, termo surgido no final do século XIX e início do século XX (...), o menor que emerge na perspectiva e na documentação é a criança ou adolescente que ocupa uma posição marginal na sociedade.* ¹⁵ Após a Revolução de 30, mas especificamente no ano de 1940 foi criado o Departamento Nacional da Criança, e no ano seguinte o Serviço de Assistência ao Menor. Foi apenas no Regime Militar, em 1979 que o Código de menores sofreu considerável reformulação, atribuindo à polícia militar um poder marcadamente autoritário, responsabilizando as famílias e as crianças pelas “irregularidades”, e apontando o Estado como controlador do comportamento anti-social, retirando do menor o direito de defesa e tornando legal o internamento por condição de pobreza. É com essas diretrizes dadas pelo governo federal que as FEBEMs (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), espalhadas pelo país tratavam a questão da infância e da adolescência.

Várzea Grande, onde funcionava a antiga EMPAER - Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão – o que parecia ser bem estratégico, pois abrigava uma estrutura de fazenda, com cultivo de frutas, além da criação de gado leiteiro para a fabricação de queijos. Não sendo possível o trabalho na fazenda modelo, por conta de ínfimos recursos, a unidade Meninos do Futuro acabou sendo alojada em um prédio residencial no bairro Duque de Caxias. Os adolescentes internados na unidade, estudavam, participavam de cursos profissionalizantes e outras atividades extras, até serem reintegrados às suas famílias ou parentes próximos. Outra instituição fruto daquele decreto era o Lar da Solidariedade, que abrigava pessoas independentemente da faixa etária e portadores de necessidades especiais. Já o Lar Menina Moça destinava-se a atender adolescentes do sexo feminino, cumprindo medida sócio-educativa privativa de liberdade e todas as outras situações de risco e vulnerabilidade que demandavam abrigo. Já esteve situado no Bairro Dom Aquino e no C.P. A¹⁶. Atualmente encontra-se no Complexo Pomeri, ostentando uma denominação mais jurídica: Centro Acautelatório feminino. Quanto à Fazendinha recebia adolescentes do sexo masculino que cumpriam medida sócio-educativa privativa de liberdade e também as situações de justiça que exigiam abrigo, e foi a unidade de atendimento da FEBEMAT que sempre esteve no mesmo endereço ainda que sofrendo mudanças estruturais e de nomenclatura ao longo do tempo. Atualmente, denomina-se Centro Acautelatório Masculino, com as unidades de internação definitiva e internação provisória.

No ano de 2001, foi inaugurado o Complexo Pomeri, que passara a atender o que preconizava o E.C.A. quando em um de seus artigos previa a centralização do atendimento à criança e ao adolescente. Atualmente, o Complexo Pomeri é composto pelos seguintes órgãos: Juizado da Infância e Juventude; Promotoria da Infância e Juventude; Defensoria Pública; Lar do Adolescente; Lar Menina Moça e Escola Estadual Meninos do Futuro, este último ligado à Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEDUC), e os demais à Secretaria Estadual de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP).

O. Lar do Adolescente (L.A), é o cenário da história, que ora se insurge.

¹⁶ O C.P.A. - Centro Político e Administrativo – é um dos maiores bairros da capital mato-grossense, tanto que é dividido em várias etapas e setores, como: C.P.A. I Setor 3 ou C.P.A. IV 1ª Etapa..., e recebeu esta denominação por estar localizado nas imediações do Centro Político e Administrativo, região onde estão reunidos todos os órgãos do governo estadual, desde o Palácio Paiaguás às Secretarias, Tribunais...

Em julho de 2004, atravessei um gigantesco portão de ferro - aberto por um policial militar -, e sentindo-me pequenina como os amigos de Gulliver¹⁷, adentrei em uma Liliput. Essa pequena ilha, porém, não tinha, em seus limites, flores de diversas cores e matizes, nem um arco-íris permanente, sequer habitantes de bochechas rosadas; tampouco jorrava leite e mel; este era um outro mundo, mofado, áspero, com gosto amargo e cheiro de gaveta à muito fechada. Mais especificamente, pôs-me “macaquinhos no sótão”, o movimento desenhado pelos personagens habitantes desse estranho mundo ilhado.

Deparei-me, ao contrário, com um espaço de reclusão, úmido, sombrio, barulhento, que ironicamente recebe a denominação de “Centro Sócio-Educativo Pomeri – Lar do Adolescente”. Com a tradicional arquitetura de concreto, remendada por anexos construídos de tempos em tempos para abrigar uma população sempre crescente, esta instituição de fechamento recebe meninos, acusados e sentenciados pela prática de atos infracionais - desde furtos, assaltos, crimes sexuais; atentado ao pudor, estupro, a homicídios, latrocínios, seqüestros... -

Este encontro surpreendente possibilitou-me tanto o conhecimento de um mundo que estava impedida - pelos rigores da lei -, de adentrar e examinar, quanto permitiu de um ponto de vista privilegiado o registro de algumas existências. Entendo, concordando com Foucault que:

*Foi preciso, primeiramente, um jogo de circunstâncias que, contra qualquer expectativa, atraíram sobre o indivíduo o mais obscuro, sobre sua vida medíocre, sobre seus erros afinal bastante comuns o olhar do poder e o clamor de sua cólera: acaso que fez com que a vigilância dos responsáveis ou das instituições, destinada sem dúvida a apagar qualquer desordem, tenha detido este de preferência àquele... um acontecimento importante em que se cruzaram mecanismos políticos e efeitos de discurso.*¹⁸

Com sentimentos diversos, amores e ódios, na calma ou na pressão, os adolescentes internos sempre encontram uma fissura no silêncio imposto tanto pelo Estado, quanto pela história tradicional, e se fazem ouvir. Através de uma pequena fresta, quase que insignificante, por aquela rachadura invisível a tantos, estas vozes juvenis bradam seu desespero e rancor. É uma abertura estreita, aberta a golpes de “chuços” pacientemente afiados, a enxurradas de palavrões, ao som ensurdecido dos raps e do “Demorô! Demorô!”, e aos estampidos, pancadas, bater de coturnos dos milicos, ouvidos no estourar das rebeliões.

¹⁷ SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. São Paulo: Scipione. 2006. As aventuras de Gulliver – um dos mais conhecidos personagens de Swift –, encontram-se narradas nesta obra.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: *Estratégias, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003. p. 210-211.

Prestei-me a tarefa de constituir - também através da narrativa -, uma fissura; levada por diversas motivações; uma delas, o desejo de decifrar os signos emitidos por aqueles que costumeiramente lido e observo - os adolescentes internos no Centro Sócio-Educativo Pomeri -; outra a de *entender a matéria que os constitui e constitui seu mundo, que indica sua unidade e sua pluralidade*¹⁹, como diz Deleuze. Também me inspira a questão levantada por George Rudé a respeito das multidões: *Enquanto nenhuma tentativa séria foi feita para sondar as aspirações mais profundas dos mais pobres, suas explosões periódicas em motins ou rebeliões eram passíveis de ser atribuídas às maquinções de um adversário político ou à “mão oculta”*.²⁰

Ser e estar, neste mundo subterrâneo, com a disposição e a proposta de ao menos enxergá-lo, levou-me a perceber entre outras coisas as teias de Dionísio, a orgia, os excessos, e atentar para a importância do que aponta Maffesoli:

*Daí a “desordem das paixões”, que as sociedades, ao tomarem consciência de si, têm de assumir, se se quiserem ver tal qual efetivamente são. O orgiástico penetra todas as instâncias da vida social... a orgia representa o elemento dionisíaco, o qual, na base de toda manifestação estrutural, é a vida eterna além de todas as aparências e apesar de todas as transformações e aniquilações. “No meio do fluxo incessante dos fenômenos, eu, Dionísio, sou o princípio eternamente criativo, eternamente fazendo existir e eternamente me alegrando na transformação das aparências”*²¹.

A vida passada em espaços limites, no extremo da pobreza, na ausência, quase que diária de alimento, no desejo incontrolável e sedutor de possuir os bens expostos em TVs, outdoors, revistas, jornais e nos templos sagrados do consumo - *shoppings centers*, o sexo vagabundo... *a vida cotidiana, em sua banalidade, em seus atos falhos, nos ritos inconscientes em que se vislumbra a comunhão orgiástica, nas pequenas aberrações que a polidez finge desconhecer...*²², eis como encontrei os protagonistas desta história.

Ao trabalhar em um espaço de reclusão, me percebi - como nos alerta Deleuze em *Mil Platôs* - como parte do sistema que trancafiava e experimentei *a vergonha de ser homem...* e constatei ... e concordei... *que não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana*²³. Busquei ainda perceber como um

¹⁹ DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 04.

²⁰ RUDÉ, George. *A Multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991. p. 232.

²¹ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p.10

²² _____ Idem. p.11.

²³ DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

grupo se transforma, como recai na história e rompe o silêncio que lhe foi imposto, o modo como encontra a fissura e se faz ouvir.

Desde já é preciso deixar claro que compreendo prisão não no sentido de instituição que reeduca, ressocializa, reintegra e tantos outros “res”, mas como instituição austera, completa, total e de fechamento, que incansavelmente tenta domesticar, despersonalizar, violentar e matar.

Do ponto de vista teórico-metodológico, diversos autores foram ferramentas e âncoras na condução da pesquisa²⁴. Em Goffman e Foucault encontrei conceitos fundamentais, como os de instituição total e de fechamento, de instituições completas e austeras, rituais de mortificação do eu, bem como pude perceber o modo como as instituições de confinamento atuam sobre a personalidade e os corpos dos indivíduos; sua função de garantir a *governamentalidade*, como as teias do poder são tecidas e se configuram; a importância de pensar o poder com um novo olhar, e de refletir sobre seus postulados, as mesquinhas humanas e as “pequenas coisas”.

Recorri ainda a autores, como Gilles Deleuze, de quem tomei de empréstimo os conceitos de máquina de guerra, diagrama, fluxo, esquizofrenia e platôs, com quem aprendi que deformar o pensamento dos autores de acordo com o que necessitamos e sem qualquer constrangimento; é também a melhor maneira de homenageá-los. O debate sobre história institucional, focos, contra-focos, contra-história, os silêncios da história e a função do historiador que encontrei na obra de Marc Ferro – *A História Vigiada* – instrumentalizou as reflexões sobre o modo como a sociedade pensa a história e as instituições²⁵.

Busquei em Michel de Certeau e Roger Chartier as discussões sobre o ofício do historiador, suas fontes e método, a cultura, a linguagem e o cotidiano. Peter Pál Pelbart,

²⁴ As obras a que me refiro aqui, nesta parte da introdução, são: de Michel Foucault: *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão, Microfísica do Poder, Os Anormais, Eu Pierre Rivière que Degolei Minha Mãe, Minha Irmã e Meu Irmão*. De Gilles Deleuze, *Foucault, Mil Platôs Vol. 5, Conversações*. Michel de Certeau: *A Invenção do Cotidiano, Cultura no Plural e História do Corpo*. Roger Chartier: *À Beira da Falésia*. Michel Maffesoli: *O Instante Eterno e A Sombra de Dionísio*. Peter Pál Pelbart: *Vida Capital, ensaios de biopolítica*. Georges Vigarello: *A História do Estupro*. George Rudé: *A Multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848*. Michelle Perrot: *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Norbert Elias: *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Natalie Davis: *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Maria Lucia Karan: *De penas Crimes e Fantasias*. Judite Trindade: *Metamorfose: de Criança para menor. Curitiba – início do século XX*. Oswaldo Machado Filho: *Ilegalismos e Jogos de Poder: um crime célebre em Cuiabá (1872) e suas verdades jurídicas (1840-1880)*. Regina Beatriz Guimarães Neto: *Cidades da Mineração: memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do Século XX*

²⁵ Pensamos que a leitura da obra *História Vigiada* de Marc Ferro, permite com que reflitamos não apenas para o que propõe mais explicitamente em suas primeiras páginas, ou seja, o modo como as instituições pensam a história, mas também no modo como a sociedade pensa as instituições e a própria história. No prefácio da obra Ferro indica que, *a sociedade censura e autocensura qualquer análise que possa revelar suas interdições, seus lapsos, que possa comprometer a imagem que uma sociedade pretende dar a si mesma*.

Michel Maffesoli, prazerosa e deleitosamente, me permitiram pensar sobre as paixões humanas, a mundanidade, o biopoder e a apropriação da cultura popular. Norbert Elias, George Rudé, Georges Vigarello, Michele Perrot e Natalie Davis, Maria Lúcia Karan, Judite Trindade, Oswaldo Machado Filho, Regina Beatriz Guimarães Neto, entre outros, ofereceram instrumentos significativos para a construção deste trabalho, como será percebido no decorrer desta narrativa.

Com estes autores, que não se prendem apenas às suas disciplinas de formação, mas “passeiam” sem pudores por outros saberes é que as inovações sobre o tema que desenvolvo foram constatadas. Optei por não apresentar os conceitos com os quais trabalhei em um capítulo à parte, mas em explicitá-los e “fundi-los” ao longo dos capítulos.

Durante a produção histórica e também literária, o historiador é também fabricado pelo objeto que o questiona, testando seus limites, por vezes negando-lhe o acesso, recusando-se a falar, apontando-lhe saídas outras, indicando possíveis erros e alternativas.

O historiador fabrica e é fabricado no momento em que se propõe a fabricar a história. Todas as representações, aquelas que percebe e as que atribui ao objeto, assim como as que o compõem, o modo como é visto e analisado, perpassam também os vários estágios da elaboração de seu trabalho.

Escavei meu objeto em meu próprio tempo, e dialogar com contemporâneos é tarefa árdua, pois analisei minha própria ação e questionei saberes que me compõem, mas ainda assim, como Maffesoli,²⁶ *de par com muitos outros discursos, reivindico para mim a função de falarmos de meu tempo à minha maneira.*

Trabalhei com o imediato, com o aqui, com o presente, me interessa efetivamente o adolescente infrator de meu tempo, que se encontra silenciado, mas desejoso por falar, é a ele que procurei ouvir, é através de sua história, da memória²⁷ que construiu durante sua vida na cadeia, de suas representações, dos signos que permitem que curiosamente decifre ou não, seus depoimentos, raivas, rancores, paixões, que me ocupei, e a partir dele construí essa narrativa. Minha intenção é problematizar questões emergentes, irruptivas, como a pústula surgida após a noite de sono.

²⁶ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.p.14.

²⁷ Quando tratamos de memória, levamos em conta que o indivíduo ao “remexe-la”, trás à superfície e a vida, outros personagens e outras histórias. Como se tivesse de posse de uma máquina do tempo (e pensamos mesmo que esteja), e que pudesse retirar o que deseja de outros tempos. Refletindo sobre o tema, Regina Beatriz aponta que: ... *a matéria das lembranças, alusivas aos espaços frequentados e vividos, ao ser trabalhada, remete-nos a outras espacialidades e temporalidades, multiplicando o campo de imagens*. In: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006. p. 182.

Não falo destes adolescentes de um lugar distante, ou sem afeto. Falo de lá, de dentro, das dobras, do interno da prisão, graças a minha própria condição de agente prisional, que ainda se incomoda cada vez que ultrapassa o portão agigantado da unidade de internação masculina, não por ter que lidar com os ditos "marginais", mas por estar em um lugar de memórias violentas, surras, rebeliões, mortes, decapitações, estupro, enfim por me remeter as senzalas²⁸.

Se contribuí com algo para com estes adolescentes, ao trabalhar ou ao fabricá-los academicamente, recebi muito mais. É então com sentimentos múltiplos que escrevi, sem temer que a profusão de emoções compromesse o trabalho no que quer que seja.

A instituição recebe a cada temporada adolescentes mais jovens. Em geral consta de suas fichas apenas o nome da mãe, raras vezes o do pai, que vez por outra também se encontra preso, quando não de pais dependentes químicos. Esta situação é característica e indicativa de um círculo vicioso, repetitivo, desanimador, que parece contrariar a afirmação de Marx... a *história só se repete como farsa*²⁹. Ao entrar em contato com as histórias de vida dos adolescentes, tive a impressão de estar diante de histórias iguais, dos mesmos personagens, dando-me a sensação de estar em um filme, e que ao apertar de um botão do controle a cena recomeçava.

A especificidade do objeto de pesquisa, qual seja, o adolescente infrator, coloca problemas difíceis quanto à bibliografia, o primeiro deles o pequeno número de obras específicas sobre a problemática do adolescente em conflito com a lei em Mato Grosso. Encontrei sim trabalhos sobre as Febems do Sudeste, Rio - São Paulo, e reportagens da mídia (estas em maior quantidade), visto o número de rebeliões eclodidas durante o ano de 2005, no estado de São Paulo.

²⁸ Esta experiência com o Pomeri nos remete à senzala por conta de uma memória pessoal, de uma identidade cultural e étnica (arrisco dizer) como afro descendente e com a África. Os portões, a maioria dos internos negros, os gritos, os espancamentos e aviltamentos de toda sorte, provocam um borbulhar de lembranças que apesar de tão distantes no tempo, faz-nos sentir dentro dos porões dos navios negreiros.

²⁹ Concordamos com esta afirmação de Marx, e sabemos da multiplicidade das histórias, das "experiências" individuais de cada adolescente, cada um protagonista de sua própria história, porém como apontam os boletins policiais e médicos, e como nós mesmo constatamos, os adolescentes infratores dificilmente atingem a maioridade, e quando o fazem, em sua grande maioria, acabam por praticar crimes, já que gora têm mais de 18 anos, e cumprem pena nas penitenciárias. Esta situação corriqueira, é que nos dá a "impressão" de estarmos diante das mesmas histórias, mas é tão somente impressão, angústia, quem sabe.

Busquei trabalhar com a perspectiva de descer do pedestal³⁰, de misturar-me à turba, e como Brecht³¹, buscar não os reis, mas os homens que arrastaram os blocos de pedra, os pedreiros da Lima Dourada e da Muralha da China, os cozinheiros, os escravos e também os adolescentes infratores, que a pretexto de uma biopolítica³², de uma higienização, são tirados do raio de visão dos “homens bons” e depositados em fétidos e minúsculos espaços; de meninos que com a sua negritude, e o molejo e malemolência de seu andar, o rap, o *hip-hop* e a gíria, incorporados na sua linguagem e expressão corporal, são solenemente trancafiados e, dia após dia desqualificados.

No trabalho de coleta de dados, busquei priorizar primeiro, e priorizei ao longo do trabalho as informações, as queixas, lamúrias e impropérios dos adolescentes.

Também pesquisei jornais, selecionando matérias sobre adolescentes que estiveram ou estavam no Pomeri, casos que “chocaram” a opinião pública, e que se tornaram recorrentes em programas policiais, em especial o regional “Cadeia Neles”³³.

A ausência de uma política de inclusão social é perceptível, visto o descaso do Estado e da instituição, o desdenhamento da vida do outro, do esquecimento, do abandono e do apodrecimento em que esses adolescentes se encontram.

Como fontes, utilizei ainda os Livros de Ocorrências e de Punições, levando em consideração a intenção dos responsáveis pela escrita, ou seja, os agentes prisionais, que compreendem ser estes livros instrumentos utilíssimos para se resguardarem frente a possíveis sindicâncias (que em geral dão em nada), ou ameaças de exoneração. De fato frases como: ...

³⁰ Mesmo sabendo que a escrita da história é uma ferramenta do historiador, é seu ofício, e é ele quem recorta, desloca, monta seu *corpus* documental, dando o sentido da trama, costurando aqui e ali os fazeres dos personagens, suas falas e práticas. Quando digo descer do pedestal, quero esclarecer que a pesquisa e a redação do trabalho como relacional. É a troca entre entrevistado e entrevistar que torna possível a construção de um saber, de uma escrita. Há um envolvimento de ambas as partes neste fazer historiográfico, sendo que nenhuma dimensão, ou nenhuma prática, seja a do historiador ou a do personagem tem um grau hierárquico, uma importância a mais.

³¹ BRECHT, Bertold. Perguntas de Um Trabalhador que Lê. In: *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p. 167.

³² PELBART, Peter Pál. *Vida capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo, Iluminuras. 2003. Nesse texto Peter Pál Pelbart, em seu texto: ao trabalhar o termo desenvolvido por Foucault – biopolítica –, aponta que este o forjou para designar uma das modalidades de exercício do poder sobre a vida. Centrada prioritariamente nos mecanismos do ser vivo e nos processos biológicos, a biopolítica tem por objeto a população, isto é, uma massa global afetada por processos de conjunto. Biopolítica designa pois essa entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana.

³³ Programa Regional, exibido diariamente pela Rede Record, apresenta matérias policiais, acompanhando inclusive prisões em flagrante, o momento da chegada do “delinqüente” às delegacias... Sensacionalista e “popularesco”, fábrica de idéias de que os crimes em Cuiabá ocorrem em um número muito maior que o real. O programa que vai ao ar ao meio-dia e no final da tarde, repete as mesmas reportagens e imagens no segundo horário. Em conversa com o jornalista Gibran Larchowski, ele nos informou que em um dia de trabalho acompanhou um plantão da Polícia Metropolitana da Capital, e notou que o número de ocorrências lavradas era bem menor do que o programa dava a entender.

*devido ao tumulto, foi preciso utilizar de força moderada... são bastante comuns e guardam um sentido oculto que pode ser desvendado, como convivi na instituição e “vi as coisas acontecerem”*³⁴, utilizei estes livros.

Minha preocupação, desde a apresentação do projeto ao departamento foi a de utilizar sem receio e pudor quaisquer fontes, em especial as fontes orais³⁵. Para tanto desde esta fase entrevistei os adolescentes em caráter de urgência. Tal pressa se fazia necessária, não só porque as medidas de internação aplicadas aos adolescentes não têm *a priori* prazo estipulado, podendo ser cumpridas em um prazo mínimo de três meses e máximo de três anos - não tinha precisão sobre o tempo que permaneceriam na instituição – como também precisava ser ágil para aproveitar a disposição dos mais ansiosos e com mais facilidade para falar. Havia ainda a questão retardatária, de que a totalidade dos adolescentes preferia, ou melhor, fazia questão de não gravar a entrevista em fita cassete, ao contrário explicitavam e reivindicavam o direito de contar sua história, e vê-la sendo escrita. De fato, percebi o quanto o gravador era, e é para esses adolescentes, fator de desconfiança e inibição. O que é compreensível, em primeiro lugar porque após ter a palavra da pesquisadora que seu nome seria mantido em sigilo, o adolescente entendia que estava mais protegido, pois sua voz não poderia ser reconhecida; em segundo, por poder prolongar o contato, deste modo a conversa entre entrevistado e entrevistador, passava a funcionar como um diminuidor da solidão; em terceiro porque os adolescentes demonstraram preocupação com a linguagem, tanto que grande parte dos entrevistados foram taxativos em dizer - ... *eu não sei falar bem, mas escreve direito tá?* Por último, a entrevista escrita possibilitou ainda que assumissem um papel de poder em relação a pesquisadora - quando percebiam que um nome estava sendo escrito incorretamente, era o momento para apontarem e exclamarem ...*diz que é estudada, mas nem sabe escrever meu nome...* A escrita gerava um momento de descontração. Além do mais, justificando a pressa, as fontes precisavam ainda ser aproveitadas ao máximo, pois havia sempre o risco de rebeliões, transferências e mortes.

Durante dois anos a maioria das vezes à noite, quando as atividades no Pomeri diminuíam, ficava no meio da ala conversando- entrevistando - com os adolescentes. A única

³⁴ Certamente que um pesquisador que não convivesse na instituição poderia fazer uso desta documentação – Livro de Ocorrências e Punições –, com propriedade, porém, por sermos testemunhas oculares das rotinas, do cotidiano, das estratégias e táticas da instituição, dos agentes e dos internos, gozamos de um ponto de vista privilegiado.

³⁵ Privilegio aqui as fontes orais, visto ser na fala de meus entrevistados – os adolescentes internados no Pomeri – que entendo estar a força de minha narrativa. Explicito meu trabalho com este tipo de fonte também, por entender que parte da academia se volta para ela com furor desmedido, questionando sua validade, parecendo esquecer o que sugeria Jim Sharper, em seu artigo, *A História Vista de Baixo, que todo documento, mesmo o escrito, é sujeito à invenção do historiador.*

pergunta da entrevista, a partir da qual iam brotando as histórias era feita pelos próprios entrevistados: *Você sabe por que tô aqui?* Ao que respondíamos: *Não, conta aí!* A partir daí puxava uma cadeira para frente da cela, ou me abaixava no chão da ala e anotava o que diziam. Assim, histórias iam surgindo a cada rabiscar de caneta, brotavam com tanta urgência, que receava não possuir agilidade para tudo registrar. Em nossas conversas, geralmente éramos interrompidos por um agente que, supostamente preocupado com minha segurança me tirava da ala sob algum pretexto. Em momento algum nestes dois anos fui agredida física ou verbalmente por estes “meninos”. Algumas entrevistas foram realizadas durante o dia, - às vezes no horário da recreação-, e muitos adolescentes optavam por nos contarem suas histórias a aproveitarem o Sol, a piscina, o cheiro do espaço aberto.

O desejo de ouvir a história de vida dos internos, contada a partir dos eventos que faziam emergir da memória e selecionavam como importantes, assim como a vontade de fugirem do anonimato, tornar suas histórias visíveis e dizíveis, encontrar alguém disposto a ouvi-los, criou uma cumplicidade tal entre entrevistado e entrevistador ao ponto do adolescente M.A. (17 anos), confidenciar: *Aê! Vou te contar todos meus B.O.! Pra você vou contar até os B.O. que não caíram!*

As entrevistas foram feitas em uma seqüência que obedecia a minha presença na instituição, as alas em que trabalhava e a permanência ou soltura dos adolescentes. Não raro, o adolescente que entrevistava recebia alvará de soltura antes que terminasse seu depoimento. Por outro lado, às vezes precisava esperar três dias para voltar à prisão e, vez por outra, o adolescente já havia sido remanejado e tinha que esperar, até que fosse cumprir o plantão na mesma ala para a qual fôra transferido.

As fontes orais com as quais trabalhei; a memória posta a remexer os arquivos de cada sujeito, as palavras escolhidas pelos entrevistados para significar sua existência, permitiram que lidasse com fragmentos de vidas. Esquartejados pela linguagem dos adolescentes e pela escrita histórica, estes relatos permitiram que conhecesse personagens dispostos a conquistar o papel de protagonistas³⁶ na trama da vida passada entre os interstícios do poder.

³⁶ Ao analisar a memória da cidade de Guiratinga, Regina Beatriz sugere *que... a memória da cidade se dilata, desdobra-se em nomes, individualiza-se em imagens-lembrança, em personagens inesquecíveis. Perde o anonimato.* In: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: memórias e práticas culturais: Mato grosso na primeira metade do século.* Cuiabá: Carlini & caniato; EdUFMT, 2006. p. 195. Os relatos dos adolescentes internos no Pomeri, cumprem entre outras coisas, o papel de romper com o anonimato, de tornar público nomes, imagens e lembranças de personagens de outros tempos, de oferecer a imagem da vida no internamento, de resignificar existências.

Desejo realmente “rachar as coisas, rachar as palavras”. Quero que a linguagem possa exprimir as coisas, mas não para um grupo seletivo, apesar de *escrevermos para nossos pares*.³⁷ Ao contrário, desejo que *seja a transparência do mundo, que não lhe falte o ser, que deixe de ser apenas um lugar organizado que permite atividades*³⁸. Mesmo que *as palavras estejam muito ditas e o mundo muito pensado*.³⁹

Determinar o tema é determinar o método, o caminho. Assim, guiada pelas fontes, transportei-me para o desvendamento do desconhecido. O que sou a partir de então senão refém? Reluto em deixar a pena e o papel, receando que algo me escape. Ao mesmo tempo, detesto ler pela centésima vez o mesmo depoimento, o mesmo parágrafo construído, mas não resisto e inúmeras vezes a ele retorno.

Procuro no espaço restrito, sombrio e úmido das prisões, o não-dito, aquilo que regimentos e regulamentos não expressam, e o encontro nos livros de ocorrências e punições, nas entrevistas e na fala irritada de alguns agentes. Também pude perceber o não-dito no acordo velado de não fazer mais a “correria” após as vinte e três horas e no fato da psicologia⁴⁰, do serviço social, serem considerados conhecimentos que defendem “vagabundos”; na obstinada indiferença em relação à necessidade dos adolescentes de serem reconhecidos, ouvidos e vistos. O não-dito, aquilo que está subtendido, está presente também na cela destinada aos adolescentes punidos e na morosidade com que adolescentes vítimas de agressão são encaminhados ao Instituto Médico Legal (I.M.L.).

Esta não é uma história de coitados, nem um romance do tipo Oliver Twister⁴¹, tampouco pretendo romantizar as infrações cometidas pelos adolescentes, algumas só explicadas se falar de mentes psicopatas. Porém, isto não elimina o fato de que a maioria dos

³⁷ CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 72.

³⁸ _____. *A Cultura no Plural*. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 88.

³⁹ MEIRELES, Cecília. 1901-1964. Interlúdio. In: *Poesias Completas*, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 131.

⁴⁰ Não considero que a psicologia ou o serviço social possa “tratar” - como se propõem - dos adolescentes em conflito com a lei ou resolver a questão da delinquência, ao contrário, concordo com Foucault que, *... a psicologia e a psiquiatria criminais... não poderiam constituir uma alternativa séria para o regime da prisão, pela simples razão de que nasceram com ele. A prisão... se presta desde o início, a um empreendimento de correção psicológica. É já um lugar médico-judiciário. Pode-se então colocar todos os encarcerados nas mãos de psicoterapeutas, e nada mudará no sistema de poder e de vigilância generalizada, estabelecido no início do século XIX*. Apesar de assim pensar, a idéia de que estas disciplinas existem para defender “vagabundos”, os preconceitos desta afirmação por parte de agentes prisionais e policiais, parece-me igualmente equivocado O adolescente L.B., expõe o seguinte sobre o assunto: *...Tô refletindo! Vou sair daqui, vou ser nadador, vou ser um Picasso, dá raiva esse mundo de fantasia da Superintendência...* - por Superintendência o adolescente indica toda equipe técnica da instituição, inclusive psicólogos e assistentes sociais, que organizam atividades como natação, arte-terapia, que em sua opinião não possibilita ingressar no mercado de trabalho.

⁴¹ A história de Oliver Twist, personagem de Dickens encontra-se narrada na obra clássica que leva seu nome. In: DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Scipione, 2006.

internos é composta de pessoas que tiveram seus direitos negados constantemente, e, da mesma forma que é improvável *preparar pessoas para o convívio social, isolando-as*⁴², parece-me impraticável fazer com que pessoas a quem o direito não assiste que respeitem o direito de outros.

Quanto à forma como configurei a pesquisa, decidi abrir cada capítulo com uma história escrita a partir de informações documentais, extraídas de Livros de Ocorrências e de uma Ordem de Viagem. Ficcionei os eventos, tanto para resguardar os personagens quanto por preferência narrativa.

A estrutura da dissertação obedece praticamente à mesma lógica utilizada na construção do projeto de pesquisa. Na primeira parte do trabalho aponto os primeiros momentos da instituição embrionária do Pomeri, a FEBEMAT. Estes apontamentos, contudo, não se resumem e sequer se preocupam com fundadores, governadores, secretários ou coisas do gênero.

O primeiro capítulo dediquei à discussão sobre a máquina e à maquinaria de guerra, o campo de batalha, à arquitetura da prisão. Percorri o concreto, as paredes, os arames, as alas, as celas, os telhados e vidas que teimam em acontecer, se reinventar e se resignificar neste espaço, criando táticas, armadilhas e artimanhas para escapar ao controle do olhar panóptico.

No segundo, trato de vasculhar os meandros da instituição, da disciplinaridade, do cotidiano, dos mecanismos de controle, das relações de poder, das configurações de posição, da rebeldia, das inversões e contestações, seja através de rebeliões e xingamentos, seja na não participação nas atividades⁴³.

O último capítulo é dedicado ao adolescente infrator que ensandece⁴⁴, ainda que os demais também o sejam. Procuro diagramar os meios que encontram para suportar o isolamento. A maneira como constroem um mundo à parte, penetrável apenas a quem autorizam. Um mundo onde a fuga da dor parece possível.

Estigmatizado, seu futuro, quase sempre curto, é ainda mais abreviado, mesmo permanecendo vivo. Violência e crueldade⁴⁵. Vidas ceifadas nas mesmas ruas que sempre lhes

⁴² KARAN, Maria Lúcia. *De Crimes, Penas e Fantasias*. Niterói-RJ: Luan Editora, 1993. p. 178.

⁴³ São atividades da instituição: arte-terapia, natação, recreação, hip-hop, DJ, rap, grafite flauta, atendimento psicossocial e dança de rua.

⁴⁴ Me refiro ao adolescente que vive sob o peso e o poder do discurso médico-psiquiátrico e de suas drogas.

Aquele que constrói um mundo privado, onde ele reina absoluto, uma nau própria, onde ele comanda e navega ignorando as leis e convenções, cujo sentido não percebe.

⁴⁵ Utilizo o adjetivo crueldade, para indicar que o Sistema Prisional sempre deixa claro ao interno que as coisas, a vida na prisão, sempre podem ficar pior. Por mais que pareça óbvio, não considero redundância gratuita este reforço ao caráter cruel da prisão, já que os muros das prisões mantêm este universo fora do alcance do olhar da maioria da população. Por sua vez a sociedade tem se manifestado favorável, ao menos um grande número, à

serviram de casa, de espaço vital, têm suas imagens registradas apenas em relatórios psicossociais, em boletins de ocorrências, em livros de punição, em exames de corpo e delito, em processos, e agora, na academia.

Trabalhei com estes adolescentes, e com eles além de saber que estava inteiramente envolvida no movimento da “circularidade cultural”⁴⁶, me percebi também no turbilhão da “circularidade afetiva”. Trabalhei com estes adolescentes também, por entender como Pelbart⁴⁷ que, entre eles há vida:

... Não sei o quanto as poucas páginas de Kafka sobre a Muralha da China refletem a paranóia do Império contemporâneo, com suas estratégias frustradas para proteger-se dos excluídos que ele mesmo suscita, cujo contingente não para de aumentar no coração da capital, numa vizinhança de intimidação crescente e num momento em que, como diria Kafka, sofre-se de enjôo marítimo mesmo em terra firme. Não sei quanto aos nômades de Kafka, na sua indiferença ostensiva em relação ao Império, podem ajudar a pensar a lógica da multidão. Seja como for, em Kafka uma ironia fina vai solapando a solene consistência do Império. Há algo no funcionamento do Império que é puro disfuncionamento. Quando nas conversas com Kafka Janoush diz ao escritor checo que vivemos num mundo destruído, este responde: “Não vivemos num mundo destruído, vivemos mundo “transtornado”. Tudo racha e estala como no equipamento de um veleiro destróado. Rachaduras e estalos que Kafka dá a ver, e que a situação contemporânea escancara. Talvez o desafio atual seja intensificar esses estalos e rachaduras a partir da biopotência da multidão. Afinal o poder..., é superstição, organização do medo: “Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: esse ponto... é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte.”

propostas como da diminuição da maioria penal. Então reforçar a crueldade de tal sistema de depósito e enjaulamento assoma-me como deveras procedente.

⁴⁶ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.13.

⁴⁷ PELBART, Peter Pál. *Vida capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo, Iluminuras. 2003. p. 27.

Primeiro Ato:

O concreto

J., segundo sua própria definição, era um jovem de 16 anos em maio de 2004, quando foi transferido juntamente com 59 adolescentes para o presídio Pascoal Ramos, localizado no bairro jardim Industriário em Cuiabá.. Lá foi colocado no módulo de aço, também chamado de “container”, onde passou a viver como animal enjaulado, um quase macaco, pois, para receber a ração diária, pendurava-se com uma das mãos à grade do teto; isto obviamente após escalar as paredes, mesmo sem ter o poder do Aranha. Com a outra mão segurava a cumbuca que lhe era entregue pelos agentes, cinco vezes ao dia. Café-da-manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e ceia. Segundo J., não comia tão bem em casa, ainda que o gosto do salitre colocado pelas cozinheiras tornasse a comida freqüentemente repugnante. Mas preferia, sem dúvida, estar livre e faminto, ou ter apenas o arroz e o feijão que muitas vezes sequer alimentava as seis bocas que viviam em sua casa, do que estar na gaiola em que se encontrava preso com os demais adolescentes, separados apenas por um corredor dos presos considerados “de maior”. Preso desde muito jovem, mais precisamente por volta dos doze anos, quando de seu primeiro contato com as drogas, viu e viveu coisas que muito adulto nem em seus piores pesadelos ousaria sonhar. O ódio e a revolta que acumulara nesses anos, frutos da miséria, da violência policial e do confinamento, chegaram a um ponto que certo dia, indignado com uma revista feita na cela - onde seu colchão, as fotos de sua mãe, os “jumbos” recebidos de sua família, foram rasgados e jogados no piso alagado da cela pelos P.M.s – não suportou e cometeu um homicídio. Tudo por causa de um certo C. W., vulgo Polaco, segundo J. um safado⁴⁸, que também havia sido transferido para o raio três. Assim que J. o avistou, armou-se de chuço e lança e partiu em sua direção. Não baixou o olhar, e, inclemente aos pedidos de piedade ouvidos pelo corredor do longo e sinistro raio, desferiu-lhe um primeiro golpe na altura da garganta, levando a vítima ao chão. Em seguida, sem pestanejar, furou por completo o alvo corpo, e Polaco que não resistiu aos ferimentos morreu do mesmo modo que anos antes, no mesmo presídio, morrera seu pai.

⁴⁸ Conforme consta no glossário, a palavra safado tem na linguagem dos presidiários o significado de estuprador, e é neste sentido que será utilizado em todo texto.

O adolescente J., que gostava de ler livros de história que trouxessem na capa, em letras garrafais, as palavras Ensino Médio, para que todos soubessem o quanto era “sabido”, não foi responsabilizado pela morte de Polaco, pois 58 adolescentes prontamente assumiram a culpa pelo ocorrido. É bem verdade que depois de J. ter desferido os golpes os demais adolescentes arrancaram as grades da janela da cela, avançaram em direção a Polaco e a cravaram diversas vezes em seu corpo. Após a construção de duas novas alas – no mesmo ano- foi transferido - assim como os demais - para o Pomeri, onde cumpriu um ano e meio de detenção e, foi solto. Atualmente é mais um presidiário do Carumbé.

O Palco – A Arquitetura de uma Maquinaria

Apresentamos a história de J. para apontar para uma maquinaria de guerra, *a máquina isolante da prisão, para essa máquina quase muda e cega*⁴⁹ e para um modelo arquitetônico pensado e construído para ser um dispositivo disciplinar.

É – *o container* - uma construção de concreto, quadrangular, de aproximadamente 40 X 40m, com chapas de aço colocadas entre as paredes duplas, o mesmo se dando com o piso. No teto, ao invés de vigas, caibros, ripas de madeira, telhas de cerâmica ou de amianto, havia uma grade, sobre a qual fora soldado um caminho, uma passarela de aço, em formato de cruz, para que de lá se enxergasse todos os cantos da construção, pela qual passavam os agentes policiais, de quando em quando para conter algum tumulto e os agentes prisionais, responsáveis não só pela vigilância constante, mas também pelo atendimento dos detentos naquilo que há de mais corriqueiro na vida da cadeia, ou seja, o servir as refeições, a água e os medicamentos.

A construção [denominada de Container ou Módulo de Aço] compõe o cenário do complexo penitenciário do Pascoal Ramos e ergue-se entre o muro que cerca os raio e o que isola todo presídio. Há, nos quatro cantos do muro-mor, quatro guaritas guardadas praticamente vinte e quatro horas por dia por policiais militares.

O alto muro erguido em torno do presídio, porém, assim como a Muralha da China, não consegue isolar os nômades, que já se disseminaram e já se misturaram física, cultural e violentamente entre os “civilizados”.

O primeiro contato visual com o *container* choca. Impossível a mente não se transportar para o cenário de “O Planeta dos Macacos”. Qualquer zoológico se propõe ser mais humano. A jaula, com celas cortadas por um corredor, divide os presos “de maior”⁵⁰, alojados no lado esquerdo, e os “de menor”⁵¹ do lado direito. Em um espaço maior, e contíguo ao módulo de aço, fica a área reservada ao banho de sol. Há ainda uma cela maior com um comprido banco de cimento, emendado a uma das paredes, que serve de refeitório.

Sobre a grade de ferro que é o próprio teto, acha-se fixado, sobre vigas de aproximadamente três metros de altura, um telhado de zinco que parece não ter muita utilidade, pois quando a chuva vem acompanhada de vento é inevitável que a água penetre nas

⁴⁹ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 44.

⁵⁰ São assim denominados tanto no vocabulário das prisões, quanto popularmente os presos adultos, acima de 18 anos de idade.

⁵¹ O E.C.A. substituiu a expressão menor delinquente por adolescente infrator, porém assim como o termo “de maior”, a expressão “de menor” sobrevive, tanto no vocabulário popular quanto no das prisões.

celas. Tampouco protege do frio. Mas o que é certo é que, o calor típico de Cuiabá aquece o telhado de zinco, de modo tal que parece sempre haver fumaça subindo de uma chapa bem aquecida.

Apesar do formato quadrangular, diverso do panóptico, o módulo de aço cumpre o papel de isolar prisioneiros considerados de alta periculosidade, tanto da sociedade como um todo, quanto dos demais detentos. Mas, no momento de nosso primeiro contato com os 60 adolescentes do Pomeri, que lá estavam por serem tidos como líderes de uma rebelião em que várias alas foram destruídas, dividiam este espaço com criminosos conhecidos no estado, como Vavá⁵², Sandro Louco⁵³, Raposão⁵⁴, entre outros.

Quatro meses foi o tempo que lá passaram os 60 adolescentes. Ao voltarem para o Pomeri, o lugar já não era o mesmo. O grupo de agentes que trabalhava na instituição havia quadruplicado e apresentava uma mudança curiosa: um número considerável de mulheres entre eles. Diferente também era a ala que havia sido erguida para recebê-los, inspirada no container, o corredor estreito que dividia as dez celas ao meio, as paredes de tijolo a vista, uma pequenina abertura que lembra àquela onde eram colocados os “expostos” nas Santas Casas, remetia – guardadas as devidas proporções - aos calabouços medievais.

Sobre a arquitetura das penitenciárias, Bodé indica que:

*Como em outras áreas da vida social, no que diz respeito à punição e ao encarceramento, o século XVIII é marcado por propostas de mudanças e de projetos que transformariam ou destruiriam símbolos da injustiça e do Antigo Regime, tais como a Bastilha, em instituições que atenderiam aos reclames dos novos tempos: punir com humanidade, considerar a justa medida da pena e da dor, e, se possível, punir corrigindo o caráter, a doença, enfim, o elemento responsável pelo delito. Reformam-se os códigos penais, critica-se a tortura, substitui-se a decaptação com o machado pela decaptação com a guilhotina. O sistema penitenciário é um produto dessa nova maneira de encarar o castigo. Mas que tipo de espaço, objetiva e arquitetonicamente falando, era a prisão? O que deveria ser mudado?... Durante todo o período medieval, os locais de encarceramento pouco diferem daqueles que aparecem em filmes que podiam errar em quase tudo do ponto de vista da precisão histórica, mas que eram mais ou menos fiéis ao apresentar os cárceres como masmorras, prisões subterrâneas que tinham a função de fazer esquecer quem nelas adentrasse.*⁵⁵

⁵² Posteriormente morto por outros presos, quando foi transferido para um dos raios.

⁵³ Foragido do Presídio Pascoal Ramos em 2004 e recapturado no vizinho estado de Goiás em 2005.

⁵⁴ Sobre Raposão há um momento interessante que presenciamos. Certo dia uma orientadora que havia sido encaminhada para lá tirar plantão a fim de, juntamente com mais dois agentes do sexo masculino, atender os adolescentes, estava passando pela passarela de aço, quando este falou: *Aí Ladrãozada! Sobe pra ver uma mulher bonita passar!* Prontamente foi atendido, deixando bem claro sua influência e liderança sobre os demais. Ao mesmo tempo em que todos baixavam o olhar enquanto ele passava, pois em geral perguntava: *Tá olhando o que Ladrão?* Pensamos que ele assim procedia por exercer espírito de liderança e por saber que para sobreviver na cadeia e às suas conspirações precisava montar uma personagem.

⁵⁵ MORAES, Pedro Rodolfo Bode de. *Punição, Encarceramento e Construção de Identidade Profissional entre Agentes Penitenciários*. São Paulo: IBCCRIM, 2005. p. 143-146.

O Pomeri, apesar de não ser construído com pedras, de não possuir uma masmorra subterrânea e de não estar sob o comando de um soberano, possui além do caráter penitencial, que objetiva fazer com que o indivíduo purgue sua consciência, cumpre como os calabouços medievais, a função de trancafiar e fazer, aos moldes do que ocorreu com *o homem da máscara de ferro*⁵⁶, que o prisioneiro caia no esquecimento social. Ainda que o Sistema Prisional não pare de traçar estratégias de controle dos chamados marginais.

O Sistema Sócio-Educativo e Prisional mais parece um grande circo montado, como os tribunais descritos por Kafka. Com endereços incertos, que mudavam de semana a semana e que funcionavam em geral em um cômodo de um diminuto apartamento, esvaziado de seus móveis, pretendiam apreciar o processo de Joseph K., *que não tendo feito nada de condenável, uma bela manhã foi preso e sequer sabia qual era a acusação que lhe pesava*. Tribunais que mudavam de prédio, testemunhas que aplaudiam e vaiavam, como se estivessem em um picadeiro ou em um *reality show*. A primeira vez que foi ouvido em um tribunal, K. sequer sabia como nele chegar:

*... K. já se dirigia para a escada, mas teve que se deter ao perceber que havia mais três escadas, sem contar uma pequena passagem que devia dar para um segundo pátio. Irritou-se por não terem dado informações precisas acerca da sala onde devia apresentar-se; haviam-no realmente tratado com uma estranha indiferença revoltante, e pretendia dizer-lhes isso em alto e bom som. Finalmente, acabou subindo a primeira escada, brincando mentalmente com a expressão do guarda Willem, que lhe dissera que a justiça é atraída pelo delito, de onde depreendia que o lance de escada que escolhera forçosamente iria dar na sala procurada.*⁵⁷

Desorganizado, o Sistema Sócio-Educativo procura apresentar modelos disciplinares que camuflam este caos, esta desordem, mas em geral possui tão somente o cárcere como alternativa a questões que exigem políticas de inclusão e não maquinarias punitivas.

Comprovamos a desordem do Sistema no espaço mínimo da cela; na forma como os adolescentes estão distribuídos por celas e alas; em audiências desmarcadas repentinamente; nas transferências constantes de juizes, fato que provoca apreensão nos adolescentes, pois não sabem que tipo de atitude esperam que tenham, nem com quem estão lidando; na ação de funcionários truculentos; na realização de atividades “sempre” impostas. Enfim, nos remetemos ao termo circo porque parece ao menos risível a intenção de reintegrar confinando, de reeducar desqualificando, de se denominar de Centro Sócio-Educativo uma prisão.

⁵⁶ DUMAS, Alexandre. *O Homem da Máscara de Ferro*. São Paulo: Scipione, 2003.

⁵⁷ KAFKA, Franz. *O Processo*. São Paulo: Círculo do Livro S.A., s/d. p. 38. Mesmo retratando o cotidiano e o contexto de um outro período histórico, recorro à Kafka por entender que o sentimento de estupefação diante do sistema judiciário e prisional apresenta similitudes. De fato, ao compreender que a história é multitemporal e multiespacial, que através dos relatos da memória, do próprio ato de rememorar trazemos personagens de outras eras à vida, penso ser esta convivência entre passado e presente uma constante.

Ferragens e Concreto

A arquitetura do Pomeri, se evocarmos uma imagem, não nos remete ao edifício benthaniano. De fato, a construção circular e torre central não fazem parte deste complexo. Mesmo as duas guaritas, anteriormente ocupadas por policiais militares armados, foram desativadas em cumprimento ao E.C.A. Esta determinação, se por um lado impede que os adolescentes permaneçam como alvos facilmente alcançáveis pelas armas e pelo olhar atento dos policiais, por outro não impede a construção de novas alas “de aço”, que só isolam e invisibilizam ainda mais os internos.

As demais características peculiares ao panoptismo estão presentes no Lar do Adolescente, como o olhar do diretor que tudo vê. Ainda que não tenha sua sala no alto de uma torre, este personagem, sentado em uma refrescante sala, entre as duas unidades que compõem o Centro Sócio-Educativo, levanta-se vez por outra, afasta as cortinas, para dali vigiar os vigias e os confinados. Duvidoso é saber se esta figura percebe que também está sendo vigiada pelos vigias, pelos internos e, ainda que de maneira mais distante, pela Superintendência e pela própria Secretaria de Justiça e Segurança Pública, que lhe marca como gado, com ferro em brasa, com o estigma de delator frente aos seus iguais — os agentes. Transformando-o de modo tal que nos dá a impressão de ser este ator o próprio capitão-domato. Também ele é um corpo dócil, gerado pela maquinaria do poder; utilizável e manobrável como um soldadinho de chumbo, autômato.

Aos olhares perscrutadores do diretor somam-se os dos agentes, que vasculham os cantos das celas, as “sebosas bigornas”, sujas pelo suor de tantas mãos, pelos líquidos derramados dos lanches matutinos e vespertinos, ou de água, leite, chá ou urina, atirados no calor da ira, pelas refeições nelas depositadas e que lá permanecem por longas horas, e pela própria marcha do tempo e pela ação corrosiva da ferrugem, que misturada a tantas soluções, torna-se asquerosa ao toque das mãos e repugnante ao primeiro olhar. Experiência que remói espíritos mais sensíveis, crava fundo na memória e lá fica para sempre.

Ao olhares dos agentes também não escapam as jegas, o teto, as paredes, os colchões, tampouco o corpo, que vez por outra, os adolescentes recebem a ordem de despir para a revista, para a aula, para a arte terapia, para o atendimento à saúde, para entrevista com a equipe técnica (psicólogos e assistentes sociais), para a recreação - participando deste eterno

*ritual de mortificação do eu*⁵⁸ tantas vezes por dia, que a nosso ver tem como objetivo inculcar-lhe não a sensação, mas a certeza⁵⁹ de que tudo o que está a seu redor pertence à instituição, inclusive seu próprio corpo. Esse recorrente aviltamento, juntamente com tantos modos de garantir a humilhação [sobre os quais refletiremos posteriormente], visa à formação de uma identificação institucional.

Tendo em alguns momentos a escuridão⁶⁰ e não a luz como aliada, o olhar panóptico em rondas pela madrugada afora, invade o espaço das alas e das celas e o espaço do ser. Percorrendo o recôndito das instituições, os *agentes-morcegos* a um som qualquer se apegam às tonfas, substituem a expressão facial “relaxada” por um semblante inamistoso, deixando claro o automatismo de seus corpos manipulados, treinados, obedientes e prontos para responder. É o bem definido exemplar do homem-máquina, fabricado pela disciplina que o submete, o exercita e o torna dócil.

O Pomeri, ao contrário do princípio panóptico projetado por Benthan⁶¹, não segue um bom planejamento da engenharia ou da arquitetura, tanto que ao “remendá-lo”, e ao acrescentar sempre mais um anexo, vez por outra rompe-se com um encanamento, descobre-se uma fossa, como em uma escavação descobre-se uma preciosidade arqueológica.

Ao visualizarmos esta construção, temos a impressão de que ela é um labirinto de quadrados. Parece que estamos dentro de cubos que estão em outros cubos, numa junção interminável, como se cada anexo acrescido com o passar do tempo, formasse a figura de um átomo em movimento estonteante, enjoativo, elíptico.

⁵⁸ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1987. p. 25. Goffman identifica como elementos que compõem o ritual de mortificação do eu, a obtenção de uma história de vida, tirar fotografia, pesar, tirar impressões digitais, atribuir números, procurar e enumerar bens pessoais para que sejam guardados, despir, dar banho, desinfetar, cortar os cabelos, distribuir roupas da instituição, dar instruções quanto a regras, designar uma local para o internado.

⁵⁹ A instituição também trabalha com a idéia de incerteza. Quando o adolescente é internado, ele desconhece sua rotina, se assusta com revistas repentinas, com transferências não solicitadas, com a participação em atividades e mesmo com o atendimento pela equipe técnica (psicólogos e assistentes sociais), pré-determinadas. Com normas que são alteradas ao gosto deste ou daquele chefe de plantão ou coordenador, enfim, tudo ocorre a despeito de sua vontade. Com o passar do tempo, porém o adolescente cai se emaranhando nas “leis” da cadeia, aprendendo que há espaço em que pode interferir e outro com que terá que se acostumar, o que de fato acontece, ao menos com a maioria, como lembra Dostoiévski em *A Casa dos Mortos*, quando sugere que mesmo os espíritos mais elevados sucumbem mais cedo ou mais tarde à disciplina. O peso da disciplina é tão marcado que certas atitudes, como o despir torna-se automáticas.

⁶⁰ O modelo benthaniano conta com a luz a seu favor, pois ela favorece a vigilância. No Pomeri quando a noite cai e o sono vence a determinação de alguns adolescentes em permanecerem acordados, os agentes saem em ronda. Algumas vezes apagam a luz do corredor interno, como presenciamos, no caso das alas III e IV, deixando apenas a luz do corredor que corta as celas acesa, para melhor enxergar seu interior. A intenção é a mesma do panoptismo, ver sem ser visto, a diferença está em utilizar tanto a claridade quanto a escuridão para exercer a vigilância.

⁶¹ BENTHAN, Jeremy. *O Panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 200. p.77. O panóptico é definido por Benthan não como um modelo de prisão. *É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas.*

A forma desta construção é dada não somente pelo concreto amassado por mãos de serventes, mas também por aqueles que convivem cotidianamente neste espaço. São também os sons: vozes, choros, improperios; as imagens: rostos, olhares que se esforçam para enxergar além das grades que também dão forma ao Pomeri. Não só paredes, grades, ferrolhos e arames compõem e dão visibilidade a instituição. Concreto e ferragens lhe dão forma juntamente com os sentimentos e as pessoas que o habitam... *é a lógica passional dando vida, ontem e sempre, ao corpo social. Esta lógica, tal como uma centralidade subterrânea, se difrata numa multiplicidade de efeitos, que informam a vida cotidiana...*⁶²

O Centro Sócio-Educativo Pomeri possui duas unidades: uma o Centro Acautelatório (C.A.), destinado ao acolhimento de adolescentes provenientes das Delegacias Especializadas do Adolescente (D.E.As), que deveriam aguardar segundo o E.C.A., por no máximo quarenta e cinco dias a sentença judicial, prazo este, contudo, extrapolado freqüentemente. O C. A. possui uma ala com dez celas, cinco localizadas do lado direito e cinco do esquerdo, entrecortadas por um longo corredor. Com quartos que chegam a abrigar até cinco adolescentes. Ocupa também uma ala chamada “Ala D”, que possui seis celas, dispostas em formado de “L”, apelidada pelos adolescentes de “caixinha”, pelo seu tamanho minúsculo - Construída para abrigar um adolescente, cada uma dessas celas chega a alojar até três meninos -. Esta ala também é chamada “seguro”, pois lá são depositados adolescentes que têm rixa com outros, que são de gangues rivais ou que se encontram punidos. Para esse mesmo mister a coordenação do C.A. conta ainda com outra ala, chamada de “Triagem”, onde deveriam ser alojados os adolescentes primários, mas que também acabou sendo transformada em “seguro”.

A outra unidade que compõem o Centro Sócio-Educativo é o Lar do Adolescente (L.A.), unidade chamada de *internação definitiva*, onde estão os adolescentes já condenados, que devem permanecer na instituição, segundo o E.C.A, por um prazo mínimo de três meses e máximo de três anos, independentemente do delito. O L.A. possui quatro alas, assim denominadas: Ala I, Ala II, Ala III e Ala IV, além de ceder a “Triagem” e a “Ala D” para o C.A.

A mais visada das alas é a IV, pois lá estão aqueles que ocupam o mais baixo grau na escala hierárquica das prisões: os estupradores e os “caguetas”. Escala copiada das prisões para maiores, e seguida fielmente nos Centros Sócio-Educativos.

⁶² MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 15.

O controle sobre o tempo dos internos é uma característica marcante das instituições totais, que para tanto impõem atividades com um caráter mítico, que ao resgatarem diuturnamente, as ações que fizeram com que cada um destes internos, viesse a passar parte de sua vida entre os muros da instituição, perpetua estigmas, mas ao mesmo tempo e, contraditoriamente, reforça e mantém também a coesão do grupo de internos.

Apesar do cinza bríteo institucional quebrado por esparsos e raros verdes arbóreos, encontramos práticas de vida extremamente poéticas, ou como Foucault denomina *existências-relâmpagos, poemas-vidas*.⁶³ Aos rituais impostos, que cultuam as relações de poder ali estabelecidas e exercidas, seja através de mensagens subliminares, sinais e códigos, seja através da atmosfera que delimita até onde vai a ação de cada um dos segmentos e os riscos decorrentes caso este “acordo” velado seja ultrapassado, encontramos uma disposição que não conhece fronteiras para manter o cuidado de si, de sua subjetividade eo sentido de grupo, de coletiva, porém, não aos moldes da instituição.

Em Bodé, quando reflete sobre o encarceramento como forma específica de punição, encontramos uma possibilidade de problematização sobre a crueldade do sistema penal:

*... este é uma forma peculiar de controle social e que possui um caráter eminentemente perverso, porque resulta de uma perversão, aqui no sentido de algo mau, cruel; tal disposição dar-se-ia basicamente por dois motivos: primeiro, porque é uma prática de dominação, um exercício de poder, que se insinua como terapêutica, regeneradora, ainda que, em segundo lugar, seja uma das expressões modernas da crueldade, que mascara a sua capacidade de produzir dor, por meio de um retorno metafísico ao passado tentando demonstrar que encarcerar é uma forma de punição mais civilizada, porque retributiva, por um lado, e, por outro, supostamente menos dolorosa. Perversa porque sinalizaria a todo tempo aos habitantes preferenciais da prisão que as coisas poderiam ser piores. O encarceramento também é perverso no sentido de promover um desvio do que ele promete, a saber, ressocializar no sentido de melhorar e/ou curar os indivíduos que cometeram algum ato qualificado como patológico, e o que ele efetivamente faz, que pode ser tudo, menos melhorar alguém.*⁶⁴

A perversidade do sistema prisional redime consciências e permite que a disciplina seja aplicada, porém, não sem se deparar com embates.

Ainda que as instituições austeras e completas detenham e façam uso de estratégias e dispositivos disciplinares, de sujeição dos corpos; a resistência, presente onde o poder se encontra, se efetiva. De fato, os adolescentes participantes da comunidade carcerária constroem sua rede de afetos a partir das relações estabelecidas não com a família, escola,

⁶³ FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003. p. 205.

⁶⁴ MORAES, Pedro Rodolfo Bode de. *Punição, Encarceramento e Construção de Identidade Profissional entre Agentes Penitenciários*. São Paulo: IBCCRIM, 2005. p. 29.

time de futebol, ou mesmo com aquilo que se costumou denominar nação brasileira, mas com colegas de cela, ala e “ofício”, com indivíduos postos à disposição e sob a tutela dos sistemas judiciário e prisional.

Espaços Fugidios

Apesar dos rituais de mortificação do eu impostos pelas instituições totais que visam anular a personalidade do indivíduo e substituí-la por uma institucional dócil, manipulável, domesticada e de todo aparato de vigilância posto em funcionamento não somente para impedir fugas, mas para fazer com que o espaço panóptico seja utilizado para o fim programado por seus idealizadores, pelo Estado, este espaço é constantemente reinventado. O uso desse espaço de *tratamento* que possui através de sua capacidade tecnológica a função de distribuir, classificar, analisar e individualizar, é modificado pelas *maneiras de fazer* dos indivíduos que o ocupam e que *sem sair do lugar onde têm que viver e que lhe impõe uma lei, eles aí instauram pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos.*⁶⁵

Sem dúvida a obstinação em escapar ao *Olho* implica em criar um novo uso do espaço. *Essas operações de emprego – ou melhor, de reemprego -... se multiplicam... com os deslocamentos que substituem maneiras ou “métodos” de transitar pela identificação com o lugar.*⁶⁶

O exercício de esgueirar o olhar por entre as grades, de enxergar por cima dos ombros dos agentes, ou através de pequenos pedaços de espelhos milagrosamente encontrados durante as revistas empreendidas pela P.M., ou de tampas de registro de água e de sanitários que também ganham novos usos e se transformam em espelho, compõe as táticas dos adolescentes internos no Pomeri que esquadrinham o espaço do confinamento e enxergam reentrâncias, becos, possibilidades de esconderijos, pequenas aberturas, na maior parte das vezes escurecidas ao olhar do vigia, já que esse não se esgueira na sombra com a mesma agilidade do *fraco*⁶⁷, que possui como possibilidade de enfrentamento a articulação de táticas, definidas por Certeau como:

⁶⁵ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 93.

⁶⁶ _____ Idem, *Ibidem*.

⁶⁷ A palavra “fraco” é aqui utilizada em relação à tática que segundo Michel de Certeau é a *arte do fraco*. Certeau faz ainda uma distinção entre tática e estratégia e parece-nos importante indicá-la já que neste trabalho

...a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distancia, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo... e no espaço por ele controlado ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia⁶⁸.

A astúcia em fazer novo uso do espaço requer um reconhecimento do lugar, uma cartografia de seus declives, dos postos de guarda, do número de vigias, das celas onde estão confinados os “mais velhos” da cadeia, os líderes ou os mais temidos, aqueles que prestam serviço na cozinha ou que estão próximo da enfermaria, em locais chaves. Deste modo percorrer o espaço do confinamento é atitude vital e sempre perseguida. Para tanto os adolescentes do Pomeri, encenam situações que permitam que este trajeto seja minuciosamente devassado e que cada pequeno lugar seja descoberto e sua localização decorada, incluindo tamanhos, composição – cimento, tijolo, aço... -.

Traçando “trajetórias indeterminadas”, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído... e pré-fabricado onde se movimentam... num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas⁶⁹, os internos se movimentam, traçam atalhos, trilhas até então encobertas.

De fato é compreensível que os bandos – os adolescentes internos – ocupem a maquinaria de guerra e descubram seus flancos, visto que são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra...⁷⁰ Compostos da mesma matéria, o bando vasculha o interior da

estaremos lidando com o que chamaremos aqui de “fortes” – as instituições totais, o Estado... -. Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças... toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é o lugar do poder e do querer próprios. In: *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 99.

⁶⁸ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 97.

⁶⁹ Idem. *Ibidem*.

⁷⁰ DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 21.

maquinaria de guerra como guerreiros que avançam sobre o campo de batalha onde cotidianamente travam suas guerras. O campo é um espaço conhecido, familiar.

Nas instituições totais as técnicas de punição, o aparelho disciplinar precisa ser continuamente aperfeiçoado, incrementado, pois são constantemente afrontadas e invertidas, e ainda porque segundo Deleuze,

*Não cabe dizer... que a disciplina é o próprio da máquina de guerra: a disciplina torna-se característica obrigatória dos exércitos quando o Estado se apodera deles; mas a máquina de guerra responde a outras guerras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua do abandono e traição, um sentido de honra muito suscetível...*⁷¹

Desse modo, recorrendo a táticas, artimanhas e astúcias os jovens guerreiros do Pomeri enfrentam cada disciplina imposta com uma disposição renovada para insurgirem-se e subverterem a ordem. Esses *mecanismos locais de bandos, margens, minorias... continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentarias contra os órgãos de poder do Estado.*⁷²

A maquinaria de guerra e os bandos nômades coexistem num *campo perpétuo de interação*⁷³, porém a trajetória traçada pelos bandos no interior da maquinaria por vezes escapa ao olhar vigilante que diligente tenta controlá-la.

Para percorrer esse trajeto, transpor os obstáculos impostos pela tecnologia disciplinar e pelas estratégias diretivas, desenvolve-se uma ciência nômade, uma ciência de aproveitamento e uso dos espaços, forjada na posse do mínimo, na escassez, mas que eficiente insiste em burlar as determinações do mais *forte*. As conquistas deste saber dito marginal são pequenas, dependem das maneiras de usar “peças” da própria maquinaria isolante, de contar com o elemento surpresa a seu favor, das falhas abertas na vigilância. *Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender.*⁷⁴

Usos ou Maneiras de Fazer: As Táticas no Interior da Grande Maquinaria

⁷¹ DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 21.

⁷² _____ Idem p. 23.

⁷³ _____ Ibidem. p. 24.

⁷⁴ CERTEAU, Michel de. CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 97.

O Uso da Linguagem

No confinamento, a linguagem é tanto um dos elementos da vida poética construída pelos adolescentes, quanto uma tática de enfrentamento, uma arma dos guerreiros. Elemento de identificação, forte, agregador, carregado de símbolos, sendo ela mesma o símbolo maior, é vislumbrada, no mundo do adolescente infrator como instrumento de poder. Poder que detém em relação ao corpo funcional e à sociedade, já que atribui à linguagem oficial significações que fogem ao domínio da academia e da norma culta, das regras gramaticais, dos dicionários de antônimos e sinônimos; um instrumento seu, mensagem cifrada, trata-se de um código acessível a um grupo pouco abrangente; cria um dialeto onde o trânsito é restrito, onde o ingresso para tornar-se membro do grupo, passa pelas cerimônias que a sacralizam: abandono, violência, racismo, preconceito, prisão...

O não abrir mão do vocabulário que atribui novos sentidos às palavras e à língua, a manutenção de uma forma de comunicação que em muitos casos independente da escrita e da fala, denota, conscientemente ou não, a determinação em fugir às convenções e imposições pela norma culta, à qual não tiveram e provavelmente não terão acesso. Assim, manter o controle sobre a linguagem simboliza ter, ainda que minimamente, o controle de si, a possibilidade de manter seu corpo longe do controle, da disciplina,⁷⁵ do olhar institucional panóptico.

Goffman, a respeito do mundo do internado, quando de sua entrada na instituição, diz que:

*... trazem uma cultura aparente, uma forma de vida e um conjunto de atividades aceitas sem discussão até o momento de sua admissão na instituição. Esse conjunto de experiências é o que permite ao indivíduo confirmar sua concepção tolerável do eu, o 'desculturação', o 'destreino', de se viver e se ver no mundo exterior, é um dos rituais de mortificação sofrido pelo interno.*⁷⁶

A linguagem do interno, apesar de constantemente corrigida, contestada, classificada como marginal, delinqüente ou de malandro, ao mesmo tempo em que é identificada como característica de determinado grupo, influencia e é por outros influenciada, tornando visível o

⁷⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 177. Trabalhamos com o conceito de disciplina exposto nesta obra como: ... um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma "física" ou uma "anatomia" do poder, uma tecnologia.

⁷⁶ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1987. p. 23.

que Ginzburg denomina de *circularidade cultural*.⁷⁷ Ao mesmo tempo em que os vigias utilizam, no dia-a-dia, palavras e frases construídas no que denominam de submundo, o mesmo ocorre com os internos, confirmando que o poder não tem localização, propriedade ou essência.

É comum ouvirmos integrantes do corpo funcional dizerem: “*Vou no boi!*”⁷⁸; “*tô brocado!*” ... Assim como ouvimos também dos adolescentes internos zombeteiramente: “*Prossiga!*”; “*Positivo!*”; “*Copiado!*”⁷⁹!...” Esta rede de relações culturais, políticas, sociais, costurada em um “mundo invisível”, consegue criar um elo, uma ponte entre dois mundos: aquele por trás do muro e o de fora, chamado equivocadamente de “mundo real”, posto que o mundo “de dentro”, também é real, considerando que a realidade não está fora do campo simbólico.

As paredes das celas também se constituem em um texto dado a ler. Decoradas com fotos de mulheres nuas saídas da *Buttman*⁸⁰, com desenhos feitos pelos internos, com pixações, poemas infantis, avisos e ameaças à sociedade, aos agentes, ou à justiça, guarda também, a partir da escrita, indícios de quem por lá passou. As paredes descascadas, os gritos, os remédios tomados para “puxar a cadeia de boa”, a sensação de se estar enlouquecendo, compõem o cenário.

O Pomeri, ano após ano, a despeito das rebeliões e depredações, permanece, a contragosto dos “meninos tristes” que lá estão, de pé, como todo *monumento*,⁸¹ mesmo que ao ódio, registrando a incompetência humana. Teimosamente, sofrendo anexações e mais anexações, espalhando sombras e impondo sofrimentos.

Outras formas de linguagem demonstram a obstinação dos adolescentes em não permitir que sua subjetividade seja espezinhada. Exemplo disto são as tatuagens⁸², feitas a

⁷⁷ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*; tradução Betania Amoroso. - São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁷⁸ “Vou ao banheiro!”, “Estou com fome!”.

⁷⁹ Entendido!

⁸⁰ A BUTTMAN é uma das mais antigas revistas masculinas em circulação no país desde a década de 70, segundo um jornalista por nós entrevistado.

⁸¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

⁸² A tatuagem possui tanto a função de linguagem, quanto se constitui também em uma maneira de se fazer “uso do corpo”. Há em geral uma multiplicidade de funções e caracteres no “visual” dos adolescentes, seja nos colares e demais adornos, seja no uniforme, bonés, corte de cabelo... nada possui um único objetivo, ao contrário é multifuncional, multiintencional... Michel Mafessoli em *O Instante p. Eterno*, 126-128. sugere que, *O ornamento está no próprio coração da criação vital...o ornamento é uma acentuação da vida. É imanentista... permite gozar a aparência, pode-se ver e, portanto viver...Eis o porquê de o ornamento não ser um simples supérfluo...é m supérfluo que dá vida ao expressa-la.. o próprio da vida é aparecer, “imanentizar” os sonhos, os fantasmas, os desejos de outro lugar. O ornamento... não se projeta, não projeta, relativiza todas as coisas, coloca-as em relação e, então, é vetor da harmonia. Culturaliza a natureza e naturaliza a cultura. Reversibilidade que faz da vida cotidiana, apesar de todas as suas vicissitudes, o espaço-tempo onde a vida social e individual se arraiga, no melhor dos casos, por muito tempo A decoração, como fusão ente o humano e*

partir de peças de rádio, pilhas e antenas afiadas insistentemente, até se transformarem em agulhas. Os adolescentes apontam a antena no concreto da cela, arrancam pedaços da fiação, usam palitos de picolés como chaves de fenda e, minuciosamente, montam o motor desejado. Como tinta utilizam o xadrez ou a tinta de caneta. O desenho, tanto pode ser inspirado em figuras de revistas, nas tatuagens feitas antes da detenção ou por um adolescente considerado bom desenhista.

A despeito das advertências contra tal prática feitas pelos psicólogos e assistentes sociais, pela equipe dirigente e mesmo por juízes, promotores e defensores, os adolescentes não titubeiam um só momento, frente à intenção de se tatuarem. Mesmo sabendo dos preconceitos⁸³, os adolescentes optam por escapar a docilização do corpo. Sabendo que submeter-se aos padrões institucionais é se subjugar ao inimigo, é não se reconhecer mais, é ter seu estojo de “identidade” usurpado.

O uso do boné, de roupas próprias nos dias de visita, o zelo com a aparência, o cuidado em confeccionar o presente para se entregar à família, a música, a dança, o modo gingado de andar, os *piercings*, que aparecem do dia para a noite, ignorando a vigilância, estas práticas, feitas na surdina, na “encolha”, camuflada, tiram parte do poder institucional sobre o interno.

O Uso da Música

Os ritmos mais ouvidos na cadeia são o *funk* e o *rap*, geralmente taxados de fazerem apologia ao crime de maneira indiscriminada. Mas pudemos observar que a maioria das músicas ouvidas no Pomeri retrata invariavelmente, tanto a vida na detenção, como a que gostariam de ter experimentado. É o caso, por exemplo, do rap *Diário de Um Detento*, do grupo Racionais MC's:

o natural, pode ser assim uma fôrma, que necessita ser levada a sério, já que assegura organicamente, no inconsciente coletivo, a perduração societal.

⁸³ Com raízes profundas em teorias pseudo-científicas, entre elas a Frenologia ou cranioscopia é o estudo da estrutura do crânio de modo a determinar o caráter das pessoas e a sua capacidade mental. Essa pseudociência baseia-se na falsa assunção de que as faculdades mentais estão localizadas em “órgãos” cerebrais na superfície deste que podem ser detectadas por inspeção visual do crânio. O físico vienense Franz-Joseph Gall afirmou existirem 26 “órgãos” na superfície do cérebro que afetam o contorno do crânio, incluindo um “órgão da morte” presente em assassinos. Com base nas pesquisas de Gall, Césare Lombroso desenvolve em 1872 seu trabalho sobre o criminoso nato.

"São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã./Aqui estou, mais um dia./Sob o olhar sanguinário do vigia./Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK./Metralhadora alemã ou de Israel./Estrçalha ladrão que nem papel./Na muralha, em pé, mais um cidadão José./Servindo o Estado,/um PM bom./Passa fome, metido a Charles Bronson./Ele sabe o que eu desejo./Sabe o que eu penso./O dia tá chuvoso. O clima tá tenso./Vário stentaram fugir, eu também quero./Mas de um a cem, a minha chance é zero./Será que Deus ouviu minha oração?/Será que o juiz aceitou a apelação?/Mando um recado lá pro meu irmão:/Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão./Ele ainda tá com aquela mina./Pode crer, moleque é gente fina./Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá.../Tanto faz, os dias são iguais./Acendo um cigarro, vejo o dia passar./Mato o tempo pra ele não me matar./Homem é homem, mulher é mulher./Estuprador é diferente, né?/Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés,/e sangra até morrer na rua 10./Cada detento uma mãe, uma crença./Cada crime uma sentença./Cada sentença um motivo, uma história de lágrima,/sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio,/sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo./Misture bem essa química./Pronto: eis um novo detento/Lamentos no corredor, na cela, no pátio./Ao redor do campo, em todos os cantos./Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã.../Aqui não tem santo./Rátatátá... preciso evitar que um safado faça minha mãe chorar./Minha palavra de honra me protege/pra viver no país das calças bege./Tic, tac, ainda é 9h40./O relógio da cadeia anda em câmera lenta./Ratatatá, mais um metrô vai passar./Com gente de bem, apressada,/católica./Lendo jornal, satisfeita, hipócrita./Com raiva por dentro, a caminho do Centro./Olhando pra cá, curiosos, é lógico./Não, não é não, não é o zoológico/Minha vida não tem tanto valor/quanto seu celular, seu computador./Hoje, tá difícil, não saiu o sol./Hoje não tem visita, não tem futebol./Alguns companheiros têm a mente mais fraca./Não suportam o tédio, arruma quiaca./Graças a Deus e à Virgem Maria./Faltam só um ano, três meses e uns dias./Tem uma cela lá em cima fechada./Desde terça-feira/ninguém abre pra nada./Só o cheiro de morte e Pinho Sol./Um preso se enforcou com o lençol./Qual que foi? Quem sabe? Não conta./Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)/Nada deixa um homem mais doente/que o abandono dos parentes./Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?/A vaga tá lá esperando você./Pega todos seus artigos importados./Seu currículo no crime e/limpa o rabo./A vida bandida é sem futuro./Sua cara fica branca desse lado do muro./Já ouviu falar de Lucífer?/Que veio do Inferno com moral./Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um./Comendo rango azedo com pneumonia.../Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros,/Mogi,/Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela,/Heliópolis, Itapevi,Paraisópolis./Ladrão sangue bom tem moral na quebrada./Mas pro/Estado é só um número, mais nada./Nove pavilhões, sete mil homens./Que custam trezentos reais por mês, cada./Na última visita, o/anguinho veio aí./Trouxe umas frutas, Marlboro, Free.../Ligou que um pilantra lá da área voltou./Com Kadett vermelho, placa de Salvador./Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa/com uma nove milímetros embaixo da blusa./Brown: "Aíanguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?/Lembra desse cururu que tentou me matar?"/Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso./Ficava muito doido e deixava a mina só./A mina era virgem e ainda era menor./Agora faz chupeta em troca de pó!"/Brown: "Esses papos me incomoda./Se eu tô na rua é foda..."/Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."/Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí./Eu quero mudar, eu quero sair./Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum./E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."/Amanheceu com sol, dois de outubro./Tudo funcionando, limpeza, jumbo./De madrugada eu senti um calafrio./Não era do vento, não era do frio./Acertos de conta tem quase todo dia./Ia ter outra logo/mais, eu sabia./Lealdade é o que todo preso tenta./Conseguir a paz, de forma violenta./Se um salafrário sacanear alguém,/leva ponto na cara igual Frankenstein/Fumaça na janela, tem fogo na cela./Fudeu, foi além, se pã!, tem refém./Na maioria, se deixou envolver/por uns cinco ou seis que não têm nada a perder./Dois ladrões considerados passaram a discutir./Mas não imaginavam o que estaria por vir./Traficantes, homicidas, estelionatários./Uma maioria de moleque primário./Era a brecha que o sistema queria./Avisar o IML, chegou o

grande dia./Depende do sim ou não de um só homem./Que prefere ser neutro pelo telefone./Ratatatá, caviar e champanhe./Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!/Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo.../quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!/O ser humano é descartável no Brasil./Como modess usado ou bombril./Cadeia? Claro que o sistema não quis./Esconde o que a novela não diz./Ratatatá! sangue jorra como água./Do ouvido, da boca e nariz./O Senhor é meu pastor.../perdoe o que seu filho fez./Morreu de bruços/no salmo 23./sem padre, sem repórter./sem arma, sem socorro./Vai pegar HIV na boca do cachorro./Cadáveres no poço, no pátio interno./Adolf Hitler sorri no inferno!/O Robocop do governo é frio, não sente pena./Só ódio e ri como a hiena./Ratatatá, Fleury e sua gangue/vão nadar numa piscina de sangue./Mas quem vai acreditar no meu depoimento?/Dia 3 de outubro, diário de um detento.⁸⁴

A poesia, como se pode ver, é a própria vida dos adolescentes, são as pessoas com tudo o que são. São táticas criativamente pensadas para suportar o enjaulamento. É fingir que se está doente para poder “passar”⁸⁵ pelo interior da unidade, na tentativa de ver, ou ao menos ter notícia de um “truta”, ou até mesmo de um irmão. É a arte de encenar tensões para se obter a transferência para uma outra cela ou ala e iludir-se que a vida será melhor ou diferente, mesmo que o novo espaço seja gêmeo idêntico. É a arte de transformar mangas da camiseta do uniforme em touca de inspiração declaradamente jamaicana; de transformar tiras da bainha de camiseta em cordas para pendurar roupa, pulseiras e faixas bem ao estilo *hollywodiano* de Rambo e sua trupe. É inverter o uso dos objetos, contrariar a orientação institucional e desafiar a polícia, na ânsia de ganhar o muro com a “tereza” escondida na piscina, afundada com o peso da garrafa *peti* cheia. É recusar-se a assistir aulas que ignoram sua existência e o cansaço de se ver retratado, no máximo, como coadjuvante e nunca como protagonista da história. Enfim, é a arte de viver, encenada incessantemente.

Poéticos também são aqueles que, por conhecerem a realidade da periferia, dos presídios e da predominante população negra destes espaços, tornam-se, através de suas letras e músicas, fator de identificação étnica e social. São os casos do *Pavilhão 509-E*, *Racionais MCs*, *MV Bill*, *Expressão Ativa*, funkeiros cariocas, dentre outros. Não raro, recebemos de presente letras desses grupos, que são passadas de cela em cela, como se fossem relíquias (e talvez o sejam mesmo), para que todos as aprendam como foi o caso de: *Depoimento de Um Viciado*, do Rapper MV Bill:

São duas da manhã, e eu de calça e blusa/ o tempo frio, do céu cai chuva/ eu sou sozinho parceiro e é foda/ com meu destino ninguém se importa/ chegar ao ponto que

⁸⁴ Optamos por colocar as letras de todos os raps com que trabalhamos na íntegra, com a intenção de que se perceba neles a ausência de um elogio à criminalidade. Também consideramos uma boa oportunidade para registrar no espaço desta narrativa e da academia uma parte ainda que pequena da cultura dita marginal.

⁸⁵ Para os adolescentes “passar” pela cadeia é o mesmo que andar, ver – até onde as grades permitem – as celas de outras alas, enfim passear pelo espaço da instituição, de preferência pelo caminho mais longo. Ao serem retirados da cela para ir a enfermaria é comum sugerirem um desses caminhos.

eu cheguei é lamentável/ estado físico inacreditável/ eu sinto crise/ eu sinto convulsão/ é muito triste o meu estado sangue bom/ trinta quilos mais magro vai vendo/ resultado é pura essência do veneno/ o vício tira a calma, a cabreragem me acelera/ demônio rouba a alma, o inferno me seqüestra/ cadê a luz que vem lá do céu/ cadê Jesus pra julgar mais este réu/ tenho vontade de morrer constantemente/ o descontrole da mente me deixa impaciente e é foda/ eu saio que nem louco pela rua/ único mano é o cano na cintura/ eu preferia ta falando de amor/ falando das crianças e não da minha dor/ mas eu sou o espelho da agonia de um homem/ sem identidade, caráter, sem nome/ sem Mercedes, Audi ou Mitsubshi/ consumidor da praga do apocalipse/ tão jovem sem esperança de vida/ tão novo já suicida/ são duas da manhã e faz chuva/ o pesadelo ainda continua... /

Sobre esta, que denominamos aqui de poética de denúncia de prazeres que estão sempre fora do alcance da mão, a não ser através da violência, Pelbart⁸⁶ tece o seguinte comentário:

Há alguns anos no Brasil eram visíveis configurações comunitárias diversas, ora mais ligadas à Igreja, ora ao Movimento dos Sem-Terra, ora as redes de tráfico, ou provenientes de movimentos reivindicatórios e estéticos diversos, como o hip-hop, ou modalidades de “inclusão” às avessas” proporcionado pelas gangues de periferia, mantendo com as redes hegemônicas graus de distância ou enlace diversos. Eu não saberia dizer o que está nascendo hoje nos centros urbanos brasileiros, muito menos nas demais cidades do planeta. Mas há um fenômeno que me intriga, entre outros. No contexto de um capitalismo cultural, que expropria e revende modos de vida, não haveria uma tendência crescente, por parte dos chamados excluídos, em usar a própria vida, na sua precariedade de subsistência, como um vetor de auto valorização? Quando um grupo de presidiários compõem e grava sua música, o que eles mostram e vendem não é só sua música, nem só suas histórias de vidas escabrosas, mas seu estilo, sua singularidade, sua percepção, sua revolta, sua causticidade, sua maneira de vestir, de “morar” na prisão, de gesticular, de protestar, de rebelar-se – em suma, sua vida. Seu único capital sendo sua vida, no seu estado extremo de sobrevida e resistência, é disso que fizeram um vetor de existencialização, é essa vida que eles capitalizaram e que assim se autovalorizou e produziu valor. É claro que num regime de entropia cultural essa “mercadoria” interessa pela sua estranheza, aspereza, visceralidade, ainda que facilmente também ela possa ser transformada em mero exotismo étnico de consumo descartável. Mas a partir desse exemplo extremo e ambíguo, eu perguntaria, também à luz dos nômades de Kafka a quem me referi no início, se não precisaríamos de instrumentos muito esquisitos para avaliar a capacidade dos chamados “excluídos” ou “desfiliados” ou “desconectados” de construir territórios subjetivos a partir das próprias linhas de escape a que são impelidos, ou dos territórios de miséria a que foram relegados, ou da incandescência explosiva em que são capazes de transformar seus fiapos de vida em momentos de desespero coletivo.

Precisar o que está acontecendo neste movimento cultural, também não o fazemos⁸⁷.

Porém, ao proceder à pesquisa no Pomeri vimos o movimento *hip-hop* através da Central

⁸⁶ PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo, Iluminuras. 2003. p.22.

⁸⁷ Não nos arriscamos a precisar porque precisaríamos estudar o funcionamento do mercado fonográfico e mesmo da chamada indústria cultural com maior profundidade, o que não é o caso neste momento. Quando falamos que não precisamos nos referimos também ao fato que constatamos ... *que é inútil querer dominar tudo, ter a pretensão de querer predizer e planejar excessivamente, crer que é possível, em nome de uma teoria, fazer o bem e chegar a uma perfeição durável: o paraíso terrestre.* – Maffesoli, Michel. *O Instante eterno*. P. 112. – Ainda assim percebemos o trabalho do Movimento *Hip-Hop* no Pomeri como inovador e merecedor de investigação acadêmica.

Única das Favelas (C.U.F.A.), sem patrocínio ou interferência da mídia e seus instrumentos de cooptação da cultura popular, dar seus primeiros passos. De fato, concordamos com Pelbart, quando questiona:

*... Que capacidade social de produzir o novo está disseminada por toda parte, sem estar essa capacidade subordinada aos ditames do capital, sem ser proveniente dele nem depender de sua valorização?... todos produzem constantemente, mesmo aqueles que não estão vinculados ao processo produtivo. Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política.*⁸⁸

As iniciativas individuais, como a de L.C. (21 anos de idade), ao criar um *rap da Fazendinha*, e a de C.M. (18 anos de idade), hoje incorporado à C.U.F.A. /MT, sobre a vida no Pomeri, passam, ao menos no nascedouro, longe desta mídia. Ao contrário dos *rappers* paulistas e dos *MCs* cariocas, que procuram denunciar nas letras o cotidiano das prisões e das periferias, assim como a ação da PM, talvez por conta de sua pouca idade, ou por saber que seu alvará de soltura em breve será assinado. C.M.⁸⁹ é enfático, ao esclarecer - *Aê! Se eu cantasse a verdade, não iria sair daqui nunca!* - Assim ele “abre” sua apresentação: *J., Pai de gurizinho, eu vou falar pra todo mundo olhar na lixeira...*, e prossegue cantando:

*O Centro Sócio-Educativo é uma instituição/ O seu objetivo é formar o cidadão/
Porque essa vida não é moleza não/ O jovem precisa aprender a não cair em
tentação/ O centro Sócio-Educativo nos ensina a lição/ Pra viver com satisfação/
A droga não tem vez/ Ela derruba o cidadão/ Na minha vida sem limites cá numa
cilada/ E quando eu percebi já não era mais nada/ Roubava e matava essa era a
jogada/ A droga era presente e me incentivava/ A vida meu irmão não é moleza
não/ O jovem tem que ter amor no coração/ O futuro eu aguardo com satisfação/
Plantei a paz e o amor no meu coração/ Agora eu agradeço a todos de montão/
Porque hoje eu sou um verdadeiro cidadão/ Sei dos meus direitos e também dos
meus irmãos/ Agora eu quero a paz e o amor no coração/ O Centro Sócio-
Educativo é uma instituição/ O seu objetivo é formar o cidadão...*

⁸⁸ PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo, Iluminuras. 2003. p. 23.

⁸⁹ Fomos informados por um professor da escola meninos do Futuro que funciona no Pomeri que C.M. atualmente maior de idade, encontra-se preso no Presídio Pascoal Ramos. Após ter trabalhado como radialista em um programa da C.U.F.A., entrou em uma “fita”, e foi condenado por assalto.

O adolescente B.R. (18 anos)⁹⁰, passava madrugadas cantando sempre acompanhado pelos companheiros de ala. Quando a cantoria começava, no compasso do batuque efetuado no fundo de um velho balde, que ficava de cabeça para baixo entre as pernas do adolescente, impossível era não se emocionar.

B.R. era chamado por alguns de *pagodeiro*, seu visual – cabelo comprido, ora empurrado e escondido sob o boné, ora amarrado com uma tira da camisa do uniforme, e solto nos dias de visita para impressionar as *meninada*, remetia, assim como seu gestual, a um *pop star*, com as poucas roupas e acessórios que dispunha no confinamento, conseguia compor um estilo bastante pessoal, até mesmo diferenciado dos demais adolescentes, ainda que usando alguns elementos comuns a todos, como o uniforme, por exemplo. A música ao mesmo tempo em que lhe conferia certa “distinção”, também tornava seu corpo distinto do corpo dos demais adolescentes. Esta forma de apresentação do corpo, este *esquema corporal*, remete as reflexões de Certeau sobre a composição de uma cartografia de esquemas corporais feita sob forma de narrativa pela história e que indica *maneiras de se comportar, de combater, de residir, de saudar, etc.*⁹¹ Com efeito, é indispensável no confinamento elaborar um corpo capaz, entre outras coisas, de residir e combater.

O Uso do Corpo

O andar, minuciosamente construído, nada tem do *Quasímodo*, longe disto, é altivo! Cabeça erguida, olhos mantidos na direção do olhar do outro, pernas que fazem com que o tronco penda levemente ora para a esquerda, ora para a direita, ombros curvados em uma falsa submissão, que nada mais é que um modo de avaliar o outro e o ambiente, medir o tempo, observar possibilidades, afinal estamos diante de alguém que, compreensivelmente, sempre quer fugir.⁹²

⁹⁰ Encontramos a mãe e uma tia de B.R. na fila de visitas do presídio Pascoal Ramos, quando se preparavam para entrar na instituição. Na ocasião (15/04/2007), as duas visitariam o filho – B.R. –, e o sobrinho L.E. Segundo as duas mulheres, os jovens foram presos e condenados por tráfico de droga. Droga que as mesmas afirmam ser de uso de L.E., e que estava escondida em sua casa. De acordo com as duas irmãs B.R., foi preso por estar visitando o primo e por já ser conhecido da polícia devido sua passagem no Pomeri. Ainda que os adolescentes após cumprirem pena não fiquem com registro ou ficha criminal, tornam-se conhecidos de agentes e policiais.

⁹¹ CERTEAU, Michel. História de Corpos. In: *Corpo e Cultura*, Projeto História 25. Revista do Programa de Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, dez. 2002. p. 407-412.

⁹² Sobre este gestual que compõe o corpo, Michel de Certeau, comenta que, *uma espécie de corpo é definida por um sistema de escolha referente a seus gestos. Mas é definida também por um conjunto de seleções e de*

Os braços e as mãos estão sempre apontando para um ponto, como se estivessem prestes a apertar o gatilho, e por cima desse corpo, que é toda linguagem, o uniforme, constantemente rasgado, rapidamente é transformado em fronha ou em pano de chão. Odiado a tal ponto, que levou o adolescente E.F. (23 anos) a dizer: *Quando eu sair nunca mais vou usar nada laranja ou marrom!* As cores do uniforme trazem à memória as lembranças das surras, rixas, degradações, da claustrofobia sentida na cela, o sono assustado e tantos outros pavores.

A forma como andam lembram os “malandros cariocas” em seu estereotipado uniforme – calça preta, camisa listrada, sapato bicolor, chapéu panamá –, sempre presentes nos desfiles de escola de samba, notadamente entre os mestres-salas, e algumas vezes entre os integrantes da velha-guarda. Certamente, trata-se de uma composição elaborada para burlar o descolorido da vida e fazer-se notar, enfim ensaiar um reconhecimento, ainda que sob rótulos.

Cantar o que os representa, transformar os uniformes em adereços, brigar para usar a roupa que desejam, ou para terem fotos da família, arriscarem-se em um levante, suportarem a batida da tonfa na carne, é o preço que têm pago os internos do Pomeri, pois como afirma categórico Michel de Certeau, *Só existe história onde há um preço a pagar*⁹³.

Os relatos destas vidas são feitos destas coisas miúdas, que de tão comuns passam por nós despercebidos, mas na prisão se tornam tão significativas, como o gosto do ovo frito com aquele arroz branquinho adicionado ao alho e à cebola fritos pela mãe, naquela panela velha que de tão utilizada teve os buracos tampados com algodão, como a bisavó de C.M. lhe ensinou. Estas narrativas, o rememorar sofrido, constitui-se em prática de espaço, posto que *organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés as executam*⁹⁴.

Ao rememorar o gosto e o cheiro do arroz e do ovo frito, C.M. deixa emergir objetos de cena, personagens, práticas e sentimentos. Não é de qualquer panela que se lembra, mas daquela furada que a avó tantas vezes tampava com algodão molhado. A anciã com suas mãos

codificações relativas a registros ainda mais fundamentais tais como: os limites dos corpos (até onde vão?), as maneiras de percebe-lo e de pensá-lo (por suas atividades exteriores, por sua aparência, pela exposição de seu interior), o desenvolvimento dos sentidos (a audição, o olfato, a vista), etc. cada “corpo” seria a combinação dessas determinações... cada sociedade tem seu “corpo”... este corpo está submetido a uma gestão social. Obedece a regras, rituais de interação, representações cotidianas. Tem igualmente seus excessos relativos a essas regras... ele é representado tanto por conformistas como por poetas...O conjunto, ao mesmo tempo codificável e móvel que forma este corpo, escapa à compreensão...Percebem-se performances particulares... gestos e ritos. Mas co campo de possibilidades e de interdições que ele constitui em cada sociedade não é representável... Este corpo tão rigorosamente controlado é, paradoxo, a zona opaca e a referência invisível da sociedade que o especifica. Ela se obstina em codifica-lo sem poder conhece-lo. Essa luta noturna de uma sociedade com seu corpo é feita de amor e de ódio – de amor por este outro que a mantém e de ódio repressivo por impor a ordem de uma identidade. In: **Histórias de Corpos**

⁹³ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 196.

⁹⁴ Michel de. *A Escrita da História*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 200.

ásperas pela lida doméstica realizada em casa alheia, com as maneiras de fazer aprendidas nos anos de existência reconstrói o utensílio e prepara a refeição para o neto – único em liberdade -. A cozinha da avó tem aquele cheiro especial de alumínio amassado e caprichosamente “ariado”. A avó que permite que um lenço branco repouse sobre sua cabeça, que traja vestidos sempre com dois bolsos na frente, bolsos onde guarda as moedinhas destinadas a compra do tempero que na última hora sempre falta, compõem harmoniosamente o lugar de afeto de C.M. O adolescente recorda afagos, gestos que parecem presos a um tempo distante, tempo da meninice, da liberdade. Tempo longínquo, mas tão perto, que pode até tocar em seus sonhos, e que em vão tenta fixar no hoje. Sobre essa magia desse espaço – da cozinha –, Mariano, personagem de Mia Couto suspira:

- Mariano! Marianôôô! Venha, Mariano! Era a voz antiga das mulheres, no tempo da minha infância. Chamavam-me para acender o lume. Cumpriam um preceito de antigamente: apenas um homem podia iniciar o fogo. As mulheres tinham a tarefa da água. E se refazia o eterno: na cozinha se afeiçoavam, sob gesto de mulher, o fogo e a água. Como nos céus, os deuses moldavam a chuva e o relâmpago. A cozinha me transportava para distantes doçuras. Como se no embaciado dos seus vapores, se fabricasse não o alimento, mas o próprio tempo. Foi naquele chão que inventei brinquedo e rabisquei os meus primeiros desenhos. Ali escutei falas e risos, ondulações de vestidos. Naquele lugar recebi os temperos do meu crescer⁹⁵.

Os meninos falam do que acontece agora, do que estão vivendo e sentindo, das relações que coexistem e se entrelaçam no lugar do confinamento, da hierarquização das posições, da imobilidade mantida à força.

A tatuagem⁹⁶ inscrita no corpo, corpo sobre o qual também se lê o direito que prima por subjugá-lo, conta a história individual e coletiva. As diferentes “tatoos”, as feitas antes do ingresso na vida delinqüente, vida que se caracteriza... por viver não á margem, mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca... das feitas no confinamento, as letras da palavra *Jesus* impressas em cada dedo em oposição aos *Lúcifer*, *Diabo*, *Exu*, *Ogum*, parecem funcionar como um amuleto, ou inscrição sagrada, como se marcasse os escolhidos, do mesmo modo, como o sangue na porta dos judeus impediu que o anjo da morte levasse os primogênitos, os protegidos por Deus. *Ogum* cumpre o mesmo papel para seus fiéis, é ele quem vai manter-lhes o corpo fechado.

A criatividade é percebida também na reinvenção do uso dos objetos. A inventividade aprendida e desenvolvida por imposição da escassez, repensa, por exemplo, as peças de

⁹⁵ COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.145.

⁹⁶ Como falamos anteriormente a tatuagem tanto é entendida neste trabalho como uma linguagem, como por um uso do corpo, aqui ela é discutida neste segundo sentido.

rádios, canetas, pilhas, fios, que são redistribuídos, amarrados, colados, e deste emaranhado de sistemas, surgem máquinas de tatuar movidas pelo combustível sugado do tubo da caneta e da corrente elétrica que percorre os fios postos nas tomadas da cela. Maquinazinha rastreada pelo olhar funcional, mas somente detectada em revistas gerais comandadas pela guarnição da P. M., espalha desenhos e cores pelos corredores.

A máquina de tatuar “inventada⁹⁷” no Lar do Adolescente, que sem parar trabalha, nos remete ao *aparelho diabólico*⁹⁸ do antigo e alucinado Comandante da Colônia Penal, que imprimia na pele do Condenado a lição de moral, o estigma, ainda que para depois soltá-lo perfurado no buraco destinado a sepultura.

A máquina projetada, e posta a funcionar pelo Comandante, era assim descrita pelo Explorador:

*Era uma construção elevada. A Cama e o Desenhador tinham igual tamanho, e pareciam dois escuros caixões de madeira. O Desenhador elevava-se uns dois metros sobre a Cama; os dois estavam unidos entre si, nos ângulos, por quatro barras de bronze, que quase resplandeciam ao Sol. Entre os caixões, oscilava sobre uma cinta de aço o Ancinho.*⁹⁹

Mesmo não dispondo dos mesmos recursos que o Comandante - e aí reside o valor maior de sua arte, pois a inventividade, as maneiras de fazer, se constroem contando com a inversão dos objetos -, os adolescentes, obstinadamente imprimem cores e mensagens a seus corpos. As tatuagens feitas por um e outro aparelho, não têm as mesmas finalidades. Enquanto a parafernália da Colônia quer “aplicar a justiça”, como relata o Oficial, ao descrever a platéia que assistia à execução: *Nenhum ruído discordante enfeava o funcionamento da máquina. Muitos já não olhavam; permaneciam com os olhos fechados, na areia; todos sabiam: Agora faz-se justiça.*¹⁰⁰ As maquinazinhas espalhadas pelas celas e alas do Pomeri, por outro lado, buscam reafirmar uma identificação, tanto individual, quanto de grupo, e ao mesmo tempo afrontar o poder constituído. Prova disto são as tatuagens dos números 157, 121... em alusão aos artigos do Código Penal Brasileiro que foram infringidos.

⁹⁷ Certamente os meninos do Pomeri não inventaram a máquina de tatuar. Este é um conhecimento que é aprendido por alguém (um anônimo, um entre tantos detentos), e levado não só para o Pomeri, mas para outros presídios. Estamos falando das “maquininhas” que são reinventadas pelos adolescentes internos, que para tal fazem novos usos dos materiais que dispõem como os que enumeramos aqui.

⁹⁸ Apesar de serem usadas para fins diferentes, e por segmentos diversos, já que a máquina de tatuar da Colônia Penal era empregada pela equipe dirigente como punição e posterior morte e a do pomeri como sinal de enfrentamento, de preservação da identidade e de ornamento – no sentido já discutido anteriormente –, a máquina do Comandante, quanto a dos adolescentes fazem uso do corpo. Máquina e corpo cumprem propósitos bem definidos.

⁹⁹ KAFKA, Franz. *A Colônia Penal e Outros Contos*. São Paulo: Tecnoprint. 1978, p.120.

¹⁰⁰ *A Colônia Penal e Outros Contos*. São Paulo: Tecnoprint. 1978. p.130.

Impor dor ao corpo dos condenados parece não provocar grandes preocupações ao corpo funcional e a equipe dirigente. A convivência com a violência e com a tortura, parece torná-los imunes ao sofrimento do outro. Identificamos o olhar de descaso com que tratam a agonia e o desespero dos que estão sob os severos rigores da lei. O mesmo se dava com o Condenado de Kafka a tal ponto que o Oficial não esconde seu entusiasmo, ao descrever em pormenores o funcionamento do aparelho ao Explorador:

- Compreende o funcionamento? O Ancinho começa a escrever; quando termina o primeiro rascunho da inscrição no dorso do indivíduo, a capa de algodão gira e faz girar o corpo lentamente sobre um lado, para dar mais lugar ao Ancinho. Ao mesmo tempo, as partes já escritas apóiam sobre o algodão, que graças à sua preparação especial contém a emissão de sangue e prepara a superfície para continuar aprofundando a inscrição. Depois à medida que o corpo continua girando, estes dentes da borda do Ancinho arrancam o algodão das feridas, atiram-no ao buraco, e o Ancinho pode continuar seu trabalho. Assim continua inscrevendo, cada vez mais fundo, durante as doze horas. Durante as primeiras seis horas, o condenado mantém-se quase tão vivo como ao princípio, apenas sofre dores. Depois de duas horas, tira-lhe a mordaça de feltro, porque já não tem forças para gritar. Aqui neste recipiente esquentado eletricamente, junto à cabeceira da Cama, verte-se papa quente de arroz, para que o homem se alimente, se assim o deseja, lambendo-a com a língua. Ninguém desdenha esta oportunidade. Não sei de nenhum, e minha experiência é vasta. Apenas depois de seis horas desaparece todo desejo de comer. Geralmente ajoelho-me aqui, nesse momento, e observo o fenômeno. O homem não engole quase nunca o último bocado, apenas o faz girar na boca, e cospe-o no buraco. Então tenho de abaixar-me, pois se não o fizesse me cuspiria na cara. Quão tranqüilo fica o homem depois da sexta hora! Até o mais estólido começa a compreender. A compreensão inicia-se em torno dos olhos. Dali se expande. Nesse momento o desejo que se tem é de se colocar com ele debaixo do Ancinho. Já não acontece mais nada; o homem começa somente a decifrar a inscrição, estira os lábios para fora, como se escutasse. O senhor já viu que não é fácil decifrar a inscrição com os olhos; mas nosso homem decifra-a com as suas feridas. Realmente, custa muito trabalho; precisa de seis horas pelo menos. Mas então o Ancinho já o atravessou completamente e atira-o no buraco, onde cai em meio do sangue e da água e do algodão. A sentença cumpriu-se, e nós, eu e o soldado, o enterramos.¹⁰¹

A descrição do funcionamento da máquina feita pelo Oficial, é tão bem escrita por Kafka, que parece possível ouvirmos sua entonação de voz, que exalta cada detalhe do aparelho, bem como parece se emocionar com a dor do Condenado, como se estivesse possibilitando-lhe a redenção. Em alguns momentos a identificação entre o Condenado e o Oficial parece tão concreta, quase palpável, que ele mesmo diz sentir vontade de se atirar juntamente ao peso do Ancinho, pois naquele instante de entendimento da sentença deu-se a compreensão da justiça da pena.

Tatuar, prática comum na cadeia, encontra na Colônia Penal sua glorificação. Tenta inscrever na pele do Condenado, a atitude de subserviência que se deseja, expressa nas frases: “Honra a Teus Superiores” e/ou “Sê Justo”! Mas nem só a máquina tatua um corpo. O espaço

¹⁰¹ KAFKA, Franz. *A Colônia Penal e Outros Contos*. São Paulo: Tecnoprint. 1978. p.126.

do edifício panóptico com sua costumeira sombra, o ar sinistro, o lodo pantanoso grudado nas paredes em decorrência do “pinga-pinga” das bicas, o olhar fechado e o ar sisudo dos carcereiros, o tratamento recheado de rebaixamentos, tatua o espírito, cria raízes profundas na memória, que nem mesmo o tempo é capaz de apagar. A tatuagem como que cola-se ao espírito, à alma e de lá não se evade mais.

Ao mesmo tempo em que a instituição atira corpos no buraco, alimenta-os com a ração diária, seja ela tão somente a polpa de arroz que o Soldado derramava no recipiente e que o Condenado lambia avidamente com a ponta da língua, sejam as cinco refeições diárias servidas no Pomeri, que mesmo sortidas, e em quantidade suficiente para saciar a fome, é preterida por qualquer refeição vinda de casa.

Instigante pensar na contradição da ação imposta ao corpo, percebida no dilema de ora punir, torturar o corpo, ora alimentá-lo, conceder-lhe o banho de sol, preservá-lo, garantindo-lhe uma sobrevida. Aventamos algumas possibilidades de problematização. A primeira está relacionada ao fato das reivindicações das famílias dos internos, que “gritam” e denunciam diante dos portões das prisões, a situação em que esses menores vivem, cobrando melhorias por parte do Estado. Por outro lado, também não podemos ignorar a ação da Pastoral Carcerária e dos Direitos Humanos, que reivindicam maior atenção, tanto da sociedade civil quanto dos governos, para a população presidiária. Pensamos ainda que a moral cristã, impregnada na sociedade, se vê impelida a garantir uma sobrevida aos detentos, para que o peso da sua consciência seja aplacado. Com estes motivos, e provavelmente existam outros todos podem, ironicamente, dormir o tranqüilo sono dos “escoteiros”, já que praticaram sua boa ação do dia.

Os corpos, alvos preferenciais das punições, são tratados como tábulas rasas, neles até mesmo o direito atua, pois como sugere Certeau:

Não há direito que não se inscreva sobre os corpos. Ele domina o corpo. A própria idéia de um indivíduo isolável do grupo se instaurou com a necessidade, sentida pela justiça penal, de corpos que devem ser marcados por um castigo.... Todo poder, inclusive o do direito, se traça primeiramente em cima das costas de seus sujeitos. O saber faz o mesmo.¹⁰²

O cacete, a tonfa, os sacos plásticos utilizados para asfixiar, as celas da “reflexão”, são ferramentas a serviço da arte de punir, de marcar, de gravar a força da lei sobre o corpo do indivíduo. Contudo, na calada, na sombra inalcançável pelo olhar panóptico, as confabulações, as tramóias, ou apenas aquela disposição interna, que nasce não se sabe como,

¹⁰² CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 231.

nem onde, que faz com que forças saídas das entranhas se unam, elaborem formas de resistir, de preservar a poesia escondida nas dobras de si mesmo.

A poesia que nasce da reciclagem do lixo interno que trazem em si e da vida acontecida na prisão, permite que o bairro onde moram esses adolescentes, seja representado de outro modo que não aquele ligado à sujeira, à escuridão, às poeirentas ruas. As representações nascem também dos sentimentos saudosos da família e de amigos, do céu, da boca¹⁰³, do mundo que carregavam consigo até darem entrada no internamento.

O uso dos Prazeres

Em geral agimos movidos pela necessidade de satisfazer nossos desejos e esta satisfação costuma vir acompanhada de prazer. Não é diferente a sensação que nossos personagens experimentam. Nietzsche indica que, *todas as “más” ações são motivadas pelo impulso de conservação ou, mais exatamente pelo propósito individual de buscar o prazer e evitar o desprazer; são assim motivadas, mas não são más. “Causar dor em si” não existe, salvo no cérebro dos filósofos, e tampouco “causar prazer em si”...*¹⁰⁴

Quando perguntados sobre os riscos decorrentes de infrações – furtos, roubos, assaltos... – os adolescentes respondiam sem pestanejar; *é perigoso, as vezes a gente nem qué mata ninguém, nem qué puxá o ferro, mas a vítima reage... Mas não dá nada não! A gente não consegue trabalho e quando trabalha não pagam quase nada... Mas cê tá por fora! As meninada gosta de ladrão! Ladrão vive com dinheiro, dá umas preza prá meninada...*¹⁰⁵

Na busca por prazer, no instante em que cometem a infração, os adolescentes desconhecem que a maioria da população sequer se atreve a falar do que dá medo... *É um não-dito ensurdecador, é algo que no cotidiano, é empiricamente vivido, é o” sentimento*

¹⁰³ Boca de fumo. Lugar onde se vende drogas ilícitas. As bocas geralmente localizam-se em lugares inesperados, móveis, de fácil evasão.

¹⁰⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 70.

¹⁰⁵ Entrevista concedida em agosto de 2004, por M.A. Dia chuvoso em que estava “pilhado”, na “neura” de ir embora. Da janela da cela falava de sua vida e “filosofava” e dizia: *só você mesmo prá querer ouvir ladrão minha relíquia!*

trágico da vida”¹⁰⁶. Afirmam ainda que “*Na hora da fita a gente não pensa em nada, é uma viagem, maió adrenalina, você pensa que é herói, só vai vê mesmo quando vem pará aqui.*”

Não há como pensar o prazer sem considerar seu oposto, seu duplo, o desprazer, a dor. Sabendo que invariavelmente as infrações os levam a percorrer novamente o caminho de retorno ao confinamento, os adolescentes procuram satisfazer seus desejos no mais breve e curto espaço de tempo. Após a primeira reincidência já se sabe sem ilusões o que a vida na instituição guarda e como Maffesoli sabem que, *a verdadeira vida está por toda parte, exceto nas instituições... a verdadeira vida não tem projeto porque não tem objetivo definido. Daí o aspecto pulsante de suas manifestações. Daí o aspecto repetitivo de seus rituais. Daí a impressão de inaniidade de uma vida que se esgota no ato mesmo de sua criação*¹⁰⁷.

Vidas que se esgotam criativa e corajosamente, no “corre” pela sobrevivência, no afrontamento com o destino, extraindo e sorvendo cada diminuta gota da existência que sabem breve e fugaz.

Isolante é o fio invisível que amarra essas vidas ao espaço cinza institucional, que de tão sufocante parece palpável. Provoca uma ausência de si mesmo, torna o olhar costurado com pontos apertados, impedindo que qualquer perspectiva seja percebida, a certeza seguida do conformismo de não se ter qualquer referência familiar, de amizade, a quem recorrer, como se no mundo os pares já estivessem completos, menos o seu, como transparece no depoimento de M.N., vulgo Toco (17 anos de idade):

Minha mãe sobrevive fazendo uns bico de doméstica, limpando umas casa, minha irmã mais nova também trabalha de babá. Eu sou o mais velho, dezesseis anos, da minha mãe e do meu pai. Minha mãe tem filho com outra pessoa. O Mateus de seis anos e a Carol de quatro anos. Eu me dou bem com eles. Meu pai faz uns corre pra ajudar minha mãe. Tem uns cara amigo dele que arruma um dinheiro pra ele mandá prá minha irmã comprar roupa, as coisas que elas precisa. Meu pai dessa vez tá preso há três anos, mas ele já foi preso outras vezes. Meu pai não teve infância, ele roubava, ia preso, fugia. Meu pai tem 41 anos. Tem três anos que eu não vejo meu pai. Quando ele tá livre, eu tô preso. Quando ele tá preso, eu tô livre... Eu já nem penso mais nele, penso mais nas minha irmãs que querem ver meu pai, arrumar dinheiro pra fiança, mas não tem condição. As vezes eu penso: Será que eu nunca mais vou ver meu pai? E minhas irmãs vão ver meu pai preso e eu crescendo preso? Eu cheguei a conviver com meu pai livre, mas pouco tempo. Ele fica muito tempo preso. Quando ele tava livre, o tempo era pouco, toda hora chamavam ele pra sair, pra fazer coisa errada. Não dava pra conversar, ir no rio pescar. Ele em casa é uma pessoa calma, me trata legal, eu gosto. Eu já me acostumei com ele preso, eu e minhas irmãs não temos uma foto do meu pai, nem sei como ele tá, só de cabeça mesmo. Meu pai me dá conselho pra eu sair dessa vida. Ele diz que isso não é vida, que ele não teve infância, que não é pra eu ser igual a ele. Que nem ele, não pode mais parar, porque tem muita gente querendo matar ele... Eu tenho vontade de parar, mas é até difícil explicar porque eu não

¹⁰⁶ MAFFESOLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003. p. 7.

¹⁰⁷ _____ Idem. p. 14.

*parei. Às vezes você vai na conversa, te chamam pra curtir, pra sair com a mulherada. Aí você não pensa. Você rouba a primeira vez, vê que não deu nada. Rouba de novo. Só quando você vem pará aqui você pensa, porque eu não ouvi o conselho de minha mãe, da minha vó?*¹⁰⁸

A avó de M.N. o visita regularmente, e em uma rápida conversa nos falou:

*Ah, minha filha eu já tô velha, tô cansada, minha vida é visitar cadeia. Sábado eu visito meu neto aqui, domingo eu visito meu filho no Pascoal Ramos, já visitei meu filho até no Paraná! Meu neto é um menino bom, mas você sabe minha filha ele é rapazinho, quer as coisas, a gente não pode dar. Meu filho também era um bom menino. Você viu a carta que ele mandou pro filho? O que você achou? Ele escreve bonito não é?*¹⁰⁹

O relato da avó de M.N., uma senhora que trás no rosto as marcas da dor de ver o filho e o neto trancafiados, é de alguém que quer ouvir algo de bom sobre os dois, mesmo que seja um elogio sobre uma carta. Assim como o neto, que repete - *Meu pai tem até óculos prá lê!*

O depoimento da avó de M.N. aponta entre outras coisas, para a questão dos desejos e do que estamos dispostos a fazer para satisfazê-lo, *Ele é rapazinho, quer as coisas a gente não pode dar...* Refletindo sobre os prazeres e sobre a moral, Michel Maffesoli sugere que, *tradicionalmente a cultura do prazer corre junto com a consciência trágica do destino... a teatralidade cotidiana, a busca do supérfluo, inclusive do frívolo, certamente a importância dada ao carpe diem, sem esquecer o culto ao corpo sob suas diversas modulações, tudo isso é a expressão de tal consciência trágica*¹¹⁰. Os adolescentes têm essa consciência trágica do destino, tanto que quando perguntados sobre a morte de amigos, prontamente respondem: *a gente vive pouco, mas a gente curte*, ou ainda: *o juiz dá a sentença, mas só Deus sabe minha hora!*

No depoimento do adolescente C.M. a questão é retomada, e não apenas a satisfação do supérfluo - certamente que se rouba e se mata pelo que pode ser considerado dispensável: bonés, tênis, por se sentir humilhado -, mas há infrações cometidas para satisfazer necessidades vitais e até mesmo por aceitar que não há alternativa de vida, por entender o que comenta Deleuze: *Se esse mundo existe... não é porque é o melhor, mas o inverso, é o melhor porque é, porque é esse que é*¹¹¹. C.M., mesmo travando um embate interior – e exterior –

¹⁰⁸ Entrevista concedida por M.N. à P.X. na cela 1 da ala III do Centro Sócio-Educativo Pomeri. Cuiabá, fevereiro de 2006.

¹⁰⁹ A avó de M.N. falou sobre o neto e o filho enquanto esperava que as roupas que trouxera para o adolescente fossem revistadas, e enquanto ela mesma aguardava ser revistada para a visita. Cuiabá, maio de 2006.

¹¹⁰ MAFFESOLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003. p. 25

¹¹¹ _____ Idem. p. 21. Tanto Michel maffesoli quanto Gilles Deleuze se inspiram em Nietzsche para refletir sobre os prazeres, os desejos e a moral. Nietzsche inclusive é o inspirador de Deleuze, citado por Maffesoli nesta obra, onde desponta também esta afirmação de Nietzsche: ... *aqui poderíamos viver, posto que aqui vivemos..*

grandioso na tentativa de escapar da “vida do crime”, percebe que é esta vida que há para se viver, é no e do crime que extrai os meios para satisfazer seus desejos e prazeres, como o de ver o filho tomar o leite satisfeito: Assim ele relata:

Cada casa na rua é diferente! Tem casa que tem comida de vez em quando, tem casa que tem comida sempre e tem casa que não tem comida nunca. Na minha não tinha comida nunca. Eu tava trabalhando de servente de pedreiro, ganhava bem, uns duzentos e oitenta reais, mas o serviço acabou aí acabou o gás, cortaram a luz, não tinha mais nada pra comer, quem tava segurando tudo era meu irmão, mas a grana acabou, e ele não podia trabalhar porque era fugitivo da cadeia. Aí um dia eu fui pedir dinheiro emprestado pra ele pra comprar leite pro meu filho. Aí ele falou aí Cacá, o dinheiro acabou eu vou meter uma fita, se você quiser ir comigo. Aí eu pensei, não tem? No dia que eu saí daqui, que o J.H. falou: e agora C. o que você vai fazer? E eu falei: vou agradecer a Deus de eu sair desse lugar e prometer nunca mais fazer coisa errada pra voltar. Nunca mais eu volto pra cá! Eu senti que eu não era mais ladrão! Porque antes eu saía pra roubar, pra assaltar, pra meter umas fita, e não sentia medo, mas agora eu tava sentindo, eu não queria ir. Aí meu irmão falou - você não precisa fazer nada, só dirigir a moto. Aí ele é meu irmão, né cara? Ele tava segurando tudo sozinho, eu devia essa pra ele. Aí, quando meu filho falou - pai eu quero leite - , eu não pensei duas vezes: falei: o pai vai buscar. (...). E agora... eu não consigo comer, porque meu filho tá esperando o leite lá em casa, e eu tô aqui preso de novo, sem poder fazer nada¹¹².

C.M. foi pai aos 13 anos de idade, e aos 17 já tinha quatro filhos. Filho de pai presidiário, teve que assumir desde muito jovem o sustento da mãe e de seus filhos. Sua história, assim como sua fala, explicita as desigualdades e as escolhas que teve de fazer. A experiência vivida, resgatada pelo trabalho da memória, trás à tona a culpa, o ressentimento por sua casa ser diferente das demais, por não ter a comida que o filho pedia assim como sua lealdade ao irmão. Sua trajetória de menino-adulto, apesar de tão curta, é repleta de experiências no confinamento.

Excelente narrador - o tipo “malandro esperto”, com sorriso largo, bom falante e cantor de rap, C.M. no momento da entrevista, não conseguia pensar em uma vida diferente para si, consolando-se então em projetar seus sonhos nos filhos.

Várias vezes presos, a reincidência o marcou profundamente. Indignava-se com os comentários da assistente social¹¹³ e dos agentes: “C.M., você não gosta de liberdade! Tava com saudade da comida da fazendinha!” Em momentos de raiva respondia: *Eu faço ou não*

¹¹² Depoimento do adolescente C.M., interno no Pomeri no quarto 03 da ala III em maio de 2006.

¹¹³ Assim que C.M. retornou ao Pomeri, devido ter sido preso em flagrante durante um assalto, foi chamado pela assistente social E. para atualizar sua ficha. Na ocasião acompanhamos C.M. durante a entrevista, e percebemos sua revolta quando a mesma o cumprimentos: *E aí C.M! Você não gosta de liberdade mesmo! Sentiu saudade da Fazendinha?*

faço o Blairo Maggi¹¹⁴ pagar minha comida! Você vai ter que trazer minha júlia! Vai vendo aí essa velha tirando preso! Dizendo que eu não gosto da liberdade!

Sua fala é vagarosa, porém ininterrupta; tem receio que não voltemos para ouvir o que ainda tem a dizer. Tanto que a todo momento para e fala aos colegas: “*Aê! Todo mundo vai contar o que a .. quiser, isso é bom prá gente!*” C.M. é um dos internos mais antigos e por este fato exerce liderança sobre os demais. E os lembra, vez por outra: *Não tem corró aqui não!* Seu relato trás a força de quem percebe a brevidade da vida e quer segurá-la através da narrativa histórica. As palavras ganham vida em sua boca, sentimos seu olhar frente ao filho que pede leite, assim como a vergonha em nos ver novamente por trás de uma grade, mas com a cabeça baixa fala: ... *cê sabe que eu gosto de liberdade e que eu não gosto daqui né?*

O depoimento de C.M., a forma como classifica as diversas casas, e sutilmente as pessoas – os que podem comprar comida e comer sempre, os que comem de vez em quando e aqueles que saciam a fome muito raramente -, indica a questão do bem-estar momentâneo e do bem estar duradouro. Nietzsche a este respeito sugere que a graus de moralidade que conduzem o indivíduo a satisfazer suas necessidades recorrendo a determinados meios, *no mais alto grau da moralidade até agora, ele age conforme a sua medida das coisas e dos homens, ele próprio define para si e para outros o que é honroso e o que é útil.. O conhecimento o capacita a preferir o mais útil...*¹¹⁵ Apesar da constante culpa, fruto da moral cristã, que o acompanhava - e da qual não se libertava -, C.M., pesou sobre a utilidade deste sentimento diante do pedido do filho e do imperativo suprimento que a casa demandava. Pesar a força da promessa feita ao Coordenador do Pomeri e a Deus de que não mais roubaria ou voltaria para a prisão mensurar a moralidade da infração que cometeria, indicava o quanto C.M. estava preso a determinados códigos morais, mas ao mesmo tempo o quanto a existência exigia que esses códigos fossem reformulados, reinventados e o peso da situação medido.

Ser moral, morigerado, ético significa prestar obediência a uma lei ou tradição há muito estabelecida. Se alguém se sujeita a ela com dificuldade ou com prazer é indiferente, bastando que o faça. “Bom” é chamado aquele que após longa hereditariedade e quase por natureza, pratica facilmente e de bom grado o que é moral... agora sobretudo o benevolente, o prestativo, é chamado de “bom”. Mau é ser “não moral” (imoral), praticar o mau costume, ofender a tradição, seja ela racional ou estúpida; especialmente prejudicar o próximo foi visto nas leis morais das diferentes épocas como nocivo, de modo que hoje a palavra “mau” nos faz pensar sobretudo no dano voluntário ao próximo... Ora toda tradição se torna mais respeitável à medida que fica mais distante a sua origem, quanto mais esquecida

¹¹⁴ Atual governador do estado de Mato Grosso. Reconhecido mundialmente como um dos maiores proprietários de terra. Figura ainda como primeiro no ranking de produtores e exportadores de soja .

¹¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 66-67.

*for esta; o respeito que lhe é tributado aumenta a cada geração, a tradição se torna enfim sagrada, despertando temor e veneração; assim de todo modo a moral da piedade é muito mais antiga do que a que exige ações altruístas.*¹¹⁶

É possível percebermos que mesmo sob o peso da tradição da moral cristã, C.M. tenha considerado, ou quem sabe sentido que ao risco do desprazer da prisão correspondia uma outra possibilidade, a de não ser pego, de conseguir o bem capaz de satisfazer o desejo seu e do filho. O prazer pressentido, imaginado, o movimentou, o dirigiu ato infracional, “imoral”?

O relato de M.N. também indica a procura pela satisfação dos desejos, o maior deles o de enxergar em Raposão a imagem de pai que construiu. Mas do alto de seus dezessete anos, sabe que não pode contar com o pai, ainda assim o desejo de ter um progenitor “normal”, trabalhador, que esteja por perto, não deixa de lhe torturar, bem como a vontade de ter outra vida, o que hoje tenta fazer.

O prazer que M.N. quer experimentar está intimamente ligado a sua relação com o pai. Sobre este prazer relacional, dependente do contato com o outro Nietzsche comenta que,

*De suas relações com os outros homens o homem adquire um novo tipo de prazer, além das sensações prazerosas que retira de si mesmo; e com isso aumenta significativamente o âmbito das sensações de prazer. Nisso ele talvez tenha herdado muita coisa dos animais, que visivelmente sentem prazer em brincar uns com os outros... Em geral, a sensação de prazer com base nas relações humanas torna o homem melhor; a alegria comum, o prazer desfrutado em conjunto aumenta e dá segurança ao indivíduo, torna-o mais afável, dissolve a desconfiança e a inveja; pois ele se sente bem e vê que o mesmo sucede ao outro... Com base nisso se constrói depois a mais antiga aliança: cujo sentido é defender-se e eliminar conjuntamente um desprazer ameaçador, em proveito de cada indivíduo...*¹¹⁷

M.N. elegeu o pai como o outro com quem quer se relacionar, porém o muro que ora envolve o pai, ora envolve o filho e a distância constante, impõem um sentimento de constante desprazer. Para tornar esta sensação suportável o adolescente traça táticas para escapar ao mesmo destino do pai.

Caminhando pelas ruas da capital, M.N., seja com sua vó, seja com sua mãe, manda recados aos que conheceu na cadeia e aos que estão fora, de que quer um trabalho, e lá se vão alguns meses em que nos deu este depoimento:

A primeira vez que eu saí fomos roubar um carro, mas o guri não sabia dirigir direito, bateu o carro num ônibus, aí nós aproveitamos e roubamos o ônibus e saímos correndo a pé, aí ligaram pra polícia e pegaram nós correndo só que já

¹¹⁶NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p; 67-68.

¹¹⁷ Idem. p. 69-70.

bem longe já. Eu já tinha ido bastante vez prás delegacias, tinha várias passagens, mas nunca tinha vindo parar aqui. No dia que eu cheguei aqui, eu fiquei com medo, muita gente gritando: Corró aí! Corró aí! Mas com o tempo eu aprendi a conviver com as pessoas, fazer amizade, eu me acostumei a viver aqui. Mas é difícil ficar longe das pessoas que você ama que te dá conselho, faz muita falta! Na rua as pessoas falam que eu vou ser igual meu pai, que vou matar, roubar. Eu fico até meio grilado, porque eu não quero ser igual meu pai! Eu queria ter um pai trabalhador, porque eu acho que eu não ia fazer as coisas erradas. As vezes é bom, as vezes é ruim, ter um pai igual meu pai. Às vezes é bom, fico até meio assim de dizer pra você, mas às vezes é muita curtição, você conhece muita gente que faz coisa errada, nem sei. O lado ruim é não poder ficar lado a lado, não poder conversar. Você já pode botar na cabeça que você não pode contar com seu pai nas horas mais difíceis. Tem gente que enche a boca pra falar: Ah! Eu queria ser filho de Raposão, ter bastante arma, mas eles não sabe o que eu passei, sem ver meu pai, vendo meu pai sempre preso. Mas o que posso fazer se foi esse pai que Deus me deu, eu nunca vou desprezar ele. Se tiver um monte de gente, e falar aquele ali é meu pai, eu vou falar, é meu pai sim, eu nunca vou discriminar meu pai pelas coisas que ele fez.

M.N. movimentava a memória e o próprio corpo, quando fala da primeira vez que foi internado, olha e diz: *Aê! Não tenho vergonha de dizer não, dá maior medo, pode crê?* Ao lembrar do pai, sua expressão se altera, fica sem jeito, sem saber se será confundido, pois se disser que ama o pai isto pode ser mal entendido, seria como dizer que admira um criminoso. Mas a lealdade que lhe devota, bem como a confusão de seus sentimentos, lhe leva a dizer: *se foi esse o pai que Deus me deu...* Mas entende a trajetória percorrida pelo pai, a vida passada no isolamento, sozinho, sem poder contar com ninguém, solidão que ele também experimenta.

A vontade de romper com o círculo que pensa ter sido iniciado pelo pai, o amor que lhe dedica e que é recíproco¹¹⁸, está expressa neste fragmento de sua entrevista:

Meu pai em casa, tem até óculos prá ler, ele lê bastante coisa, entende essas coisas que você fala. Você conheceu meu pai no Pascoal, ele só tem aquela cara, mas ele não é mau!... Isso aqui não ajuda ninguém, você vai ficando aqui, vai injuriando, injuriando... Você pode até pagar seu crime, pelo que você fez, mas aqui você só pensa em roubar, matar... Quando eu sair daqui eu não posso dizer que eu vou mudar, porque a gente só sabe quando tá fora! Não adianta falar, você tem que botar na cabeça que você tem que escolher, a vida do crime ou largar de vez, mas é difícil, eu não sei. O que eu sinto mais falta é do carinho da minha mãe, da minha vó, das minhas irmãs e da liberdade. Eu tenho sonho de administrar uma coisa só minha, sem depender de ninguém. Tipo uma mini-empresa, começar por baixo. Eu vou conseguir, em determinado tempo eu vou conseguir sim, com apoio da minha família, vou mostrar pra sociedade quem sou eu de verdade.

Sentar-se no canto da cela, tudo olhar sem nada ver, perscrutar os labirintos de si mesmo, e ali, onde se está mais sozinho ainda, ensimesmar-se e perder-se sem mapas, bússolas ou guias que apontem o rumo a seguir. Novamente M.N. suspira, e recomeça a falar,

¹¹⁸ Vide a carta que o pai lhe enviou e que a muito custo chegou às suas mãos, essa carta foi a nós presenteada e ilustra agora a capa desta dissertação.

dessa vez fazendo emergir da memória as lembranças de um tempo que lhe parece muito distante – seus primeiros dias na ‘vida do crime’.

A primeira vez eu fiquei quase dez meses aqui. A vida foi muito sofrida, já na minha primeira vez, eu passei todo esse tempo. Dez meses não é dez dias não. Já apanhei aqui não só de orientador, mas de polícia, aqui dentro. Orientador é cheio de querer ser, só porque eles trabalham aqui, e nós tá preso, você vai falar o que? Nós tava tremendo a bigorna porque tava faltando água. Era oito orientador pra seis adolescentes. Eles entraram e bateram com tonfa,, cacete, pedaço de pau, não bateram muito, muito não, mas duas, três porretadas daquela que deixa... Deixa hematomas. Bateram e não levaram pro IML, nós reclamou, mas não deu nada não. Tia L. acha que os orientador tá certo. Tem uns orientador até bom, mas tem outros.. Aqui não tem pior. Tudo aqui é pior. A comida não é igual da sua mãe. Às vezes não dá nem vontade de ir prá visita, porque dá vontade de ir embora com sua família. Tudo aqui é impossível, tudo é perigo. Nunca cheguei matar ninguém não, mas quase por discussão de festa, gang, a gente se encontra por aí, tromba e já vai querendo brigar, um mata o outro. Aí a gente pensa é melhor a mãe dele chorar do que a minha, se a gente se unisse... A segunda vez foi outra saída de banco. Entremo no beco no HSBC em frente ao Modelo da Fernando Corrêa. Só tinha duas pessoas: um homem e uma mulher, aí anunciei o assalto, peguemos os celulares, os pertences dele, peguemo o carro. Aí o F. tava dirigindo, fomos lá pro centro, pra Praça Ipiranga. Daí fomos dirigindo até Dom Aquino, aí a gente ia no local chamado Taís para desmontar o carro. Aí a gente ia prá outro lugar para desmontar o carro, aí nós encontremo um guri que conhecia o lugar. Aí ele ia levar nós. Aí foi aí que nós corremos porque achemos que era a policia, despistemos, achemos uma gurizada, e oferecemos um celular prá eles ajudar nós, mas a gente ia prá onde eles mandava e não dava certo. Ai encontremos um guri que era irmãozinho nosso, do crime, o P. ele falou pra gente pular o muro que nós ia sair no mato. Mas quando fomos pular era a Companhia da Policia, uma delegacia, mas nós pulamo não tinha mais jeito porque tinha muito polícia atrás de nós até de bicicleta. O cara armou uma xoxa, uma casinha pra nós. Eu ainda saí correndo pulei outro muro, mas não teve jeito me pegaram. O W. conseguiu fugir, ficou escondido lá na Companhia mesmo. Ele esperou amanhecer, enquanto nós tava apanhando lá. Aí ele conseguiu fugir. Ele foi preso depois, mas outro B.O. Eu e F. apanhamos de 15, SARC, Polícia Civil e Militar, até de uma guarnição de bicicleta, deram até um tiro perto da orelha do F.. Depois nos encaminharam prá DEA, Fiquemos cinco, seis dias lá. J,(aponta, colega de cela), já estava lá também, Depois de cinco dias viemos encaminhados para o Complexo Pomeri. Já tem três meses e alguns dias que eu tô aqui. O F. já saiu, foi com cinco dias embora. Era a primeira vez dele. O W. foi preso depois de uma semana (estão na mesma cela hoje), foi preso também por saída de banco. Isso aqui não ajuda ninguém, você vai ficando aqui, vai injuriando, injuriando... Você pode até pagar seu crime, pelo que você fez, mas aqui você só pensa em roubar, matar...¹¹⁹

O concreto, que faz com que o adolescente fique “injuriado”, causa este torpor: M.N. não sabia, até o momento da entrevista, o que encontraria no mundo fora do muro quando recebesse o alvará de soltura, mas desconfiava e sentia medo de dizer a si mesmo que havia outra vida possível, além desta passada entre concretos e ferragens. Ainda assim, num lugar cinzento, fétido e desagradável ao olhar, nas interfaces do inaceitável, na fronteira do

¹¹⁹ As entrevistas que utilizamos neste trabalho foram transcritas na íntegra, pois pensamos que assim mantemos o propósito já exposto anteriormente, qual seja, de constituir esta narrativa em um espaço de dizibilidade e visibilidade dos adolescentes internos no Pomeri.

suportável, continua a persistência em se tirar alguma forma de prazer, já que como Nietzsche comentou, *aqui poderíamos viver, posto que aqui vivemos...*¹²⁰

¹²⁰ MAFFESOLI, Michel. *O Instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003. p. 21.

Segundo Ato:

Disciplina e Inversão

Quem compreendeu plenamente a teoria da completa irresponsabilidade já não pode incluir a chamada justiça punitiva e premiadora no conceito de justiça; se esta consiste em dar a cada um o que é seu. Pois aquele que é punido não merece a punição: é apenas usado como meio para desencorajar futuramente certas ações; também aquele que é premiado não merece o prêmio: ele não podia agir de outro modo. O prêmio tem apenas o sentido, portanto de um encorajamento para ele e para outros, a fim de proporcionar um motivo para ações futuras... Nem o castigo nem o prêmio são algo devido a uma pessoa como “seu”; são-lhe dados por razões de utilidade, sem que ela possa reivindicá-los justamente. Se desaparecessem o castigo e o prêmio, acabariam os motivos mais fortes que nos afastam de certas ações e nos impelem a outras...¹²¹

O Encontro do Corpo com a Tecnologia do Poder

A Ordem de Serviço nº. 102, datada de vinte de agosto de mil novecentos e oitenta e quatro, Cuiabá-MT, registra que o servidor Jair Ferreira Alves, motorista da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor de Mato Grosso, atual Pomeri, tinha como missão levar o corpo de uma criança dessa fundação para Terra Nova, município do interior do estado. Por este traslado que deveria ser cumprido em três dias, Jair receberia Cr\$34.650,00 (trinta e quatro mil seiscentos e cinqüenta cruzeiros). Ficou meio ressabiado, isto no começo, mas o dinheiro era tentador e compensava. Além do mais, deve ter matutado, era um motorista da Fundação e, portanto, tinha que aceitar o serviço e pronto. Assim, transportou um corpo não identificado de uma criança, que pelo peso e tamanho, não poderia ter mais que oito anos de idade, logo imaginou. De fato, era um menino negro, como a maioria dos internados. Desde seu ingresso na instituição, Jair percebera que sentia muito o fato de não ter uma família. Era franzino, exageradamente pequeno! A vida fechada na instituição e a impessoalidade do tratamento e das relações o teriam matado. E posto em um caixão para indigentes, desses mesmos feito com madeira barata de caixotes para frutas vendidas nas feiras livres, seu corpo, agora empalidecido, em nada lembrava o bronze característico de sua etnia. A palidez e a esqualidez do defunto, seu cadavérico corpo dada a ausência do sangue, apresentava

¹²¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p. 75.

estranho roxo esverdeado, com manchas amareladas decorrentes de hematomas. Era assustadoramente pequeno, de uma pequenez aumentada pelos olhos mantidos teimosamente abertos, como a fitar indignados quem, com a curiosidade mórbida dos mortais, vistoriava seu machucado e agredido corpo. Frágil-forte vida, encontrou na morte um meio de escapar à crueldade da instituição. Optou pela morte, ficando deitado na cama de baixo de um beliche de madeira crua, rústico, sem beleza, muito parecido com aquelas camas dos alojamentos nazistas, dos campos de concentração. Apesar do calor costumeiro de Cuiabá, o pequeno sempre sentira muito, muito frio. Sem nome, criança é o que sempre foi. Seu enterramento sem pompa, nem carpideiras para o chorarem, comparável aos velórios dos retirantes nordestinos narrados em Morte e Vida Severina, foi tão somente um extra para Jair motorista do veículo institucional. Ao motorista meio desolado de posse de posse da ordem restou dirigir-se aos setores de pessoal e financeiro para receber pelo traslado. Quanto ao menino franzino de terra Nova, sobreviveu apenas na fria, empoeirada e bem guardada Ordem de Serviço, hoje atacada por traças proliferantes. Até quando irá resistir? Só as traças podem dizer!

Disciplina e Encenação

Histórias como estas compõem o tablado em que o Pomeri se constitui. Atos, cenas, peças que se desenvolvem em uma temporada eterna. Substituem-se os atores, mas o cartaz está sempre a balançar no teatro. Diz Maffesoli:

É forçoso reconhecer-se que a existência social, é antes de mais nada, teatral, e à vista disso cada cena, por mínima e “séria” que seja, é importante. Seja por exemplo, a cena política... sejam as cenas da vida cotidiana ou as dos espetáculos propriamente ditos – em qualquer caso, é conveniente manter seu papel. Na teatralidade, nada é importante porque tudo é importante. E o que, de uma maneira “não-consciente”, preside o ordenamento desta cena é o sentimento de participar, quer se queira, quer não, de uma representação geral. Ora, participação e correspondência naturalmente privilegiam a captura da totalidade¹²².

Sucumbir à disciplina, ou resistir a ela? A morte dessa criança pode ser entendida, tanto como uma vitória do Sistema Judiciário e Prisional, quanto o inverso, ou seja, a supremacia do indivíduo sobre a instituição, o efeito positivo das táticas à despeito da força das estratégias. Resistir em território inimigo, dispondo de poucos recursos, já é por si só atitude desafiadora e digna de punição.

Ao analisar o momento histórico das disciplinas e como estas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII em fórmulas gerais de dominação, Foucault sugere que *a disciplina poderia ser descrita como uma teoria geral do adestramento... que une ao corpo analisável o corpo manipulável... A disciplina é uma anatomia política do detalhe... uma “arte de talhar pedras”*.¹²³

A força da disciplina que se impôs ao menino a ponto de fazer com que a morte assomasse como alternativa aos seus efeitos - o adestramento, a distribuição espacial dos indivíduos, o estabelecimento de presenças e ausências... –, encontra nas instituições totais um espaço ímpar de exercício. Foucault sugere que *o espaço das disciplinas é sempre no fundo celular. Solidão necessária do corpo e da alma... eles devem ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a seriedade de Deus*.¹²⁴

De fato, ao mesmo tempo em que impõe determinado comportamento a disciplina suscita no interno a disposição à resistência. Assim, é possível perceber a morte do pequeno

¹²² MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 18.

¹²³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 118-120.

¹²⁴ _____ Idem. p. 123.

menino também como inversão, resistência ao poder e a tecnologia disciplinar e punitiva. Essa inversão é notada ainda na transformação desse menor de coadjuvante a protagonista, neste teatro em que a existência se constitui. Balandier acrescenta ainda que *não só a existência é toda ela como num teatro, também o poder e sobretudo este é exercido (tem de o ser) teatralmente.*¹²⁵

No palco do Pomeri encontramos alguns – poucos – adolescentes que pensaram como o menino da FEBEMAT, na morte como alternativa ao insuportável peso dos dispositivos disciplinares. Outros, porém, que ao se confrontarem diretamente com as estratégias do poder pensaram sobre o modo como são aplicadas e desenvolveram táticas de resistências. Um desses adolescentes é A.C., 19 anos de idade, líder da cadeia até o momento em que dava a entrevista - posição conquistada pelo tempo de detenção, por participar de rebeliões e pelo tipo de crime que cometeu - contou sobre seu caso, deixando escapar, vez por outra, o que pensava sobre as punições. Vulgo Gordo, simpático, mas calado, conhecido, tendo sido filmado várias vezes pelo programa regional da Rede Record “Cadeia Neles”, devido à repercussão de seu caso, assim conta seu drama:

*Chamam meu caso de “chacina do Shangri-lá”, porque eu fui um cara muito cruel, matei mãe e filho. Me arrependo muito, de coração, daria minha vida pra voltar a vida deles. Porque isso aqui é um inferno, prefiro a morte. A vida aqui é péssima, porque eu vivo trancado. A tranca não regenera ninguém. Não vai a pessoa pensar que vai ficar preso e vai regenerar. Isso vai da sua cabeça, aqui ou lá fora, tanto faz. O que precisa para os guri não cometer crime é emprego, curso, porque tem muito guri que não tem dinheiro, aí pensa, vou roubar. Os orientadores, pra mim, estão aqui pra fazer a parte deles, trabalhar, cuidar de nós, e evitar que os presos saiam prá rua sem pagar seu crime, porque a lei da terra é essa, você errou tem que pagar. A polícia ela as vezes faz um trabalho bom que é proteger a sociedade, e às vezes faz um trabalho ruim que é bater, já prendeu... Também é bom que eles cuida pessoa que rouba pedestre, pai que bate em mãe, isso tá certo, mas para que espancá quem tá preso? Apesar do que eu fiz, matei isso eu não nego, mas eu sou legal, tem pessoa que me julga pela aparência, diz aquele guri matou, mas não se julga pelo que passou, julga daqui prá frente. Se a pessoa já pagou merece uma segunda chance, de amizades, dos empregos, estou pagando pelo meu crime, não? Se eu tiver que ficar aqui três anos eu fico sem dizer nada, porque eu errei, mas quando eu sair, eu saio de cabeça erguida, porque já paguei. Isso que eu tô aqui foi um instante de bobeira. Meu pai era caminhoneiro, eu sonhei um sonho impossível, eu queria uma moto de rally. Quando eu trabalhava, R\$100,00 rendia, durava, já R\$ 10.000,00 de assalto, ganhava num dia, no outro já acabava, é dinheiro amaldiçoado, mas eu errei, tô pagando.*¹²⁶

A partir de sua prática, da experiência do aprisionamento, vivido diversas vezes, visto as diversas reincidências por acumuladas, A.C. afirma que *a tranca não regenera ninguém.* A

¹²⁵ BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Coimbra: Minerva, 1999. p. 11.

¹²⁶ Entrevista concedida por A.C. à P.X. em frente a Ala B do Centro Sócio-Educativo Pomeri. Cuiabá, setembro de 2005.

tranca não remete apenas a prisão, a pena a que o adolescente é sentenciado, mas a todo ritual, simbolismo, representações e toda tecnologia característica do confinamento, diz respeito, como analisa Foucault *a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo... ao conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito.*¹²⁷

Uma das artimanhas engenhadas por A.C., foi a construção de sua imagem como líder da cadeia. Ocupando esta posição era consultado pelos demais adolescentes quanto à possibilidade ações de enfrentamento. Desde o atirar de água, comida, greve de fome, rebelião, A.C. atuava como um consultor, além de ser escolhido em alguns momentos como negociador ou porta-voz dos demais. Esta última função, porém, era-lhe outorgada pelos agentes, já que se movimentando nos interstícios do poder, na correnteza do cotidiano institucional, nem sempre era possível aos internos elegerem representantes.

Ser líder na cadeia não é tarefa fácil, nem vitalícia, a qualquer momento, um novato, um *corró* poder tomar o poder. Tal situação ocorreu com A.C., que após algum tempo no posto – segundo depoimento adolescentes que desejavam este lugar de poder –, começou a ter regalias demais, a querer *tirar com a cara de ladrão!* Em poucos momentos, articulados, os novatos espalharam a notícia de que *Gordo* estava *chefe demais*, deram uma surra em A.C. que permaneceu no seguro – na ala dos caguetas –, até o cumprimento total de sua pena .

Apesar de ter sido deposto do lugar de liderança, A.C., várias vezes reincidente, driblou, até os últimos meses de seu internamento, a maquinaria do poder, sagazmente protegeu seu corpo, criou uma forma de cuidar de si.

A disciplina é exercida através de dispositivos. A própria vida na cadeia se constitui, assim como as demais atividades das instituições de fechamento, em dispositivos disciplinares:

*Pequenas astúcias, dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza.*¹²⁸

No Pomeri, as atividades, parte integrantes dos dispositivos disciplinares - como já dissemos - acontecem em horários previamente determinados pela equipe dirigente, impedindo que o interno tenha qualquer controle sobre a estruturação do tempo, e mesmo que

¹²⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 121.

¹²⁸ _____ Idem. p. 120.

haja internos de espíritos mais audazes, a rotina da prisão procura se impor. Sobre isto Dostoievski a partir de sua experiência como prisioneiro na Sibéria considera:

*Os temperamentos mais salientes, os tipos mais pessoais, aqueles que mesmo sem querer se distinguem, acabavam tratando de se nivelar, de se conformar ao molde genérico. Com exceção apenas de certos sujeitos de índole esparramada (o que lhes propiciava um desprezo geral e imediato), todos os detentos eram casmurrões, desconfiados, invejosos, valentões, cínicos, dados a brios e extremamente sensíveis. Timbravam em não se espantar fosse lá perante o que fosse. Tratavam de levar vida de uniformidade. Isso não impedia, aliás, que de repente o focinho mais insolente não se esgueirasse num gesto de sorradeira covardia. É claro que havia entre nós gente de constituição hercúlea; mas eram simples e chãos. Mas, por mais que se estranhe, cumpre notar que havia alguns de uma soberba mórbida, para os quais a vanglória e a insolência estavam acima de tudo. Como caracteres eram pervertidíssimos; aquilo era um inferno de calúnias, de intrigas, de remoques: perfeita reconstituição do tártaro. Mas todos se sujeitavam à disciplina, às regras e mesmo aos hábitos já encontrados. Mesmo os ânimos mais exaltados acabavam por se submeter. Não cessavam as remessas de indivíduos inflados de vaidade que os levava a ultrapassar todos os limites e a perpetrar seus crimes automaticamente, como numa aura de delírio ou de embriaguez; não tardava porém que a rotina do presídio os domasse. Acabavam sendo domados mesmo aqueles que tinham sido o terror de bairros povoados. Uma vez ali dentro, o calouro logo se dava conta de que caíra num redondel que trabalhava em coro de surdina e logo tratava de baixar o timbre.*¹²⁹

Apesar da rotina que se impõem e que até certo ponto “molda” temperamentos, a sujeição nada possui de absoluta. Por baixo das máscaras, da aparente incorporação da disciplina e a despeito do poder exercido sobre o interno, resistências afloram e organizam-se, espontaneamente ou provocadas por interesses diversos, seja por parte dos internos, como por parte de agentes que manipulam potenciais.

Suspeita-se que uma das tentativas de rebelião na instituição no ano de 2004 tenha ocorrido por ter “vazado” a informação de que um grupo de adolescentes vindo de Cáceres, acusados de estupro havia dado entrada em uma das alas. Esta informação teria sido espalhada por agentes que por terem seus contratos revogados, e pretendiam demonstrar ao governo do Estado o quanto eram necessários ao sistema. Segundo estes agentes, a rebelião só foi contida

¹²⁹ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. São Paulo: Martins Claret, 2006. p. 310. Fiodor Dostoievski, fala a partir de sua experiência como prisioneiro na Sibéria. O escritor que havia sido preso em 1849, em dezembro se viu condenado ao fuzilamento. Já sob a tensão dos preparativos recebeu a notícia da comutação da pena pelo Czar... A sentença foi transformada em exílio na Sibéria, com trabalhos forçados, e Dostoievski ficou preso na fortaleza de Omsk por quatro anos. Apesar da distância temporal, e da moralidade cristã de Dostoievski, que considera inclusive que apesar da falta de utilidade dos trabalhos forçados, sem este seria ainda pior suportar a vida na prisão, consideramos que os objetivos da disciplina analisados pelo autor, quais sejam, o da submissão do sujeito e dos temperamentos, assemelha-se as reflexões propostas por Michel Foucault, quanto aponta para a docilização não só dos corpos, mas das condutas, como papel da disciplina. Foucault acrescenta, porém que a disciplina imposta corresponde também a inversão, a resistência.

porque estavam atentos, de prontidão para o movimento da cadeia. O saldo ao final do motim, contabilizou um adolescente perfurado com cabo de rodo e dois com “chuços”, mas os contratos renovados.

A existência humana e o poder explicitam nas instituições totais seu caráter teatral. O recurso à encenação permite tanto a *representação do impossível* quanto *fixar os limites às dominações*¹³⁰, permite ainda que a cadeia siga seu curso, ou que *a cadeia não caia*¹³¹. A esse respeito Georges Balandier sugere que,

*... o poder estabelecido só pela força, ou sobre a violência não domesticada, teria uma existência constantemente ameaçada; o poder iluminado apenas pela luz da razão teria pouca credibilidade. Não consegue manter-se nem pela autoridade brutal, nem apenas pela justificação racional. Não se faz nem se mantém senão pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização num quadro cerimonial.*¹³²

Acatar a disciplina é atitude dissimulada, encoberta, tal como mais uma vez nos acautela Dostoievski: *isso mascarando uma docilidade tácita – mais ou menos admitida-, como consequência de uma espécie de exame de circunstâncias locais.*¹³³

O direito que a instituição, através do corpo funcional tem de disciplinar, de demonstrar e exercer força e impor dor aos internos pode ser compreendido através da reflexão que Norbert Elias¹³⁴ desenvolve:

O Estado detém o monopólio do exercício da força, da violência física e de seus instrumentos... Pode-se demonstrar que a tendência para formar esses monopólios nessa época passada de nossa sociedade nem é mais fácil nem mais difícil de compreender... Daí segue-se que não é difícil compreender que, com esta monopolização da violência física como ponto de intersecção de grande número de interconexões sociais, são radicalmente mudados todo o aparelho que modela o indivíduo, o modo de operação das exigências e proibições sociais, que lhe moldam a constituição e, acima de tudo, os tipos de medos que desempenham um papel em sua vida.

O exercício da força, esse ritual de violência, da imposição do poder, novamente trás a tona a questão da teocracia, da dramatização da vida. Sobre a relação do poder com a

¹³⁰ BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Coimbra: Minerva, 1999. p. 13.

¹³¹ Na linguagem dos agentes prisionais *segurar a cadeia, não deixar a cadeia cair*, corresponde a não permitir a ocorrência de rebeliões, mas também a deixar claro quem manda na cadeia. Evidenciar aos internos que mesmo os *bereus*, só circulam e que a *correria* só é feita, porque eles – agentes – assim permitem, visto que possuem poder para a qualquer momento impedirem tais “atividades”.

¹³² BALANDIER, op.cit., p. 21.

¹³³ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. São Paulo: Martins Claret, 2006. p. 21

¹³⁴ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 17.

teatralização Balandier considera que: *as manifestações do poder não se dão bem com a simplicidade. A grandiosidade ou a ostentação, o decoro ou o fausto, o cerimonial ou o protocolo caracteriza-os geralmente*¹³⁵.

Nos registros dos livros de punições encontramos indícios dessa ostentação, e no discurso dos agentes orientadores descobrimos sinais, provas de que o corpo esquelético, cadavérico e raquítico, purga sob a ira, o ódio e a violência sobre ele exercida. Não há qualquer pudor por parte do corpo funcional em aplicar a punição. Ao contrário, isto é atitude louvável uma vez que a autoridade e o rigor são características importantes para instituição.

Nos livros de punições e ocorrências, espaço onde o agente não apenas registra a punição aplicada ao adolescente, mas orgulhosamente assina seu nome¹³⁶, percebemos que para aquelas violências que deixam “rastros”, encontramos tão somente a famosa e conhecida frase: *devido ao estado do interno, foi necessário o uso de força moderada...*¹³⁷ Deixar claro quem aplicou a punição perceber-se como funcionário idealizado pelo sistema prisional, explicita a idéia desenvolvida por Norbert Elias sobre o monopólio do poder por parte do Estado, que, em última instância, recorre à força para civilizar¹³⁸ os bárbaros.

O argumento de que os internos são casos perdidos, que só entendem a lei da força, permite que as representações a respeito do adolescente infrator adquiram um tom de verdade absoluta. Assim surgem casos por toda parte de adolescentes que cometeram atrocidades e de pessoas que tinham tudo para ser delinquentes, mas que, por possuírem uma determinação moral sem precedentes, preferiram viver e morrer na pobreza ou sujeitarem-se a trabalhos sub-assalariados. A respeito da moralidade ou da imoralidade das ações humanas, Nietzsche comenta que:

Em toda moral, o essencial e inestimável é o fato de ela ser uma longa imposição... Fato singular, todavia, é que o que há e o que houve na terra de

¹³⁵ BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Coimbra: Minerva, 1999. p. 25.

¹³⁶ Aqui omitido por razões para preservar nossas fontes de quaisquer retaliações.

¹³⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 249. a cerca do direito de punir que a instituição penal se outorga Foucault reflete que: *Mas o efeito mais importante do sistema carcerário e de sua extensão bem além da prisão legal é que ele consegue tornar natural e legítimo o poder de punir, baixar pelo menos o limite de tolerância à penalidade. Tende a apagar o que possa haver de exorbitante no exercício do castigo, fazendo funcionar um em relação ao outro os dois registros, em que se divide: um legal, da justiça, outro extralegal, da disciplina.*

¹³⁸ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador, uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Norbert Elias indica que o conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as idéias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações, ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”.

liberdade, de perspicácia, de arrojo, de ligeireza e de segurança magistral, quer no próprio pensar, quer no governar, ou no falar e persuadir, nas artes e nas moralidades, só se desenvolveu graças à “tirania” de... leis arbitrárias ... é bastante provável que precisamente isto seja “natureza” e “natural”... O essencial “no céu e na terra” é... que se obedeça durante longo tempo e num único sentido: a longo prazo. É assim que se obtém e se obteve sempre algum resultado...¹³⁹

O raciocínio construído a partir dos preconceitos e dos estigmas dirigidos aos adolescentes, das representações permite que o recurso à força não crie problemas às consciências de agentes prisionais, policiais e mesmo a alguns integrantes da equipe dirigente. A tranquilidade na aplicação da disciplina aos internos, dá-se também porque são julgados a partir de um código moral que permite a classificação das coisas, das pessoas e de suas ações em boas e más, certas e erradas, tendo invariavelmente como parâmetro a religiosidade, como aponta Nietzsche:

Ser moral, morigerado, ético, significa prestar obediência a uma lei ou tradição há muito estabelecida. Se alguém se sujeita a ela com dificuldade ou com prazer é indiferente, bastando que o faça. “Bom” é chamado aquele que, após longa hereditariedade e quase por natureza, pratica facilmente e de bom grado o que é moral... Mau é ser “não moral” (imoral), praticar o mau costume, ofender a tradição, seja ela racional ou estúpida; especialmente prejudicar o próximo foi visto nas leis morais das diferentes épocas como nocivo, de modo que hoje a palavra “mau” nos faz pensar sobretudo no dano voluntário ao próximo... Nisso não importa saber como surgiu a tradição, de todo modo ela o fez sem consideração pelo bem e o mal, ou por algum imperativo categórico imanente, mas antes de tudo a fim de conservar uma comunidade, um povo... cada hábito supersticioso, surgido a partir de um acaso erroneamente interpretado, determina uma tradição que é moral seguir; afastar-se dela é perigoso, ainda mais nocivo para a comunidade que para o indivíduo...¹⁴⁰

Nos registros lavrados no livro de punições percebemos tanto a disposição dos agentes em aplicar a disciplina, quanto as táticas dos adolescentes para satisfazerem pequenas coisas, como o acender de um cigarro:

Plantão A: 17/11/05.

Adolescente: G.D., R. B. e A.G. (Quarto 06 da ala II).

Motivo: Forjarem luta corporal para que os orientadores viessem atendê-los com intuito de acenderem cigarro.

Responsável: M. V.

Período: Três recreações - 21/11/05 até 25/11/05.

Já nos registro abaixo outras formas de resistências podem ser percebidas:

¹³⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para Além do bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martins Claret, 2005. p. 103

¹⁴⁰ _____ Idem. p. 67-68

Plantão C – 10/10 à 11/10/05

Por volta das 21h40min ouvimos ruído de parede sendo quebrada, vindo do quarto 03 da triagem. Diante disso foi efetuada uma revista no referido quarto, onde descobriu-se que estavam furando o teto do quarto, sendo para isso utilizado um cabo de rodo. Foram retirados do quarto 03, inclusive um rádio. Devido a transgressão, ficam os adolescentes do quarto 03- triagem – punidos por duas recreações pela chefe de Equipe Noturno M.F..

Ao mesmo tempo em que ao lavrarem os registros das punições aplicadas, os agentes apresentam ao Estado a seriedade, a autoridade que exercem em relação aos internos, deixam explícito o enfrentamento dos mais fracos com o mais forte. Casos significativos deste embate afloram no cotidiano da instituição:

Plantão A – 13/11/05/ Adolescente: C.P./ Motivo: Jogar um copo de água gelada no rosto do orientador J.N./ Período: de 17/11/05 à 02/12/05.

Plantão Adolescente: M.G./ Motivo: Xingar os orientadores./ Responsável: V./ Período: 03/11/05 à 09/11/05.

Plantão C – 03/11/05/ Adolescente: G.D. (ala C). / Motivo: Tentar agredir fisicamente o orientador D.C. em sala-de-aula, sendo necessário o uso da força moderada por parte do referido orientador para defender-se./ Responsável pela punição: J.H./ Período: 01/11/05 à 20/11/05.

Plantão C – 07/11/05/ Adolescente: A.A. e F.M./ Motivo: Xingarem a orientadora M.F. de desgraçada e filha da puta./ Responsável: A.R.V./ Período: Três recreações - 09/11/05, 11/11/05 e 14/11/05.

Plantão B – 08/11/05./ Adolescente: R.S./ Motivo: Agredir e desrespeitar com xingamento o orientador H./ Período: 02 recreações 09/11/06 14/11/2005./ Responsável: Chefe de Equipe Noturno A.

Sobre as punições, o adolescente A.N. comenta: *Ai... estou uma cara punido, é punição em cima de punição. Tô um tempão sem sair da cela. Umas punição eu sei por que, outras não. Já tô até acostumando ficar preso. Quer me punir, pune, não dá nada não!*¹⁴¹

Mesmo a máquina de guerra, sua estrutura entremeada de placas de aço recobertas por acimentadas paredes, os muros, placas de aço, muros, portões e grades, são constantemente alvo da ação dos guerreiros, como apontam os registros:

¹⁴¹ Entrevista concedida pelo adolescente A.N. à P.X. em frente a bigorna do quarto 07 da Ala III. Dia em que A.N. estava “injurado” pois já estando punido recebera outra punição, o adolescente passou aproximadamente vinte dias sem sair da cela. Cuiabá, Setembro de 2005.

Plantão B – 22/11/05/ Ficam punidos os adolescentes dos quartos 05 e 06: C.S., F.M., J.R., J.P., L.B., W. da G., A.G., G.D., R.B., R.A., V.F. e W.B./ Motivo: Fazer “tatu”, buraco na parede entre os quartos 05 e 06/ Período: Três recreações – 10 dias 09 (até 02/12/05)./ Responsável: Líder de Equipe A.

Plantão C – 10/10 à 11/10/05/ Por volta das 21h40min ouvimos ruído de parede sendo quebrada, vindo do quarto 03 da triagem. Diante disso foi efetuada uma revista no referido quarto, onde descobriu-se que estavam furando o teto do quarto, sendo para isso utilizado um cabo de rodo. Foram retirados do quarto 03, inclusive um rádio. Devido a transgressão, ficam os adolescentes do quarto 03-triagem – punidos por duas recreações pela chefe de Equipe Noturno M.F.

Nos livros de punições, assim como no de ocorrências é perceptível os efeitos de verdade produzidos pelo discurso dos agentes. A prisão é um lugar onde coisas corriqueiras, tomam dimensões imprevisíveis. A falta de água, por exemplo, pode ser o estopim de uma rebelião. No registro abaixo ressaltamos duas questões - uma delas podemos discutir, inclusive, porque como já dissemos anteriormente, dispusemos de um lugar privilegiados de observação, fomos testemunhas oculares de várias situações -. A primeira diz respeito ao fato de ter faltado água da instituição durante todo o dia em que a ocorrência foi lavrada, não é, portanto uma alegação, um pretexto, ou um engano, como o discurso, a escrita dos agentes procura induzir. Outra questão está no fato de que, ainda que houvesse água durante todo o dia e que há pouco tivesse faltado, seria absolutamente compreensível, que com o calor típico de Cuiabá os adolescentes sentissem sede. Essa negação em servir algo tão básico e fundamental à manutenção da vida biológica, nos remete a biopolítica, pois segundo Pelbart,

... centrada prioritariamente nos mecanismos do ser vivo e nos processos biológicos, a biopolítica tem por objeto a população, isto é, uma massa global afetada por processos de conjunto. Biopolítica designa, pois essa entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana.

O discurso dos agentes sobre o acontecimento em questão, foi assim escrito:

10/11/05 à 11/10/05

Por volta de 00:00h os adolescentes da ala I começaram bagunça generalizada na ala, alegando que queriam água, apesar de a mesma ter sido servida no horário de sempre, ou seja, às 23:00h, conforme o que já é regra deste plantão; que por mediante de segurança, faz o trabalho das 23:00h em diante sem entrar nas alas, controlando-as por fora.No momento da bagunça, a Líder de Equipe Noturno M.F., juntamente com outros orientadores, adentrou na ala e solicitou que houvesse o fim da bagunça e que a água nos quartos brevemente estaria ao dispor das mesmas, e que esses mesmos já sabiam qual a regra do plantão. Os adolescentes continuaram a bater garrafas, sem esperar o retorno da água em suas torneiras Logo após o Líder de Equipe Noturna do CA – Sr. A.R., ignorando a

presença da líder de Equipe M.F., que ainda não havia se dirigido para o setor de descanso pois estava tentando resolver a situação na ala, até minutos antes. Adentrou na ala I e serviu água a todos os quartos.

A prisão e todo seu ritual baseado no isolamento e nos castigos demonstram uma “especialização na arte de punir”, que se traduz também em certa tecnologia que indica onde bater¹⁴², com quais instrumentos, o tempo que as marcas permanecem no corpo, além do constante rebaixamento moral do indivíduo. Essa necessidade de não deixar marcas, hematomas, diz respeito às técnicas de sujeição. Segundo Foucault, o corpo natural é o objeto de aperfeiçoamento da disciplina. *O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber. Corpo do exercício mais que da física especulativa; corpo manipulado pela autoridade mais que atravessado pelos espíritos animais; corpo do treinamento útil e não da mecânica racional.*¹⁴³

Estas práticas ou esta maquinaria do poder encontram resistências, e se por um lado explicitam a força do poder estatal, de outro, possibilitam a organização dos internos. Goffman sugere que *quando um indivíduo aprende que é portador de um estigma... provavelmente ele estabelece relação com outros estigmatizados.*¹⁴⁴ Daí a coesão dos adolescentes, mesmo os de gangues rivais, quando estouram rebeliões, ou ocorrem fugas, ou mesmo no momento em que um menor é agredido por um agente prisional ou por um policial. Percebe-se esta aproximação entre os estigmatizados também na fala dos adolescentes, quando dizem: *Aqui só tem ladrãozada, só ladrão de responsa, que comanda a nave!* Um outro exemplo dessa aproximação está presente no relato do adolescente A.J.:

A vida aqui é sofrimento, quando você chegou você viu como nós tava, participei de uma tentativa de fuga, do quarto 01, eu, Chico Tripa e J., serramos a grade, passamos fora, rodiamo a cadeia, saímo no canto da piscina e encontremo com um orientador conhecido como Padeiro, mas mesmo assim continuamo a tentar a fuga, nós tava levando maria-teresa¹⁴⁵, tentemo escalar o muro, mas não conseguimos, aí os orientador chegou, os orientador e a polícia. Aí pegaram a gente, fizeram a gente deitar no chão, no canto da piscina, bateram com a teresa, aí transferiram nós pra caixinha de fósforo, aí ficamos um dia lá e arrumaram nós no quarto 01 da triagem. Ficamos trinta e dois dias aqui. Uma vez na sala de TV, teve um

¹⁴² Este saber desenvolvido nesta concepção do corpo como “lugar” de construção de formas de espancamento e tortura, permite que sejam aperfeiçoadas formas de punição que escapam inclusive ao saber médico. Deste modo levar o interno agredido ao Instituto Médico Legal (I.M.L.), deixa de ser um problema. A necessidade de esconder os vestígios deixados pela disciplina, pela punição deve-se tanto ao fato dos suplícios terem substituídos pela prisão como pena mor, quanto pelos valores morais que supostamente não admitem que estas formas de sujeição coexistam no interior das instituições totais.

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 132.

¹⁴⁴ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 15.

¹⁴⁵ Teresa ou maria-teresa, como consta no glossário é o nome dado à corda artesanal, feita com lençóis, geralmente usada para escalar muros e paredes.

*adolescente chamado Marquito, ele bagunçou lá. J.H. entrou pra pegar o colchão, o Marquito socou o pé na parede do boi, arrancou um tijolo e jogou de lá na bigorna pra pegar na cara de J.H. aí acertou na grade da bigorna. J.H. saiu e voltou com cinco, seis orientador: J.H., P., C., Tio T. e R. e entraram prá dentro. Eu fui pro cantinho, disse que não tinha nada a ver, mas eles me deram uma tonfada aqui (no braço), cortou meu braço. Aí mandou separar eu e Cabralzinho e mandou colocar Marquito na caixinha. Bateram só em mim e em Cabralzinho. Isso tudo aconteceu depois da rebelião de 2004, de sete de abril.*¹⁴⁶

A maquinaria do poder no Lar do Adolescente ainda impõe ao interno, a questão da construção de sua subjetividade, a partir da apreciação negativa dirigida ao infrator. È, mesmo sem motivo plausível, comum os adolescentes serem acordados com gritos de: *Acorda ladrão! Vamo lá vagabundo! Isso aqui não é sua casa, marginal! E aí Duzentão!* De igual modo é comum os adolescentes referirem-se a si mesmos como *157, 121, Latrô, Homicida*, incorporando o discurso jurídico-prisional e os signos construídos e emitidos pela instituição e pela sociedade. Introjectar e imprimir no corpo os delitos simbolizam também a hierarquia ou a configuração das posições, respeitada na maior parte das vezes pelo próprio corpo funcional.

A construção da subjetividade e do cuidado de si, é ainda mais complexa para os adolescentes condenados por crimes sexuais. Estes estão afastados das relações com o bando, pois os adolescentes que cumprem por pena por estupro passam todo tempo do confinamento no “seguro”, vivem em um exílio dentro de outro exílio. São inclusive pouco visitados por suas famílias. Mas mesmos estes têm suas táticas. O adolescente A.G., por exemplo, escrevia cartas à amigas e à agentes como forma de criar ao menos uma relação ou um contato simpático. Em uma carta dirigida à uma amiga, o adolescente diz:

*... comigo não está nada bem, por estar aqui dentro desse presídio que me tranca vinte e quatro hora por dia, mais aí! Estou aqui dentro para o que der e vir, tem um doído me olhando de um jeito diferente com sangue nos olhos, mas aí gatinha estou na dele, do jeito que vim ele vouta, estou revoltado querendo fazer coisa que não devo, vamos mudar de assunto logo, logo vai receber a notícia. Quero te agradesser por você não ter se esquecido de mim, pode ter certeza que eu logo estarei ai perto de vocês para novamente curtirmos juntos, estou muito arrependido de ter feito isso mais agora é tarde, tenho que esperar a minha hora. Aqui dentro você não agüenta ficar porque cheira morte, estou sendo mais um sobrevivente deste lugar*¹⁴⁷ ...

Em outra ocasião o adolescente escreve a uma agente:

¹⁴⁶ Entrevista concedida por A.J. à P.X., quando o mesmo encontrava-se punido no quarto 01 da triagem. Cuiabá, maio de 2006.

¹⁴⁷ Carta do adolescente A.G. à T., datada de 11/07/2005.

... Eu estou me sentindo um fracassado, parese que o mundo esta desabando todo em sima de mim, parese que eu não sou ninguém tudo o que eu fasso da errado, eu fui tentar fugir com um guri da minha sela e se demo

Na hierarquia dos delitos, ao estuprador decreta-se a morte cruel por meio de furadas de chuçó ou cabos de rodo ou de vassoura, até mesmo a degola¹⁴⁸, e até se houver oportunidade o jogo de futebol com sua cabeça; para o ladrão ou assaltante, cadeia, para o homicida, perdão, pois em geral mata-se pela “honra”, como decretou o adolescente M.A. (17 anos): *Aí, o primeiro cara eu matei porque quis passar a mão na bunda da minha mulher, isso é coisa de tarado, de Jack (estuprador), isso é mancada grave!*

As infrações cometidas pelos adolescentes, numa leitura totalmente diversa da lei e da norma, podem ser entendidas entre outras coisas como uma tática de defesa contra o abuso de seu corpo já que têm a certeza de que a morte os aguarda. Da mesma forma fugas, rebeliões, xingamentos, o atirar de fezes e urina, também são táticas de sobrevivência. Para Deleuze *as formas de resistência denotam também a posição que o sujeito ocupa numa determinada sociedade*¹⁴⁹.

O adolescente A.P.M. em um momento que pensava em tentar fugir, mesmo com a P.M. vigiando a instituição com um contingente considerável, argumentava que:

*... Se eles atirarem em mim não dá nada não! Quem vai chorar por mim? Não tem ninguém prá chorar não! Até Deus se esqueceu de mim aqui! Vô dizer pró cê, tô pilhado! Tô na revolta! Eu vô tentá ganhá a rua, se morrer é melhor que ficá nesse inferno. Cadeia maldita! Aqui é lugar que filho chora e mãe num vê! Desgraça!*¹⁵⁰

As relações com os tipos particulares de governo e de controle demonstram a não propriedade do poder por apenas um dos grupos que encenam a trama passada entre os muros da prisão. Os momentos de tensão maior sempre colocam em questão a promiscuidade do poder, que não se fixa nem se apega às hierarquias construídas pelos agrupamentos, nem

¹⁴⁸ No Pomeri, os adolescentes, agentes e policiais, contavam de uma rebelião em que um adolescente acusado de estupro, após ser furado com vários golpes de chuços, foi degolado. Após a decapitação os demais – todos amotinados na ala em que o adolescente estava alojado – jogaram bola com sua cabeça, e apenas quando decidiram por fim ao sinistro esporte, entregaram sua cabeça em um taça – troféu – à polícia militar.

¹⁴⁹ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 101/102.

¹⁵⁰ Entrevista concedida por A.P.M. à P.X. enquanto estava confinado no quarto 01 da triagem. Cuiabá, junho de 2005.

respeita as relações de força, mas atende, como diz Deleuze, *as estratégias, táticas, artimanhas...*¹⁵¹

Na prisão, a linguagem que classifica, calcula e traduz as penas, constitui-se também em elemento de resistência e expõem as insinuações, provocações e disputas pelo poder, ou melhor, pelas *estratégias do poder e seus efeitos*¹⁵², disputas essas que acabam por compor uma “microfísica do poder”.

Em Deleuze e Guattari, pensamos vislumbrar as rebeliões como *mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentarias contra os órgãos de poder de Estado*; rebeliões que expressam a exasperação daqueles sobre quem a disciplina, o controle, o direito penal e a ação violenta sobre os corpos, enfim, o poder, é exercido. Maria Lúcia Karan sugere que:

*... a idéia de pena, de afastamento do convívio social, de punição baseia-se no maniqueísmo simplista, que divide as pessoas entre boas e más fazendo com que o papel do criminoso seja também o papel do mal, do outro, do anormal, distinto das demais pessoas, pertencente a uma espécie à parte.*¹⁵³

Esta espécie à parte - os adolescentes infratores - se insurge, ainda que de maneira precária, e em situação desigual de força, contra a opressão imposta pela vigilância, pelo controle e pela disciplina.

A percepção por parte do adolescente infrator da aplicabilidade seletiva da lei, de suas vítimas preferenciais, o embate entre a cultura do magistrado, da polícia, dos agentes e a sua, as associações de idéias entre o infrator e sua condição sócio-econômica, étnica, cultural, incitam também a insurreição contra a sociedade, o Estado e seus “podres poderes”, como insinua Caetano Veloso.

¹⁵¹ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.35.

¹⁵² _____ Idem. p. 40.

¹⁵³ KARAN, Maria Lúcia. *De Crimes, Penas e Fantasias*. Niterói-RJ: Luan Editora, 1993. p. 178.

O Confinamento

No Pomeri, nosso objetivo de investigação, é da mesma ordem do que Goffman assinala a respeito do hospital, *tentar conhecer o mundo social do internado... na medida em que esse mundo é subjetivamente vivido por ele*¹⁵⁴. Também, a respeito da análise sobre as atividades rotineiras, levadas a efeito pelos internos, tornamos ao autor para dizer que:

*... qualquer grupo de pessoas ... desenvolve uma vida própria que se torna significativa, razoável e normal, desde que você se aproxime dela, e que uma boa forma de conhecer qualquer desses mundos é submeter-se à companhia de seus participantes ...*¹⁵⁵

O caráter de fechamento ou o caráter total de uma instituição é simbolizado pela barreira à relação com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, floresta ou pântanos.

Estar confinado em uma instituição de fechamento é estar sob o comando de outros, é a perda da autonomia, da negação do espaço vital, da possibilidade de minimamente estruturar seu tempo, é ser reconhecido tão somente pela infração cometida, pelo estigma de marginal, delinqüente, e não como pessoa. É passar por um processo de desumanização. Engaiolado, é como bicho não domesticável, traiçoeiro e ameaçador, que o interno é tratado.

O Pomeri é uma dessas instituições. O café da manhã é servido por volta das seis horas e quarenta e cinco minutos, e em geral consta de pão com manteiga e mortadela e leite com chocolate, ou às vezes chá. Logo após o desjejum os adolescentes começam a ser encaminhados para as salas de aula. Os adolescentes estão distribuídos nas alas, de acordo com as séries. Assim na ala I estão os alunos que freqüentam a quinta série, na Ala II, a sexta série... A única exceção são os adolescentes do “Seguro” os denominados – “safados”, e os “caguetas” ou os que cometem crimes não aceitáveis pelo código de honra da cadeia, como matar a mãe – para estes, há um horário especial, à noite, para impedir qualquer possibilidade de rebelião para pegá-los.

¹⁵⁴ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1987. p.08.

¹⁵⁵ _____ Idem, *Ibidem*.

O dia começa cedo, antes das sete horas. Tem início então o corre-corre para o banho. É com o início das aulas, às sete horas da manhã, horário em que se dá também a troca de plantão, que os sons da cadeia ganham corpo e uma densidade sinistra, forte, marcante, que parece até que podemos tocá-los. Os gritos mais constantes são: *orientadô (ra)! Cadeia maldita! Desgraça!*, que se repetem em um movimento infundável, constante, como se cumprissem o papel de lembrar-nos a todo minuto onde estamos.

Em geral, os pedidos dos adolescentes aos orientadores são para solicitar aos técnicos – psicólogos ou assistentes sociais – que os atendam para saberem se os relatórios psicossociais já foram enviados ao juizado, se o parecer do juiz já retornou, e em caso afirmativo, se há recomendação para soltura ou não.

Apesar de estar garantido¹⁵⁶ ao adolescente o conhecimento de sua situação processual, geralmente os agentes vêem esta solicitação como inoportuna, trabalhosa, posto que exige que o menor infrator seja algemado, retirado da cela e acompanhado até a equipe técnica. A concepção recorrente por parte do corpo funcional é a de que o interno deve esperar o alvará de soltura calado.

Há também as solicitações de atendimento pela equipe de saúde, pelo coordenador e pelo chefe de plantão. Este último, em geral é chamado quando o adolescente deseja mudar de quarto, seja por ter se desentendido com algum companheiro, seja porque há algum “truta” em outro quarto, às vezes para escapar da ala em que se começará uma rebelião, outras vezes, ao contrário, para ir direto para o “olho do furacão”, para o epicentro do movimento.

As orientadoras são mais solicitadas. Os adolescentes parece que confiam que elas encaminharão seus pedidos mais prontamente, conforme pudemos observar. Mais ainda são solicitadas (constantemente), pelos internos apenas para conversar, falar sobre os atos infracionais que cometeram, sobre suas famílias, mostrar fotos de namoradas, esposas e filhos ou tão somente para passar o tempo. Esta paciência, por parte de algumas orientadoras, em ouvir, o que não é tão simples, pois há recomendação de não permanecerem sozinhas na ala por muito tempo, constitui-se a nosso ver, concordando com Foucault na atenção como instrumento de luta.

Ouvir é possibilitar o trabalho da memória, da linguagem, é reconhecer no outro o humano, a capacidade de diálogo, de afeto, de convivência, de superação do estigma. As

¹⁵⁶ O E.C.A. (Estatuto da Criança e do Adolescente), assegura no Artigo 124º os direitos do adolescente privado de liberdade: I- Entrevistar-se pessoalmente com o representante do Ministério Público; IV- ser informado de sua situação processual, sempre que solicitada; V- ser tratado com respeito e dignidade; X- habitar alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade... As medidas sócio-educativas aplicáveis aos adolescentes infratores, encontram-se integralmente nos anexos.

orientadoras, consideradas como “funcionárias-peso”, pois não abrem e nem trancam grades sozinhas, não dão “porrada”, cumprem a nosso ver um papel muito mais importante, ainda que contraditório. Semelhantemente a Penélope, mulher de Ulisses¹⁵⁷, que tecia durante o dia e desmanchava seu trabalho a noite, em uma ação como a de amotinados – pois enquanto a instituição com todo seu mecanismo, estratégias e dispositivos, que entre outras coisas, deteriora a personalidade, essas mulheres, na maior parte das vezes sem atentarem para a importância de sua ação – reafirmam no interno sua humanidade.

Sem puritanismo ou ingenuidade, a preferência pela atenção das orientadoras dá-se ainda pelas exigências da sexualidade. É primeiro pelo sentido da visão que o exercitar do falo juvenil, porém experiente, por trás do cobertor colocado na bigorna para esconder o “pecaminoso” ato, teima em se avolumar, fazendo com que o sangue circule, preenchendo cavernas, penetrando cavidades e irrompendo prazerosamente em conhecido líquido. Como o *exocet* que perfura o casco do navio, como os utilizados pelos E.U.A. na Guerra do Golfo, e explode em seu interior provocando uma satisfação incompleta - pela rapidez necessária para fugir ao olhar panóptico, invasivo -, que invade o território do opositor, desrespeitando a fronteira do outro, do seu corpo, objeto ilícito do prazer marginal. Assim, ejaculando no chão cinzento, como o estourar da pólvora que elimina vidas, o gozo confinado, biológica e reprodutivamente inútil, destina possíveis vidas ao ralo institucional.

O dia no Pomeri contempla ainda outras atividades. Uma delas, a recreação ou banho-de-sol, merece de nossa parte uma especial atenção, por se constituir em um elemento disciplinar e de controle; disciplinar, porque busca impor o comportamento que se quer; de controle, porque permite a vigilância e a fiscalização sobre as condutas.

A recreação, sua concessão ou supressão constitui-se em um dos focos do olhar panóptico, isto porque o interno se percebe como vigiado, pois a qualquer ação considerada indisciplinada outorga-se a punição, que recai sobre o corpo, que é impedido de se locomover dentro da instituição, percorrendo o caminho cela-quadra, de sentir a água tocar músculos e membros, de se exercitar na piscina, de ter os raios ultravioletas ardendo-lhe e desidratando-lhe prazerosamente no banho-de-sol.

Ser suspenso de uma recreação, de míseros sessenta minutos de futebol de quadra, natação ou mesmo do “lagartear” ao Sol, é para o detento “aborrecimento” considerável, por ser uma das poucas oportunidades em que tem acesso a um espaço maior e diferenciado que o da cela; é ainda ocasião de olhar o outro sem ter em seu raio de visão grades que teimam em

¹⁵⁷HOMERO. *A Odisséia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, MCMLXX.

listrar pessoas com cores carne e bronze, pele e metal, corpo-bigorna; é o momento da extroversão, do riso, mas também das rixas pela posse da bola, pela braçada mais forte, de exibição dos corpos, de risinhos maliciosos, de cobiça e avaliação do muro, no intento de transpô-lo, de observação dos horários de entrada e saída dos carros da instituição e dos que prestam serviços terceirizados, como o caminhão limpa-fossas e o pipa. É o momento de se planejar táticas para burlar a vigilância e táticas de fuga e de se organizar resistências.

Deixar o espaço exíguo da cela é vital para os adolescentes, tanto que se voluntarizam para desentupir fossas, limpar corredores, salas da equipe técnica ou dirigente, lavar os banheiros dos agentes, assistencializar a cozinha, recolher lixo e atirá-lo no “papa - tudo”¹⁵⁸, enfim, quaisquer atividades e sacrifícios são válidos para escapar à umidade, ao odor, à sombra, à chateação do espaço de fechamento. O adolescente E.F., vulgo capetinha do Centro, tinha uma visão privilegiada do movimento dos agentes, visto que sua cela ficava de frente para o corredor de entrada da instituição. Todos os dias quando percebia que baldes e vassouras estavam sendo trazidos, gritava: *Aê! Tira eu aí, vô fazer a correria!* Chamava uma orientadora e dizia: *Aê tia pergunta para... se eu não sou o melhor correria. Em casa eu limpava os banheiro melhor que minhas irmã! Tira eu aê tia! Pode crê!* Se algum outro adolescente discordava de que fosse sua vez de fazer a correria gritava para os demais: *Tem corró aí querendo tira a vez de ladrão!* E.F. limpava os banheiros falando todo o tempo, ensinando quem o vigiava, se passava algum agente e pisava onde estava limpando gritava com sua voz forte e rouca: *Não respeita trabalhador não! Vê se não deixa marca, se estragar meu trabalho... Vai vendo aí seu mancoso! Isso é mancada grave!* Quando terminava o trabalho, na volta para a cela, dizia para quem o havia tirado para o trabalho: *Agradicido aê! De coração!*

Qualquer odor; de alimentos putrefatos, de fezes, do lixo dos containeres ou da urina do inimigo é melhor que o da cela, que só reforça a condição de delinqüente, de alguém ou algo trancafiado, da situação de pobreza, da negritude, de estigmatizado perpétuo, de *ser* sem correção, *ser* que mesmo sob o bater da tonfa já marcada e que mistura de maneira incomum carne e madeira, criando um elixir insólito e nauseante, permanece na delinqüência.

A manipulação da recreação funciona tal como um tratamento a um paciente terminal, que sofre dores atroztes e a quem se manipula através do poder de se ministrar ou não o

¹⁵⁸ Caixa de metal, com ganchos nas laterais, onde é depositado o lixo da instituição. Quando está cheio o “papa - tudo”, é alçado pelos ganchos, por um caminhão guincho e levado até o aterro sanitário por um caminhão do tipo caçamba.

remédio de uso contínuo. Medica-se ou não, em doses homeopáticas o líquido sagrado – a recreação -.

A instituição age como um investigador, um detetive particular que espreita um suspeito, alguém não confiável, que procura observar desvios, e joga como se estivesse se divertindo em um *play station* selecionando as armas, os atalhos e os golpes. Como um alquimista mistura essências em um caldeirão bruxesco criando vudus, adolescentes que trocam o dia pela noite, que temem dormir, que estão sempre alerta aos movimentos da cadeia, receando que alguém entre na cela a qualquer momento, e que ainda que tenham vontade própria, acabam algumas vezes sucumbindo à maquinaria esquizofrênica do poder.

Outra atividade na vida da cadeia é a arte-terapia. Nesta os adolescentes internos efetuam um não sei quê de artístico, que mais parece uma alienação bem ao estilo *Tempos Modernos*¹⁵⁹, do tipo autômato, robótico, apertativo. A partir de revistas baratas, adquiridas em conhecidas bancas de jornal espalhadas pelas esquinas da cidade, os adolescentes se põem a copiar gravuras, paisagens, natureza morta, em um exercício nada criativo, que tosa a inventividade da mesma maneira que a fabricação em série de parafusos, vasos, bonecas, telas e todas as “quinquilharias” que supostamente necessitamos. Esta atividade desprazerosa acaba por negar que... *a sensibilidade artística tem a presciência aguda do combate permanente que existe entre a matéria e o espírito, o estático e o dinâmico, a obrigação e a liberdade... entre a sombra encarnada dos sentidos e da paixão e a luz etérea da razão.*¹⁶⁰

As aulas permitem que o tempo passe, que as mãos manuseiem tintas, massas, líquidos, madeira, mas, ao mesmo tempo, provocam nos internos a percepção de que este aprendizado não garantirá no mundo exógeno a sobrevivência. Sobre as atividades do confinamento Dostoievski comenta: *Os trabalhos forçados regulamentares não eram com intuitos de artesanato, e sim de penitência. Umas tantas horas de tarefa diária... Mas odiavam essa tarefa.*¹⁶¹

O adolescente L. B., é enfático ao afirmar que: *Dá raiva esse mundo da fantasia do pessoal da Superintendência, será que eles acham que vai sair um Picasso daqui? Que alguém vai virar músico? Que vou sair daqui nadador? Eu preciso trabalhar...*¹⁶²

¹⁵⁹ Conhecido filme protagonizado por Charles Chaplin que aponta para a alienação dos operários na linha de montagem em plena era da Revolução Industrial.

¹⁶⁰ MAFFESOLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003. p. 21.

¹⁶¹ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. São Paulo: Martins Claret, 2006. p. 29.

¹⁶² Entrevista concedida por L.B. em frente a “bigorna” do quarto 10 da Ala III do centro Sócio-Educativo Pomeri. Cuiabá, abril de 2006. o dia 03 de março de 2007, às 11:35h, foi noticiado no programa “Cadeia Neles” a morte do adolescente L.B. Vítima de dois jovens, um com 18 e outro com 19 anos de idade, que foram detidos pela polícia que após receber denúncia anônima de que estavam roubando e vendendo drogas os prendeu. Postos

O relato do adolescente T.M. aponta para o mesmo caminho:

*Eu não queria essa piscina, eu queria um curso para sair de boa. A pior coisa daqui é receber ordem de todo mundo. Tô cabreiro, me disseram que minha mulher tá grávida, mas se tiver não da não. Eu arrumo um trabalho. Eu não preciso de nada não, de roupa de marca, eu ando de qualquer jeito.*¹⁶³

A respeito desta visão do adolescente sobre a laborterapia e o mundo o trabalho, Oswaldo machado Filho comenta:

*Apesar de enclausurados esses meninos têm uma visão mais geral que os portadores de um certo saber. Ao contrário do reformador, que antes de iludir precisa iludir-se, o senso crítico desses menores desmonta o discurso “lacunar”, aquele que, ao falar, não pode e nem deve, ir até as últimas conseqüências.*¹⁶⁴

A não perspectiva de ingresso no mercado de trabalho, a quase certeza do retorno à prisão, o sentimento de descaso e de desgoverno por parte do Estado, que tem como representantes próximos a Secretaria de Justiça e Segurança Pública e a Superintendência do Centro Sócio-Educativo exacerbam a revolta e a conclusão de que não há vida fora do crime. Assim, a arte, que deveria ir contra a docilização do interno, estimulando a rebeldia, a inventividade e a reflexão torna-se junto a tantos outros dispositivos, uma estratégia de submissão.

O mesmo sentimento de inutilidade das atividades laborais realizadas no confinamento é denunciado por Alexandr Petrovitch¹⁶⁵, personagem de Dostoievski:

Os trabalhos forçados regulamentares não tinham intuídos de artesanato e sim de penitência. Umas tantas horas de tarefa diária, fora do presídio. Mas odiavam essa tarefa. Aliás, sem ela (distraindo-o, se é que assim se pode dizer) o forçado não suportaria a segregação. De fato, posto à margem da sociedade e da rotina de vida, e ansiando pela sociedade e pela vida, como pode um detento suportar a temporalidade a não ser com irritação e rebeldia? A ociosidade logicamente

em liberdade no mesmo dia, dirigiram-se ao Parque Cuiabá, bairro onde moravam para acertar contas com o delator, assim mataram L.B. De volta a delegacia, um deles confessou o crime, mas foi posto em liberdade por ter escapado do flagrante. O delegado informou sobre o pedido que faria à justiça para que os dois tivessem prisão preventiva decretada. Após algumas horas os jovens informaram que mataram o cara errado. O delator era outro jovem.

¹⁶³ Entrevista concedida por T.M., em frente a “bigorna” do quarto 3 da Ala III, em um dia de calor infernal, onde em uma cela projetada para dois internos, mas que na ocasião abrigava três que faziam um rápido rodízio para se refrescarem frente a um minúsculo ventilador. Apesar de disputado ora e meia voltavam o pequeno ventilador na direção da pesquisadora, que sentada no chão da ala procurava anotar a entrevista de T.M. e a intervenção dos outros dois: M.N. e J.C. ; que perguntavam a todo instante: *Cê vai me tirar? Vai me soltar na banguela?* Também quero dar entrevista aê! (posteriormente os dois foram entrevistados)

¹⁶⁴ Essa observação foi feita pelo Prof. Dr. Oswaldo Machado Filho, em uma de nossas reuniões de orientação. Cuiabá, 16/04/2007.

¹⁶⁵ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. São Paulo: Martins Claret, 2006, p. 29.

aperfeiçoaria os péssimos instintos dos quais antes não se davam conta. Sem trabalho, sem horário de serviço, o homem não se sente mais homem, vira animal, desajusta-se por completo. Daí, mesmo encarcerado, o criminoso preferir um ofício, por um sentimento subconsciente de conservação de sua humanidade, reorganizando uma capacitação gregária¹⁶⁶.

Enquanto que nas prisões para “maiores” as atividades laboriais resultam em salários ou remissão de pena - em algumas unidades há tanto o pagamento quanto a remissão -, no Pomeri não há qualquer retribuição pelo trabalho prestado.

Dostoievski refletindo sobre essa falta de utilidade das atividades do confinamento, comenta que:

Certa vez estive a pensar: para se aniquilar um ser humano livre, castigá-lo sem nexos, ou, em vez dum homem livre, se quisesse fazer um facínora virar um covarde com a só idéia de trabalho, bastaria que àquele e a este se dessem trabalho do caráter mais absurdo e inútil possível... lhe ordenassem levar água dum depósito para outro até o encher, depois o esvaziar, indo encher o que antes esvaziou; ou fosse desfiar areia num crivo, ou transportar terra dum canto para outro, depois a transferir de novo para o local anterior, estou em mim que isso, aquilo ou aquilo outro, ao cabo duma semana, se tanto, o irritaria a tal ponto que preferiria se enforcar ou então cometeria desatinos de possesso, não aturando tal vilania nem tormento. Essa espécie de castigo seria insensatez hedionda, de tortura macabra e inutilidade perversa, afetando não só a vítima como os mandantes. Tal exemplo assim em painel é só para provar como o trabalho forçado, por sua natureza de ordem direta e serventia indireta, tortura como absurdo, degredando um instinto sumariamente nobre¹⁶⁷.

Além de não perceberem a arte como trabalho e sim como hobby, ou como trabalho não rentável, a obrigatoriedade fazia com que os adolescentes a percebessem como castigo. Não raro encontramos no livro de punição da instituição o registro de punições aplicadas a adolescentes que se recusavam à participar das aulas da Escola Estadual Meninos do Futuro e da arte-terapia:

*Livro de ocorrências da ala II./ **Plantão B** – 22/11/05./ Adolescente: E..G.. (A), W.S., (B), T.O. (2), D.Q.z./ Período: 01 recreação 23/11/06./ Motivo: Não ir à aula./ Responsável: À Coordenação.*

Da mesma forma que para o adolescente L.B. - cujo depoimento registramos acima – as aulas de arte são perda de tempo, a nós parece inverossímil que a atividade artística seja exercida com este caráter obrigatório e não por um desejo ou pendor pessoal. De fato, copiar

¹⁶⁶ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. São Paulo: Martins Claret, 2006. p. 229.

¹⁶⁷ _____ Idem. p. 34.

figuras assemelha-se a carregar água de um depósito a outro para tornar a esvaziá-lo, *tortura macabra, insensatez hedionda*.

Concomitantemente a estas atividades, os chamados prosseguem, os gritos ecoam pelos cantos e recantos da cadeia, a umidade decorrente da água gelada que se derrama das bicas das celas, usadas para encher as garrafas *peti* os impropérios, que ruborizam ouvidos finos e ouvidos cristãos, teimosamente avançam, lembrando a todos a não existência de uma cidade civilizada, mas de um caos urbano, de uma periferia escondida em bairros ermos onde a luz elétrica e a água encanada ainda estão chegando e cuja população é despidoradamente trancafiada.

As noites na cadeia

Falar da noite é falar da Lua, de estrelas, de bares, de pessoas à procura, de gente suja que emporcalha a cidade com sua aparência mulambenta e pernicioso, que a ação higienista anseia em retirar do campo de visão dos homens bons, daqueles que transitam seu *style*, com sua carteira grossa e recheada, e seu *tratoir* esnobe.

O universo urbano e todo seu conjunto de ofertas e tramas sedutoras, conspira a favor dos notívagos, dos que perambulam à busca de sensações orgânicas, químicas, poeirentas e injetáveis, dos que sorvem substâncias a colheradas, como se sopa fossem. *Fumaça no cachimbo, cachimbo na cachola*, essa é a noite que adolescentes e jovens das periferias ou não, compartilham, uns comprando, outros vendendo, mas todos dentro do furacão de uma circularidade cultural¹⁶⁸ inevitável e pouco desejada pelos guardiões da moral.

A cadeia é o não-lugar, ou o lugar que não é visto. A noite desse não-lugar favorece que pactos sejam selados, que os desvios ocorram a torto e a direito, nela nem tudo está ao alcance do olhar panóptico que se quer onipresente, onisciente e onipotente. À noite

¹⁶⁸ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 13. Partindo da proposta de Mikhail Bakhtin, o autor emprega o termo “circularidade”, para indicar que: *entre as classes dominantes e a das classes subalternas existiu na Europa pré-industrial um relacionamento circular feito de influencias recíprocas, que se movem de baixo para cima, bem como de cima para baixo...* Pensamos ser possível utilizar esta idéia para compreendermos as trocas efetivadas no isolamento, entre a cultura marginal, a do corpo funcional e a do magistrado, manifestada principalmente, mas não só na linguagem.

corpos masculinos se oferecem à corpos masculinos, comprimidos são transformados em cigarros. O rap, as aulas de *DJ*, *hip-hop* que quebram o silêncio noturno, parecem movimentar mais velozmente os ponteiros do relógio. Provavelmente isto ocorra porque,

*... no ápice de uma civilização “esclarecida”, somente a massa e alguns outros mais habilitam-se a sentir a eficácia destes valores obscuros que, mesmo ao risco de se verem desvirtuados, rondam sempre o corpo social, neste “concreto mais extremo” que é a vida cotidiana... O amor e a crueldade caminham “pari passu”; a luz e a sombra mesclam-se profundamente – e toda esta mistura remete à complexidade da ordem passional... Desta forma não deve causar espanto que, às vezes, o orgasmo se refugie em grutas, em catacumbas ou, de qualquer modo, no mundo da noite... Tal qual uma presença obscura, mas nem por isso menos real, esta paixão acha-se subjacente a todas as situações e representações visíveis.*¹⁶⁹

O período da noite¹⁷⁰ é o do tempo-espaço em que rebeliões e fugas são urdidas. É o escuro que desperta os sentidos, que dá um tom de medo, que assoma desconfianças, que torna o outro animalesco, como a barata em que Gregor Samsa foi metamorfoseado¹⁷¹. Susto, frio no estômago, corpos enlaçados, *Cadeia Neles*¹⁷² na tela, *Linha Direta*¹⁷³ depois, o medo de dormir e não mais acordar, pois *Fred*¹⁷⁴ está a transformar sonhos, inconsciências e transe em pesadelo. Para Maffesoli,

¹⁶⁹MAFFESOLI, Michel A *Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 135.

¹⁷⁰ Idem. p. 129. Maffesoli ao refletir sobre o caráter dionisíaco da noite, sugere que *a noite, o negrume, a escuridão..... frequentemente reaparece sob a dinâmica orgiaca... Qualquer que seja o nome que se lhe dê, é preciso não esquecer que o instante obscuro... acha-se de maneira essencial em toda estruturação individual e societal. É claro que os diversos racionalismos, tão freqüentes no curso das histórias humanas, tendem a apagar tal dimensão – mas ela ressurgue, infatigavelmente, sob os mais diversos disfarces. E ao negar-lhe todo direito à expressão, arrisca-se que seu retorno se dê de forma violenta e incontrolável. Num dado espaço civilizacional, a predominância intempestiva dos valores apolíneos leva a violência obscura às piores culminâncias – e assim massacres, devastações, campos de concentração e outras formas de genocídio, que constituem instrutivos exemplos a este respeito, costumam ocorrer após uma dominação incontrastável da razão. A noite é habitualmente associada ao caos e, pelo relato de numerosos mitos, é ela encontrada na origem do mundo. Constitui, neste sentido, uma estrutura primordial da qual tudo decorre. E ao conferir à noite tal preeminência temporal, parece não haver dúvida que o pensamento mítico pretendia ressaltar sua profunda participação em situações, instituições e afetos – todos fatores constitutivos das sociedades existentes. Em consequência, todas as divindades próximas ao substrato natural serão intimamente relacionadas ao mundo da noite.*

¹⁷¹ KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

¹⁷² Programa policial, sensacionalista exibido de segunda-feira à sábado pela Rede Record, é assistido pelos internos como meio para manterem-se informados das notícias do mundo do crime. É também por este programa (mas não só), que tomam conhecimento da entrada de estupradores na instituição, em alguns casos seus rostos são mostrados no programa.

¹⁷³ Programa policial, semanal, exibido pela rede Globo às quintas-feiras, trás informações sobre foragidos da justiça.

¹⁷⁴ Fred Kruger, conhecido personagens de trillers americanos, tem como meio de aterrorizar suas vítimas invadir seus sonhos e criar pesadelos. O sono era o lugar em que podia além de assustar tirar vidas.

A noite é habitualmente associada ao caos e, pelo relato de numerosos mitos, é ela encontrada na origem do mundo. Constitui, neste sentido, uma estrutura primordial da qual tudo decorre. E, ao conferir à noite tal preeminência temporal, parece não haver dúvida de que o pensamento mítico pretendia ressaltar sua profunda participação em situações, instituições e afetos – todos fatores constitutivos das sociedades existentes.¹⁷⁵

Assim, nas trevas da noite¹⁷⁶, a branca¹⁷⁷ que encanta, a branca misturada, a sobra que se ganha acrescida de soda e amoníaco, a “bagaça” do beco, onde a branca já não é branca, mas amarela, reina como mágica sílfede. Ao rico, o puro pó branco, aos pobres, o restolho, o lixo. Do lixo da “viagem”, ao lixo humano, sem preconceito, é mercadoria de consumo comum a todas as classes.

Quando da ausência das drogas lícitas e ilícitas, a alquimia dos detentos, conjugada com o desejo de alucinação e o espírito inventivo, encarrega-se de, através dos elementos disponíveis - casca de banana, de maçã¹⁷⁸ -, iniciar o processo de fermentação da bebida diabólica, a Maria Louca, que desencadeará o desdobramento, o tele transporte do espírito, que, ainda que gasoso, desloca-se para outra dimensão cromática, transparente, menos densa.

O teatro, atividade que se quis profissional, encena nesse espaço – da noite – o corre pela sobrevivência, o momento em que o ato infracional é cometido, o instante da prisão, o cotidiano do confinamento, as características das relações que se trançam e se espraiam como octopus e se embolam em seus próprios tentáculos, funcionando numa lógica própria, observada e compreendida por poucos. Mas nem só de realidade vive o teatro; ele trabalha também com as substâncias que são processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. A respeito das atividades noturnas, Maffesoli sugere que... *A noite nos aproxima da terra e, assim fazendo, exalta o corpo em suas múltiplas possibilidades. Porém, ao vivê-lo ritual e coletivamente, ela o livra, purificando-o desta angústia constante que é a noite perpétua do corpo na terra... A passagem pela noite permite, antes de tudo, que se aceda à vida intensa.*

É estudando e recorrendo às subjetivações que o enredo da peça ganha, perante os sujeitos, significação. São signos que remetem a signos, em uma rede circular e de multiplicidade infinda. Os internos se reconhecem nas peças escritas, montadas, dirigidas e

¹⁷⁵ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 129.

¹⁷⁶ Idem. p. 132. Segundo Maffesoli na obra *do Marquês de Sade as cenas orgiásticas descritas remetem, por sua vez, ao mundo noturno da exacerbação dos sentidos, assim como à crueldade e ao assassinio... o paroxismo sadiano... significava de alguma forma compensações dadas à “parte de sombras”, que nos estrutura, por uma razão em oposição de momentânea hegemonia.*

¹⁷⁷ Modo como se designa na linguagem do isolamento, ou do tráfico, a cocaína.

¹⁷⁸ Atualmente não é permitido o consumo de maçã no Pomeri.

encenadas por eles, sob direção de profissionais. A platéia, em especial a de agentes, se reconhece, mas como potenciais vítimas, e se interroga sobre a validade de encenar o que já se conhece, o que, aos olhos destes funcionários seria incentivar a violência.

Observar a atuação dos personagens em cena é uma experiência surreal, é como observar os relógios de Salvador Dalí¹⁷⁹ se derretendo na tela, é ver vagões e vagões descarrilados, ziguezagueando nos trilhos em um balançar frenético, saltitante, desarticulado. Farsa das farsas, personagens-atores, espectadores co-partícipes da vida que incessante jorra pelo ladrão e vaza do receptáculo teatral, drama e tragédia que se afastam e se aproximam constantemente. Na leitura de Maffesoli, encontramos uma possibilidade de reflexão sobre a identificação dos adolescentes internos no Pomeri com a noite, e sua disposição para encenar seu próprio drama. Assim comenta o autor:

É nas trevas que o corpo individual pode alagar-se em corpo coletivo, do mesmo modo que o princípio de individuação e a pessoa atomizada cedem lugar a uma entidade mais global, mais confusional – que não deixa de lembrar a correspondência cósmica. Retomando esta dimensão natural, o orgiasmo, em suas diversas formas, renova junto à comunidade a lembrança de que em tal dimensão reside sua característica essencial¹⁸⁰.

As atividades propostas pela instituição não são cumpridas ao modo e desejo desta. Ao se entregarem ao seu exercício, os adolescentes imprimem suas marcas, as resignificam, criam uma nova *maneira de fazer*¹⁸¹, constroem representações e símbolos que têm a ver com a percepção do teatro em que se constitui a própria existência. Maffesoli, recorrendo a Durkheim, e refletindo acerca do simbolismo, sugere que:

... não se trata de “simples artifício”; é justamente por ele que se pode pôr em destaque aquilo que nos fatos sociais, transcende as consciências individuais... “A vida social, sob todos os aspectos e em todos os momentos de sua história, somente é possível em virtude de um vasto simbolismo... se os símbolos têm origem no grupo, são eles que permitem a continuidade do sentimento que o grupo nutre por si próprio. O símbolo é a causa e o efeito de toda vida societal. Portanto não é somente com base na consciência ou na razão que o grupo se

¹⁷⁹ Pintor e desenhista espanhol, nascido em Figueras (Catalunha). Aderiu em 1929 ao surrealismo do qual seria uma das mais discutidas e importantes figuras.

¹⁸⁰ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 132.

¹⁸¹ CERTEAU, Michel de. *Invenção do Cotidiano*. : 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 41. Sobre esta temática consideramos importante a discussão feita por Michel de Certeau sobre a forma como o consumidor cultural se apropria dos produtos fabricados pela mídia. *A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas “maneiras de empregar” os produtos impostos por uma economia dominante.*

*constitui... a socialidade opera através de figuras, a um só tempo bem tipificadas e moventes, que permitem a cada um atualizar todas as suas potencialidades.*¹⁸²

Pensamos que ao resignificarem as atividades, ao simbolizarem à sua maneira as cenas cotidianas, os meninos do Pomeri tornam a vida isolada minimamente suportável, ao mesmo tempo em que numa ação escamoteada amotinam-se contra os desígnios institucionais, conforme teremos oportunidade de verificar mais à frente.

As rebeliões

Ocorridas geralmente à noite, mas não somente nessas desoras, as rebeliões são momentos de tensão e confronto entre grupos rivais – os prisioneiros e os vigias, o sistema prisional e a sociedade, a família dos internos e a mídia, ou ainda a cultura do preso e as do magistrado, da P.M., dos agentes e tantos mais.

A noite é o tempo eleito, pois ao baixar sua cortina, prenunciando o próximo ato, permite a expansão dos murmúrios e a socialização dos lamentos. Para Maffesoli, *é nas trevas que o corpo individual pode alagar-se em corpo coletivo... renova junto à comunidade a lembrança de que em tal dimensão reside sua característica essencial.*¹⁸³

O Adolescente A. J., vulgo Sandrinho/ K-Pasta, hoje com 18 anos de idade, nascido a 13 de dezembro de 1988, no interior, em Rosário Oeste, nos contou sobre a sua vida na cadeia, e em especial sobre sua experiência em uma rebelião:

No dia sete de abril de 2004, por volta das duas horas da tarde, numa quarta-feira, dia de jumbo no C.A., eu tava morando no quarto 03 do C.A. Eu, C., Branco e A. que tá na ala III. Daí o orientadô tirou eu prá levar na enfermaria. Daí quando eu tava indo, já tava uma bagunça na ala II, nove guri de Cáceres. Aí quando eu tava dentro da enfermaria eu escutei dois tiros de arma, aí um minuto depois desses dois tiros de arma o orientadô saiu prá fora, pra ver o que era. Quando ele saiu prá fora a rebelião já estava estourada. Começou na ala II. Estourou porque os guri de Cáceres não tinha colchão, pediram pra tia L., mas ela disse que não tinha, que tinha feito pedido, mas não tinha chegado. Nós queria também televisão e ventilador e visita íntima, e a gente tem direito, mas eles acham que a gente não tem. Só a ala I não participou. Peguemo uma professora de refém, uma professora nova. A rebelião estourou as duas horas da tarde e terminou às seis horas da manhã, porque negociaro. A professora na hora ficou assustada, meio chorando, mas aí a gente foi conversando de boa, e ela foi acalmando, mas tinha umas gurizada que dizia que se a polícia entrasse nós ia matar ela. Às seis horas da manhã negociaro. Aí ficaro com J., C. e A. e Ta Feio, lá no quarto 09 do C.A. Nós

¹⁸² MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

¹⁸³ _____ Idem. p. 18.

*ficamos lá fora, onde é a Ala III até umas meia-noite e fomos encaminhados para o presídio Pascoal Ramos. Antes a polícia entrô pelo C.A. Deram um tiro na porta e entraram enquadrando. Eles que botaram todo mundo lá prá frente, deram vários tiros, mas aqui nós não apanhamos não, apanhamos no Pascoal Ramos. Só quem apanhou aqui foi Deco e Ita. Chegamo lá colocaro nois tudo pelado, fomos direto pro container, aí começou a bater em nois de palmatória, na bunda... era rápido, nós ia passando e apanhando. Quando chegemo, fiquemo onde fazem a revista e o banho de Sol, do banho de Sol chamou nome por nome e arrumou nós na cela separado. Daí a gente ficou pelado até a quinta-feira à noite, dia inteiro pelado. Aí na quinta-feira à noite nois recebeu roupa. Um aparelho de roupa pra cada um. Aí depois começou a servir o lanche... Nesse dia de quinta-feira comemo só um pão de lanche e um tantinho assim de leite, não almoçemo nem jantemo, aí na sexta-feira deram a refeição direito. Depois de uns cinco dias os adolescentes começaram a receber visita. Alguns adolescentes! Num prazo de dez dias nois vimos uma morte de um maior que aconteceu lá no container. Aí, eu não tô ligado como foi não!*¹⁸⁴

O relato de A.J. nos permite perceber e entender melhor as motivações que impulsionam os adolescentes ao risco imprevisível e incalculável de uma rebelião e principalmente o caráter político das rebeliões, tal qual já evidenciado por Foucault, para quem as coisas mais cotidianas são políticas. De fato, para esse pensador,

*Quando... aqueles que fazem reivindicações do tipo; melhor alimentação, aquecimento, não ser condenado a penas absurdas por bagatelas, portanto reivindicações que são do domínio de seu interesse imediato, as fazem de modo coletivo, apoiando-se na opinião pública, dirigindo-se não aos seus superiores, aos diretores de prisão, mas ao próprio poder, ao governo, ao partido no poder. A partir desse momento, sua ação tem uma forma política". É isso que caracteriza os movimentos políticos atuais: 'a descoberta de que as coisas mais cotidianas – o modo de comer, de se alimentar, as relações entre um operário e seu patrão, a maneira de amar, a maneira com que a sexualidade é reprimida, as coações familiares, a proibição do aborto – são políticas'*¹⁸⁵.

As rebeliões, ao contrário da idéia transmitida pela mídia, que as mostra, principalmente as ocorridas nas FEBEMs do Rio e São Paulo - , como se fossem práticas costumeiras, deflagradas sem planejamento, repentinamente, são, segundo constatamos, acontecimentos esporádicos no cotidiano da cadeia.

Em geral, segundo nossas observações, as rebeliões ocorridas no Lar do Adolescente são motivadas pela insatisfação diante morosidade com que a justiça aprecia os processos dos meninos do Pomeri, pelo tratamento desqualificante que recebem tanto por parte dos agentes, quanto da equipe dirigente, pelo pipocar de punições, e também pela indignação moral, esta tanto no sentido de reagir as humilhações impostas por agentes e policiais, quanto pela necessidade de se fazer cumprir o “código de honra” - construído nos presídios, mas

¹⁸⁴ Entrevista com A.J. em frente ao quarto 1 da Triagem. Cuiabá, maio de 2006. Assim como as demais entrevistas concedidas pelos adolescentes, optamos por registrá-la na íntegra por entender que este documento legítima e dá força a narrativa.

¹⁸⁵ FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. XLIV

também respeitados e seguidos nos centros sócio-educativos -, que determina a morte a estupradores e delatores; ou mesmo pela “neura” de se estar preso.

O adolescente L. S. (16 anos), após ingerir aproximadamente 300ml de desinfetante, nos chamou para em seu desespero relatar: *Aí, tô ficando louco não guento mais puxar cadeia, tô esquecendo tudo, até os nomes das pessoas que eu conhecia, nem sei mais os hinos que minha mãe cantava, sabe qual? Canta pra mim!*

Percebemos que a maioria dos adolescentes internos utiliza como justificativa para deflagrar uma rebelião a questão moral, talvez por sua aceitação, e aprovação, tanto por parte do corpo funcional, em especial de agentes e policiais, quanto por parte da sociedade civil. Eliminar os “safados”, os “sem-vergonha”, aqueles que estão “fazendo hora extra no mundo”, é sempre a justificativa primeira, porém pode não ser a única e sequer a real, como apontamos no parágrafo acima.

De fato a população dos presídios e dos centros sócio-educativos possui um código moral que não admite desrespeito a qualquer de suas normas, mas também sabem que alguns elementos desse código moral são compartilhados pela sociedade civil, exemplo disso é o não perdão aos estupradores. Em geral recorrem à justificativas do senso comum, comumente ouvidas por cidadãos de todos os níveis sociais. Uma dessas justificativas era constantemente expressa pelos adolescentes: *Com tanta cachorra por aí, tanta mulher na rua, o cara tem que pegar a força? Isso é mancada grave, sem perdão! E se fosse a minha filha? Quem diz que se ele for solto não vai pegar a minha filha ou a sua? O cara é tarado aé! Um Jack! Safado!*

Esta aquiescência implícita em se condenar o estuprador a morte está ligada ao fato da sociedade delegar poderes a outros para executar a justiça, mesmo que esse outro seja alguém condenado pela justiça. Em certa medida isto decorre ainda, do fato da humanidade ter deposto Deus deste cargo de julgador ao modo da lei mosaica, como analisa Nietzsche:

*Após o fim da crença de que um deus dirige os destinos do mundo e, não obstante as aparentes sinuosidades no caminho da humanidade, a conduz magnificamente à sua meta, os próprios homens devem estabelecer para si objetivos ecumênicos, que abrangam a terra inteira... Talvez uma futura visão geral das necessidades da humanidade mostre que não é absolutamente desejável que todos os homens ajam do mesmo modo, mas sim que, no interesse de objetivos ecumênicos, deveriam ser propostas, para segmentos inteiros da humanidade, tarefas especiais e talvez más, ocasionalmente.*¹⁸⁶

¹⁸⁶ Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 33.

A legitimidade com que o interno se sente revestido ao executar um estuprador advém da necessidade de termos “justiceiros”, que apliquem medidas que não nos atrevemos a pronunciar. Esta tarefa é dada a sujeitos que compartilham um código moral diverso do da maioria, julgado imoral, mas que o torna capaz de fazer aquilo que silenciosamente é aceito.

Por certo que a reflexão sobre este duplo – bem, mal –, e sobre o fato de considerarmos um a partir da percepção do outro, é minuciosamente presente nas análises de Nietzsche:

Examinai a vida dos mais fecundos homens e povos e perguntai se uma árvore que deve elevar-se altivamente nos ares pode dispensar o mau tempo e as tempestades; se a hostilidade do exterior e as resistências externas, se todas as espécies de ódio, de inveja, de teimosia, de desconfiança, de dureza, de avareza e de violência não fazem parte das circunstâncias “favoráveis”, sem as quais nada, nem sequer a virtude, poderia ter um grande crescimento? O veneno que mata as naturezas fracas é um fortificante para as fortes. E por isso nem lhe chama de veneno¹⁸⁷.

Vigarello¹⁸⁸, a respeito da violência sexual, sugere que o estupro é *primeiramente uma transgressão moral no direito clássico, associada aos crimes contra os costumes, fornicação, adultério, sodomia, bestialidade e não aos crimes de sangue. Ele pertence ao universo do impudor, antes de pertencer ao da violência; é gozo ilícito, antes de ser ferimento ilícito*. O autor contribui para as análises acerca das questões em que estão envolvidos os crimes sexuais. Através da prática, como já indicou Oswaldo machado filho, os adolescentes percebem que é possível esconderem-se atrás desta moralidade, da mesma forma como é difícil escapar ao seu ataque. Assim sendo, em algumas ocasiões desferem ataques aos estupradores como justificativas para as rebeliões.

No ano de 2005, ocorreu no Pomeri uma tentativa de rebelião *sui generis* – debelada pelos alcagüetes. - Os “caguetas” ou delatores são segundo Foucault criação e estratégia do próprio sistema prisional, é de sua colaboração, da delação, que circula a informação que permite inclusive impedir, em muitos casos, que os levantes tomem proporções maiores. Segundo esse pensador, *a prisão foi o grande instrumento de recrutamento. A partir do momento que alguém entrava na prisão se acionava um mecanismo que o tornava infame, e quando saía, não podia fazer nada senão voltar a ser delinqüente. Caía necessariamente no sistema que dele fazia um proxeneta, um policial ou um alcagüete. A prisão*

¹⁸⁷ Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martins Claret, 2006. p. 50.

¹⁸⁸ VIGARELLO, Georges. *História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI – XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 30

*profissionalizava*¹⁸⁹. E ainda segundo o autor: *a prisão disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.*¹⁹⁰

No dia três de setembro de 2005, por volta das dezenove horas, os adolescentes internos na Ala IV – Seguro – deflagraram uma rebelião. Inesperadamente¹⁹¹, os adolescentes do lado esquerdo (onde moram os alcagüetes) decidiram atentar contra a vida dos adolescentes moradores do lado direito aquela destinada aos estupradores, que estão representados na hierarquia dos infratores, como asquerosos, “vacilão”, “doentes”.

Contudo o adolescente M.G. (17 anos), apontado pelos agentes prisionais feitos reféns como um dos “cabeças” do movimento, oferece em seu depoimento as razões que segundo ele, levaram ao “motim”:

*Fizemos a rebelião porque os orientadô sempre roubava meia hora da recreação da gente; entrava de madrugada prá bater em nois, só porque nois pedia pra arrastá a tela.... E acrescenta ainda outro motivo:... depois das dez da noite, os orientadô não qué mais servir água, mesmo quando não tem água na ala....*¹⁹²

A questão da honra, pelo menos na rebelião de 2005, aparecia tão somente como pretexto. A se acreditar em M.G., o mais verossímil é supor que se tratasse de um descontentamento dos adolescentes com o desgoverno institucional, com a forma como os dispositivos disciplinares estavam sendo aplicados sobre os internos. Micro-poderes, coisa miúda, pequena, como a recusa em servir a água, fomenta questões maiores, como o debate sobre a forma como o poder se expressa, bem como a relação entre os conflitos do sistema prisional e os problemas econômicos.

Em uma ocasião, presenciamos a entrada da PM, no Lar do Adolescente, ocasião em que, por falta d’água, os adolescentes atiraram as refeições no corredor e bateram por horas a fio nas bigornas, provocando um barulho tão intenso e ensurdecedor que parecia que as

¹⁸⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 133.

¹⁹⁰ Idem, *Ibidem*.

¹⁹¹ Não temos conhecimento até o momento de outra rebelião liderada por alcagüetes. O inesperado da situação está no fato de que em geral os internos identificados como “caguetas”, “dedo-duro”, são em geral, alvo dos demais, as alas em que ficam devem, ao menos supostamente, receber vigilância especial tanto quanto as em que estão confinados os estupradores. Encontramos um exemplo do modo como estes adolescentes vivem sob ameaçado dos demais no registro lavrado no Livro de Ocorrência do dia 30/11/2005, no verso da página 84 está relatado que: *Os adolescentes AS., C.P., A.G. e A.C., em conversa com os orientadores O.V. e G.B., relataram a eles, que receberam um bereu no qual estava avisando que os adolescentes da ala III ou das alas I e II, irão estourar uma rebelião para invadir a al IV. O fato ocorreria durante a recreação para ou sala de aula. Pedimos a todos os orientadores responsáveis pela ala IV, que tranquem os portões no cadeado e o portão da ala também.*

¹⁹² Entrevista concedida pelo adolescente M.G. à P.X., quando este se encontrava punido após uma semana de ter participado da rebelião e ter sido considerado como um de seus líderes. Cuiabá, setembro de 2005.

grades se romperiam e as paredes desabariam. Um cristão poderia descrever a cena como o próprio inferno.

Ao indicar a localização dos adolescentes tidos como “cabeças” do movimento¹⁹³ a disciplina atende ao que Foucault denominou de princípio da localização imediata:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo... Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento... para conhecer, dominar e utilizar.¹⁹⁴

Manifestação como esta não indicam apenas a reação dos internos ao sistema, como também o modo e até mesmo a presteza da reação do sistema a uma demonstração de força. Naquele momento a força se deslocou e se alocou em outro extremo. Foucault, ao dizer que o poder não é exclusivo a uma classe, que ele se dilui e se concentra que é uma estratégia, nos oferece a possibilidade não só de definir, mas também de visualizar a migração do poder, como se fosse uma energia, algo fluídico e fugidio, um gás, que naquele momento estivesse

¹⁹³ No dia 09/11/05 verso da página 192 e na página 193 do livro de Ocorrências, os agentes registraram o ocorrido da seguinte maneira: *Por volta das 2:00h da manhã os adolescentes do quarto seis da ala I e do quarto três ao seis da ala II começaram a bater grades e xingarem os orientadores alegando a falta de água; foi solicitado a presença do chefe de plantão V. que imediatamente veio falar com os adolescentes para que parassem de bater grades que o caso seria resolvido, assim que a caixa de água enchesse o suficiente para ser distribuída nas alas. Mesmo assim continuaram o tumulto. O chefe de Plantão V. ligou para o Coordenador J.H., que o orientou para que chamassem a PM e retirassem todos os pertences dos mesmos até segunda ordem. Com a chegada da guarnição da PM procedeu-se segundo a orientação da coordenação na qual abaixaram ânimos exaltados dos adolescentes. (Página 193): Os adolescentes das alas que foram retirados os colchões continuaram até este presente horário 06:57, batendo bigorna e proferindo palavrões contra os orientadores exigindo a devolução dos colchões. Os orientadores do Plantão A do dia 09 a 10 de novembro perderam o seu quarto de horas de descanso. Deixando assim a critério da coordenação. Os líderes da bagunça são: A.J (quarto 04, ala II), V.(quarto 04 ala I), E.C.(quarto 05 ala I), L.B. (quarto 06 ala II), V.F.(quarto 06 ala II), A.A.(quarto 05 ala II), S.P.(quarto 05 ala II), P.R. (quarto 03 ala II). O relato dos agentes omite que os adolescentes estavam sem água desde às 14:00h, assim como não registra o fato de todos os adolescentes terem sido retirados da cela - a pretexto de uma revista geral - despidos, e que ao saírem passavam por um corredor polonês formado por policiais, recebendo destes tapas no rosto, “tonfadas” nas costas e chutes nas pernas. Após isto todos receberam ordem para deitarem de costas um com o rosto para os pés dos outros - a visão era como se estivessem dispostos como as sardinhas em lata. -; então, foram pisados por policiais que andavam sobre eles cuspiendo e desferindo golpes com as tonfas novamente. Quando receberam nova ordem para se levantarem e retornarem para as celas percorreram ainda uma vez o corredor polonês de policiais que se pôs em fileira frente às celas, não sem antes disparar munição “anti-motim”, que feriu com queimaduras as pernas de praticamente todos os adolescentes. O único a escapar sem ferimento foi E.F. - Capetinha do Centro -, que estava conosco na enfermaria. Ao passarmos com ele pelo C.A. paramos estupefatos frente ao que nos parecia um oceano de meninos deitados no chão. Fomos então para o L.A., algemamos nosso braço ao dele para que ele não apanhasse. Importante lembrar que as 19:00h, horário em que era trocado o plantão, o coordenador J.H. deixou um recibo assinado autorizando o caminhão pipa a abastecer a unidade, porém quando o chefe de plantão solicitou o abastecimento a empresa se recusou a receber como pagamento tal autorização. O coordenador só foi encontrado na madrugada quando a polícia já havia entrado. Depois um cheque foi assinado e o abastecimento feito.*

¹⁹⁴ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 122-123.

saindo de um corpo – o Estado – representado pelo sistema prisional, e entrando em um outro corpo, - nos adolescentes infratores -.

Em momentos especiais como esse, as relações de poder balançam, como se estivessem viajando em um trem a uma velocidade constante. Mas não é o vento, nem o apito, nem a parada na estação que o faz mudar de lugar ou posição, e sim a forma com que as estratégias são traçadas e postas em prática.

Sem pretender transmitir uma visão idílica, romantizada dos adolescentes infratores, e sequer esconder o não respeito às regras consideradas “normais” pela sociedade, nossa intenção é entender que significados têm as rebeliões no cotidiano da cadeia e como estão representadas no imaginário dos personagens da trama passada no Pomeri. Natalie Davis reforça nossa intenção, quando afirma que... *o outro, sua experiência estrutura-se numa lógica própria que é possível desvendar*¹⁹⁵.

As rebeliões, dentre outras coisas, constituem-se em estratégias muito bem elaboradas para escapar ao desterro não apenas do corpo, mas da história, da ausência de notícias sobre este mundo à parte, ou seja, a invisibilidade na mídia, desconhecimento da sociedade, que ignora quem sejam esses adolescentes, o que pensam e sentem, e como escapam à loucura e à tortura do trancafiamento. As rebeliões podem ser ainda, recorrendo a Natalie Davis, *um ritual de transformação da “vida séria cotidiana”, ou a “criatividade social” na retomada de instituições tradicionais, e ainda “mudanças de alocação de poder, por oferecer novas formas de pensar sobre o sistema e de reagir a ele*.¹⁹⁶

O adolescente A.J. de 17 anos, não teve medo de afirmar como se sentia no momento das rebeliões: *Aí, é legal vê esses orientadô, que gosta de batê, sair correndo com o cú na mão, quando a gente tá fora da tranca...*¹⁹⁷

O emocional, o imaginário, a vingança, mesmo que efêmera, o “gosto” de medir força, de perceber a fraqueza, o medo do outro, de humilhar quem impõe a humilhação, estão entre as motivações para o “embarque” em uma rebelião. O sentimento mesquinho, o veneno, a excitação ou mesmo prazer pela dor do oponente estão neste momento liberados. É a hora em que se sentem “acima do bem e do mal”, sem pudor ou problema de consciência, atuando como juizes que decidem sobre a vida e a morte dos reféns, invertendo os papéis, deixando o banco dos réus para tomarem de assalto a posição de juizes. E recorrendo novamente a Natalie Davis, pensamos que *o que teria levado as pessoas a pensarem que podiam*

¹⁹⁵ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 155.

¹⁹⁶ _____ Idem. p. 154.

¹⁹⁷ Entrevista concedida por A.J. à P.X. em frente ao quarto 01 da Triagem. Cuiabá, maio de 2006.

*corretamente assumir os papéis de padres, pastores e juízes, é o fato de acreditarem que suas ações eram legítimas*¹⁹⁸.

A questão da legitimidade, do modo como se vêem no direito de assumir a tarefa que a Lei destinou aos magistrados pode ser percebida em falas como a do adolescente T.M. (16 anos), que explicita a não aprovação da atuação da Justiça:

*Aê! É certo orientadô batê em adolescente? Se ele viesse de mão limpa aí tudo bem, mas vem com tonfa, e qualquer coisa chama mais orientadô! Polícia já prendeu, nós já tamo pagando os erro aqui dentro, eles tem direito de batê? Por que que a justiça não faz nada? Num prende rico, nem político, filho de rico faz racha. Eu vacilei, mas muita gente vacila e num acontece nada!*¹⁹⁹

O adolescente A.J. acrescenta:

*(...) Teve um dia, numa quarta-feira, um orientadô, o apelido dele é Bomba, o A. me bateu porque eu tava pedindo pra conversar com a minha psicóloga, pra falar com a minha mãe. Aí eu comecei a soltar o pé na bigorna, aí ele tirou eu da sala-de-tv, e começou a bater com a tonfa, deu mas cinco, seis pauladas em mim, na minha perna, no meu braço... Já fiquei punido muitas vezes, por bater em bigorna, xingar orientadô...*²⁰⁰

O adolescente T.M. já cansado de tanta punição relata:

*Os orientadores só porque andam de cacete dá uma de brabo. Já apanhei muito aqui de B., A. e., Apanhei porque os cara aprontaram, B. veio bater, eu não fiz nada não, só falei pode bater. Cadeia? Isso daqui, só piora o preso. Essa escola aí, eu não sei lê nem escrever e tô passando de ano*²⁰¹.

As rebeliões representam também um movimento de resistência cultural, por explicitar o embate entre a cultura delinqüente e a institucional, a cultura dos prisioneiros e a dos magistrados, que explodem em um gargalo comprido dia após dia, ao extremo. É a resposta por não suportar o olhar institucional que despreza que ridiculariza as “roupas de malandro”, o “som sem sentido”, que deprecia o andar gingado, carregado de movimentos misteriosos e amedrontadores, fazendo com que ombros, mãos e pés, intimidem e apavorem.

Percebemos ainda um caráter político nas rebeliões, no sentido de que tais são formas de tornar este universo visível, de ter algo com que barganhar, de colocar as queixas em pauta,

¹⁹⁸ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p.156.

¹⁹⁹ Entrevista concedida por T.M. à P.X. em frente ao quarto 02 da ala III. Cuiabá, agosto de 2005.

²⁰⁰ Entrevista concedida por A.J. à P.X. em frente ao quarto 01 da Triagem. Cuiabá, maio de 2006.

²⁰¹ Entrevista concedida por T.M. à P.X. em frente a “bigorna” do quarto 3 da Ala III. Cuiabá, agosto de 2005.

de impor a negociação entre lados perceptivelmente degladiantes entre: o Estado, representado pelo Sistema Prisional, e os internos²⁰². É no grito, na balbúrdia de uma rebelião, na opção por permanecer punido, privado de banho-de-sol ou recreação, que conseguem melhorar as refeições servidas diariamente, o tratamento recebido... São momentos como estes que fazem aflorar e expõe o desgoverno da instituição e do Estado, a falta de um objetivo, de um programa que vise garantir, ainda que minimamente, as condições de sobrevivência dos adolescentes internos e suas famílias, bem como apresentar-lhes outras perspectivas para além da vida criminosa. É assim, no pontapé e a cambalhotas que se busca uma fissura que rompa com o silêncio. Enfim, é com o “método da pancada”, aos trancos e impertinências, entre greves de fome e intransigências, que os adolescentes atirados nas celas do Lar do Adolescente são vistos e se fazem ouvir.

Os agentes, aqueles a quem o destino, a sobrevivência e o ofício selecionaram como cães de guarda. Demonstram também o desgoverno do qual falamos. Em entrevista, todos sem exceção, afirmaram que exercem esta profissão por falta de opção. O agente prisional C.A., 37 anos, dez de trabalho na instituição, desabafa e sonha com outro futuro: ... *Você acha que alguém sonha em trabalhar aqui? Ninguém pensa, quando eu crescer vou trabalhar numa cadeia, com vagabundo...*²⁰³

A dimensão do urbano sobre a qual nos debruçamos, a da violência, é invisível, O que ocorre no interior do Pomeri, uma rebelião, por exemplo, é “privilégio” para poucos. O que há por detrás de seus muros, o que vigia seus vigias, são questões solenemente ignoradas pelo conjunto da sociedade. Esta comunidade, composta por uma população jovem, cheia de acnes, com voz oscilante e envolta nas questões relativas à puberdade, tem vida curta ou, como dizem, *Vida loka, só Deus sabe a minha hora!*

Expor-se ao risco de uma rebelião não assusta a maioria dos adolescentes infratores internos no Lar do Adolescente que não atinge a idade de vinte anos - geralmente são mortos por policiais e gangs rivais, por vingança e perseguições -. Conviver com a proximidade da morte, faz com que estes adolescentes assumam a *vida loka*, intensa, breve, passageira, como um fato, como algo dado, do qual não podem escapar e destemidamente se envolvam em atos infracionais mais arriscados, “cabulosos”, “sinistros”; além de darem a sensação de desapego e desvalorização das relações familiares e de amizade.

²⁰² Ao contrário do Estado que estabelece e hierarquiza órgãos e instituições que os represente, os internos usam como tática a ação coletiva. Sem porta-voz, percebe-se mesmo após as rebeliões, quando a presença da imprensa é exigida por eles, que fala quem está mais próximo do microfone. De fato, há momentos de exceção, quando os mais antigos - com penas maiores ou reincidentes - chamam para si a função de negociadores, mas na maioria das vezes não possuem qualquer representação, tomam a palavra na força do grupo.

²⁰³ Entrevista concedida por C.A. à P.X.no Centro Sócio-Educativo Pomeri Cuiabá, novembro de 2004.

A prisão não é apenas uma das dimensões do urbano, como nos parece estar localizada em uma dimensão surreal, em um outro plano ou esfera pertencente a outra galáxia, ou mesmo em um buraco negro, em um ponto qualquer do Cosmo, como o asteróide B-52 de Exupéry²⁰⁴. Com linguagem, leis, tradições, relações de poder, uma cultura própria, este mundo *sui generis*, apesar de “invisível”, ameaça, cria e alimenta o sentimento de insegurança e, obviamente, fomenta as indústrias que oferecem proteção tecnológica e humana: portões, alarmes, carros blindados, trancas, rastreamento por satélite, sprays, gases, armas, enfim um aparato “inventado” para conter a delinqüência e enriquecer a indústria da segurança. Afinal como comenta Foucault *a prisão fabrica delinqüentes, mas os delinqüentes são úteis tanto no domínio econômico, como no político.*²⁰⁵

A mídia promove o medo, o andar assustado, a sobressaltos, o pânico, servindo-se para tal, da repetição das imagens de ocorrências policiais, dando à população a impressão de que as infrações ocorrem em um número além do real²⁰⁶. São estratégias de uma maquinaria que extrai lucratividade da marginalidade e da violência.

A mídia sensacionalista, que sobrevive da promoção dos crimes, como o regional “Cadeia Neles”, programa que expõem, rotula e explora adolescentes e crianças e adultos, através de imagens e conceitos baseados no senso comum e em preconceitos, profetizando na voz características dos apresentadores de tais programas - voz gritada, investida de um poder teocêntrico que lhe dá o divino direito de julgar os infratores através de valores morais duvidosos - que “marginais” adolescentes ou não, podem ou não se recuperar.

Constatamos que este tipo de abordagem está presente também no mato-grossense “Baixada 40º” e no paulista “Cidade Alerta”, parecendo-nos uma política da mídia nacional, “desinformar” a população sobre esta dimensão do urbano, e sobre a violência e as questões sociais e culturais que envolvem as reflexões acerca da violência e das prisões.

As rebeliões são eventos que oferecem um ibope invejável a tais programas e a seus apresentadores, que esbravejam palavras em favor da maioria penal, da pena de morte, revisão do Código Penal e de maior rigor do Poder Judiciário.

De fato, a prisão é impossível, pois concordamos com Michelle Perrot que a prisão nasce segundo sob o signo do fracasso. Todo seu método é eficaz naquilo que se constitui seu

²⁰⁴ EXUPÉRY, Antoine de Saint. O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

²⁰⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 132.

²⁰⁶ O jornalista Gibran Larchowski, intrigado com a quantidade de crimes noticiados pelo programa *Cadeia Neles*, e percebendo a frequência com que determinados casos eram reprisados pelo programa decidiu acompanhar da calçada em frente à Delegacia Metropolitana de Proteção a Pessoa um dos plantões, e observou que apesar do número de ocorrências lavradas ser considerável não ocorria no mesmo volume que o noticiado pelo noticiário citado.

objetivo primeiro, como já analisou Foucault, garantir a governamentalidade. Para nenhum outro fim ela se presta. Não há como preparar para o convívio em sociedade, isolando. No mínimo, isto poderia ser pensado como uma atitude discrepante, contraditória. Tampouco há como prevenir roubos, assaltos e crimes contra o patrimônio, se as vidas de tantos, adolescentes ou não, continuam expostas à mesma miserabilidade. Assim como nos parece fracassada a tentativa de fazer com que os adolescentes infratores respeitem o direito à vida, se costumeiramente têm seus direitos individuais e coletivos negados.

A prisão, instrumento que garante a governamentalidade - que segundo Foucault²⁰⁷ tem desde o século XIX, cumprido o papel de controlar as condutas e as almas, o governo da população -, cresce a olhos vistos. Num ritual satânico, cada vez mais meninos e meninas, são nelas depositados, repetindo a sina dos pais, levados como em um episódio de “lenda urbana” a reviver eternamente a mesma história²⁰⁸.

Quando crianças, como não são passíveis de punição²⁰⁹, são colocadas nos abrigos e lares, na adolescência, são transferidas para os Centros Sócio-Educativos, e na idade adulta vão para os presídios. Não raramente, seus filhos e netos seguem a mesma dita, como é o caso de M.N. (16 anos), preso no Centro Sócio-Educativo Pomeri, que é filho do conhecido Raposão, preso no Presídio Pascoal Ramos, em Cuiabá, e atualmente cumprindo pena no presídio de segurança máxima em Catanduva, Paraná, por força de um pedido do diretor da instituição que alegou rumores de que Raposão e mais cinco internos, entre eles Sandro Louco comandariam uma rebelião. A respeito disto M. N. diz:

... Aí, meu pai diz pra eu sair dessa vida, porque pra ele não dá mais tempo, se ele sair tem uns dez caras querendo matar ele... Meu pai diz pra eu não ser igual a ele, e eu não quero ser igual meu pai, eu queria ter um pai trabalhador, daí quem sabe eu não ia aprender a fazer coisa errada. Mas eu amo meu pai, se algum dia alguém falar pra mim, no meio de gente: Aí M. aquele ali é seu pai, o Raposão, eu vou

²⁰⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979 p. 277.

²⁰⁸ _____ *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p.249. A este respeito, esta continuidade de histórias de vidas, Foucault indica que: *A rede carcerária... não tem lado de fora... Não consente em perder nem o que consentiu em desqualificar... se é verdade que a prisão sanciona a delinquência, esta no essencial é fabricada num encarceramento e por um encarceramento que a prisão no fim de contas continua por sua vez. A prisão é apenas a continuação natural, nada mais que um grau superior dessa hierarquia percorrida passo a passo. O delinquente é um produto da instituição. Não admira, pois, que, numa proporção considerável, a biografia dos condenados passe por todos esses mecanismos e estabelecimentos dos quais fingimos crer que se destinava a evitar a prisão.*

²⁰⁹ O E.C.A. (Estatuto da Criança e do Adolescente) no Art. 103º determina que: São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, a estes quando seus direitos forem ameaçados ou violados serão aplicadas Medidas Específicas de Proteção, quais sejam: I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II - orientação, apoio e acompanhamento temporários; III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV - inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; VII - abrigo em entidade; VIII - colocação em família substituta.

*falar: é meu pai sim, é o pai que Deus me deu, e eu não vou discriminar meu pai, pelas coisas erradas que ele fez... Aí, meu pai nunca teve infância, só viveu preso, eu não tenho uma foto do meu pai, só lembro o rosto dele de cabeça. Eu penso: Você pode esquecer de Contar com seu pai nas horas difíceis, porque quando ele tá preso, eu tô solto, quando ele ta solto, eu to preso. Me preocupo com minhas irmãs vendo meu pai preso e eu crescendo preso, mas eu sonho: um dia eu vou estudar muito e ser gente de gravata...*²¹⁰

O adolescente T.M. de 17 anos de idade, através de seu ingresso na instituição e de tantas reincidências, contribui com sua própria desgraça para a elaboração do saber sobre o interno, ao narrar parte de sua história indica essa sensação de repetição das histórias:

Nasci em Cuiabá, Mato Grosso. Tenho quatro irmãos, cinco comigo, três homens e duas mulheres. Um morreu, mataram por treta, 16 anos. Agora dia 29 de janeiro faz quatro anos. Quando criança eu morava com meu pai e minha mãe, no Bairro do Carumbé, Av. dos Trabalhadores. Eu tinha dois irmãos no crime, o Christiano e Josuel. O Josuel morreu de aids, o Christiano mataram. Minha infância foi só de crime Priscila, desde os oito anos. Eu robava as coisas do mercado e assaltava com arma já. Eu robava porque gostava, eu não precisava. Com meu irmão Christiano já roubei, já matei. Matei um sem-vergonha do bairro, ele fez feio, banhista, cagueta. Matei a paulada e pedrada. Eu tinha onze anos, ele tinha uns treze, quatorze. Com oito anos eu fui para o SOS criança, porque dei uma cadeirada na cara da professora. Fiquei uns três ou quatro meses, aí fugi, fui para o Pedra Noventa, prá casa. Comecei a vender droga, pegava dos outros prá vender; depois comecei fazer meu próprio negócio. Fui preso com treze anos. Dos oito aos treze vendi droga. Fui preso por tráfico, fiquei um dia só na DECA²¹¹, na Avenida do CPA, na captura. Caí por tráfico e porte ilegal, eu andava com um 38. Saí e comecei roubar só assalto, comecei a fazer 155, pra roubar corrente. Eu usava pasta base, maconha e cocaína, desde catorze anos²¹².

Finalmente, esta dimensão do urbano – a da violência das prisões -, fechada a sete chaves, escondida de todos, cumpre na sociedade contemporânea o papel de encarcerar, controlar e disciplinar, contribuindo, supostamente, para que as demais dimensões do urbano sigam seu curso em paz.

A vida na cela

Asfixia, sudorese, taquicardia, disritmia, hipertensão, claustrofobia. Com esses sentimentos adentramos as celas da triagem, não sem antes enfiar mãos às luvas. O cheiro de suor nos colchões já finos de tanto suportar o púbere corpo, as paredes rabiscadas, os

²¹⁰ Entrevista concedida por M.N. à P.X. em frente ao quaro 01 da Ala III. Cuiabá, agosto de 2005.

²¹¹ Delegacia Especializada da Criança e do Adolescente, hoje substituída pela D.E.A.

²¹² Entrevista concedida por T.M. à P.X. em frente a “bigorna” do quarto 3 da Ala III. Cuiabá, agosto de 2005.

pertences estranhamente depositados em caixas vazias de sabão em pó, criativamente transformadas em armários, criados-mudos, a tampa frontal do ventilador utilizada como cesta de pães, as tiras da camiseta laranja que junto com a bermuda marrom compõem o uniforme, acrescida ao fétido odor, provocava em algumas agentes um medo que não conseguiam descrever e dimensionar. Pavor destas agentes dava-se em razão de imaginarem que enquanto faziam a revista seriam trancafiadas e esquecidas naquele buraco estreito e super povoado.

Este sentimento de pavor se dá através da combinação de diversas sensações, da articulação de pressentimentos, aromas, olhares enviesados, e até mesmo pela materialidade da cela e suas grades, bem como de todo ritual da vida confinada. É a percepção de desterritorialização ao se imaginar na condição de detento. O chão falta, o ar pesa nos pulmões, os olhos ardem, num lacrimejar que não goteja.

A batida do *funk* e do *rap*, além do som de Renato Russo e Cássia Eller, dão um toque de pesada melancolia, à qual só os mais insensíveis escapam.

Ao pensarmos no tempo em que os internos passam nas celas, consideramos o quanto este espaço reduzido interfere na construção da subjetividade dos sujeitos que nele residem por tempo indeterminável. Tempo contado a partir do momento em que seu ingresso na instituição foi lavrado. Com frequência os adolescentes esquecem outras datas, até mesmo a do próprio aniversário, mas não esta. Dostoievski a respeito de suas primeiras impressões sobre a vida no confinamento registrou que,

O primeiro mês e principalmente os primeiros dias da minha vida de detento permanecem frescos diante de minha memória. Já os anos seguintes se apresentam embaçados. Muitos desses anos até se baralharam e confundiram completamente, só me ficando uma sensação de algo muito pesado, monótono e angustiante... Lembro-me perfeitamente... de minha entrada no recinto, pois, na verdade, logo a seguir estaquei, como a recuar dum bárbaro, ante a visão de coisas espantosas e de fatos mais que nefandos. Após viver tanto tempo lá dentro e compreender o imprevisto da tal vivência, ainda assim, até agora jamais me abandonou o pasmo, nem suporte a idéia de me haver talvez querido afazer àquela injunção.²¹³

Ainda que o juiz decida que os relatórios psicossociais²¹⁴ devam ser enviados no prazo máximo de três meses, mesmo assim este tempo parece nunca chegar. Entende-se a razão de perguntarem insistentemente: *Que horas são orientadô?* A ansiedade em ver o ponteiro girar, de saber que o amanhecer de sua liberdade já está à porta e de que *Vou sair prá apavorar!*

²¹³ DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. São Paulo: Martins Claret, 2006, p. 33.

²¹⁴ Documento onde é relatado o comportamento, o rendimento escolar, as impressões que assistentes sociais e psicólogos têm do adolescente, e onde se recomenda a permanência ou a soltura do interno.

Ganhar a rua! Que logo estará em um lugar e em um espaço, onde os elementos a sua volta lhe são conhecidos, onde terá o poder de “controlar”, de organizar suas atividades, de “mensurar” o tempo, ou simplesmente deixar as horas “escorrerem”. Ou, quem sabe, fazer como E.F. - que após fugir da instituição foi capturado pela P.M. – que ficava deitado na grama da Praça Ipiranga e esticava o braço direito para que L. deitasse. E.F. cheirava cola, pó, e ficava observando os transeuntes, e os obreiros da Igreja Universal do Reino de Deus, afinal, *Eles faz oração forte! Poderosa aê!*

O ambiente da cela, a atmosfera que nela paira, é ao mesmo tempo nu, e coberto pelos afetos e desafetos. Durante o tempo que permanecemos no C.S.E., chamou a atenção, entre tantas coisas, o comportamento e o temperamento do adolescente R.G., que, visível e “afrontosamente”, demonstrava sua aversão à cela. Menino alto, franzino, próximo de completar dezoito anos de idade, destoante dos demais por sua pele branca, tinha o andar e o olhar tão melancólicos, que de tão intensamente tristes, constrangiam quem por ele cruzava,... *me contemplava com seus olhos de água empoçada. Havia tal quietude naquele olha²¹⁵r.*

A janela de sua cela ficava no alto da parede, há aproximadamente dois metros do piso. Para chegar até ela R.G. amarrava as pontas de um cobertor nas grades, que funcionavam como armadores de rede, na qual subia e lá ficava quase que por vinte e quatro horas a espiar a vida que transcorria dentro no interior da instituição. Às vezes, de um local de onde podíamos observá-lo, mas que impedia de sermos vistos, sentíamos-nos transpassados por seu olhar vago, que transmitia uma solidão gélida; olhar de quem com apenas dezessete anos não sonha mais, não vê saída para si e foge, meio sem saber e ter para onde ir; olhar de quem deseja a liberdade, mas não sabe o que fazer com ela, pois vê a vida se esvaindo por entre suas mãos; olhar enfim, de quem sequer entende ao certo por que começou a roubar. De fato, R.G., menino que teve em sua vida um único amigo, morto pela polícia, é quem registra tais impressões em seu depoimento:

*Até os doze anos foi tudo bem em família, depois... Depois já comecei a aprontar. Comecei roubar de vez em quando sozinho, às vezes com outros. Roubava casa, algumas vezes as pessoas estavam em casa, algumas vezes não. Não sei porque comecei, eu não precisava, meus pais tinham condição de me sustentar. Eu estudava, algumas vezes eu faltava, algumas notas era boa. Com treze anos comprei um revólver com dinheiro do roubo. Comprei um 32 e um 38, **eu e o outro, meu***

²¹⁵ COUTO, Mia. *Um rio chamado tema, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p. 89. Apesar de o autor estar descrevendo o olhar de um ser humano, nos sentimos à vontade para utilizar esta citação, pois mesmo no romance o animal é um ser espiritual dele, pois o olhar melancólico e triste que lança, são os olhares das pessoas que morreram em certo naufrágio.

*amigo*²¹⁶. Comecei a assaltar posto, casa, pedestre... Com quinze anos eu fui preso pela primeira vez, por assalto de posto. Fui preso num presídio de Nova Xavantina, fui preso de manhã, a tarde já saí. Eu tava só acusado, não pegaram em flagrante não, aí pegaram e me soltaram. Fui pra casa, aí cheguei minha mãe começou a falar, eu achava que ela tava falando demais. Agora eu sei que ela falava pro bem. Aí eu esperei minha mãe ir pro serviço no outro dia e fugi de casa. Fui pra casa desse outro guri que eu andava com ele, do outro lado do rio. Ele já morreu, polícia matou ele, faz um ano e meio. Fiquei dois meses na casa dele, aí os home, polícia civil embarcaram na casa dele pra pegar nós, mas não conseguiram, nós pegamo o muro e vazamo.²¹⁷

R.G.²¹⁸ só pode ser descrito, com alguma pertinência por Cecília Meireles:

Cabecinha boa de menino triste, / de menino triste que sofre sozinho, / que sozinho sofre, - e resiste. / Cabecinha boa de menino ausente, / que de sofrer tanto se fez pensativo, / e não sabe mais o que sente... / Cabecinha boa de menino mudo/ que não teve nada, que não pediu nada, / pelo medo de perder tudo./ Cabecinha boa de menino santo/ que do alto se inclina sobre a água do mundo/ para mirar seu desencanto./ Para ver passar numa onda lenta e fria/ a estrela perdida da felicidade/ que soube que não possuiria²¹⁹.

Hoje com dezenove anos de idade está preso novamente em Nova Xavantina, por ter assaltado um posto de gasolina para abastecer uma moto também roubada. Cumprindo a profecia da “máquina esquizofrênica do capitalismo”, mofa agora em uma prisão “pros de maió”. A cela onde estava no Pomeri é o quarto que conheceu desde os doze anos de idade, despida de objetos pessoais, mobiliada pela reciclagem, como demonstramos anteriormente. Tinha de seu tão somente alguns objetos artesanais e algum alimento acomodado no canto do cubículo, espaço diminuto, transbordante de pessoas decretadas a partilharem o tempo que a justiça lhes determinou.

²¹⁶ Grifamos esta parte da entrevista de R.G. por termos observado que no decorrer do tempo em que esteve confinado no Pomeri – aproximadamente um ano e meio – e termos conversado em várias ocasiões, este foi o único momento em que ele falou sobre a existência de um amigo. Nas demais oportunidades em que conversamos, sua fala era sempre de alguém sem laços de amizade.

²¹⁷ Entrevista concedida por R.G. em frente ao quarto 1 da Ala IV do centro Sócio-Educativo Pomeri. Cuiabá, maio de 2006.

²¹⁸ Soubemos por um outro adolescente preso em Nova Xavantina e posteriormente transferido para o Pomeri, que ao ser preso R.G. pediu para permanecer na cidade, pois havia prometido a uma orientadora que “não faria mais coisa errada”, e como não cumpriu sentia vergonha de reencontrá-la.

²¹⁹ MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1997. p. 17.

Terceiro Ato:

A Fronteira entre a “Neura” e a Sanidade

*... as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, a beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração. Com esta, ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amos e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas.*²²⁰

Purificação pelo Fogo: a loucura ronda

No Livro de Ocorrências, lavrado pelos agentes prisionais do Pomeri no dia 20/02/06, consta que dois adolescentes, um de nome W.C. e outro S. B., sem mais já consumidos pela loucura da vida no cárcere, perto do anoitecer, às 18h 50 min., ambos alojados na ala B, atearam fogo nos colchões, e, quando as labaredas já altas estavam, lançaram-se destemidamente sobre elas, e de seu núcleo não se retiraram, dispostos que estavam a serem consumidos. Segundo o tal livro, os dois, socorridos a tempo, sofreram tão somente queimaduras nos braços e ombros; contudo sabe-se, por fonte fidedigna que as queimaduras chegaram mesmo a dilacerar a carne do adolescente W.C., o mais atingido, tendo que se prostrar retalhado de pontos e suturas que tencionavam lhe emendar, ou remendar as peles e carnes. A tal ponto foi o estrago flamejante que no mesmo livro lemos o seguinte relato: “Conforme determinação do médico plantonista do Pronto-Socorro Municipal de Cuiabá, os adolescentes S. B. e W. C. deverão fazer curativos todas as 2ª feira, 3ª feira e 4ª feira impreterivelmente às 12:00h., em ponto. Não poderá passar deste horário,

²²⁰ SUSKIND, Patrick. *El Perfume: História de um asesino*. Habana Vieja, Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Arte y Literatura, 1985.

pois encontrará o ambulatório fechado. Os dois agora calados e provocando arrepios a quem bata os olhos sob horrendas criaturas, descansam sob cuidados médicos.

As Sensações Pulsantes em um Não Lugar: Cheiros e Odores

Falar de prisões é falar de cheiros. É como se andássemos nas cidades francesas do século XVIII, descritas por Suskind, como:

... ruas que fediam a merda, os pátios fediam a mijó, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato; as cozinhas a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, salas fediam a poeira, mofo; os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de pena, impregnados do odor azedo dos penicos. Das chaminés fedia o enxofre, dos curtumes, as lixívias corrosivas; dos matadouros fedia o enxofre coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; da boca eles fediam a cebola e, nos corpos, quando já não eram mais bem novos, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças, fediam as igrejas, fedia sob as pontes e dentro dos palácios. Fediam o camponês e o padre, o aprendiz e a mulher do mestre, fedia a nobreza toda, até o rei fedia como um animal de rapina e a rainha como uma cabra velha, tanto no verão quanto no inverno. Pois à ação desagregadora das bactérias, no século XVIII, não havia sido ainda colocado nenhum limite e, assim, não havia atividade humana, construtiva ou destrutiva, manifestação alguma de vida, a vicejar ou a fenecer, que não fosse acompanhada de fedor...²²¹

O Pomeri assemelha-se em muito à descrição acima. Ali se misturam o cheiro de roupas mal lavadas em tanques diminutos com o cheiro de ralos transbordantes de fezes e urina, restos de comida putrefatos empasteados de insetos, de baratas e de moscas; de latrinas entupidas, da cozinha gordurosa e seus utensílios pegajosos, do cachorro sarnento que ao andar solta pêlos, pele e carne purulenta, tudo acrescido ao odor entorpecente dos “paieros” e cigarros comuns, dos containeres lotados, que ao se misturarem invadem as narinas com o cheiro típico de “cadeia maldita”, tornam o ar mais pestilento e nauseabundo. É um cheiro que só se sente lá, incomparável com qualquer outro existente no mundo exterior: *Bem ali, no lugar mais fedorento de todo reino...*²²².

As pessoas que gravitam em torno da órbita do Pomeri transitam na fronteira do imponderável, entre a loucura e a não loucura. A prisão reúne não somente criminosos,

²²¹ SUSKIND, Patrick. *El Perfume: História de um asesino*. Habana Vieja, Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Arte y Literatura, 1985. p. 9.

²²² _____ Idem. P. 10.

peessoas capazes de provocar mal a outras, ou de desrespeitarem a propriedade privada, os bens alheios, mas também um número de indivíduos estigmatizados, comumente vistos sob o olhar julgador do outro.

Como bem analisou Goffman:

*A palavra estigma criada e usada pelos gregos para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso, ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (...) Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal...*²²³

O autor comenta ainda que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Em meio a este emaranhado de cheiros, fumaças, sensações e estranhezas sem fim, que vive um grande grupo de estigmatizados, que inalam dia após dia a atmosfera horripilante do confinamento. Atmosfera que sufoca e ensandece.

Em geral, quando as pessoas não possuem ou não correspondem a estes atributos, são categorizadas como anormais. A vida trancafiada, com todas as esquisitices que lhe é peculiar, com seu perfume que prenuncia²²⁴ algo de ruim no ar, levou os adolescentes W.C. e S.B. a atear fogo nos colchões e, insanamente, se prostrarem nas labaredas. *A quem assistia a cena, as labaredas agitaram... a alma.*²²⁵

Na prisão tudo ganha um cheiro novo, por mais que seja espalhado sabão em pó e detergente – o que não ocorre com a frequência necessária – o aroma destes produtos evapora-se instantaneamente. Há neste ambiente algo que transforma tudo que lá adentra. Este cheiro penetra nas roupas, nos utensílios e até na pele dos sujeitos. Era comum, por exemplo, os agentes dizerem ao deixar o plantão. *Preciso tomar um banho urgente para tirar esse cheiro de cadeia, não quero levar esse cheiro prá casa!*

²²³ GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p.11.

²²⁴ O poeta Pablo Neruda no poema *A Morte*, sugere que esta é anunciada a partir de nossa maldade, mas também pelo perfume que carrega. Diz o poeta: *Negrura luminosa que virás algum dia/ cortar o raizame de nossa soledade/ para comunicar-nos com a imensa harmonia/ pressentida a partir de nossa eterna maldade. / (Tanto perfume vão de rosas e de rosas que se faz transparente, sem sentir a ansiedade/ suprema de calar-nos essas terrenas cousas e nos levar caminho a fora à tua bondade!)/ Entretanto, uma vez que sentimos o perfume/ de tua boa vinda, e já que tu nos resumes/ todas as ansiedades da nossa plenitude./ terás de vir aladamente e muito logo/ e nos dar com teus lábios esse beijo de fogo/ que vagamente então se mudará em quietude...* In: NERUDA, Pablo. *O Rio Invisível: poesia e prosa de juventude*. São Paulo: Difel, 1982. p. 30. No Pomeri o cheiro da cadeia prenuncia a morte – não a morte natural cantada pelo poeta –, dor, solidão...

²²⁵ GOFFMAN. Op.cit., p. 36.

Ao entrar pela primeira vez em uma instituição de fechamento, a náusea é inevitável, já que o odor invade as narinas de tal forma que todos os demais odores do mundo são anulados, fica-se preso a este mau cheiro que se recusa a sair da memória. É como se algo estivesse para apodrecer, um aviso, como se o cheiro fosse um anjo apocalíptico, um mensageiro de coisas futuras, das aflições que estão por vir; um anjo que já tinha contemplado *de perto os sofrimentos humanos, o tropel de misérias desta vida vulgar.*²²⁶

A neura de viver confinado sugere, e ousamos mesmo dizer, impõe que alguns indivíduos “enlouqueçam”, que ajam como nômades que *desconhecem os costumes locais... e imprimem... sua esquisitice*²²⁷. Essa esquisitice, quando estrategicamente aplicada, torna-se uma lei-esquisita, já que a instituição passa a funcionar levando em conta sua existência. O comportamento do adolescente F. R. é exemplar. Usuário de drogas, preso por tráfico e com 17 anos de idade, passava por sério tratamento psiquiátrico para suportar períodos de abstinência. Algumas vezes, quando já não era possível agüentar o enjaulamento, simulava uma crise epilética tão bem encenada que o enfermeiro da unidade, o Sr. M., não ousava atuar como árbitro e dizer se F.R. estava representando ou não. Nessas crises o adolescente se debatia, espumava pela boca, desmaiava e ficava horas inerte, sem mudar um milésimo sua posição, não havendo outro recurso senão encaminhá-lo até a Policlínica do bairro Planalto ou até o Pronto Socorro Municipal, no centro da capital. Ao retornar F.R. vibrava por ter dado uma volta, visto as “cachorra”. Quando queria ir para o Pronto Socorro, chegava até mesmo a simular o suicídio. Em uma dessas vezes, escolheu o enforcamento, mas os colegas exasperados com suas tentativas, pois tinham que carregá-lo para fora da cela, não o quiseram em seu meio, por considerá-lo louco de verdade, ou possuído por um espírito demoníaco. O certo é que, ao transcorrer dessas encenações, o próprio F. R. passou a incorporar o personagem, e várias vezes foi flagrado se dirigindo a psicóloga chorando, alegando que não sabia se estava louco ou não.

As fronteiras, mesmo as físicas, políticas, ou ainda as zonas de contato, ritualização e transferências culturais, indicam limite e interação.

A.C. 19 anos de idade, ao contar sobre as razões que o levaram a cometer um duplo homicídio de mãe e filho, de maneira tão convicta, nos coloca novamente diante da questão: como determinar quem é são e quem não o é? E o desejo como pode se materializar de maneira tão forte, a ponto de justificar infrações? Acompanhemos atentamente o depoimento de A.C.:

²²⁶ NERUDA, Pablo. *O Rio Invisível: poesia e prosa de juventude*. São Paulo: Difel, 1982. p. 36.

²²⁷ PELBART, Peter Pál. *Vida Capital: Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 19.

Nasci em Cuiabá, no Grande Terceiro; minha infância foi boa porque eu pude fazer o que eu queria, brincava, ajudava meu tio arrumar moto, e hoje eu tenho essa profissão, mecânico de motos. Com 12 anos pratiquei minha primeira infração, um assalto, numa casa, levei vários objetos, ouro, jóias, materiais domésticos. Meu primeiro assalto foi experiência, eu e mais três. Depois, meu objetivo era roubar e montar uma moto de rally, que era meu sonho. Minha família não tinha condições, e eu dizia que se ninguém me ajudasse eu ia roubar e comprar uma moto para mim...

Nesse fragmento do relato A.C. deixa transparecer seu desejo em possuir uma moto de Rally, e que está disposto a cometer um ação limite – o roubo – para satisfazer este desejo. A posse desse bem é para A.C. a posse do prazer. A respeito do que seríamos capazes de fazer para eliminar o desprazer ou buscar o prazer, Nietzsche comenta que,

*... todas as “más” ações são motivadas pelo impulso de conservação ou, mais exatamente, pelo propósito individual de buscar o prazer e evitar o desprazer; são, assim, motivadas, mas não são más. “Causar dor em si” não existe, salvo no cérebro de filósofos, e tampouco “causar prazer em si” (compaixão no sentido schopenhaueriano)... Na condição anterior ao Estado, matamos o ser, homem ou macaco, que queria antes de nós apanhar uma fruta da árvore, quando temos fome e corremos para a árvore: como ainda hoje faríamos com um animal, ao andar por regiões inóspitas. – As más ações que atualmente mais nos indignam baseiam-se no erro de [imaginar] que o homem que as comete tem livre-arbítrio, ou seja, de que dependeria do seu bel-prazer não nos fazer esse mal. Esta crença no bel-prazer suscita o ódio, o desejo de vingança, a perfídia, toda a deterioração da fantasia, ao passo que nós irritamos muito menos com um animal, por considerá-lo irresponsável.*²²⁸

A sociedade de consumo trabalha a questão da sanidade-insanidade ligada ao desejo. Estimulando e seduzindo através dos veículos de propaganda de massa, televisivos principalmente, a atos insanos para a satisfação do desejo de consumir. Quando A.C. cometeu o crime conhecido como chacina do Shangri-lá, estava perto de completar 18 anos de idade, acalentou então por seis anos o desprazer, a ponto de ao final desses anos bastar um convite para movimentar novamente o potencial desse desejo. Assim relata o ocorrido:

Um dia de quarta-feira eu tava em casa, eu tinha acabado de chegar em casa, que eu tava trabalhando na minha profissão de mecânico de moto. Nesse dia minha mãe falou pra eu não sair. Aí eu fiquei. Aí um amigo foi lá e perguntou se eu queria ganhar ouro e dólar, porque a mulher tinha chegado de viagem e tinha sessenta mil em ouro em casa. Aí eu pensei que eu já tinha regenerado da vida do crime, na minha profissão que eu gosto. E nessa loja tinha uma moto 1.100, e o cara tava vendendo e eu fiquei interessado porque minha adrenalina é essa. Ele queria dez mil na moto. E eu não sabia onde eu arrumava dinheiro. Aí chegou esse cara, disse que não tinha perigo de nada, nem tinha que matar ninguém, era só chegar e pegar o dinheiro. Aí eu acertei que ele disse que só tinha um problema. Aí eu falei que

²²⁸ NIETSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 70.

aceitava se só tinha problema, aí a gente dividia trinta mil para cada, aê era cada um para em lado. No outro dia ele me convidou para ver o local. Aí eu fui lá ver. Tinha uma casa em frente de casa, onde eu podia ficar esperando ela entrar e abrir o portão e pegar o dinheiro. Eu ia fazer sozinho porque ele era conhecido, ele já tinha trabalhado lá. Ai ele mandou eu, aí eu fui. Aí eu entrei lá dentro da casa e pedi prô rapaz e a mulher sentar no chão que eu queria conversar com eles sobre os ouros que tinha na casa. Aí comecei pedir prá ele que eu só queria o ouro e o dinheiro que eu ia embora, não queria matar ninguém. Aí eles falaram que não tinha, que só me dava o carro, depois vi o dinheiro. O rapaz só pedia para não matar eles. Aí eu falava que não tava ali para matar ninguém, só queria o dinheiro. Aí ele achou que eu tava sozinho na casa, e que ele podia me convencer a ir embora sem fazer nada. O ouro tava em cima da cama, mas eu não cheguei a ver. Aí ele chegou a avançar em mim para tentar tomar minha arma porque ele era maior que eu, e eu era mais pequeno, foi aí que houve o primeiro disparo. Ele morreu nesse primeiro tiro. Aí a mulher ficou apavorada, tentou levantar, vir prá cima de mim. Aí eu falei senta, senta que eu só quero o dinheiro. Aí ela falou que não ia me dar o dinheiro porque não tinha dinheiro. Aí ela veio prá cima de mim e eu dei o segundo disparo. Ela morreu na hora também.

A.C., vulgo Gordo, garoto educado, chefe da cadeia – por ser um dos mais antigos – , considerado pelos agentes como um dos internos mais tranquilos para se lidar, conta sobre esta última infração que cometeu pausadamente, sem se deter nem se antecipar em qualquer parte da narrativa. Diz que puxa a cadeia de boa, pois sabe que o que fez é errado. Sua fala, porém é de alguém que aceita o que fez, mas argumenta que ao cumprir a pena a que foi sentenciado está quite com a sociedade. Nietzsche oferece-nos uma possibilidade de reflexão sobre os atos danosos, a legítima defesa, a satisfação do prazer. Voltemos ao pensador:

*Se admitimos a legítima defesa como moral, devemos também admitir todas as expressões do chamado egoísmo imoral: causamos a dor, roubamos ou matamos a fim de prevenir uma desgraça pessoal; mentimos, quando a astúcia e o fingimento são meios corretos para a autoconservação. Causar dano intencionalmente, quando está em jogo nossa existência ou segurança (conservação de nosso bem-estar), é admitido como sendo moral; desse ponto de vista o próprio Estado causa danos, ao decretar penas. Na causação involuntária de danos não pode, naturalmente, haver o imoral; nela governa o acaso. Há então uma espécie de dano intencional em que não esteja em jogo a nossa existência, a conservação de nosso bem-estar?... no comportamento danoso, por aquilo que se chama maldade, o grau da dor produzida é para nós desconhecido, em todo caso; mas na medida em que há um prazer na ação (sentimento do próprio poder, da intensidade da própria excitação), a ação ocorre para conservar o bem-estar do indivíduo, sob um ponto de vista similar ao da legítima defesa, ao da mentira por necessidade. Sem prazer não há vida; a luta pelo prazer é a luta pela vida. Se o indivíduo trava essa luta de maneira que o chamem de bom ou de maneira que o chamem de mau, é algo determinado pela medida e a natureza de seu intelecto.*²²⁹

A.C., como dissemos anterior guardava o sonho de ter uma moto de rally e a força para torna-lo real desde os 12 anos de idade, cometera várias infrações na tentativa de

²²⁹ NIETSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 74-75.

concretiza-lo, mas sempre conseguira pequenas quantias, ou quando a soma era maior gastara com *as meninada*. - Havia até uma namorada que o visitava no Pomeri, a quem dera um celular de última geração e para quem dera dinheiro para pagar o curso de Direito numa faculdade privada conhecida. – Contudo, o desejo de ter a moto era sempre adiado. Cometeu então o duplo homicídio.

Ao relatar como terminou *a fita* na casa relata que:

Aí tinha mais o jardineiro que tava lá porque tava trabalhando lá, e eu peguei ele de refém. Porque quando eu cheguei ele tava lá na frente. Aí pediu prá não matar, porque ele tava ali pra ganhar dez reais pra sustentar a mulher dele, ia ter neném naquela semana. Aí ele viu que não ia dar mais nada, aí fui embora, sem levar nada. Aí eu fui pra casa, de casa para o serviço, guardei a arma, sem minha mãe saber de nada. Fiquei o dia trabalhando, aí a noite fiquei sabendo que o cara que tava comigo tinha sido preso. Do serviço fui direta prô sítio do meu pai, prá fora. Fiquei lá uma noite e um dia. Eu tava lá e o cara que foi preso antes de mim me entregou, não sei como ele sabia que eu tava lá. Aí a polícia chegou, pegou eu, trouxe pra cá. Apanhei muito pra assinar o B.O., porque eu não queria assinar porque não era flagrante, não tinha prova, ninguém viu que era eu. Só o jardineiro, mas ele sumiu. Aí eu vim preso e nós tamo conversando aqui agora²³⁰.

Durante a entrevista A.C. nos falou sobre o jardineiro: *Eu não ia pegar trabalhador né? Isso é mancada! O cara ganhava dez real!* Em seu código moral matar o jardineiro está fora de questão, assim como conta que não saiu de casa para cometer o duplo homicídio.²³¹ Tanto que o momento em que a arma foi disparada é entendido pelo adolescente como um instante de bobeira²³², potencializado pelo desejo e por *toda esta mistura que remete à*

²³⁰ Entrevista concedida por A.C. em frente a grade da janela do quarto 1 da Ala IV do Centro Sócio-Educativo Pomeri. Cuiabá, fevereiro de 2006. Na ocasião A.C. encontrava-se punido na ala IV (seguro), por ter sido considerado um dos líderes de uma malfadada rebelião. A.C. pendurou-se à janela e do alto “gritava” sua entrevista, para nós que estávamos do lado de fora da ala, pois como não cumpríamos plantão nesta, fomos proibidos de entrar. Esta tática construída entre entrevistados e pesquisadora passou a compor nossas “maneiras de fazer”.

²³¹ O caso *A Chacina do Shangri-lá*, como ficou conhecido, foi amplamente veiculado na mídia. Apesar de a legislação proibir – através do E.C.A. –, que os adolescentes sejam identificados, A.C., com o rosto descoberto foi filmado no momento da prisão e de sua transferência para o Pomeri. Soube-se mais tarde que o crime fora encomendado por um delegado que estava envolvido, assim como a dona da casa, no que foi denominado máfia do transporte, caso que tinha ramificações até no estado de São Paulo. O delegado chegou a ser preso, mas foi posto em liberdade logo a seguir. A.C. nos disse que o amigo que o convidou para a ação era de maior, por isso passou o assalto para ele. Disse-nos que desconfiava que o amigo tinha sido contratado pelo delegado para cometer o homicídio, mas contou-lhe que era um assalto, e que sabia que tudo acabaria como acabou. O amigo não foi encontrado pela polícia, sequer A.C. tornou a vê-lo.

²³² Em Nietzsche encontramos uma possibilidade de pensar este “instante de bobeira”, quando ele analisa o *querer se vingar e se vingar*. Para o pensador, *pensar em se vingar e fazê-lo significa ter um violento acesso febril, que no momento passa; mas pensar em se vingar e não fazê-lo é carregar consigo um sofrimento crônico, um envenenamento do corpo e da alma. A moral, que vê apenas as intenções, avalia igualmente os dois casos; habitualmente o primeiro é visto como pior (pelas más conseqüências que o ato de vingança pode trazer). Ambas as avaliações têm vista curta*. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 57.

*complexidade da ordem passional.*²³³ Como frear um desejo que se assoma no inconsciente como algo sem o qual a vida parece improvável?

A.C. e os demais “monstros” com quem convive causam espanto, terror, nojo; são ignorados pela sociedade, e compõem juntamente com os “homens infames” tão somente,

*... Personagens obscuras que foram em um dado momento animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, uma espécie de grandeza assustadora ou digna de pena.... partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir.*²³⁴

Estas personagens obscuras criam um código moral que é uma mistura da moral imposta a tento tempo pelo Estado e pela sociedade – da qual não se libertam de todo –, e de outros elementos construídos individualmente e no convívio no mundo do isolamento. Para Nietzsche,

*O conjunto destas morais que se destinam ao indivíduo para construir a sua “felicidade”, como se diz, o que são senão propostas de conduta em relação ao grau de perigo em que o indivíduo vive consigo mesmo. São também remédios contra as suas paixões, as suas tendências boas e más, contanto que possuam a vontade de poder e queiram representar o papel de senhor. Pequenas e grandes manhas e artifícios, cheirando a velhos remédios caseiros e sabedoria de velhinhas. Todas elas barrocas e irracionais na forma, porque se destinam a “todos”, porque generalizam onde não se deve generalizar, falando todas de um modo incondicional, tomando-se elas próprias por absolutas, todas elas não só temperadas com um grão de sal, mas apenas suportáveis, e por vezes até sedutoras, quando passam a deitar um cheiro exageradamente condimentado e perigoso, a cheirar principalmente ao “outro mundo”.*²³⁵

O ambiente, o cheiro nauseabundo, a arquitetura e as relações que se estabelecem o interior da instituição são também instrumentos de sujeição. Através destes a prisão arma-se de dispositivos para moldar personalidades a ferro e fogo, como a gordura cozida no latão onde Grenouille experimentava estranhas essências.

A partir de nossa experiência no Pomeri percebemos que a loucura e a razão são zonas de limite e interação e que a passagem de uma condição para outra é sempre arriscada, pois não há mapas que indiquem a rota de retorno.

²³³ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 135.

²³⁴ FOUCAULT, Michel. *A Vida dos Homens Infames*. In: *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003. p. 207.

²³⁵ NIETSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Martins Claret, 2005. p. 111.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior,²³⁶ ... *ninguém consegue falar do lugar da loucura; mesmo aqueles que lá estiveram e puderam, ou quiseram de lá sair, não conseguem relatar sua passagem.* Para ele, falamos da loucura a partir do lugar da razão. Parece-nos importante pensar sobre os caminhos e o modo como se chega à desrazão; que tipos de artifícios, ou poderes a instituição utiliza para levar, para conduzir os adolescentes a este estado insano, visto que são estes instrumentos, juntamente com as punições e tantas outras formas de rebaixamento – sobre as quais já falamos anteriormente –, os mais sutis e cruéis à medida que agem no silêncio e levam o sujeito a insanidade, assim como são estes instrumentos que tornam a prisão impossível, como continuamos refletindo.

Observamos no cotidiano do Pomeri alguns instrumentos indutivos à alienação, ou, o que Goffman denomina de *rituais de mortificação do eu*, que são dispositivos desumanizantes, que cotidianamente repetidos, inculcados, provocam, às escondidas da sociedade e das famílias dos internos, um não reconhecimento de si, como pessoa que possui uma rede de sentimentos, de intuições, de interações, sensações, que vão aos poucos, como o vapor de uma chaleira aquecida em fogo baixo, que começa a apitar ao primeiro sinal de ebulição, avisando que o líquido logo há de transbordar.

A loucura parece-nos um processo de transbordamento da subjetividade, da essência, do fluido vital, um corte do fino e transparente fio, que como um laço apressado, conecta a dimensão artística, emocional do humano à sua dimensão material. A estranheza diante do próprio corpo, dos outros à sua volta, dos elementos palpáveis que se colocam ou são colocados em seu redor, induzem ao reflexo de si, ao vômito do interno.

Contribuem ainda para a interrogação angustiante do ser, que parece não se ver ou se entender como humano, para este processo de “baratização” do sujeito, a forma de tratamento ao estilo: “Olha a Júlia aí Ladrão!” Diante desta e outras formas de se ver representado no olhar e na fala do outro, de perceber a imagem disforme, o relato construído de si pelo outro, que possui a autoridade legitimada a partir do lugar da honestidade, a massa informe se pergunta quem sou? Mas, não se vê capaz de elaborar qualquer discurso sobre si.

Como falamos da loucura situados no lugar da razão, tudo pode ser como Foucault sugere, isto é, que estejamos construindo nada mais que mesquinhas e mentiras, já que se trata do nosso relato, do foco de nossa câmera e de nossa grafia. Pode ser que a loucura seja o tempo transcorrido, gasto pelo indivíduo para elaborar o discurso de si.

²³⁶ Palestra proferida durante o curso: “História, Arte e Literatura”, realizada na Câmara Municipal de Cáceres/MT, no período de 29 de maio a 02 de Junho de 2006.

Ao mesmo tempo, a loucura pode se apresentar como alternativa de mundo. Como lugar possível de estar. Um mundo sem outros, vazio de estigmas, de ataques ao eu, onde se pode, enfim, descansar em paz.

Os adolescentes que ensandecem jazem, num mundo viscoso, que fica não se sabe onde, talvez em um laboratório cheio de tubos de ensaio com líquidos de cor cinza, tomados até a boca por cérebros esverdeados em suposta disfunção.

Estar insano pode ainda ser uma forma de proteção à subjetividade, um resguardar-se, uma opção, até mesmo um deboche, um escárnio, uma fuga às punições do olhar rotulante da ação boçal, promovendo a “obrigação” de se tolerar a insubordinação. Os adolescentes da Ala C, ao verem a enfermeira da unidade chegar com vários comprimidos – em geral tranqüilizantes –, para o adolescente L.C. disseram: *Aê tia ele fica pagando de doido, mas não é doido não!* L.C. conseguia certos “privilégios”, como ficar sozinho na cela, receber uma quantia maior de material de artesanato – atividade que realizava com prazer, mas que praticava em sua cela –, recebia ainda uma quantidade extra de material de limpeza, já que parecia ter obsessão pela higiene daquele lugar. Outro exemplo é do adolescente F.R., que simulava ataques epiléticos, sobre o qual já falamos.

Optar por estar louco temporária ou permanentemente, ou assim ser diagnosticado, e enviado a tonfadas, chutes e xingamentos a um manicômio, ou mesmo a uma prisão, pode constituir uma possibilidade, uma artimanha para apagar a dor da memória, uma tentativa dos adolescentes de burlar as próprias teias do eu, de criar um gueto no espaço da mente, promover um *Apatheid* da dimensão material do humano. Ensandecer na cadeia é, no mínimo, compreensível. É mesmo previsível, esperado, uma manobra de preservação, ao menos da vida biológica.

O jovem A.P.M., preso aos 23 anos de idade, por um homicídio que cometera aos 16 anos de idade, foi confinado quando estava trabalhando em casa com sua mãe, na fabricação de ursos de pelúcia e com uma filha por nascer. Ficava irascível, não suportava a neura da cadeia. Buscou o suicídio algumas vezes, mas tudo em vão em todas as tentativas para furar o braço, de romper as veias com uma caneta, o que conseguiu, no nível físico, foi tão somente se machucar superficialmente, fazendo com que o sangue escorresse grossamente e que seu pulso ficasse todo marcado.

A.P.M. era considerado um chato de “galocha”, “fissurado” pela limpeza da cela, a ponto de atormentar tanto os colegas, aos quais tentava impor um programa de higienização, quanto os agentes que importunava incessantemente, pedindo sua transferência para outra cela e até mesmo para outra ala. Mas como não era obedecido, todos o ameaçavam de morte,

chegando mesmo a apanhar e amanhecer cheio de hematomas, com o rosto cortado. Só assim, à custa de uma grande surra que lhe aplicara seus colegas de cela, pode obter sua remoção para outra ala. Finalmente, após meses e meses de confinamento, recebeu o alvará de soltura, tendo a chance de conhecer a filha recém-nascida. Uma semana após ter saído do Pomeri mediante alvará de soltura, ao participar de um assalto a um taxista, foi morto, e em seu corpo foram encontrados dois tipos de projéteis, não podendo o perito precisar, ao menos na perícia preliminar, se as balas foram disparadas pela PM, por *gangs* ou pelo próprio taxista.

O relato de A.P.M. demonstra com a força das palavras que jorram, que irrompem em meio a lágrimas de raiva²³⁷, que a urgência em construir maneiras de escapar às lembranças da violência sofrida no meio familiar e depois em outros ambientes o levaram a encontrar nos crimes a forma de reagir à tragédia que o sufocava.

Sobre o entendimento do assassinato como tática para burlar o mesmo, para escapar ao retorno cíclico, Foucault comenta que,

– o assassinato é o acontecimento por excelência. Com ele se colocam sob uma forma absolutamente despojada a relação do poder e a do povo: ordem de matar; suicidar-se, ser executado; sacrifício voluntário, castigo imposto; memória, esquecimento. O assassinato ronda nos confins da lei, aquém ou além da lei, acima ou abaixo; ele gira ao redor do poder ora contra ele, ora com ele. A narrativa do assassinato instala-se nesta região perigosa da qual utiliza a reversibilidade: comunica o proibido com a submissão, o anonimato com o heroísmo; por ela a infâmia toca a eternidade²³⁸.

A.P.M. criou um texto sobre si, tal como Pierre Rivière, e criou também, ao modelo das tartarugas ninjas, um portal dimensional, e ficava em seu umbral. Ora seu corpo pendia para a sanidade, ora para a neura; num ziguezague “escabroso”, rodopiante de seu próprio ser. Garoto nervoso, na “pilha da cadeia”, movido por tantos sentimentos, entre eles pelo medo de ser traído, de perder a mulher de apenas 16 anos, que carregava no ventre sua filha, foi o que o “descompensou”, como diz a psicologia; perdeu o norte, o prumo, vivendo até seus 23 anos como um pêndulo que parou repentinamente de oscilar por balas não identificadas.

A.P.M. que passou seus últimos meses de vida confinado, que de tanto apanhar na infância, de sua mãe, avó e tio, decidira que não podendo matá-los - devido aos confusos sentimentos que por eles nutria e sobre os quais sequer conseguia falar sem ser sacudido pela raiva, ou sem que as lágrimas lhe marejassem os olhos, confessava que o desejo de matar a

²³⁷ Na primeira entrevista que A.P.M. nos concedeu, ele não parou de chorar e de soluçar um instante ao lembrar de sua infância e das surras que a mãe, a avó e o tio lhe davam quando seu pai saía para trabalhar. Repetia sem cessar; *minha mãe sabia que eu ia virar bandido, porque eu falava: quando eu crescer eu vou matar vocês!*

²³⁸ FOUCAULT, Michel. *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997. p. 217.

mãe, a avó e o tio sempre o perseguiu, assim como a culpa cristã, que lhe atormentava dizendo que era mau, já que não conseguia perdoar, o que tinha que fazer, afinal, mãe é mãe! -, decidira que mataria qualquer um que lhe batesse, principalmente na cara, e assim o fez verdadeiramente asfixiou-se de tanto respirar suas próprias emoções. Sufocado pelos conflitos de seus afetos e desafetos, preso na fronteira entre o amor e o ódio, ali viveu eternamente como um morto vivo, um zumbi.

Preso entre a mágoa crescente que o acompanhavam desde a infância, os impulsos sexuais e *a primeira lei do amor: o ciúme*²³⁹, que o geria, desgovernando todas suas ações e escravizando-o aos impulsos e sensações; sem saber se era uma “pessoa de bem” ou um delinqüente, A.P.M. parecia vagar no meio do nada ou do tudo, e assim em tudo se assemelhando ao louco da Renascença, tal qual Foucault relata, ao dizer que este *é colocado no interior do exterior, e inversamente..., prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas, solidamente acorrentado à infinita encruzilhada, ele é o Passageiro por excelência, isto é o prisioneiro da passagem.*²⁴⁰

Prisão: Edifício Insano²⁴¹

Pode parecer que a prisão seja o lugar singular para o desenvolvimento de neuroses, e pensamos que seja. Porém, ao nos colocarmos como juizes investidos do poder de decidir quais indivíduos são normais e quais são os loucos, que atitudes são racionais ou alienadas, corremos o risco de estarmos tão somente silenciando, ainda mais uma vez, os “monstros” e “ogros”, relegados ao intolerável e à infelicidade.

A este respeito, para Foucault *se a loucura torna-se uma forma relativa à razão... cada uma é a medida da outra, e nesses movimentos de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra.* Ou seja, uma só existe em relação a outra, são complementares. Não há como refletir sobre a razão desconsiderando a desrazão. Não há como determinar

²³⁹ DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p.09.

²⁴⁰ _____ *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 104.

²⁴¹ Usamos a palavra edifício para evocarmos a imagem de um outro edifício existente no interior da construção de concreto e ferro. A imagem que evocamos é a de uma segunda pele, um edifício erguido por sensações, fluidos, lembranças, memórias, por lágrimas, choros, solitárias, mau cheiro maus tratos, enfim pelo que há de mais torturante em uma prisão, aquilo que se sente só de olhar o muro e o portão dessas instituições nefandas.

quem são desconsiderando o insano. E Foucault mesmo indica quem consideramos louco: *o pobre, o miserável, o homem que não pode responder por sua própria existência*²⁴².

Continuando a definir ou ao menos indicar quem é o anormal, o “monstro humano”, Foucault prossegue:

*O contexto de referencia do monstro humano é a lei... A noção de monstro é essencialmente jurídica... o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza.... o monstro é o que combina a impossível com o proibido... o monstro contradiz a lei. Ele é a infração, e a infração levada a seu ponto máximo. ... ao mesmo tempo que viola a lei, ele a deixa sem voz... o monstro é o grande modelo de todas as pequenas discrepâncias.... o anormal é no fundo um monstro cotidiano, um monstro banalizado. O anormal vai continuar sendo, por muito tempo ainda, algo como um monstro pálido*²⁴³.

Talvez, os que ousam praticar os denominados crimes hediondos, as monstruosidades, busquem expressar, ao modo de Pierre Rivière e demais bestas humanas de sua época, gritar sobre a podridão em que estão fuçando, se remexendo e ruminando secularmente, como fizeram seus pais e avós. Em História da Loucura Foucault diz que:

*A loucura só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra de si mesmo e através das ilusões com que se alimenta. (...) o apego a si próprio é o primeiro sinal da loucura, mas é porque o homem se apega a si próprio que ele aceita o erro como verdade, a mentira como sendo a realidade, a violência e a feiúra como sendo a beleza e a justiça.*²⁴⁴

Assim como o “anormal”! O infame Pierre Rivière, e encontrando tantas justificativas para seu ato “tresloucado”, os adolescentes do Pomeri, a nosso ver, apontam, através do relato de seus crimes, para suas “vidas privadas de qualquer oportunidade”, para o peso de “agüentar diariamente o impossível”. Atirados ao espaço da cidade que lhes cabe - a periferia, com suas características ruas sem pavimentação, entrecortadas, aqui e acolá, por terrenos baldios transformados em aterros sanitários que exalam o odor putrefato típico de restos animais e vegetais que se decompõem; pela claridade de um único poste colocado em um ponto estratégico que algum “iluminado” administrador público definiu como tal e que deve milagrosamente clarear toda a comunidade, tendo como comum os esgotos a céu aberto com saltitantes crianças pulando de uma margem a outra -, estes “loucos” põem-se em um determinado momento a desejar o que lhes é negado e inacessível.

²⁴² FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: editora Perspectiva S.A., 1978. p.

²⁴³ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 201. P. 69-70-71.

²⁴⁴ _____ *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978. p. 24.

O adolescente S., 18 anos, condenado por assalto e homicídio ao dizer: “*Quando vou assaltar, escolho uma casa de bonita paisagem, como tem no Jardim Itália e no Boa Esperança...*” revela todo o seu desejo insano, assim como a lunática família do parricida Rivière, que insiste em clamar inutilmente que tudo faz mal, os meninos loucos berram aos quatro cantos a condição de vida miserável que levam, do anonimato não somente de suas histórias pessoais, mas de outros como eles, e decidem virar manchete, ter acesso à narrativa e à história, através da prática de delitos.

Mesmo que os crimes, ou, como a lei nos obriga denominar, infrações, ao menos furtos, roubos e assaltos, visem à primeira vista, tão somente a garantia da sobrevivência e a manutenção do uso de drogas, há uma dimensão que se eleva - a da indisposição para acatar caladamente a parte que lhes cabe, para a qual o Estado e a sociedade lhes empurram costumeiramente. Esses meninos, ao procurarem através das infrações, ultrapassar os limites impostos por uma urbanização, que arrasta os “não nobres” para as margens da cidade, para o subemprego, para a vida na fronteira do intolerável e do imponderável, decidem, ao representarem o papel de vingadores e de justiceiros, roubar o papel dos “juizes”, que, paramentados com suas bem passadas e engomadas becas, os sentenciam²⁴⁵ insensíveis à masmorra.

As infrações de acordo com a maioria dos depoimentos indicam o descontentamento irado, a insustentabilidade da vida miserável gerada pela maquinaria das desigualdades sociais. Indicam ainda que... *o ponto mais intenso das vidas, aquele no qual se concentra sua energia, é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar suas forças ou escapar às suas armadilhas*²⁴⁶.

Realmente, para muitos dos adolescentes internos no Pomeri, os delitos são motivados, entre outras coisas, por certa urgência em expor *aos que dormem em camas e lençóis limpos*²⁴⁷, a “banda podre” da cidade e da vida.

Ignorados pela história oficial e sua narrativa, presos à “arapuca” armada pela vida de desigualdades, investem-se de poder metálico, inoxidável, e põem-se a, apocalipticamente,

²⁴⁵ De certo para sentenciar alguém a prisão os juizes contam com todo o aparato do sistema judiciário, prisional e com o Código Penal, porém a aplicação da lei é fator meramente interpretativo, portanto flexível. Exemplo disto é o fato de ser comum na prisão a existência de internos condenados pela mesma prática, ambos reincidentes, ou ambos primários, cumprirem, porém penas bastante diversas. Ouvimos com frequência os adolescentes dizerem: *Como é que... recebeu o alvará e eu não, a gente tava na mesma fita!* A lei estabelece parâmetros, os magistrados se movimentam entre esses parâmetros, com maior ou menor rigor.

²⁴⁶ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.101.

²⁴⁷ BRECHT, Bertold. A Infanticida Marie Farrar, In: *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p. 52.

agir, rompendo padrões considerados normais, costumes e tradições que estratificam a sociedade e perpetuam o mesmo.

Escapar ao mesmo, ao de sempre, ao que parece imutável, eterno; questionar as certezas; viajar no improvável; impor o temor aos que identificam como inimigos; se apossar do que entendem como seu de direito; duvidar do saber jurídico, da lisura dos magistrados e da propalada imparcialidade da justiça, eis algumas das faces do poder que se apossam.

Detidos sob os grilhões da ratoeira institucional, no isolado, no enlouquecido e enlouquecedor calabouço sócio-educativo, aqueles considerados retardados, idiotas, recebem doses “misericordiosas”, apaziguadoras, de sedativos. Estes, tranqüilizados pela seringa, controlados quimicamente, assumem, ou melhor, lhes é imputado aquele ar ignóbil que se vê freqüente e tão explicitamente nos manicômios. O andar catatônico, o olhar abobalhado e a fala embriagada, a repetir continuamente a mesma frase, os aquieta. E aqui a medicina, seus diagnósticos e agulhas podem ser entendidos também como um dispositivo disciplinar, uma ferramenta, no sentido literal, de controle e silêncio.

Silenciados sobre o “lixão” em que se constituem os fétidos bairros em que pastam no mundo sem grades, o líquido anestésico impede que vociferem também sobre a podridão da cadeia. Previsível e assustadoramente tornam-se, como Jean Baptiste Grenouille, seres a quem os cheiros mundanos escapam, fragrâncias e fedores se apresentam como inodoros, insensíveis ao toque, despossuídos são do reconhecimento tateável do mundo, das coisas e dos seus “iguais”.

O jovem W.C., vulgo “1.800”²⁴⁸, da bigorna de sua cela nos bradava: *Solta o preso... eu quero ir embora!*. Com o mesmo sorriso intolerável e idiota que curvava em “U” a boca de Pierre Rivière, W.C. ao conversar com a psicóloga e com a assistente social, teimava em bradar: *Solta o preso, eu quero ir prá casa!* Como sempre repetia a mesma frase, raramente era atendido por estas profissionais, que sabedoras das drogas que lhe aplicava o setor de saúde da instituição, se justificavam: *Ele não diz outra coisa, fica sempre no mesmo!* Esta constante repetição de “1.800” denota por um lado o efeito dos procedimentos médico-psiquiátricos e, por outro, seu único, lúdico e constante desejo: a liberdade. O que há de estranho nesta cantilena, se este é o anseio mais concreto deste adolescente, que sequer consegue elaborar possibilidades e refletir sobre

²⁴⁸ “1.800” era como Charles Jouy, era o “cagueta” tolerado pelos demais, pois todos viam o quanto vivia dopado. 18 é o modo como são tratados os delatores, mas W.C. era incapaz de segurar qualquer notícia ou informação, que recebeu o vulgo de 1.800.

as razões de estar trancafiado²⁴⁹? W.C. nos remete também a Charles Jouy, personagem que Foucault utiliza para discutir o aparecimento do personagem do anormal, do domínio das anomalias como objeto privilegiado da psiquiatria. O pensador assim o situa:

Charles Jouy é, portanto, em certo sentido, o personagem bastante familiar do idiota da aldeia: é o simplório, é o mudo. Não tem origens, é o filho natural, ele também instável. Vaga daqui para lá: “O que você fez desde os 14 anos? – Estive aqui, estive ali”, responde. Também é rejeitado na escola; “Estavam satisfeitos com você... na escola? – Não quiseram ficar comigo.” Era excluído das brincadeiras: “Costumava se divertir com os outros garotos?” Resposta: “Eles não queriam saber de mim.” Também era excluído dos jogos sexuais... Rejeitado até mesmo em seu habitat: “Quando você voltava [do trabalho – M.F.] o que fazia? Ficava no estábulo.” Claro, é esse personagem marginal, mas não é, na aldeia em que reside, um estranho – longe disso. Está profundamente inserido na configuração social em que o vemos circular: ele funciona nela...²⁵⁰

A certeza das injustiças cometidas pelo Judiciário, de poderem recorrer a este poder, pois já estão marcados, estigmatizados como delinquentes, provoca uma atitude de indiferença, um enclausuramento, ou uma ira contida que eventualmente pode manifestar-se em ações tidas como insanas. Sobre esta impossibilidade de recorrer a justiça, Foucault comenta que após ser feito presa da justiça, nunca se está mais distante de recorrer a ela. O adolescente T.M. a quem já fomos apresentados, demonstra o quanto o estigma de delincente o coloca sempre na mira da polícia.

Minha primeira passagem rodou eu e esse cara aqui (V. A. com quem está na cela). Fiquei três dias no CA e fui embora. O V.A. ficou cinco meses. Na liberdade comecei só fumar maconha só. Depois de seis meses na liberdade, comecei a fumar base de novo. Aí vim de novo com furto, arrombamento de loja. A Náutica na Avenida do CPA. Aí fiquei dez meses preso, saí e fui acusado por um assalto que eu nem fiz, caí e tô aqui há sete meses. Me acusaram porque eu tava saindo da escola, tinha ido buscar minha namorada, passei em frente a Sorveteria do lado da escola, lá no Industriário. Três dias depois eu tava preso. A vítima não tem certeza que fui eu. No total já passei um ano e cinco meses aqui. A pior coisa daqui é receber ordem dos outros²⁵¹

²⁴⁹ Em uma determinada ocasião W.C nos falou: *eu não sou ladrão não! Eu tava precisando de roupa. A roupa que minha mãe compra é feia, aí eu fui na loja e peguei, eu nem saí correndo, mas quando eu passei na porta fez um monte de barulho, apitou tudo, aí os home chegaro e pegou eu de novo. Mas eu quero ir embora, pera aí, olha lá a tia I., solta o preso tia I! Sou eu o 1.800, solta eu tia ! - Tia I. é uma das agentes mais antigas da instituição, tendo acompanhado a transformação da FEBEMAT em Pomeri, para ela, assim como para os demais agentes antigos, as coisas só pioraram, porque anes havia mais disciplina, ninguém fazia rebelião, não precisava de tanto agente prá vigiar os meninos... - tem aproximadamente 64 anos de idade). W.C., mesmo nos pedindo para deixar que fosse embora, não parava de sorrir um único momento.*

²⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 374.

²⁵¹ Entrevista concedida por T.M. à P.X. em frente ao quarto 02 da ala III. Cuiabá, agosto de 2005.

As reações ao isolamento são variadas. Porém, parecem seguir um certo “padrão”. Alguns se revoltam indispondo-se frente os métodos de anulação, contra os dispositivos disciplinares e, mesmo sabendo que não escaparão das punições e da truculência institucional, decidem demonstrar sua singularidade enquanto pessoa que resiste para permanecer “lúcida”, bem como seu descontentamento e sua indignação contra a opressão; outros assumem o jogo da direção e são cooptados, ou, ainda, se deixam cooptar, tornando-se alcagüetes, garantindo, em parte, a continuidade da direção. Realmente, há ainda um grupo de internos que se deixam prostrar nos catres, reconhecendo a força do aparelho disciplinar, da maquinaria do poder, que ao oprimi-los, inscreve em seus corpos nada mais que um “aqui jaz”. Assim como Grenouille - personagem de Suskind - também indesejado ao nascer, que dormiu todo o período em que esteve preso, parecendo *que esse homem estava tão cansado da vida que nem queria viver suas últimas horas acordado*²⁵², tal grupo de adolescentes também demonstra esse tipo de esgotamento, de nada mais importar ou ter sentido, a não ser o próprio fim, visto às vezes, como libertador. E aqui compartilham da mesma visão da morte como elemento que liberta Grenouille, Rivière e alguns “insanos” do Pomeri.

O Pomeri, uma das variações possíveis do edifício panóptico de Bentham, ao induzir “no detento um estado consciente e permanente de visibilidade...”, aumenta a “neura”, pois destitui, em grande parte dos internos, a autonomia, pois ao se verem sempre como tutelados, como permanentemente sujeitos ao invasivo, ao devassador e iluminado olhar que tudo vê.

As desigualdades sociais para um adolescente, segundo um dos entrevistados, provoca raiva *uma certa vontade de jogar soda cáustica em todo mundo, porque é muita injustiça!* Assim, os desterrados *matam e aceitam morrer para que, na imobilidade imortal, alguma coisa ocorra, se ponha a viver, a mexer, a questionar, a alterar*²⁵³. O crime essa afronta ao poder, este insulto à normalidade, é o movimentador da calma, da estagnação e do *apartheid* social. Questiona do lugar da loucura, no breve instante do disparar da arma, do cravar da faca na carne, os limites da vida humana.

W.C., vulgo Deco, definiu bem esses limites:

Você escolheu viver do trampo, eu sei que é melhor, não precisa ficar olhando pros lados quando anda, mas você acha que tem emprego prá todo mundo? Comecei com as drogas, agora vivo do ferro, ganho mais que um salário. Agora

²⁵² SUSKIND, Patrick. *El Perfume: historia de un asesino*. Editorial Arte y Literatura. Habana Vieja, Ciudad de La Habana, Cuba, 1985. p. 252.

²⁵³ FOUCAULT, Michel. *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997. p. 197.

*gosto de matar com faca. Bala não tem graça, gosto de matar de perto, olhar no olho da vítima, ouvir o barulho da faca no osso, ouvir a última respiração.*²⁵⁴

Deco se dispõe a romper com a ordem, a assumir-se como inimigo de “todos”, a atacar a civilidade e não reconhecer limites à natureza humana. Deco gosta de ser temido, provocava e enfrentava agentes fisicamente mais fortes que ele, e mesmo sabendo que iria levar desvantagem, não se submetia. Numa ocasião, quando um agente que havia lhe chamado de vagabundo e covarde, entrou na ala em que estava, não hesitou, foi até o sanitário e com uma caneca tirou o que lá havia - fezes e urina - e aguardou; quando o agente – então assessor da instituição – passou em frente sua cela atirou-lhe o conteúdo da caneca. O agente, um homem de aproximadamente dois metros de altura, com muita massa muscular mandou abrir a cela e deu ordem que Deco viesse. Alto, porém franzino, Deco quebrou o cabo do rodo ao meio e partiu para cima do agente, mas caiu ao primeiro chute que recebeu nas costas. Acabada a sessão insana Deco foi levado à enfermaria. Percorreu a unidade fitando cada agente no caminho ameaçando com o olhar e palavras os que nada fizeram. Ao mesmo tempo exibia os hematomas espalhados pelo rosto e por todo corpo para os demais internos, conquistando-lhes a solidariedade. O assessor que além de ser um homenzarrão, era uma figura calada, misteriosa, disse a alguns agentes que havia disciplinado o “marginal”.

Que tratamento, ou melhor, onde colocar estes que assim se assumem se a nossa civilidade nos impede de construir uma “nau dos loucos”? Despachá-los para terras longínquas, e encontrar terras “vazias”, talvez seja mesmo uma missão impossível. Assim, encontramos em nossa sociedade duas alternativas predominantes: o manicômio e a prisão, que como a nave desarrazoada, cumprem o papel de retirar do convívio, da “civilização”, os que incomodam, atormentam, mas que ao final, apontam para nossa incompetência.

O banimento para os manicômios não recupera a sanidade dos internos, assim como a prisão *“em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos, espalha na população delinqüentes perigosos.”*²⁵⁵

Ao preso, elemento híbrido, um misto de “maldade” e loucura, que vê sua vida *“acontecer” em uma instituição onde todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder.*²⁵⁶, se lhe apresenta, diariamente, ao menos quatro opções para escapar: a fuga, a insanidade, a morte ou a especialização no crime, visto que a prisão *torna possível, ou*

²⁵⁴ Entrevista concedida por W.C. em frente a janela do quarto 7 da Ala III. Cuiabá, novembro de 2005. Atualmente Deco está preso no presídio Pascoal Ramos, por mais um homicídio.

²⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987 p. 221.

²⁵⁶ _____ Idem. p. 222.

*melhor favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras*²⁵⁷.

Como toda construção panóptica o Pomeri, cumpre como dissemos anteriormente, com as duas funções pensadas para ela: manter a vigilância e construir um saber sobre os condenados. Os relatórios dos psicólogos, assistentes sociais, dos agentes prisionais que registram no Livro de Ocorrências os “incidentes” do cotidiano da cadeia, constituem o saber do sistema prisional sobre os condenados. A solidão, a submissão, *o encontro a sós do detento com o poder que se exerce sobre ele, assegurado pelo isolamento*, embrutece, revolta, retira a humanidade, mas não a ponto de impedir que o interno construa suas linhas de fuga, efetue deslocamentos, se situe em outros lugares, inclusive no lugar da loucura, e lá edifique uma possibilidade de suportar o confinamento.

Acerca deste saber sobre os condenados, Oswaldo Machado Filho aponta:

*Não resta dúvida que o nascimento da prisão foi um acontecimento raro. Porém sua implantação, a sua arquitetura, o seu ideal panóptico, a observação permanente e a avaliação cotidiana dos detentos, com sua forma disciplinar no estado mais intenso, o modelo em que concentram todas tecnologias coercitivas do comportamento, enfim, o conhecimento em toda a sua extensão do indivíduo, isto é, de que, no fundo, o delinqüente é um produto da instituição, não se deu de forma concomitante. De acordo com Foucault, a prisão somente irá sancionar a delinqüência no momento em que inscrever e registrar, passo a passo a biografia do condenado; isto é, somente quando um novo saber-poder se impuser sobre o indivíduo condenado visando torna-lo dócil, razão pela qual o carcerário, antes disso, apenas parece recuperar o indivíduo para a sociedade do trabalho... Foucault nunca nutriu a esperança de que a prisão viesse um dia recuperar o indivíduo para a sociedade do trabalho, pois não era esse o objetivo pela qual tinha nascido. Aliás, a delinqüência surge, no mundo moderno, como produto do sistema carcerário.*²⁵⁸

O anormal, *aquele nem exatamente doente, nem propriamente criminoso*²⁵⁹, amotina-se esporadicamente, para, entre outras coisas, mostrar que também é “dono do poder”, reforçando que este é difuso, não localizável, não tem propriedade, que transita entre os atores da trama, sendo operatório e relacional.

O adolescente T.M., não sabe ao certo o que quer. Rouba, assalta, parece guardar a sete chaves o dilema de viver no limite entre a delinqüência, o crime e a insanidade. Em geral dizia: *...cara, eu nem sei por que roubo! Minha mãe até desistiu de mim! Não tem jeito de sair*

²⁵⁷ Idem, Ibidem.

²⁵⁸ MACHADO, Filho, Oswaldo. *Ilegalismos e Jogos de Poder: um crime célebre em Cuiabá (1872) e suas verdades jurídicas e outras histórias policiais*. Cuiabá: Carlini & Caniato: EdUFMT, 2006. p. 40.

²⁵⁹ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 43.

do mundo do crime. E talvez esteja certo, mas, ao mesmo tempo, se indigna, por não saber escrever. Certa vez nos confidenciou:

Aê! E se eu quiser sair daqui e estudar? Como eu vou fazer? Porque as pessoas na sala de aula vão olhar pra mim, grandão na quinta série, aí a professora vai mandar eu lê uma coisa, e eu não vou saber. Aí ela vai dizer: como você tá nessa série e não sabe ler? O que eu vou dizer? Só pagar mico. Mas os professores não tão recebendo prá ensinar? Por que que eles não ensinam eu ler? Eu queria ler, não queria ficar perguntando tudo pros outros.

T.M. parece não saber o que dizer sobre si mesmo, assim como acontece com a instituição, através de seu corpo técnico. Realmente, psicólogos, assistentes sociais, profissionais de saúde e todos os demais segmentos, parecem ter a mesma dificuldade. Talvez isso se dê na medida em que, recorrendo uma vez mais a Foucault:

*... não há provas a dar, nunca se poderá fazer efetivamente a demonstração de que o indivíduo é um incorrigível. Ele está no exato limite da indizibilidade... o que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. Esboça-se um eixo da corrigível incorrigibilidade que vai servir de suporte a todas as instituições específicas para anormais que vão se desenvolver no século XIX.... Monstro empalidecido e banalizado, o anormal do século XIX também é um incorrigível, um incorrigível que vai ser posto no centro de uma aparelhagem de correção.*²⁶⁰

O ambiente da cadeia - a incerteza, a violência, o abandono -, parece materializar as diversas fronteiras em que o interno vive: liberdade x isolamento, razão *versus* desrazão, adolescência *versus* cruzeza da vida adulta, morte *versus* vida, anonimato *versus* mídia, e tantas outras.

O adolescente E.F., 23 anos de idade²⁶¹, analfabeto como Pierre Rivière, também tem sede de glória, a tal ponto que sempre nos perguntava: *O que você precisa para seu trabalho virar livro? Quanto é? Eu passo ferro pra você!* E um ano após tê-lo entrevistado, logo quis saber: *Já virei livro? Não esquece de mim não!* E.F., um *gurizinho desandado*, tal como ele mesmo se definia nos fez redigir várias páginas (dez ao todo), de uma longa e imaginativa entrevista, onde, apressadamente, como se tivesse consciência de que seu tempo poderia se esgotar a qualquer hora, descrevia os quarenta e cinco homicídios que havia praticado com maestria incomum. As entrevistas levaram aproximadamente vinte dias para serem concluídas, pois, por sua exigência foram todas manuscritas. De tal modo que mais de uma

²⁶⁰ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 p. 73.

²⁶¹ E.F., disse-nos que na verdade tinha 23 anos de idade, mas que no documento que mandara um amigo falsificar tinha 19 anos de idade. Afinal, dizia ele, *puxá cadeia aqui é mais fofo que no carumbé*. Não encontramos nenhum registros dos homicídios que disse-nos ter praticado, mas isto não nos surpreende, já que a maioria dos adolescentes super dimensiona seus “feitos” para ganhar o respeito dos demais e para sobreviver na cadeia, lugar para fortes e bravos.

vez impaciente com nossa “demora” em registrar o que falava dizia-nos: *Anda logo..., as idéias tão vindo tudo, os pensamentos tão vindo, eu não quero esquecer nenhuma manobra!* Ao final E.F. revelou-se “um grande mentiroso”, um Pinóquio do século XXI, com imaginação invejável. A maioria dos crimes que relatou era simplesmente inexistente, fantasia de alguém que busca fugir do anonimato, entrar para a história, ser contemplado na narrativa. E.F. queria se tornar personagem central, protagonista; queria ser agraciado pela palavra, ver-se escrito pelo alfabeto que ignorava, pelo vocabulário que fingia conhecer.

Para escapar à neura imposta pela detenção, inventava a maior parte de suas histórias na delinqüência; omite que estava preso, acusado tão somente de roubos, vadiagem (uso de drogas), pois para ele isso era *coisa de corró*.

E.F. levava tão a sério a personagem que inventou para si, que ao ser recapturado após uma fuga, disse aos policiais seu nome, endereço, filiação, e tão crível era sua fala que caso não fosse conhecido da polícia e se sua descrição já não tivesse sido veiculada pelos rádios das viaturas, quem sabe tivesse logrado êxito maior. O adolescente conseguia criar para si ou para a personagem, uma forma de se teletransportar para outros textos, nos relatórios técnicos de psicólogos e assistentes sociais ele destacava determinadas características, já nas entrevistas, parecia que protagonizar outra aventura. Tanto em uma quanto em outra, porém, não abria mão, de relatar “toda” sua história. A este respeito Umberto Eco comenta:

Levar a sério as personagens de ficção também pode produzir um tipo incomum de intertextualidade: uma personagem de determinada obra ficcional pode aparecer em outra obra ficcional e, assim, atuar como um sinal de veracidade. (...) Quando se põem a migrar de um texto para o outro, as personagens ficcionais já adquiriram cidadania no mundo real e se libertaram da história que as criou²⁶².

Em sua inventividade, contou-nos sobre o modo como vivia e ganhava a vida nos períodos em que estava livre, entre uma prisão e um alvará, assim sobrevivia:

Depois comecei a me prostituir em várias casas noturnas no centro, saía com veado, com mulher, com velho, com casal prá eu ficar com a mulher dele prá depois ele virar coragem, sei lá qual é a do cara, ver outro comer a mulher dele prá depois.. isso é muito estranho! Eu ganhava dinheiro, dependia do programa já tinha freguês já, uma parte era massa, cabuloso, eu viajava no sistema, se eu pegá um homem com a minha mulher eu mato ele. Igual já matei dois. Eu gostava da farra! Depois dos programa eu ia fumar droga com as puta. Aê... Eu morei numa casa noturna atrás do Morro da Luz! Freqüentava, dormia, via as puta fazendo strip-tease, fiz duas vezes, mas só pra mulher né cara? Pra homem não, sai fora! As casas noturnas do Beco do Candieiro, em volta do Morro da Luz, é tudo das donas do Sex Appeal e do Pantanal, que são duas irmãs...²⁶³

²⁶² ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das letras, 1994. p. 132.

²⁶³ “Entrevista concedida por E.F. em frente a “bigorna” da sala-de-TV do Centro Sócio-Educativo Pomeri. Esta entrevista foi realizada em vários dias. E.F. sentava no chão da cela e quanto a nós, nos sentávamos no chão da

Ao contrário de Rivière que se fez narrativa, assassino-texto, a partir de um acontecimento, um crime sensacional – parricídio – recuperado por Foucault, ocorrido, E.F. constrói seu texto, sua história, a partir de uma quimera, bem ao estilo Dom Quixote, pois parece crer no seu invento. Assim como o fidalgo para quem,

A escrita e as coisas não se assemelham mais. Entre elas Dom Quixote vagueia ao sabor da aventura. Ele toma as coisas pelo que não são e as pessoas uma pelas outras; ignora seus amigos, reconhece os estranhos; crê desmascarar e impõe uma máscara. Inverte todos os valores e todas as proporções, porque acredita, a cada instante, decifrar signos²⁶⁴.

E.F., porém, parece misturar aqui e acolá pequenas doses, quase imperceptíveis, de “realidade.” Em uma das ocasiões em que foi recapturado, retornou magro e sujo ao Centro Sócio-Educativo, mas ainda que o B.O., relatasse que, fora abordado por policiais militares que faziam ronda na região central de Cuiabá, por encontrar-se cheirando cola abertamente na Praça Ipiranga, E.F. desmentia o fato: *Aê! Fui preso dando uma volta numa Pajero que roubei, eu tava saindo do caixa do Bradesco lá na Barão, ia comprar umas parada, aí os pau no cu me pegaram! Aê,... escreve aí minha entrevista, vou te contar tudo que rolou na rua, muita treta, quer saber?* Assim como estabelecer se Rivière era louco ou não se constituiu em um dos problemas para os jurados de seu caso, precisar quais os pontos ficcionais ou não das histórias contadas por E.F., parece improvável e de todo inútil, pois para ele não restava dúvida alguma. Eram reais. Mas a lei, esta forma de gerir os ilegalismos, busca precisar o lugar da razão e da desrazão. Foucault a respeito do parricida expõe magistralmente o dilema enfrentado pela medicina mental e pelos juristas desde o começo do século:

... o crime de Rivière parece pois trazer novamente à luz a perigosa questão da coexistência da loucura e da razão, do delírio parcial, do intervalo lúcido. Será possível que o criminoso goze inteiramente de sua razão, ou que ele a perca por um minuto para recuperá-la em seguida? Teve ele consciência de seu ato? Agiu sem motivação e sem premeditação? Delira sobre um só objeto, guardando o resto de suas percepções intactas? Eis o conjunto de perguntas que atravessam, desde o começo do século, a medicina mental nascente, e que instauram uma série de divisões entre os médicos de um lado, e entre os médicos e juristas de outro lado: o problema teórico (e também político) estando em saber se é como a razão pode ser criminosa, e como tudo isto, crime e saber, pode ser “suportado” pelo que se chama a ordem social²⁶⁵.

ala. Ele interrompia, pedia-nos licença para tomar água, ir ao banheiro, ou nos oferecia um pedaço do bolo confeitado que a mãe havia enviado no “jumbo”. Todas às vezes guardava alguma coisa que considerava melhor no “jumbo” e nos oferecia. Em dias de chuva dizia: *Tá chovendo, mas eu quero falar do mesmo jeito, escreve aí! Cê quer saber não quer? Vem logo, aqui não molha!*

²⁶⁴ FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.66-67.

²⁶⁵ _____ *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997. p. 179-180.

Indiferente a estas questões, ainda que vítima delas, E.F., vulgo *Capetinha do Centro*, gurizinho desandado, continua a narrar mais um capítulo de sua odisséia.

As aventuras que criava para a personagem que incorporava a ponto de se confundir ou a ela se fundir seduziam aos que lhe ouviam. Sua obra máxima foi sua própria biografia, que escreveu até o último minuto de sua vida, onde drogado e faminto dizia: *Aê, to de boa, vou vender essas cabeças...* Novamente em Umberto Eco encontramos indícios para compreender o fascínio que o contador de história E.F. conseguia imprimir à sua obra:

Quando se torna fácil atribuir uma vida real a uma personagem da ficção?... propus a hipótese de que um fator importante para o surgimento de um culto ao redor de uma obra específica é a “desconexão” da obra. Mas desconexão também implica possibilidade de “desconjuntamento” ... Para se tornar sagrado, um bosque tem de ser emaranhado e retorcido como as florestas dos druidas, e não organizado como um jardim francês... É fácil entender por que a ficção nos fascina tanto. Ela nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstruir o passado... É por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente.²⁶⁶

Na tentativa hercúlea de se fazer herói, de construir um lugar e um espaço com o qual pudesse se identificar e ser identificado e onde finalmente encontraria reconhecimento, o ilustre personagem *Capetinha do Centro* dizia: *Aê! Não sei morar mais em casa não! Gosto de morar na rua! Aê! Lá no centro, no Beco do Candieiro, as puta, os viado, os gigolô, tudo me conhece! Se quiser me achar pra entregar o livro é só fala: Aê, cadê o Capetinha do Centro?* Sem saber ler, tampouco escrever, mas com a astúcia do que passam *uma cara* na cadeia, intencionalmente, conclui assim sua entrevista:

Eu E.F., vulgo Capetinha do Centro, garoto mal, com puro ódio, que se ressuscitou mais uma vez do inferno e o capeta não aceitou ele, ficou com medo de mim, porque eu sou mais perigoso que ele. Dei esse depoimento..., porque andei conversando com ela, não sabia de nada e ela me ajudou escrever este livro! Fica todo mundo com Deus e quem lê esse livro vai saber que não sou esse tipo de pessoa, já fui, que a sociedade pensa, sou um gurizinho regenerado!

E.F., ao dar seu depoimento, ao reconstruir seus passos, tendo como ponto de partida seu ingresso no mundo do crime, punha para funcionar a máquina da memória, selecionava eventos que lhe eram mais relevantes, inventava aquilo que enxergava como algo que o revestia de autoridade, respeito, que lhe dava distinção, retirando-o da condição de mais um presidiário. Deste modo floriava, criava e recriava e inventava os atos de sua trama. Parecia saber que:

²⁶⁶ ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das letras, 1994. p. 133-134-137.

*Se os mundos ficcionais são tão confortáveis, por que não tentar ler o mundo real como se fosse uma obra de ficção? Ou, se os mundos ficcionais são tão pequenos e ilusoriamente confortáveis, por que não tentar criar mundos ficcionais tão complexos, contraditórios e provocantes quanto o mundo real?*²⁶⁷

Como bom dramaturgo, sua entrevista se desenrolava como atos de uma peça teatral. Sabia exatamente o ponto onde parara no primeiro ato, de onde devia continuar a narrativa no próximo dia. Com lógica e coerência, as cenas eram montadas e o adolescente que após fugir do Pronto-Socorro Municipal de Cuiabá, havia sido preso “ridiculamente” cheirando cola, não desiste por um segundo que seja de conquistar a glória - assim como Rivière -.

A fuga, em sua narrativa ganha forma espetacular:

Eu estava na sala de cirurgia e tinha um enfermeiro que era meu camarada. Daí eu falei pra ele: “E aí meu camarada, isso já em dois mil e quatro, como que tá aqui na região do centro, tá limpo ou tá sujo? Ele tá comumente, do jeito de sempre! Aí eu falei prá ele - Não é desse jeito que eu tô perguntando, não é do jeito da malandragem, porque isso eu sei tudo que tá acontecendo na rua; daí ele me respondeu, você vai fugir ou não? Eu vou, mas de qualquer modo você vai me dar essa força? Eu vou abrir a janela da sala de cirurgia prá você pular. Daí eu peguei e falei - Não precisa, que a minha liberdade eu tô com ela na mão. E eu preciso que você me dê uma força! Que força é essa? Eu quero que você desbaratine o cara que vai fazer a cirurgia ni mim. Daí ele falou: Vai demorar uns vinte a trinta minutos. Aí eu falei:esses vinte a trinta minutos é o suficiente pra eu fugir. Daí eu falei e virei pro Z - Tô a fim de fumar um cigarro, vou lá na porta fumar um cigarro. Daí nessa hora de eu fumar o cigarro, chegou um colega meu lá de Várzea Grande, ele falou: E aí E. camarada, como você vai? Você está bem? Puxando uma cadeia que é fofolândia pra fugir? Daí pegou e virou pra mim e falou: Parece que você não é aquele camarada de antigamente, gostando daquela gurria e sendo chifrudo, parece que você não é o guri de quando nós se conhecemos a sete anos atrás. Eu perguntei pra ele bem assim:- Porque você me fala assim? Ele falou bem assim:- Não é querendo jogar você contra a gurria não, mas aí é uma idéia como camarada, mas você preso, sendo chifrudo, ainda sofrendo atrás das grades e recebendo ameaças atrás das grades. A gurria fazendo feio no bairro, e seu nome rolando como chifrudo. Você não pretende sair desse lugar? Seu parasita do caralho? Aí eu falei pra ele: - E aí meu camarada, não se esquentá que eu tô indo embora. Ele perguntou: Como você vai embora, com um orientadô socado nas suas costas (Aê..., anda rápido, tá tudo vindo na minha mente da hora de fugir). Eu falei pra ele bem assim: - Olha só pra você ver como eu sou parasita; daí o Z. pegou e virou, nessa que ele virou abri minha algema, o telefone da enfermagem tocou lá, ligando daqui do Pomeri para o Pronto-Socorro,daí que o telefone ligou, eu suspeitei que mandou chamar a enfermeira. Eu pensei: - tem que ser agora, porque o orientadô P. tava sabendo, porque eu falei pra ele. Daí mandou chamar o Z., nisso que mandou chamar o Z. eu saí correndo, nisso que eu saí correndo eu vi o Z. atrás de mim, eu saí estirado, e os povo ficou só olhando. Nisso o guarda do Pronto-Socorro tentou segurar o portão prá eu não sair, nisso eu botei o pé no muro prá puxá o portão prá trás com o velho e tudo, nisso o portão abriu e eu saí correndo. Quando eu dobrei a esquina vinha um monte de herói correndo. Daí saí correndo com a algema no braço e tirei e joguei ela em um dos caras que tavam correndo atrás de mim, e pegou na cara de um. Daí o Z. viu que não ia me pegar na corrida e ele desistiu.

²⁶⁷ _____ . Idem. p. 123.

E.F. é seu próprio biógrafo, e na falta de eventos que tornem sua aventura mais interessante ao leitor, inventa, super dimensiona, dá as cores que melhor lhe convém. Se houvesse como registrar os sons através da escrita, ou ainda, se a voz rouca de E.F., os efeito que ela causava, sua esperteza em torna-la mais grave ou mais aguda, se conseguíssemos explicitar estas nuances, certamente os leitores seriam mais rapidamente seduzidos, pois a entonação da voz, a teatralização, o gestual, acompanhado de caras e bocas, tornavam sua narrativa ímpar e ainda mais marcante.

Assim E.F., o narrador sagaz, que modula os sons guturais de sua garganta para impressionar a platéia, narra alguns dos homicídios que teria cometido:

O terceiro quase foi um assalto seguido de morte, só que não rolou a morte, porque a vítima não reagiu. Consegui roubar duzentos e oitenta reais e mil reais em ouro, e o restante era só semi-jóia. Daí, quando nós tava saindo da casa, nós tava em três; eu, um primo e meu tio; dois quarteirões depois deparamos com a viatuta 115, aí entramos em confronto com a polícia, eu fui baleado, tomei um tiro no braço esquerdo e já depois os dois já tava pulando o muro, eu fiquei e gritei o nome deles, eles voltaram. Nós tinha um 28, uma 12, seis cartuchos punheteira, e um 38 e uma 9 milímetro. Conseguiram me jogar pelo muro, saímos na Avenida da Cophamil, entrei três quarteirões, paremo, eu já não agüentava mais de tanto sangue. Eu tava com duas blusas, uma blusa branca e uma preta, daí o Jane falou: o E. não tá agüentando mais andar com nós, tem que enrolar o braço dele. Aí eles rasgaram e enrolaram a minha blusa no meu braço. Daí o segundo elemento, que é eu, - tô lembrando como o Luke Marlon²⁶⁸ fala -. Daí vinha um táxi na nossa direção. Mas eu tava baleado, saí primeiro, paremo, o dono do táxi queria sair correndo, aí Jane disse que não era um assalto. Assim mesmo ele saiu correndo, cabrerô, com medo. Aí peguemo o taxista, ele disse que não podia dirigir o táxi porque tava com medo, aí Jane disse que o guri que sabia dirigir tava baleado, que era eu, e não podia dirigir, aí o taxista pegou o volante do táxi, se deslocamo para Várzea Grande, bairro Jardim Aeroporto, isso era de madrugada..., era sexta-feira lua cheia, dia do capeta por tudo quanto é canto, maldito dia que eu saí prá roubar foi esse. Deslocamo prá Várzea Grande, chegamo em casa, que minha mãe que é tia deles, deslocou e perguntou o que tinha acontecido, ela não tinha visto os cano ainda. Ela sabia que eu aprontava, ela dizia que não era certo, que um dia eu podia acabar morto ou numa cadeira de roda, ou atrás de uma grade fria, que nem tô agora, dando um depoimento, que nem numa delegacia, ou baleado que nem eu tava no colchão dele, deitado em casa...

Misturando realidade com fantasia, o adolescente ia criando sua “fábula”, mas sabia internamente o peso da vida que levava. Este peso era tão esmagador que E.F. exibia um enorme caroço no cotovelo esquerdo “conquistado” em uma das vezes que em crise de abstinência, ou nos momentos de neura - quando gritava que não agüentava mais *puxar tranca* -, tentava arrancar os pinos colocados após uma cirurgia a que foi submetido para retirar uma bala decorrente de um tiro, que não chegou a nos contar em que situação se dera.

²⁶⁸ Luke Marlon: conhecido repórter do programa regional “Cadeia Neles”, transmitido pela Rede Record..

Recentemente, pouco antes de ser morto, o encontramos vendendo maconha, cocaína e pasta base nas imediações da “Maria Taquara”. Com o pescoço pendido visivelmente para a direita, quase se encostando ao ombro, e o olhar vago, de quem está em transe irreversível, já prenunciava a tragédia iminente: *Não consigo largar a droga não! É essa vida loka! Mas desejo pra Brenda minha filha, uma vida diferente da minha; para Brenda Michelle Fernanda Siqueira de Oliveira, desejo para ela boa saúde e que siga uma carreira de cantora, artista, que ela não siga o caminho que segui. Ela estuda num colégio melhor de Cuiabá!*²⁶⁹

Capetinha do Centro como *Dom Quixote assumiu sua realidade. Realidade que ele deve somente à linguagem e que permaneceu totalmente interior às palavras.*²⁷⁰

L.B., um outro adolescente confinado, garoto incomum, com fala coordenada, bom português, pensativo, parecendo fazer constante leitura do cotidiano da cadeia e dos segmentos que a compõem, fica calado enquanto outros colegas de cela estão contando suas histórias, mas vez por outra levanta a mão, quando acha que algum depoente está esquecendo de contar algo. Finalmente, diz que quer dar uma entrevista, que quer falar tudo, e assim o faz:

(...) Fiquei cinco dias na delegacia e fui encaminhado para o Pomeri. Nunca tinha visto uma cadeia, foi um choque pra mim. Daí num quarto eu tinha treta com um guri de bairro. Kekeú (K.P.). Mas nisso eu e ele entramos num acordo. Dissemos que dos dois lados tinha ladrão. Pensei que tinha acabado com essa briga na cadeia. Eu pensava que tinha um processo só, mas tinha na delegacia vários processos. Com três dias fui condenado. Ai parei pra pensar e vi que isso aqui não ajudava ninguém, só dava vontade de roubar mais. Só escutava conversa de roubar mais, só ficava aprendendo. Um dia que eu nunca esqueço eu tava no quarto um da Ala II. Eu tinha acabado de fumar maconha, tava viajando, brincando com os caras. Tava igual você fala... cara do mal.

²⁶⁹ Soubemos por um escrivão da policia civil que E.f. foi morto, uma semana após o encontrarmos nas imediações da Maria Taquara. Ele um dos sobreviventes da Chacina do Beco do Candeeiro, região do Centro da capital, famosa pelos prostíbulos, pelos travestis que fazem “ponto” no local, pela circulação de drogas, morreu no mesmo local com a cabeça esmagada por uma companheira de rua e de drogas. Durante a “neura” provocada pelo consumo, ela lhe teria pedido mais pó (cocaína) e ele dito que não tinha mais. Não acreditando na resposta, atirou um pesado bloco de granito, que havia estado por ali há anos, e atingiu a cabeça de E.F. que morreu na hora. No mês de outubro de 2006, as vinte e três horas acompanhamos o preenchimento da ficha de identificação da jovem S. (23 anos de idade) na Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, ao perguntarmos onde morava, ela disse que era moradora de rua desde os 12 anos de idade, e que morava em frente ao Morro da Luz. Afirmou também que já havia sido presa várias vezes no Lar menina Moça, uma das unidades do Complexo Pomeri. Perguntei se havia conhecido E.F., consentiu, nos contando que ele também morava na rua desde aos onze anos de idade, e que ele era um “truta” e que era do bem. Como E.F., S. teve a vida transcorrida no confinamento, tanto que ainda mantém o costume aprendido na instituição, com atitude subserviente trata as agentes prisionais e policiais de “tia”. Amedrontada por ser esta sua primeira detenção em uma cadeia “pros de maior”, tira constrangida a foto, com o número com que a instituição lhe registrou. Antes fala: *Tia, meu cabelo tá feio, a foto vai ficar aí prá sempre?* Após a foto ser tirada, atravessa com medo o portão da carceragem e fala: *Ai meu Deus, aqui tá escuro! Tia elas vão apavorar comigo né?*, ao chegar no isolamento, ala em que todas as internas primárias e as punidas são colocadas, fica aliviada pois reconhece várias colegas de rua que não via há algum tempo.

²⁷⁰ FOCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 66.

L.B. parou nesse ponto da entrevista para certificar-se de nosso interesse, e de que a história seria realmente escrita e contada a outras pessoas. Disse-nos que queria falar *tudinho*, desde o primeiro dia, a primeira rebelião, *os corre...* Voltemos então à sua história:

Tava trocando idéia com os caras, quando ouvi um barulho na quadra interna da Ala I. Pedi ajuda pro Febem pra subir na janela. Nisso eu vi uma 12 e uma lanterna na minha cara. Desci da janela, acabou minha onda, até fiquei de cara. Chegou J., orientador, abrindo o quarto e disse: nós não podemos fazer nada. Eu perguntei: nós vamos apanhar? Ele disse: Todo mundo pelado de mãos nas costas. Nisso os policiais fizeram um corredor. Todo mundo nu, virado de bunda pra eles, chorando, eles na maior zuação, iluminava a gente e dizia: Olha a bunda desse aí! Cuspia em nós, e batia nas pernas, braços, todo lugar e zoava, zoava. Pararam de bater, voltamos pra cela, todo mundo chorando de dor! Dor de taca, não foi uma taca dessas! Foi uma taca verdadeira, forte. Teve gente que ficou com a cara naquele esgoto da Ala B e da Ala C. Aí começou um boato que S. tinha chamado os policiais. No outro dia foi roda, água, leite, tudo nele! Nove da manhã fomos conversar com psicólogo, aquele pessoal que vive no mundo da lua. Os psicólogos pagando de chocado. Ah! Vocês vão pro IML. Até hoje não vi nada. Acabou em pizza, não deu nada.

Nesse ponto da entrevista L.B., permite que não somente a disciplina, a punição, o enfrentamento com o poder seja visto em sua expressão mais selvagem e bárbara, mas também possibilita a reflexão sobre a violência como instrumento insano. A desconfiança da intenção da equipe técnica, que em sua fala é identificada como pessoas que não percebem a realidade – *aquele pessoal que vive no mundo da lua* – e hipócrita – *os psicólogos pagando de chocado* –. A força e o poder da máquina institucional, o sentimento de impotência diante do inimigo, faz com que alternativas de sobrevivência sejam construídas, a loucura, a não submissão as normas, o afrontamento ou o ignorar das ordens são algumas dessas táticas de resistência, como aponta a narrativa de L.B.:

Ai eu fui pra Ala III, celular, maconha, tudo, mas naquela época, se tá ligada, não podia entrar TV. Maconha entrava na visita, celular os orientador trazia, serra era com eles mesmo. Tudo comprado, mas os tipo foram embora. Ai rodou o primeiro celular, nós tava na cela, deixamos aparecendo o carregador de celular. Aí compramos outro por R\$ 180. A gente mostrava a pessoa (visita) para o orientador corre, eles acertavam tudo lá fora. Ai começamos a trabalhar na fuga. Serrando lá em cima e embaixo, ficou um mês serrado, ninguém viu. Um dia A. subiu, olhou, olhou, pisou perto, mas não viu. Ai no sábado decidiram ir. Ai esse orientador corre sabia de tudo. Quando ele saiu às sete horas falou que desejava que tudo desse certo. Uma e meia da manhã, nós tudo louco de maconha na B e na C, emburacou tudo prá C pelo telefone, aí que o Jean que não ia, na última hora resolveu ir, eu e gauchinho já tava decidido não ir. Às duas da manhã todo mundo orando na C de mão dada, todo mundo foi. Voltamos pra B, arrumamos o quarto e fomos dormir. O celular foi porque tinha que entrar em contato com o carro da fuga que estava encostado no muro. Sete horas da manhã, na troca de plantão que os orientadores foram saber de fuga. Depois de uma semana fui embora de Alvará,

de boa. Fiquei de boa uns tempos. Depois comecei a andar com más companhias e vender drogas....²⁷¹

L.B., diz que cadeia enlouquece, parece ter clareza, do rumo que sua vida tem tomado desde muito cedo. Narra sua história, para, pergunta se aceitamos água, uma bala? Bolacha? E prossegue dizendo:

Eu não sou mau não...! Mas eu sei que sou inteligente, a professora dizia isso, eu posso ser de outro jeito, só tenho que tomar vergonha, é que quando a gente tá na rua, tem as meninada, e as menina não tem cabeça, elas gostam de ladrão, porque tão sempre com dinheiro.

E prossegue, emocionado remexendo intencionalmente os arquivos da memória, deixando latente - assim como os demais -, a impressão de que consideram importante o registro de sua história e apegam-se à palavra, quem sabe na tentativa de garantir uma sobrevida:

No dia seguinte fui lá para Manaus, pra morar definitivamente com o meu pai. Chegando lá meu pai me colocou de rédeas curtas. Manaus é uma cidade grande, mas meu pai me botou lá para estudar longe pra caralho, numa comunidade. Era cabuloso lá. Meu pai queria que eu melhorasse. Eu tava de boa, mas um pedreiro que tava trabalhando na casa da minha vó, sacou que eu era malandro e trouxe uma maconha. Aí começou as aulas. No começo eu não tava gostando dos meus parentes não. Meu pai é um cara durão, o coração dele não amolece não. Quem eu pensei que não ia gostar eu gostei. A minha madrasta é gente boa demais. Nas aulas conheci os malandros e comecei a andar com eles. Minha tia era diretora da escola, mas eu tava de boa. Até que um certo dia, no recreio, à noite, um gurizinho falou: tenho um “brown”, vamo fumar? Eu muito tempo sem fumar, falei: vamo agora! Fumamos um “brown”, voltamos, minha tia me viu daquele jeito, olho vermelho, começou a me flagrar. Ela já sabia de tudo aqui de Cuiabá, só minha vó não sabia. Cheguei em casa. De manhã fui para casa da minha vó, deu uma hora, fui me arrumar pro colégio e meu pai falou: pra onde você vai? Sua tia já te deu a transferência, por isso,... E você vai embora amanhã para Cuiabá.

Durante o tempo em que L.B. esteve preso a única pessoa que o visitou foi uma irmã, de quem fala pouco, mas com quem sonhava em abrir uma espécie de bar, boate e lanchonete, pois assim acreditava que ia se tornar *patrão*. Do pai guardava certo rancor por ter deixado a família, mas ainda mais por ser uma pessoa distante, a quem desafiava, vivendo a seu modo. Quando o pai o enviou para Cuiabá como ele mesmo relata, voltou ainda mais revoltado:

Eu vim a noite mais revoltado. Voltei pra cá, voltei vendendo droga, estudando. Aí numa festa no Fênix, um cara que tinha uma treta comigo, me deu duas facadas

²⁷¹ Entrevista concedida por L.B. em frente ao quarto 10 da ala III do Centro Sócio-Educativo Pomeri. Cuiabá, outubro de 2005. L.B. perguntava constantemente: *Estou indo muito rápido? Se você quiser eu falo mais devagar! Ao final disse: Agradecido aê! De coração! Foi uma puta força pros irmãozinho aê!*

pelas costas, uma furou o pulmão, a outra raspou meu fígado. Fiquei 11 dias internado na UTI e 6 na recuperação. Vi a morte, na ambulância vi toda minha vida, desde o começo, passando na minha frente, e o sangue saía pela boca e nariz, ninguém acreditava que eu ia ficar vivo. Esse negócio de túnel é mentira, dá medo, medo mesmo, só pedia a Deus, agora não! Um mês depois eu tava vendendo droga de novo. Aí eu dei uns tiros num cara lá em Nova Várzea Grande. Vim pra cá, tentativa de homicídio. To refletindo! Vou sair daqui, vou ser nadador, vou ser um Picasso, dá raiva esse mundo de fantasia da Superintendência. Eu pegar minha revolta e usar para o lado bom, até agora só usei para o mal. Esses orientador tinha que ser mais cabeça, ter mais paciência. A palavra fala orientador, tem que orientar, dar conselho. Orientador empurra, bate, xinga, não quer pegar água. Depois das 23h você pode morrer de sede. Se chamar uma vez pune. Se chamar duas vezes tira suas coisas do quarto. Se chamar a terceira, você toma uma taca e fica com o corpo doendo e sem água. Meu futuro é estudar bastante, ser alguém de gravata, ficar bem, bem mesmo. Não quero ficar atrás de balcão, não!

Estes jovens “monstros”, que nos parecem tão distantes dos atos de Charles Jouy²⁷² e de Henriette Cornier, levam o que chamam de *vida loka*, curta mais intensa, e rabiscam pelos quatro cantos das celas, *Só Deus sabe a minha hora!* Vivem em uma zona de tensão, de conflito permanente, encaram diariamente os cenários do centro da capital, dos bairros que, segundo o adolescente S., *têm casas de bonita paisagem*, mas sabem que o lugar para onde sempre retornam é a periferia. É a partir dessas referências que experimentam a prisão e a “liberdade”, que sentem a fronteira com todo seu peso, ao contrário dos dois casos narrados por Foucault – o de Jouy e de Henriette – cujos monstros receberam como pena a morte imediata, têm em comum a *vida perdida*. De fato segundo esse pensador Henriette podia ser considerada uma

*Mulher perdida em vários sentidos da palavra, pois havia vagado daqui pra lá; havia sido abandonada pelo marido ou amante; tivera vários filhos que abandonara; tinha mais ou menos se prostituído. Mulher perdida, mas personagem muda que, sem explicações, comete esse gesto monstruoso; gesto monstruoso que irrompe sem mais nem menos no meio urbano em que ela se encontra e que passou diante dos olhos dos espectadores como um meteoro fantástico, negro, enigmático, e sobre o qual ninguém pôde dizer nada.*²⁷³

De fato, Henriette não explicou suas razões para seus contemporâneos e isso fez com que os juristas se ocupassem de seu caso, porém sua vida infame gritava o imponderável, a ponto de Foucault a retirar do silêncio dos arquivos. Não raras vezes os monstros calam, nem todos anseiam transformarem-se em assassinos-textos. Outras vezes simplesmente não se encontra razão, motivo plausível, e aí está a monstruosidade, não há o que dizer, o ato

²⁷² Charles Jouy é um lavrador rural da região de Nancy, que no mês de setembro-outubro de 1867, foi denunciado ao prefeito da sua aldeia pelos pais de uma menina que ele teria em parte, de certo modo, mais ou menos violentado. Já Henriette Cornier era uma criada que havia decaptado uma menina, praticamente sem dizer uma palavra, sem uma explicação In.: FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 p. 372.

²⁷³ FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 p. 373.

vingador é desferido contra quem consideramos inocente. L.B., fala da dureza do pai, da dificuldade de se relacionarem, da mágoa de ter sido mandado de volta para Cuiabá. Suas palavras têm a força de sua dor. Ainda que sejam palavras de um adolescente, também se impuseram ao espaço escrito, também romperam o silêncio do anonimato.

Os anormais, monstros, se manifestam em todo circo montado pelas relações de poder, de saber, de força, em volta da criminalidade, do desconhecido. O perverso e a perversidade que o ronda, aquilo e aqueles que causam a dor, a morte, o susto, nos envolve, tanto que o auditório dos programas sensacionalistas de T.V. estão sempre repletos. O mesmo ocorrendo com os leitores das colunas dos jornais que seguem a mesma linha. Essa curiosa morbidez está presente ainda no olhar que insiste inutilmente em transpor os muros da prisão.

O desejo e o prazer, essa mistura esquizada é tão avassaladora e turbulenta quanto a platéia que se prostrava para assistir aos suplícios. Ainda que Foucault tenha analisado as transformações que ocorreram com a passagem do suplício para a prisão moderna, este gosto pelo trágico, pelo grosseiro e atroz parece subsistir. A forma como a multidão se movimentou para assistir o cumprimento da sentença de Jean-Baptiste Grenouille é bem ilustrativa, vejamos:

*Os cidadãos se preparavam para o evento como uma importante festividade. Que não se iria trabalhar, isso era óbvio. As mulheres passavam suas roupas de feriados, os homens tiravam o pó de seus jaquetões e mandavam engraxar bem as botas... Já se cozinhava e assava nas cozinhas, buscava-se vinho nas adegas e enfeites florais no mercado; na catedral, o organista e o coro ensaiavam... A execução estava marcada para as cinco da tarde. Já pela manhã chegaram os primeiros expectadores e garantiram lugares para si. Trouxeram cadeiras e banquinhos, almofadas, mantimentos, vinho e os filhos... Os comerciantes faziam bons negócios, comia-se, bebia-se; zumbia e burburinhava como uma feira anual. Logo haviam se juntado umas dez mil pessoas, mais do que para a grande procissão, mais do em qualquer ocasião anterior em Grasse.*²⁷⁴

Apesar de estarmos tratando a prisão como instituição total, como uma instituição disciplinar, consideramos que em seu interior a prática do suplício persiste. Ora trata-se agora de uma nova forma, não mais o esquartejamento, o desmembramentos por tração animal, nem as fogueiras em praça pública, mas sim no espaço privado dessas instituições.

Se entendermos que não há história linear, que não existem marcos capazes de limitar períodos e culturas. Que determinadas características de sociedades distantes no tempo sobrevivem, e que nesse caso a memória trás para o presente não somente os personagens,

²⁷⁴ SUSKIND, Patrick. *El perfume: história de um asesino*. Habana Vieja, Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Arte Y Literatura, 1985. p. 257.

mas também suas práticas, que vivemos uma multiplicidade de tempos e nos cercamos por fantasmas, não será difícil compreender que não há tanta originalidade na forma como tratamos a desgraça alheia. Assim se movimentava os populares para assistir a condução do prisioneiro e ao espetáculo do suplício:

... deverá ser levado dentro de quarenta e oito horas à praça pública em frente aos portões da cidade; lá com o rosto para o céu, será amarrado na cruz de madeira. Ser-lhe-ão aplicadas, ao vivo, doze pancadas com uma barra de ferro, que lhe destroçarão as articulações dos braços, pernas, quadris e ombros, sendo depois preso à cruz, exposto até a morte. A usual prática misericordiosa – estrangular o delinqüente após o esmigalhamento por meio de uma corda – foi expressamente proibida ao carrasco, mesmo que a agonia viesse a se estender por dias. O cadáver deveria ser enterrado onde eram enterrados os animais sem que qualquer sinal marcasse depois o local... Ficou durante horas pendurado pelos pés, bombearam sete litros d'água para dentro dele, aplicaram-lhe torniquetes nos pés – sem o menor êxito. O homem parecia insensível a dores físicas, não soltava um pio, e toda vez que era perguntado dizia apenas: “Precisava delas”. Os juízes o consideraram louco. Suspenderam as torturas e decidiram levar o processo a cabo sem mais interrogatórios.²⁷⁵

Elegemos a prisão a pena mais humana e mais justa a ser aplicada, mas o prazer sentido na aplicação da dor ao corpo do condenado sobrevive. Acalmamos, porém as consciências ao permitirmos que a punição seja aplicada nas instituições de fechamento. Essa transformação é em parte explicada pelo processo de domesticação dos costumes. Embora desde o século XIX, venha se desenvolvendo certa humanização na aplicação das penas, sobrevive ainda hoje instituições disciplinares que primam - mesmo que mais discretamente -. Encontramos-nos atravessados por modelos explicativos de sociedade e de aplicação das punições. A sociedade disciplinar e a de controle, analisadas respectivamente por Foucault e Deleuze, coexistem, fundem-se, completam-se, submetendo os indivíduos, a uma dupla vigilância, e a esta disciplinarização, somam-se os adestramentos, as desqualificações, as torturas – suplícios -. A sensação de ser “chipado”, condicionado, parece provocar a necessidade de escapar a esta dinâmica, até mesmo através da delinqüência ou da insanidade.

Os criminosos, animais no zoológico, alvos dos rigores da lei, ou das instituições que gerem os ilegalismos, também eles vítimas e verdugos, detentores das marcas feitas pelos ferretes sociais, apontam tanto para a exasperação do peso que sua existência carrega, quanto para a fragilidade humana.

²⁷⁵ SUSKIND, Patrick. *El perfume: história de um asesino*. Habana Vieja, Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Arte Y Literatura, 1985. . p. 251.

A loucura, lugar do devaneio, da expansão dos instintos, lugar de se esconder, de expiar os pecados, e quem sabe de se tramar outros, pode ser também o lugar onde se percebe como diz Maffesoli... *a lógica passional que dá vida ontem e sempre ao corpo social...*²⁷⁶ Entrever este lugar é atentar, como prossegue o autor, para... *a vida cotidiana, em sua banalidade, em seus atos falhos, nos ritos inconscientes em que se vislumbra a comunhão orgiástica, nas pequenas aberrações que a polidez finge desconhecer...*²⁷⁷.

Brecht em conhecido poema aponta para algumas possibilidades que envolvem o indivíduo na confusão cotidiana das incertezas e aberrações que constituem o Ser. Na companhia do autor pensamos ser mais belo refletir sobre o que parece distante, impensável, sobre a dor alheia, sobre aqueles a quem denominamos monstros, e na tentativa de não calar ainda mais uma vez sobre a história destes anormais, nem sequer abafar sua voz, ouvimos sua narrativa:

A Infanticida Marie Farrar

Bertold Brecht

1

Marie Farrar, nascida em abril, menor
De idade, raquítica, sem sinais, órfã
Até agora sem antecedentes, afirma
Ter Matado uma criança, da seguinte maneira:
Diz que, com dois meses de gravidez
Visitou uma mulher num subsolo
E recebeu, para abortar, uma injeção
Que em nada adiantou, embora doesse.

Os senhores por favor, não fiquem indignados
Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

2

Ela porém, diz, não deixou de pagar

²⁷⁶ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 15.

²⁷⁷ _____ Idem. p. 11.

O combinado, e passou a usar uma cinta
E bebeu álcool, colocou pimenta dentro
Mas só fez vomitar e expelir.
Sua barriga aumentava a olhos vistos
E também doía, por exemplo, ao lavar pratos.
E ela mesma, diz, ainda não terminara de crescer.
Rezava à Virgem Maria, a esperança não perdia.

Os senhores, por favor, não fiquem indignados
Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados

3

Mas as rezas foram de pouca ajuda, ao que parece.
Havia pedido muito. Com o corpo já maior
Desmaiava na missa. Várias vezes suou
Suor frio, ajoelhada diante do altar.
Mas manteve seu estado em segredo
Até a hora do nascimento.
Havia dado certo, pois ninguém acreditava
Que ela, tão pouco atraente, caísse em tentação.

Mas os senhores, por favor, não fiquem indignados
Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

4

Nesse dia, diz ela, de manhã cedo
Ao lavar a escada, sentiu como se
Lhe arranhassem as entranhas. Estremeceu
Conseguiu no esconder a dor.
Durante o dia, pendurando a roupa lavada
Quebrou a cabeça pensando: percebeu angustiada
Que iria dar à luz, sentindo então
O coração pesado. Era tarde quando se retirou.

Mas os senhores, por favor, não fiquem indignados
Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

5

Mas foi chamada ainda uma vez, após se deitar:

Havia caído mais neve, ela teve que limpar.

Isso até a meia-noite. Foi um dia longo.

Somente de madrugada ela foi parir em paz.

E teve, como diz, um filho homem.

Um filho como tantos outros filhos.

Uma mãe como as outras ela não era, porém

E não podemos despreza-la por isso.

Mas os senhores, por favor, não fiquem indignados.

Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

6

Vamos deixá-la então acabar

De contar o que aconteceu ao filho

(Diz que nada deseja esconder)

Para que se veja como sou eu, como é você.

Havia acabado de se deitar diz, quando

Sentiu náuseas. Sozinha

Sem saber o que viria

Com esforço calou seus gritos.

E os senhores, por favor, não fiquem indignados

Pois todos precisamos de ajuda, coitados.

7

Com as últimas forças, diz ela

Pois seu quarto estava muito frio

Arrastou-se até o sanitário, e lá (já não sabe quando) deu à luz sem cerimônia

Lá pelo nascer do Sol. Agora , diz ela

Estava inteiramente perturbada, e já com o corpo

Meio enrijecido, mal podia segurar a criança

Porque caía neve naquele sanitário dos serventes.

Os senhores, por favor, não fiquem indignados

Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

8

Então, entre o quarto e o sanitário – diz que

Até então não havia acontecido – a criança começou

A chorar, o que a irritou tanto, diz, que

Com ambos os punhos, cegamente, sem parar

Bateu nela até que se calasse, diz ela.

Levou em seguida o corpo da criança

Para sua cama, pelo resto da noite

E de manhã escondeu-o na lavanderia.

Os senhores, por favor, não fiquem indignados

Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados.

9

Marie Farrar, nascida em abril

Falecida na prisão de Meissen

Mãe solteira, condenada, pode lhes mostrar

A fragilidade de toda criatura. Vocês

Que dão a luz entre lençóis limpos

E chamam de “abençoada” sua gravidez

Não amaldiçoem os fracos e rejeitados, pois

Se o seu pecado foi grave, o sofrimento é grande.

Por isso lhes peço que não fiquem indignados

Pois todos nós precisamos de ajuda, coitados²⁷⁸.

Fecho aqui este trabalho com as palavras de Brecht, apossando-me novamente do discurso alheio para traduzir minhas impressões sobre o *subterrâneo social* e seus

²⁷⁸ BRECHT, Bertold. A Infanticida Marie Farrar. In: *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p. 52. Optamos por transcrever o poema na íntegra, inclusive em sua forma estética, pois pareceu-nos que a escolha do autor em onde e como pontuar, iniciar a frase, os espaços e a numeração de cada estrofe, transmite com exatidão o sentimento, a dor e a fragilidade que ele se propôs narrar.

personagens anormais. Mas, como me obrigam a norma e suas “esquisitices confusionais”, emprego também minha narrativa para pedir aos senhores que não fiquem indignados com as histórias aqui relatadas, como a de W.C., que confessa gostar de sentir o barulho da faca no osso, ou como a de J. que diz: “não tive piedade”, ou ainda E.F. que afirmava: “Eu sou um gurizinho desandado”, *pois se o seu pecado foi grave, o sofrimento é grande. Por isso lhes peço que não fiquem indignados, pois todos nós precisamos de ajuda coitados!*

ÚLTIMO ATO:

EM OBRAS²⁷⁹

*O esforço é grande e o homem é pequeno...
A alma é divina e a obra imperfeita...
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor...²⁸⁰*

A pesquisa que possibilitou a construção deste trabalho teve como característica a busca neurótica, esquiza, incessante, dolorosa, quase insana de se constituir em uma narrativa subversiva. Dolorosa porque esta subversão deveria obrigatoriamente começar pela própria pesquisadora que ao dedicar-se a lidar com os “jovens monstros”, precisava reconhecer sua impotência frente às injustiças da Justiça, desgraças e mortes com que teria que lidar.

Esta subversão exigia ainda que as concepções aprendidas sobre a história fossem estilhaçadas, que uma nova maneira de pensar as fontes, os documentos, a narrativa começasse a se instaurar.

Sem calmantes, como um diretor teatral excêntrico que elege seus astros, manipulando os sentimentos invejosos dos coadjuvantes, pus-me a montar a trama.

Tencionei oferecer a platéia, ao leitor, uma “viagem” intranquã, repleta de sobressaltos, e ainda mais, tentei cooptar a linguagem como cúmplice para que as histórias de vida saltassem do palco de modo que cada personagem pudesse ser imaginado em ação no cenário do confinamento.

O desafio à leitura deveria vir acompanhado da percepção de que percorri caminhos acidentados, descontínuos, violentos, ladeado por pequenas alegrias e grandes tristezas.

Seguindo os sinais, as pistas, os indícios e “as piscadelas” que se insinuavam, nos entreguei-me ao desejo de constituir a narrativa em uma fissura, para que as vozes, os cheiros, os silêncios, a atmosfera, os sentimentos, os desejos, as revoltas e as maldades dos adolescentes confinados ecoassem.

²⁷⁹ Informo aos senhores leitores que as citações deste último ato estão dispostas no script, como parte integral do texto “principal” assim, devem ser lidas em um *continuum*, sem paradas, sequer para tomar fôlego, como se os dois textos estivessem absolutamente fundidos, compondo um único corpo.

²⁸⁰ PESSOA, Fernando. II. Mar Português. In. *Tabacaria e outros Poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p.10-11.

*Entendemos que as investigações devem privilegiar o estudo das estratégias e as regras que norteiam as negociações dos grupos sociais; assim como, analisar as práticas culturais que destacam aprendizagens... refletir sobre as práticas de moradia e de organização social que resultam da ação de homens e mulheres interessados em construir condições de permanência cotidiana – num espaço (ainda que no espaço do confinamento) que depende ou é efeito de transformações que o circunstanciam e o temporalizam.*²⁸¹

Assim como não propus-me a encontrar as origens, o mito ou o elemento fundador, também não iniciei a investigação na ânsia de encontrar certezas e verdades ou chegar a conclusões finais, tampouco foi intenção oferecer a receita secreta que curaria todos os males.

O encontro com o outro lançou-me *numa dura orquestra de furor insano*²⁸², e entre tantas coisas permitiu a construção de algumas reflexões, confirmações, e constatações. Confirmei, por exemplo, a pertinência das afirmações de Foucault e Michelle Perrot sobre a ineficiência e o fracasso das prisões: *Conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa quando não inútil. Entretanto não “vemos” o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão.*²⁸³ E ainda mais, constatei que um outro elemento aponta para a inutilidade do encarceramento: as reincidências, os irrecuperáveis. *A prisão fracassa, a exclusão triunfa.*²⁸⁴

As reincidências, decorrentes da própria forma de existência dos detentos, que *se desenrola no sentido do abuso do poder*²⁸⁵, além de indicar a falência das prisões - ao menos no que seria sua suposta função, permitir que o indivíduo retorne a sociedade “civilizada”, confirma o sentimento de impossibilidade de escapar à vida vivida nos interstícios do poder. O adolescente R. cometeu sua primeira infração aos 12 anos de idade, hoje aos dezesseis anos de idade acumula sete passagens na instituição e a certeza de que é mesmo *Vida loka! E que Só Deus sabe minha hora!*

Embora a maquinaria de guerra trace estratégias e disponha de dispositivos de sujeição dos indivíduos, as táticas... *parte das “maneiras de fazer”*: *vitórias do “fraco” sobre o mais “forte”... pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”...*²⁸⁶, encontram através da visão por trás das grades meios de escapar ao controle do olhar panóptico e de traçar linhas de fuga.

²⁸¹ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006. p. 19.

²⁸² ABREU, Casimiro de. *Poesias Completas de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélio Valverde S.A.s/d. p. 79.

²⁸³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 196.

²⁸⁴ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 237.

²⁸⁵ FOUCAULT, op. Cit., p. 222.

²⁸⁶ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: I. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 47.

A irreverência da linguagem, a determinação em inverter os usos dos objetos, em erguer a voz e todo corpo aos aplicadores da punição deixa-nos perceber que *o vivido implica em movimento incessante de construção, superação, demolição, reconstrução.*²⁸⁷ Indica também que, *a obstinação em policiar o corpo, em integrá-lo a uma ordem de produção, mostra que o desvio ou os desvios existem – e se é indispensável insistir, punir, voltar à carga, é porque, de um modo, que passa quase despercebido e, muitas vezes, disfarçado, a ‘perda’ reponta sempre.*²⁸⁸

Conviver com os protagonistas de nossa história, foi acima de tudo experimentar o prazer de conviver com o outro, com aquele que até então estava encoberto tanto pelos pudores da história oficial, que rejeitava este “material indigno”, quanto pelos muros erguidos ao seu redor.

Foi prazeroso também ter acesso a relatos emocionantes, esclarecedores, assumidamente tendenciosos, *meu depoimento, minha versão dos fatos*, como disse o adolescente L.B.B.²⁸⁹ A pesquisa possibilitou a quebra de estigmas, a percepção de que sempre há mais que uma versão, a construção de relações de afeto, a comprovação de que é possível *a partir da ênfase à circulação do afeto exprimir os fundamentos da vida em sociedade – e isto num momento em que a ideologia capitalista... põe em destaque o primado da ordem material e econômica.*²⁹⁰

Afinal, sei o quanto ainda há a pesquisar e não pararei aqui, mas pensamos que tornei conhecíveis, ao menos em partes os condenados a viverem grande parte de suas existências nos porões das instituições de fechamento.

Através da violência os “jovens monstros” descobrem ao modo dos camponeses contemporâneos de Rivière que,

*...o testemunho e a sorte de alguns dentre eles que sacrificam suas vidas como se soubessem, com um saber em que a razão vacila, que para tomar a palavra e para que seja ouvida é preciso ao nativo começar por matar, e disso morrer. Suas ações são discursos, mas o que dizem eles, e por que falam essa língua assustadora do crime?*²⁹¹

Os crimes apontam para *vidas privadas de qualquer futuro, privadas de qualquer oportunidade*, para o peso de *agüentar diariamente o impossível*. As infrações, assim como os

²⁸⁷ MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 9.

²⁸⁸ Idem. p. 41.

²⁸⁹ Entrevista concedida pelo adolescente L.B.B. (17 anos de idade), em frente ao quarto 1 da triagem, setembro de 2004, quando acabava de compor uma poesia.

²⁹⁰ MAFFESOLI, op. cit., p. 28.

²⁹¹ FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997. P. 194.

bonés, as tatuagens, os piercings, as roupas, calçados, acessórios, os objetos da cela, os “paiero”, os “bereu”, as “júlia”, os “jumbo”, os “chuços”, as filas nos dias de visita, as filas para entrar nas celas, as revistas, o muro, a piscina, a escola, as apresentações dos adolescentes fora da instituição, são textos dados a ler, são documentos postos a investigação do historiador.

Descobri esta infinidade de textos e documentos através da leitura das obras dos autores que me instrumentalizaram e do contato com outras disciplinas já acostumadas a “manusear” este material, como a antropologia, a sociologia e a literatura, e na indispensável convivência com os adolescentes internos no lugar do confinamento.

Encontrei um universo afogado na viscosidade do imponderável, me deparei com efervescências, com existências em ebulição, com modos diferentes de sobreviver à consciência da brevidade da vida. A esse respeito Maffesoli reflete:

*A cultura do prazer, o sentimento do trágico, o afrontamento do destino, tudo isso é causa e efeito de uma ética do instante, de uma acentuação das situações vividas por elas mesmas, situações que se esgotam no ato mesmo, e que já não se projetam em um futuro previsível e dominável à vontade. Essa é a consequência da “necessidade” em seu sentido filosófico: engendra heróis, novos cavaleiros da pós-modernidade, capazes de arriscarem suas vidas por uma causa e que podem ser, de uma só vez, idealistas e perfeitamente frívolos. Risco que pode ser fantasmático, da ordem da simulação ou, com consequências muito cruéis, perfeitamente real. Mas, em todos os casos, podemos compreendê-lo como uma afirmação da vida, suficientemente multiforme para incluir nela a morte.*²⁹²

Cartografei existências, linhas de fuga, percebi como os personagens se movimentam em cena e a variabilidade de seus papéis, que se alternam, sendo que ora alguns atores aparecem como protagonistas, ora como coadjuvantes, ora como fracos, ora como fortes, pois assim como as configurações de posição oscilam em uma promiscuidade eterna, o mesmo caráter volúvel é percebido no poder, que não se atém, tampouco se fixa ou se entrega a um grupo.

As coisas miúdas, os “cacos” que juntei, as fontes que acessei, indicaram que... *no interior da clareira que as concepções ou as convenções de cada época recortam no campo da historicidade, não existe hierarquia constante entre as províncias; nenhuma zona domina outra e, em todo caso, não a absorve.*²⁹³

²⁹² MAFFESOLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

²⁹³ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1998. p.29.

Ofereci tão somente um sobrevôo sobre o cotidiano do Pomeri, um panorama flagrado por nossa lente, que consiste em uma leitura dos documentos singulares que nosso dedo apontador selecionou;

*... a parte que costuramos no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa.*²⁹⁴

Aos “ogros” todo mérito por fazerem emergir suas histórias, o ofício do historiador tornou-as legíveis, inteligíveis, dizíveis e visíveis, mas foi através do cometimento de seus crimes que o encontro tornou-se possível. *Não foi preciso um rei ou um poderoso para torná-los memoráveis. Todas estas narrativas contam a história sem senhores povoada de acontecimentos frenéticos e autônomos, uma história abaixo do poder e que vem chocar-se com a lei*²⁹⁵.

Não posso encerrar, porém, sem dizer que quando fecho os olhos e penso sobre o ponto em que estou algumas imagens me vêm a cabeça. Penso nos primeiros ensaios, e aí preciso dizer que ao montar o palco desta peça, armar o cenário e traçar a coreografia, descobrimos como indicou Maffesoli que havia coisas mais sentidas que analisadas.

Nesse momento em que se cerram as cortinas reafirmo essa indicação, sinto um incômodo, pois falta algo a dizer. O alívio momentâneo para esse incômodo encontrei na leitura do conto *A Construção*²⁹⁶ de Kafka, nele descobri também a inspiração e a coragem para encerrar esta longa temporada e ao mesmo tempo o desafio para anunciar a próxima.

Como o autor, considero que deixei buracos, *restos de um dos numerosos e vãos intentos construtivos... e indubitavelmente constitui uma audácia chamar a atenção com este buraco para a possibilidade de que aqui exista algo digno de ser investigado.*²⁹⁷

A trama, o palco e os personagens que aqui estrearam, foram iluminados no fantasmagórico mundo da memória; memória que como máquina do tempo viaja em movimento inconstante, trazendo eventos, pessoas, sentimentos, transportados para o presente pela força violenta da narrativa, que para se legitimar opera deslocamentos, desvios, racha as coisas e as palavras, atribui significações, cria rostos, vozes, corpos que passeiam no palco

²⁹⁴ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.42.

²⁹⁵ FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997. p. 216.

²⁹⁶ KAFKA, Franz. *A Construção*. In: *A Muralha da China*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p. 136.

²⁹⁷ _____ Idem. p. 138.

ameaçando e questionando a platéia, oferecendo sua versão, o foco de seu olhar e de sua câmera.

Os buracos que se encontram espalhados por essa construção e de onde pus-me a investigar as pistas, os rastros da memória dos personagens, estavam como os de Kafka, recobertos por um manto de musgo que os prendia em uma escuridão limbosa, e nela se remexiam tentando construir uma possibilidade de fuga.

Durante os ensaios *por vezes, na desesperação de meu cansaço corporal, quis abandonar tudo, me revoltava, maldizia a obra, arrastava-me para o exterior, deixando a construção exposta. Podia fazê-lo porque não queria regressar, até que, depois de horas ou de dias, retomava arrependido, prorrompendo quase em cânticos... e, realmente contente regressava*²⁹⁸.

Não foi fácil caminhar por essa construção narrativa, por entre histórias que emergiam com a força e o peso das tragédias escavadas nos labirintos sinuosos da memória.

Andei sobre escombros, e entre destroços iniciei minha aventura, sabendo desde o primeiro traçado da pena que se tratava de um trabalho de iniciante, *conservo, contudo, certa ternura por esta empresa inicial.*²⁹⁹

Ao me prostrar ora em frente, ora ao lado, ou mesmo vagando no interior da construção, por vezes me molesta seu aspecto *nem sempre quero olhar os defeitos, sobretudo se se encontram demasiado presentes em minha consciência. Porém... que persista o insanável erro lá acima junto à entrada*³⁰⁰, para que eu possa me deparar com ele a todo instante, ser coberta por seu manto de musgo, para então instigada pela incógnita característica de toda obra redescobrir-me em meu ofício de historiadora e de egiptóloga que não se furta ao aprendizado, nem a tarefa prazerosa e enlouquecedora de decifrar signos.

Os buracos na obra, aquela cena da peça que cabe ao leitor supor como se conclui, escolher o “final” mais verossímil, incomoda a autora que se recusa a sair de cartaz, que descobre que uma vez que se aproxima da saída, cerca-a uma atmosfera de perigo. *Certamente, a saída em si, o final da zona de proteção – porque estar em obras é estar territorializado – provoca já esses sentimentos, mas é esta construção que a tortura em especial.*³⁰¹

Inúmeras vezes me perguntei por que fiz desta e não de outra maneira, porque dispus determinadas personagens em determinados atos, e não em outros, e não poucas vezes *sonho*

²⁹⁸KAFKA, Franz. A Construção. In: *A Muralha da China*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p.139.

²⁹⁹ _____ Ibidem. p. 142.

³⁰⁰ _____ Idem, Ibidem.

³⁰¹ _____ Idem, Ibidem..

*que reconstruí a entrada, que a modifiquei completamente, depressa, em uma só noite, com forças gigantescas, sem ser visto por ninguém, e que se tornou inexpugnável; o sono em que isto acontece é o mais agradável de todos e ao despertar ainda brilham em meu rosto lágrimas de alegria e libertação*³⁰².

As personagens e eu construímos a obra com nossas próprias mãos. O corpo por vezes ficou-se frente à força e o poder exercido pela escrita, que exige que os esforços sejam redobrados. Somos impelidos a mergulhar nas águas profundas da história e ao mergulharmos reconhecemos que é necessário deixar que o pano caia e que estejamos no exterior da obra.

*O suplício deste labirinto – da escrituração – devo superá-lo também corporalmente ao sair; desgosta-me e comove-me por sua vez, o fato de extraviar-me por um instante em minha própria criação, como se a obra ainda se esforçasse em justificar sua existência diante de mim... Contudo, levanto cautelosamente o alçapão, estou fora, deixo-o descer com cuidado, e em máxima velocidade possível fujo deste local delator.*³⁰³

Lugar delator e de entrega, onde todos os cheios, sabores, visões, sensações, que me penetram através dos poros estão, se não de todo retratados, ao menos em parte escondidos, postos para serem descobertos, deformados, recortados por um outro historiador “bisbilhoteiro” que sem pudor revirará a intimidade alheia.

Nenhum ponto da obra está concluído, os buracos, as armadilhas, estão a gritar de seu interior mais profundo por alguém que ouça os sussurros que traiçoeiramente não me confidenciaram, e que agora com ciúme mortal reclamo. Mas quem sabe foi eu que não soube ouvir tudo que diziam? Quem sabe eu empreenda nova travessia por entre as galerias, mas hoje não, só amanhã, pois hoje farei o movimento para fora.

Contento-me com um novo espetáculo do mundo, lanço-me em uma nova exploração, não estou realmente em liberdade, pois outras obras me aguardam, e me exporei na esperança de que a obra me devore e ao mesmo tempo me proteja.

*Cheguei até a alimentar o desejo infantil de não regressar à obra nunca mais, senão instalar-me aqui na proximidade da entrada e passar minha vida na sua contemplação, não perdê-la de vista e encontrar minha felicidade na comprovação da firmeza com que a obra teria me protegido estando eu nela. Mas espantoso despertar costuma sobrevir a sonhos infantis. Que seguro tenho aqui? Posso julgar o perigo em que encontro no interior através das experiências que realizo de fora?*³⁰⁴

³⁰² KAFKA, Franz. A Construção. In: *A Muralha da China*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 . p. 143.

³⁰³ _____ Idem, *Ibidem*.

³⁰⁴ _____ Idem. p. 145.

Cambaleante, por sair dos escombros da obra, das intermináveis e mal iluminadas galerias, escrevo. *Tenho febre e escrevo. Escrevo rangendo os dentes... E com isto me perco em considerações técnicas e começo a sonhar com meu projeto de construção perfeita; isto me tranqüiliza em parte; contemplo, contente, de olhos fechados, as múltiplas soluções construtivas, claras e menos claras, destinadas a permitir-me entrar e sair sem ser percebido.*
305

Estou saindo da construção, mas meu olhar está preso a seus buracos que me atraem como se viéssemos caminhando juntos desde priscas eras. As vozes que ecoam desses abismos são minha perdição, pois me comprometem, exigem continuidade e cumplicidade. É impossível não tornar a obra *e não é preciso refletir muito para entender tudo o que a construção significa para mim; eu e a obra estamos unidas, pertencemo-nos reciprocamente... E depende apenas de mim encurtar este prazo e fazer logo o necessário*³⁰⁶.

Recalcitrante, percebo que em cada ato as personagens encontraram um novo caminho em alguma parte e para lá somos empurrados violentamente.

Resta agora anunciar aos senhores e senhoras, caros leitores atentos desse *script*, que já iniciamos a seleção do próximo elenco, e avisamos que vigiaremos melhor os pequenos detalhes e que podemos *começar logo, ainda que existam outros trabalhos, mas é este o mais urgente... sem contar que frequentemente uma casualidade leva à descoberta da pista melhor...*³⁰⁷ *Estes novos achados, me impõem sempre a mesma questão, a de que não existe explicação exata e que de qualquer modo devo ampliar muito mais o campo de minhas explorações.*³⁰⁸

O campo de investigação se expande. A obra que se ergueu se revelou ao final não o ponto de chegada, mas o ponto de partida, um entre tantos, mas este é o meu lugar de partida. Aqui escavo, quebro paredes, releio e resignifico fragmentos, pedaços de histórias. *Agora não posso passear nem contemplar, nem descansar... Agora mudarei os meus métodos*³⁰⁹, cavarei em outras paragens, outros remansos, outros escombros.

Nessa nova investigação procurarei o ruído que desentou a sinfonia, aquele murmúrio que atrapalhou a assistência, a vírgula ausente que tirou o fôlego do leitor, que suprimiu o ar. Ainda não liberta da calma e do desespero me lançarei, ao menos por algum tempo, em sua abertura barulhenta e preocupante.

³⁰⁵ KAFKA, Franz. A Construção. In: *A Muralha da China*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p. 51 e 148.

³⁰⁶ _____ Idem. P. 149.

³⁰⁷ _____ Ibidem p.152.

³⁰⁸ _____ Ibidem. p. 154.

³⁰⁹ _____ Ibidem. p. 56.

O desejo de começar a nova obra se dá *porque a inquietude vibra ainda em mim exatamente como horas atrás, e se a prudência não me contivesse, já começaria a cavar agora mesmo... o novo e judicioso projeto me tenta...*³¹⁰

*Insinceramente sincera*³¹¹ desafio a mim e a meus desafiadores - que estão acomodados dentro de mim -, e descubro que *o que tenho de fazer prontamente é revisar toda a obra, minuciosamente, analisar todas as possibilidades de defesa imagináveis, executar um novo projeto e começar em seguida o trabalho, fresco como uma jovem*³¹².

³¹⁰ KAFKA, Franz. A Construção. In: *A Muralha da China*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p.157.

³¹¹ PESSOA, Fernando. *Antologia Poética*. São Paulo: Ediouro, 2002.

³¹² KAFKA, op.cit., p. 456.

ANEXOS

ELENCO

Entrevistas:

- A.P.M. (In Memoriam) – Cuiabá, 2005.
- Cacá - Cuiabá, 2005/2006.
- W.B. (In Memoriam) – Cuiabá, 2004.
- B.R. (In Memoriam) – Cuiabá 2004.
- W.C. – Cuiabá, 2005.
- A.J., vulgo K-Pasta – Cuiabá, 2004/2005.
- C.H., vulgo Jenipapo – Cuiabá, 2005.
- J., vulgo Polenta – Cuiabá, 2004.
- L.B – Cuiabá, 2005.
- W.N., vulgo Mil e Oitocentos – Cuiabá, 2005.
- A.C., vulgo Gordo – Cuiabá, 2005.
- M.N., vulgo Toco – Cuiabá 2005/2006.
- J.V. – Cuiabá, 2005.
- M.A., vulgo Tá Feio – Cuiabá, 2005/2006.
- A.N. – Cuiabá 2004/2005.
- T.M. – Cuiabá, 2004/2005/2006.
- E., vulgo Tiquinho 100% Cáceres – Cuiabá, 2004.
- F.R., vulgo Fefê – Cuiabá, 2004/2006.
- K.P., vulgo Kekéu – Cuiabá, 2005/2006.
- W.C., vulgo Deco – Cuiabá 2005.
- F.C. – Cuiabá, 2005.
- R.T. - Cuiabá, 2005.
- E.F., vulgo Capetinha do Centro – Cuiabá, 2004/2005/2006.

ANEXOS: A - FOTOS

Adolescentes atravessando o portão do centro Sócio-Educativo “Pomeri”. Algemados de dois a dois, com as mãos para trás são levados por um agente prisional, com escolta da PM, ao Juizado da Infância e Adolescência. Como neste dia havia entrega de “jumbo”, um agente (no portão) anotava os nomes de familiares e outra os revistava.

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.



Construção de novas alas, seguindo o modelo dos containeres. Nesta ala são confinados os adolescentes condenados por estupro e aqueles vistos como “caguetas” e os que têm “rixa” no “convívio”.

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.



Frente da Ala I, na ocasião a maioria dos adolescentes estavam nas salas de aula.

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri - Cuiabá/MT, 2005.



Bigorna da Sala-de-TV, onde estavam confinados os adolescentes E.F., vulgo “Capetinha do centro” e W.C. vulgo “Mil e Oitocentos”.

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.



Construção de novas celas na Ala D, também chamada de “Reflexão” e/ou “Caixinha”.

Foto do Arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2004.



Corredor da Ala I

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2004.



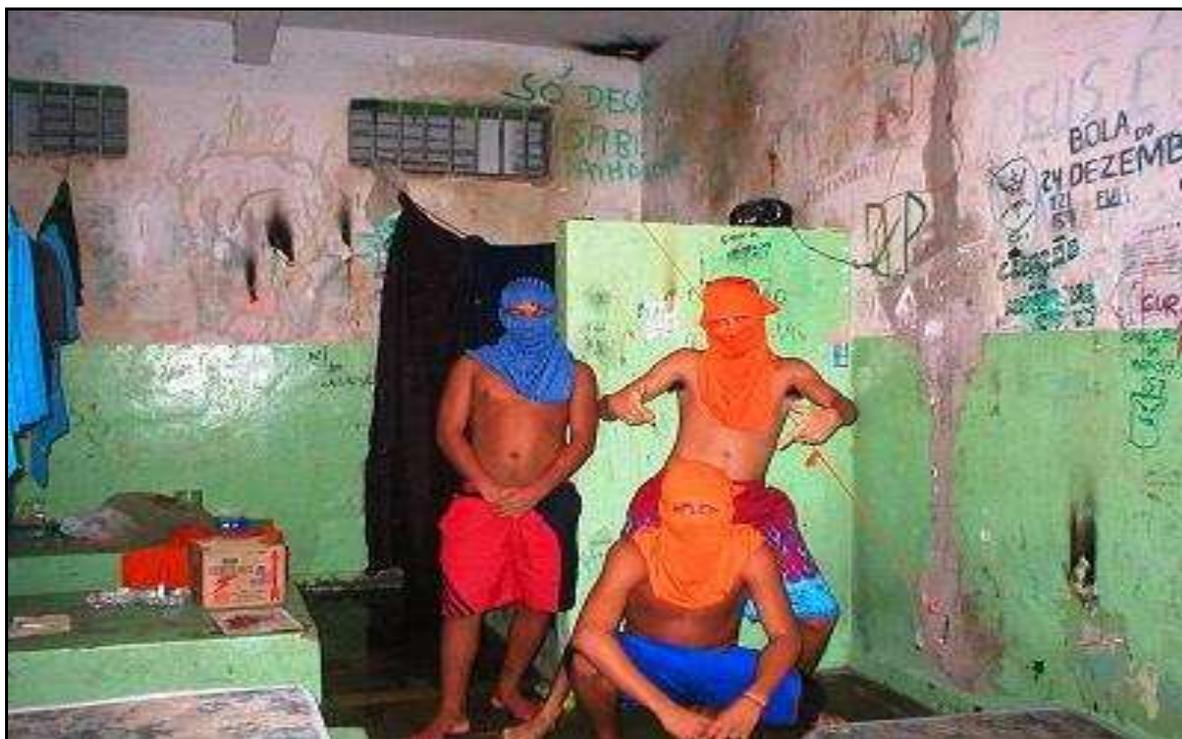
O adolescente S.F., em frente aos desenhos feitos na parede do Quarto 3 da Ala I.

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.



Grafite na parede do corredor da Triagem

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.



Os adolescentes M.A., S.F. e N. no Quarto 3 da Ala I

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.



O adolescente W.C. dorme sob fino cobertor em uma das “jegas” da Sala-de-TV

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.



K.P., vulgo Kékeu, no corredor da Triagem, na ocasião era o responsável pela “correria”.

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2006.



E.F., vulgo “Capetinha do Centro”, na Sala-de-TV.

Foto do arquivo pessoal de Priscila Xavier
Centro Sócio-Educativo Pomeri – Cuiabá/MT, 2005.

ANEXOS: B – RELATÓRIOS DE LIVROS DE OCORRENCIAS**20/02/2006**

Conforme determinação do médico plantonista do PSMC os adolescentes S.B. e W.C. deverão fazer curativos todas as 2º feira, 3º feira e 4º feira impreterivelmente às 12:00 h em ponto. Não poderá passar deste horário, pois encontrará o ambulatório fechado.

22/02/2006

Os adolescentes da ala IV, do lado esquerdo da mesma ala começaram a bater grade: - motivo falar com o coordenador J.H., o mesmo veio até ala para falar com os adolescentes, antes do término da conversa, os meninos da ala esquerda atearam fogo nos colchões, motivo: queriam falar com a técnica. Sendo assim o coordenador J.H. proibiu todos os meninos do lado esquerdo, estão punidos por 20 dias a partir da data de amanhã; 23/02/2006 à 15/04/2006. O coordenador J.H. proibiu qualquer tipo de atividades (natação, correria, distribuição de alimentos, recreação, acender cigarro, tereza...) Obs.: Os adolescentes da ala IV do lado esquerdo estão determinadamente proibidos de fazer qualquer coisa, com exceção da aula.

Plantão B - 02 /03/06 à 03/03/06

Durante a aula da 6 série B matutino, os orientadores A.E., B.-V.J. e A. M. de S. ouviram um barulho de ferro de aproximadamente 40 cm e fora arrancado da carteira escolar. O mesmo entregou o ferro ao coordenador J.H. Ficam punidos os seguintes adolescentes que estavam na sala-de-aula da 6º B por (02 recreações): T. de O., W. F., W. M., A. M., J. da C., W. F. dos S. e M. T. da C.

Plantão A: 01/03/06 à 02/03/06

Ao ouvir bateção de grade no lado esquerdo da ala IV, o orientador S. entrou quieto e percebeu que o adolescente Luciano Coimbra (quarto 01 da ala IV), estava batendo a grade com os pés. Ao ser advertido não parou de bater grade, os orientadores S., R., E. e M. perceberam movimentação estranha no quarto 01 e resolveram abrir para revista, onde o adolescente L. C. estava exaltado, não deixando os orientadores revistarem o quarto, tendo assim que usar de força para contê-lo. O adolescente fica punido por duas recreações nos dias 02/03/06 à 07/03/06, conforme autorização do chefe de equipe S.

20/02/06 À 21/02/06

Por volta das 18:50 h, os adolescentes W. C. e S. B. ambos da ala 13, atearam fogo em seus colchões, os mesmos tiveram queimaduras nos braços e no ombro. Foi solicitado escolta junto a guarnição que de imediato nos atendeu. Os adolescentes foram encaminhados ao PSMC para serem medicados, acompanhados pelos orientadores M.F., G. M. e C. R. (motorista) escoltados pela PM. o fato foi comunicado ao coordenador J. H. que comunicou com a diretora do Centro Sócio – Educativo, a Sra. C. N. S.

Livro de ocorrência**29 / 11 / 2005****00h 23 min.****Pág. 102 (verso)****Ala II**

O adolescente Luis Carlos dos Santos (ala IV) entregou por vontade própria um ferro de aproximadamente 18 cm ao orientador S. M. que o repassou ao assessor S. V.

Livro de ocorrência**30 / 11 / 2005****00h 11 min.****Pág. 101 (verso) e 102****Ala II**

Por volta das 16h55minhs. Teve início uma revista na ala III realizada pelos Agentes Orientadores, com o devido apoio da PM comandada pelo cabo PM M., onde foram encontrados os seguintes objetos:

Lado direito

- 01 – Tesoura;
- 01 – Peça de antena;
- 01 – Peça de ferro;
- 01 – errorex;
- 01 – Suporte de lâmpadas (vidro)
- 06 - pedaços de lápis.

Lado esquerdo

- 03 – Pedacos de ferro pequeno;
- 01 – Lâmina de barbear;
- 01 – Antena de TV;
- 01 – Peça de registro de chuveiro;
- 09 – Lápis;
- 01 – Vidro de analgésico.

A revista foi encerrada por volta das 17h43min

Livro de ocorrência**30 / 11 / 2005****Pág. 84 (verso)****23h 54 min.****Ala II****ATENÇÃO TODOS OS PLANTÕES**

Os adolescentes A.S., C.P., A.G. e A.C., em conversa com os orientadores O.V. e G.B., relataram a eles, que receberam um bereu no qual estava avisando que os adolescentes da ala III ou das alas I e II, irão estourar uma rebelião para invadir a al IV. O fato ocorreria durante a recreação para ou sala de aula. Pedimos a todos os orientadores responsáveis pela ala IV, que tranquem os portões no cadeado e o portão da ala também.

Livro de ocorrência**29 / 11 / 2005****Pág. 99 (verso)****00h 06 min.****Ala II**

Punição:

Adolescente: E. C.

Período: 02 recreações 28 e 30 de novembro de 2005

Motivo: desrespeitar o orientador D.

Responsável: orientador D.

30 / 11 / 2005

(22h24min.)

Relatório livro de Ocorrência

Paginas: 81 (verso) e 82:

No período vespertino a técnica R. entrou na cela I par conversar com o adolescente J. F., a qual segundo relato verbal do próprio adolescente prometeu que iria atendê-lo. Ao sair da ala, o adolescente acima citado chamou por várias vezes o orientador Armindo para pedir que fosse conduzido até a sala da referida técnica, porém foi informado por este orientador que a técnica estaria elaborando relatório (segundo informação da própria técnica) e que não poderia atendê-lo. Sendo assim o mencionado ficou altamente alterado começando a xingar com vários palavrões o orientador A.; sendo advertido por várias vezes no sentido de parar com tal ato, porém continuou. Neste instante retornava um adolescente de seu quarto que estava na aula (fazendo prova) e ao abrir a “bigorna” do quarto 03 da ala I (para recolher o adolescente que vinha da aula), o adolescente J.F. partiu para cima do orientador Armindo com um cabo de rodo, sendo necessário o referido orientador fazer uso da força moderada para se defender e conter o adolescente que foi conduzido novamente para seu quarto. Durante o acontecimento do fato acima relatado; ocorria a revista na ala IV com o apoio da guarnição da PM comandada pelo cabo J., que ao revistar todos os quartos da ala I baterem “bigorna” incentivados pelo adolescente J.F., aproximou-se do portão de entrada da ala I e disparou um tiro de espingarda calibre 12 com munição anti-motim no corredor da referida cela para conter o barulho provocado pelos adolescentes alojados nesta ala.

Relato de bilhete → entregue pelo adolescente J. F.

“Oi R. chama eu aí se você não me chamar eu vou bater essa bigorna. Eu quero falar com você urgente, eu hoje não estou de bom humor, e eu estou falando sério”.

Ass.: J. F. da S.

Obs:... Bilhete em poder da coordenação

Livro de Ocorrências – pág. 192 (verso) – 09/11/05-10/11/05.

Por volta das 2:00h da manhã os adolescentes do quarto seis da ala I e do quarto três ao seis da ala II começaram a bater grades e xingarem os orientadores alegando a falta de água; foi solicitado a presença do chefe de plantão V., que imediatamente veio falar com os adolescentes para que parassem de bater grades que o caso seria resolvido, assim que a caixa de água enchesse o suficiente para ser distribuída nas alas. Mesmo assim continuaram o tumulto. O chefe de Plantão V. ligou para o Coordenador J.H., que o orientou para que chamassem a PM e retirassem todos os pertences dos mesmos até segunda ordem. Com a chegada da guarnição da PM procedeu-se segundo a orientação da coordenação na qual abaixaram ânimos exaltados dos adolescentes.

Página 193.

Os adolescentes das alas que foram retirados os colchões continuaram até este presente horário 06:57, batendo bigorna e proferindo palavrões contra os orientadores exigindo a devolução dos colchões. Os orientadores do Plantão A do dia 09 a 10 de novembro perderam o seu quarto de horas de descanso. Deixando assim a critério da coordenação.

Os líderes da bagunça são:

A.j. (quarto 04, ala II)

V. (quarto 04 ala I)

E.C. (quarto 05 ala I)

L.B. (quarto 06 ala II)

V.F. (quarto 06 ala II)

A.A. (quarto 05 ala II)

S.P. (quarto 05 ala II)

P.R.O. (quarto 03 ala II)

Livro de Ocorrências: Página 167, Plantão D, 04/11/05 à 05/11/05.

Por volta das 17:18h, o orientador V.G. ao entrar na Ala triagem para pedir que os adolescentes abajassem o volume do rádio, ouviu gritos no Quarto 03 desta ala, ao verificar o que estava acontecendo, deparou-se com os adolescentes: L.C. dos S., R.G. e L.F., de posse de um chuço de aproximadamente 18 cm tentando ceifar com a vida do adolescente W.C., onde o referido orientador solicitou apoio pelo rádio de comunicação, sendo prontamente atendido pelos orientadores M.V., C.A., K.R., A.V., S.M., N.L. e o assessor S.V., que ao chegarem no referido quarto encontraram os adolescentes L.C. dos S., R.G. e L.F., que de posse do chuço segurava o adolescente W.C., sendo necessário o uso de força moderada por parte dos orientadores para libertar e salvar a vida do adolescente W.C., sendo que este sofreu três perfurações superficiais próximas ao pulmão, sendo conduzido ao PSM-Cuiabá, acompanhado pelos orientadores V.G. (motorista), S.M., K.R. e a enfermeira F.; escoltados pela VTR-PM nº 10612, deixando registrado que nesse caso de urgência a escolta da PM foi solicitada às 17:30h, porém fomos atendidos somente às 17:43h. O fato acima relatado foi comunicado ao coordenador J.H. pelo assessor S.V., por volta das 17:35h na presença dos orientadores M.V. e A.V. Os adolescentes: L. C. dos S., R.G. e L.F., foram transferidos para o quarto 09 da ala IV (lado direito), autorizado por telefone pelo coordenador J.H., sendo essa transferência realizada pelos orientadores: M.V., A.V. e assessor S.V., que ao terminarem ficaram escutando a conversa dos adolescentes acima relacionados com os adolescentes do lado esquerdo desta mesma ala, onde o adolescente L.C. narra: “O índio (L.F.) e o Piolho (R.G.) e Eu (L.C. dos S.) dei 3 (três) pregadas nele tentando acertar seu pulmão, mas ele escapou do índio, pode crê”.

ANEXOS: C – ENTREVISTAS

28 / 04 / 2005 – Entrevista com:

R.G.

Nasci em Rio Verde – Goiás. Eu tinha uns 08 – 06 anos quando mudamos pra Nova Xavantina MT. Até os 12 anos foi tudo bem em família, depois... Depois já comecei a aprontar. Comecei roubar, de vez em quando sozinho às vezes com outros. Roubava casa, algumas vezes às pessoas estavam em casa, algumas vezes não. Não sei por que comecei, eu não precisava, meus pais tinham condição de me sustentar. Eu estudava algumas vezes eu faltava, algumas notas era boa. Com 13 anos comprei um revolver com dinheiro do roubo. Comprei um 32 e um 38 ele e o outro, meu amigo. Comecei assaltar posto, casa, pedestre... Com 15 anos eu fui preso a primeira vez, por assalto de posto. Fui preso num presídio de Nova Xavantina, fui preso de manhã, a tarde já saí. Eu tava só acusado, ao pegaram em flagrante não, aí pegaram e me soltaram. Fui pra casa aí cheguei minha mãe começou a falar, eu achava que ela tava falando de mais, comecei a brigar com ela. Eu achava que ela tava falando demais. Agora eu sei que ela falava pro bem. Aí eu esperei minha mãe ir pro serviço no outro dia e fugi de casa. Fui pra casa desse outro guri que eu andava com ele, do outro lado do Rio. Ele já morreu, polícia matou ele, faz 1 ano e meio. Fiquei 2 meses na casa dele, aí os homens (polícia civil) embarcaram na casa dele pra pegar nós, mas não conseguiram, nós pegamos o muro e vazamos. Aí nos fomos pra fazenda que o irmão dele e meu irmão taxa trabalhando, fazendo Camargo Soares, uma das fazenda de Zezé de Camargo e Luciano, ficamos lá 3 meses, nesses 3 meses que nós ficou lá, ficamos trabalhando de mexer com seringa. Recebi 570,00 pro meses. Aí nos pegamos e voltamos pra cidade de novo. Aí nós fomo pra casa da tia dele. Aí com 3 dias eu escrevi uma carta e pedi pra ele levar lá em casa. Escrevi pra minha não se preocupar + comigo, que ela podia me esquecer, falei que não ia mais voltar pra casa. Minha mãe foi lá só que não achou eu não. Aí depois de um mês eu falei pro guri dizer pra minha que era pra ela me esquecer mesmo que os polícia tinha matado eu. Minha mãe ficou desesperado, começou a casar eu na rua, quando tinha noticia de uma corpo, ele ia ver, foi nas radio, ela não desistiu, mas não achou nada, nem notícia. Eu via ela de longe. da casa da tia de, mas não falava nada. Ficava só olhando, porque ela trabalhava lá perto. Depois de 3 dia nos fomo assaltar um posto, aí nos

chegamos, enquadrados, mas ligaram pra polícia, e logo chegou uma viatura da civil prá foi enquadra nós. Nós socamos balas neles, aí eles socaram balam em nós também. O outro levou um tiro no peito e um no pescoço. Aí, nós saímo correndo atravessamo um corguinho pequeno, quando chegou do outro lado ele caiu, morreu. Era meu amigo desde pequeno, cresceu quase junto comigo, ele tinha 16 anos quando morreu. Aí vazei. Aí fui lá na casa dele, falei pra mãe dele o que aconteceu. Aí a mãe dele começou a chorar. Aí eu peguei fiquei na casa dele ainda mais uns 15 dias. Eu falei pra mãe dele que ia me vingar, ela falou se você vingar vão matar você também. Aí sai à noite da casa deles e fui atrás dos policiais, eles estavam bebendo num bar. Estava um policial e um parente dele. Ai eu pulei o muro de uma casa em frente do bar. Subi em cima do muro, abri o tambor do revólver pra ver se tava faltando uma bala, não tava faltando nenhuma, ai eu puxei o cano e acertou “bem assim” no parente do policial, ai o policial abaixou e saiu correndo, ai eu sai correndo também, ai lá em baixo cercou a viatura e prenderam eu. Fui levado para delegacia lá mesmo. Já tinha sido preso duas vezes lá. Apanhei muito de três policiais, fiquei lá cinco dias. O cara não morreu, caiu só uma tentativa. Ai me soltaram, ai levaram eu lá em casa, me entregaram para minha mãe, ai eu falei para ela, não vou ficar aqui não. Ela e meu pai queriam que eu ficasse, ai eu fui la para chácara do meu tio, fiquei uns dias lá. Fiquei seis dias lá, peguei um 38 do meu primo emprestado. Falei que ia arrumar um dinheiro pra vazar da cidade, ele me emprestou também 35 balas, carreguei o 38 com seis balas e coloquei as outras no bolso. Aí eu peguei e fui enquadrar uma indústria de sal mineral, mas tava fechando, só tinha ficado um cara lá pra fechar. Aí eu peguei enquadrei o cara, levei ele pra dentro aí ele pegou abriu o cofre, ai pegou uma pastinha verde que tinha dinheiro, aí ele falou só tem isso aqui só, aí eu falei quanto tem aí ? Ele falou R\$ 5.000,00. ai eu falei joga pra cá. Ele jogou. Ai eu falei fecha ai, se você se mexer eu soco bala. Ai eu sai, quando virei as costas ele tava vindo correndo. Aí eu virei para trás e dei dois tiros. Acertei, aí o cara caiu. Eu sai correndo, quando virei as viaturas tavam chegando. Ai eu fui preso. O cara morreu. E por esse crime que eu to aqui. Aí pegaram eu, levaram pra delegacia. Apanhei demais. Eles davam choque, sacola, eles colocam a sacola na cabeça e apertam no pescoço pra ficar sem ar. Eles viram que e sacola não tava aquecendo, colocaram saco de arroz. Aí bateram, bateram, depois jogaram e uno corro ainda. Lá na delegacia onde fica as os caem assim na lona. Eles jogaram 3 baldes de água gelada no chão pra, eu não dormir. Aí em 5 dias o juiz mandou o mandato de internação.

No outro dia levaram eu pro presídio lá na cidade mesmo. Aí depois de 22 dias fui no fórum. Aí primeiro eu conversei com o promotor. Aí o promotor começou a perguntar e eu fui falando. Aí o promotor falou que ia me mandar pra cá. Ele falou vou mandar vá pra fazendinha, tinha jeito de me segurar mais lá.. Aí eu falei já tô preso mesmo, vou pra qualquer lugar, não to nem aí. Aí depois de 3 dias a juíza chamou eu e aí falou que ia me mandar pra cá, que não que não ia aceitar eu mais lá não. Aí eles falaram nós vamos passa a serra pra você e vocês vão estourar os cadeados, aí nós pegamos e serramos duas serras, e cada um saiu com um e saímos estourando os cadeados, estouramos tudo e já emburacamos pro pátio. Ficamo três dias e meio no pátio e os PM só lá em cima. Aí nos se entregamo. (as rebeliões era pra comida voltar a ser a mesma). Aí nós pegamo, entramo pra tranca de novo, aí depois de 3 dias entrou o bonde (transferência), pra mim e pra que de maior. Eu vim pra cá, e os de maior pra.... Cheguei aqui de noite 1 horas. Foi normal. Aqui foi pior que lá. Essa cadeia aqui é cabulosa. Por qualquer coisa te manda pro seguro. A primeira vez Aí ela falou pode levar ele. Aí pegaram levaram eu de volta, e me trancaram na cela lá. Aí depois de 15 dias minha mãe pegou e foi lá. Aí ela falou, se você tivesse ficado em casa não tava aqui. Aí eu falei, aí mãe se é pra senhora vir aqui pra falar isso... depois foi meu pai conversou comigo. Eu falei que vinha pra cá. Ai minha mãe falou pelo jeito que você tava indo era isso que você queria mesmo. Aí passou 1 mês nada, 2 meses nada, 3 meses nada, 4 meses nada. Aí passou 5 meses e um pouquinho, os de maior falou que iam tentar uma fuga, e perguntaram se eu queria ir, aí me passaram uma cequeta, na hora do banho de sol. Aí eu cerrei dois pedaços da grade, aí quando foi 5 horas da manha, eu ouvi os pipoco, era os de maior vazando. Aí eu soube na guarita, da guarita subi no telhado, do telhado eu pulei. Pulei o 1°. Muro, quando pulei o 2°. Dei de cara com civil, me levaram pra dentro e me deram outra peia. Aí colocaram eu noutra cela, do lado dos da maior. Aí antes a comida vinha de uma churrascaria, aí o delegado começou a mandar comida da casa dele pra nós, e dar e da churrascaria para os policiais. Daí os de maior falou, demorou pra sair uma rebelião, esses polícia. Aí eles falaram nós vamos passa a serra pra você e vocês vão estourar os cadeados, aí nós pegamos e serramos duas serras, e cada um saiu com um e saímos estourando os cadeados, estouramos tudo e já emburacamos pro pátio. Ficamo três dias e meio no pátio e os PM só lá em cima. Aí nos se entregamo. (as rebeliões era pra comida voltar a ser a mesma). Aí nós pegamo, entramo pra tranca de novo, aí depois de 3 dias entrou o bonde (transferência), pra mim e pra que de maior. Eu vim pra cá, e os de maior pra..... Cheguei aqui de noite 1 horas. Foi normal. Aqui foi pior que lá.

Entrevista com A.C. 09/08/2005.

Nasci em Cuiabá, no Grande Terceiro; minha infância foi boa porque eu pude fazer o que eu queria, brincava, ajudava meu tio arrumar moto, e hoje eu tenho essa profissão, mecânico de motos. Com 12 anos pratiquei minha primeira infração, um assalto, numa casa, levei vários objetos, ouro, jóias, materiais domésticos. Meu primeiro assalto foi experiência, eu e mais três. Depois, meu objetivo era roubar e montar uma moto de rally, que era meu sonho. Minha família não tinha condições, e eu dizia que se ninguém me ajudasse eu ia roubar e comprar uma moto para mim. O próximo foi uma acusação de homicídio, fui acusado de matar uma tia minha, mas não fui eu que matei; aí eu vim preso, minha primeira prisão. Quem matou minha tia foi um mendigo lá do centro. Quem me acusou foi meu avô e meus tios. Depois o cara confessou e eu fui solto. Hoje converso numa boa com meus avós e tios. Fui preso dentro de casa pela DECA, aí fui condenado e vim pra cá. Eu tinha uns treze anos, por aí. Depois disso joguei minha carreira por ar, eu queria ser piloto de rally, mas troquei pelo crime. Só pensava em roubar, traficar, matar. Eu usava maconha e cocaína, que eu comprava com dinheiro de roubo. Depois eu já recebi a proposta de levar caminhonete pra Bolívia. Achei que ia me dar bem, mas me dei mal porque vim preso. Apanhei da polícia, muito, perdi o que tinha, carro, moto, casa, tudo de dinheiro de roubo. Fui preso na Bolívia e me mandaram para o Pomeri de novo. Fiquei preso 9 meses, da primeira vez 45 dias. Depois disso eu passei para assalto de firma, ia eu e mais uns sete, já era uma quadrilha. Eu mesmo montei minha quadrilha, era só de adolescentes. Roubamos muita firma, vixi. Os comerciantes pedia pelo amor de Deus que parasse, que eles não agüentava. Nós entrava, rendia todo mundo, arrombava o cofre, depois ia pra boate, comprava carro, moto, esses trem aí, comprava de outras pessoas. Eu meti um assalto na firma, eu chamava os grui que já tava bom, mas eles queria mais, mais. Nisso passou uma pessoa, viu e chamou a polícia, aí entramos todos no carro e a polícia passou a frente, fez o cerco, eu passei por cima, eles atiraram no pneu e o carro capotou, todos fugiram, eu que fiquei preso sem conseguir sair do carro, e um que correu e levou um tiro na perna. Aí veio todo mundo preso. Essa é a terceira passagem.

Um dia de quarta feira eu tava em casa, eu tinha acabado de chegar em casa, que eu tava trabalhando na minha profissão de mecânico de moto. Nesse dia minha mãe falou pra eu não sair. Ai eu fiquei. Ai um amigo foi lá e perguntou se eu queria ganhar ouro e dólar, porque a mulher tinha chegado de viagem e tinha 60.000,00 em ouro em casa. Ai eu pensei que eu já tinha resignado da vida do crime, na minha profissão que eu gosto. E nessa loja tinha uma moto I.100, e o cara tava vendendo e eu fiquei interessado porque minha adrenalina é essa. Ele queria 10,000 na moto. E eu não sabia onde eu arrumava dinheiro. Aí chegou esse cara, disse que não tinha perigo de nada, nem tinha que matar ninguém, era só chegar e pegar o dinheiro. Ai eu acertei que ele disse que só tinha um problema. Ai eu falei que aceitava, se só tinha problema, ai a gente dividia 30,000 para cada, aê era cada um para em lado. No outro dia ele me convidou para ver o local. Ai eu fui lá ver. Tinha uma casa em frente de casa, onde eu podia ficar esperando ela entrar e abrir o portão e pegar o dinheiro. Eu ia fazer sozinho porque ele era conhecido, ele já tinha trabalhado lá. Ai ele mandou eu, ai eu fui. Ai eu entrei lá dentro da casa e pedi para o rapaz e a mulher sentar no chão que eu queria conversar com eles sobre os ouros que tinha na casa. Ai comecei pedir para ele que eu só queria o ouro e do dinheiro que eu ia embora, não queria matar ninguém. Ai eles falaram que não tinha, que só me dava o carro, depois vi o dinheiro. O rapaz só pedia para não matar eles. Ai eu falava que não tava ali para matar ninguém, só queria o dinheiro. Ai ele achou que eu tava sozinho na casa, e que ele podia me convencer a ir embora sem fazer nada. O ouro tava em cima da cama, mas eu não cheguei a ver. Ai ele chegou a avançar em mim para tentar tomar minha arma porque ele era maior que eu, e eu era mais pequeno, foi ai que houve o primeiro disparo. Ele morreu nesse primeiro tiro. Ai a mulher ficou apavorada, tentou levantar, vir pra cima de mim. Ai eu falei senta, senta que eu só quero o dinheiro. Aí ela ficou que não ia me dar o dinheiro porque não tinha dinheiro. Ai ela veio para cima de mim e eu dei o segundo disparo. Ela morreu na hora também. Ai tinha mais o jardineiro que tava la porque tava trabalhando lá, e eu peguei ele de refém. Porque quando eu cheguei ele tava lá na frente. Ai pedi pra não matar, porqe ele tava ali pra ganhar RS 10,00 pra sustentar a mulher dele, ia ter neném naquela semana. Ai ele viu que não ia dar mais nada ai fui embora, sem levar nada. Ai eu fui pra casa, de casa para o serviço, guardei a arma, sem minha mãe saber de nada. Fiquei o dia trabalhando, ai a noite fiquei sabendo que o cara que tava comigo tinha sido preso. Do serviço fui direto pro sítio do meu pai, pra fora.

Fiquei lá uma noite e um dia. Eu tava lá e o cara que foi preso antes de mim, me entregou, não sei como ele sabia que eu tava lá. Ai a policia chegou, pegou eu, trouxe pra cá. Apanhei muito pra assinar o BO, porque eu não queria assinar porque não era flagrante, não tinha prova, ninguém viu que era eu. Só o jardineiro, mas ele sumiu. Ai eu vim preso e nós tamo conversando aqui agora. Chamam meu caso de chacina do Shangri-lá, porque eu fui em cara muito cruel, matei mãe e filho. Me arrependo muito, de coração, daria minha vida pra voltar a vida deles. Porque isso aqui é um inferno, prefiro a morte. A vida aqui é péssima, porque eu vivo trancado. A tranca não regenera ninguém. Não vai a pessoa pensar que vai ficar preso e vai regenerar. Isso vai da sua cabeça, aqui ou lá fora, tanto faz. O que precisa para os guri não cometer crime é emprego, curso, porque tem muito guri que não tem dinheiro, ai pensa, vou roubar. Os orientadores, pra mim, estão aqui pra fazer a parte deles, trabalhar, cuidar de nós, e evitar que os presos saiam pra rua sem pagar seu crime, porque a lei da terra é essa, você errou tem que pagar. A policia ela as vezes faz um trabalho bom que é proteger a sociedade, e as vezes faz um trabalho ruim que é bater, já prendeu... Também é bom que eles cuida pessoa que rouba pedestre, pai que bate em mãe, isso ta certo, mas para que espanca que ta preso? Apesar do que eu fiz, matei isso eu não nego, mas eu sou legal, tem pessoa que me julga pela aparência, diz aquele guri matou , mas não se julga pelo que passou, julga daqui pra frente. Se a pessoa já pagou merece uma segunda chance, de amizades, dos empregos, estou pagando pelo meu crime não? Se eu tiver que ficar aqui três anos eu fico sem dizer nada, porque eu errei, mas quando eu sair, eu saio de cabeça erguida, porque já paguei. Isso que eu to aqui foi um instante de bobeira. Meu pai era caminhoneiro, eu sonhei um sonho impossível, eu queria uma moto de rally. Quando eu trabalhava RS 100,00 rendia, durava, já RS 10,000 de assalto, ganhava num dia, no outro já acabava, é dinheiro amaldiçoado, mas eu errei, to pagando.

Entrevista com A. J.

A.J., vulgo Sandrinho / K. Gasta, 17 anos, nascido em 13 de dezembro de 1988, no interior de Rosário Oeste. Somos em seis irmãos, cinco homens e uma mulher. Uma irmã só. Três irmãos são de um pai, e três de outro. Os três mais velhos são de outro. Fomos criados pela minha mãe, mas fomos separando. Fui criado em Nobres. Roubei lá, fui preso lá. Meu terceiro irmão, dos mais velhos, foi o primeiro a entrar no crime, acusado de latrocínio, lá em Nobres. Ele provou a inocência dele, ficou só nove dias preso. Depois teve o Messias, ele tem 20 anos. Tem bronca demais. A primeira passagem dele foi com 155 (furto), depois homicídio. Tem um monte de furto, mas eu já tava aqui, já Priscila, quando ele cometeu o homicídio. Ele foi preso um ano e dois meses lá em Nobres mesmo. Hoje ele tá na rua, tá de albergue. Tem outro irmão preso, o Mauro, tem uns 24 anos, ele foi preso junto comigo, num assalto, aquela vez que eu puxei aqui, não tem? Ele caiu comigo, no dia 15 de agosto de 2003. Daí eu fiquei cinqüenta e três dias preso, aí eu fui encaminhado para Cuiabá, pra cá, e ele ficou lá quatro meses, em Rosário Oeste. Saiu de albergue, aí passou uma cara na rua. Daí eu saí, ele tava na rua, ele tava trabalhando no albergue. Aí eu fiquei três meses na rua e aprontei: tentativa de homicídio. Daí eu fui preso, passou uns vinte dias, ele caiu também. Ele foi levar uma droga na prisão. Aí ele tá lá até hoje. Eu caí a primeira vez com furto, eu tinha uns doze, treze anos, doze anos, lá na minha cidade, furtei um "Play Station", um vídeo game, eu fui preso, mas fiquei umas duas horas e saí. Furtei pra curtir, não tem quando você tem vontade de ter uma coisa e na sua casa não tem? Mas pegaram o vídeo game comigo, no mesmo dia a polícia pegou. A segunda passagem foi homicídio, eu tinha quatorze anos quando cometi homicídio. Achei um homem de vinte e sete anos, Jurandir Alves, não sei de que. Eu tava numa lanchonete, aí eu tava junto com uma menina, daí nós tava conversando, certo? Olha aqui, daí o seguinte, tinha uns cara que tava afim da menina, certo? Daí os cara pensou que eu tava namorando com ela, mas eu não tava, era só amizade. Aí um dos cara passou e derramou cerveja nomeu short, certo? Aí sabe o que aconteceu? Eu apanhei dos cara. Daí Priscila, teve um cara que tava no meio das gurizada dele, e ele falou que era para parar de briga. Aí eu falei que tava de boa, que não queria nada com ninguém, aí eu empurrei o peito do cara que me jogou a cerveja, pra eu correr, foi na hora que eu tomei um tombo, eu caí no meio fio. peguei a arma. Aí num domingo, esse cara que bateu em mim roubou a arma do meu padrasto. O cara que deu a porrada na boca. Minha casa era um bar, aí eu cheguei na frente, cheguei lá, a bicicleta do meu padrasto não tava mais lá, e só tinha esse cara na

rua da minha casa. Aí eu saí na rua caçando ele. Daí eu saí na rua, certo? E fui numa lanchonete chamada “Chapéu de Palha”, tipo uma zona, pra gente não falar esse nome feio perto de você, vou falar lanchonete. Eu cheguei lá, ele tava lá também, aí eu vi a bicicleta do meu padrasto encostada perto dele. Aí eu perguntei quem tava coma bicicleta, ele levantou da cadeira. Ele tava sentado na cadeira de fio. Daí Priscila, eu peguei a bicicleta que tava comigo, do meu irmão, daí fui até a minha casa, minha mãe já tava preocupada, porque ela sabia que eu tava atrás do cara. Aí eu fui e cumprimentei minha mãe: OI Mãe! Entrei no meu quarto e peguei a arma que estava em cima do guarda-roupas. Uma arma calibre 28. Aí coloquei na cintura e voltei onde o cara tava. Cheguei lá, ele tava no mesmo lugar, aí eu cheguei e perguntei bem assim pra ele: - E aí porque você bateu em mim? Ele falou que bateu e que batia de novo. Aí eu falei que ele não ia mais bater porque eu ia matar ele. Aí peguei a arma e dei só um tiro, morreu na hora. Aí corri pro mato, aí meu irmão arrumou um advogado pra mim, o Messias. O advogado é homossexual, ele tem um hotel, e lá fica neguinho malandro, e meu irmão conhecia ele. Você quer saber o nome dele? Do advogado? Dr. Inácio. Aí eu cometi o crime no domingo, quatro horas da tarde, aí eu passei a noite dormindo na casa da minha cunhada. Aí na segunda-feira cedinho eu fiquei num mato, num morro lá perto de casa, enquanto meu irmão foi conversar com ele. Aí ele disse que não era para deixar a polícia me prender, e que era para me levar pra lá, pra onde ele mora. Aí eu fui pra lá, pra onde ele mora, no hotel, 18 km de Nobres, em Rosário Oeste. Fui pra lá na segunda, na terça-feira ele ligou para a Delegacia de Nobres dizendo que eu tava com ele. Aí perguntou pro escrivão que hora ele podia atender nós, aí nós fomos, e apresentemo lá. Fomo eu, ele, meu irmão e minha mãe. Daí eu apresentei e fiquei cumprindo em liberdade. Aí esse rapaz que derramou a cerveja me deu uma bicuda de “Ronaldinho Gaúcho”, só para eu sentir na pele. Aí pareceu vários colegas dele e um tal de Paulo. Aí eu levantei assim, ele me deu um murro na boca, mas na hora chegou uns segurança de festa e separou a briga. Aí eu saí fora pro meu barraco. Aí passou dez dias depois, daí um rapaz percebeu que eu tinha apanhado e ofereceu uma arma pra mim, só emprestada, só pra eu matar o cara. Aí eu aceitei. Daí eu fui aprontei de novo, uns quatro meses, cinco meses depois. Disparei uma arma, numa lanchonete danceteria que tem lá em Nobres, chamada “Bica D’água”. Fui preso, fiquei vinte e sete dias lá, eu e meu irmão, o Messias, ele foi preso por causa dessa mesma arma que a polícia tava atrás, nós dois fomos presos por porte ilegal de arma, aí fomos encaminhados pra cá, pro Pomeri, ele era menor ainda, ele tinha dezessete e eu nem me lembro quantos anos eu tinha, Priscila, uns quinze ou dezesseis. Eu fiquei um mês e dezessete dias, aí eu saí de alvará e ele de fuga, ele ficou uns

vinte e nove dias e fugiu. Nós ficamos mesmo dezenove dias aqui, aí o CA tava em reforma e nos mandaram pra antiga DECA, ele fugiu de lá, da antiga DECA. Daí eu saí de alvará, cheguei lá em Nobres ele tava lá. Aí quando eu tava quinze dias na rua ele foi preso por causa da fuga, ele ficou dois dias lá em Nobres, veio pra cá de novo, e ficou três meses aqui. Na primeira visita que ele teve, minha mãe levou ele embora. Daí passado um mês nós tava num bar, numa lanchonete, ele tomou um tiro, por briga, por treta, discussão. Aí ele ficou no hospital, num tem? Depois de dois meses, ele tava de dieta da operação, aí eu fui preso com assalto. Assaltei uma lanchonete na BR. Eu e o Jacaré que tava na Ala I, eu tava com um revólver calibre 38 e uma espingarda calibre 28. Fui preso uma semana depois. Fiquei trinta dias na Cadeia de Rosário Oeste, aí fui encaminhado pra cá, encaminhado para o Centro Sócio-Educativo. Aí passei um ano e três meses aqui. A vida aqui é sofrimento, quando você chegou você viu como nós tava, participei de uma tentativa de fuga, do quarto 01, eu, Chico Tripa e J., serramos a grade, passamos fora, rodiamo a cadeia, saímos no canto da piscina e encontramos com um orientador conhecido como Padeiro, mas mesmo assim continuamos a tentar a fuga, nós tava levando maria-teresa, tentamos escalar o muro, mas não conseguimos, aí os orientador chegou, os orientador e a polícia. Aí pegaram a gente, fizeram a gente deitar no chão, no canto da piscina, bateram com a teresa, aí transferiram nós pra caixinha de fósforo, aí ficamos um dia lá e arrumaram nós no quarto 01 da triagem. Ficamos trinta e dois dias aqui. Uma vez na sala de TV, teve um adolescente chamado Mosquito, ele bagunçou lá. J.H. entrou pra pegar o colchão, o Renato Mosquito socou o pé na parede do boi, arrancou um tijolo e jogou de lá uma bigorna pra pegar na cara de J. H., aí acertou na grade da bigorna. J.H. saiu e voltou com cinco, seis orientador: J.H., Pitu, C., Tio T., R. e entraram pra dentro. Eu fui pro cantinho, disse que não tinha nada a ver, mas eles me deram uma tonfada aqui (no braço), cortou meu braço. Aí mandou separar eu e Cabralzinho e mandou colocar Marquito na caixinha. Bateram só em mim e em Cabralzinho. Isso tudo aconteceu depois da rebelião de 2004, de sete de abril. No dia sete de abril de 2004, por volta das duas horas da tarde, numa quarta-feira, dia de jumbo do CA, eu tava morando no quarto três do CA. Eu, C. e Branco, A. que ta na Ala III. Daí o orientador tirou eu pra levar na enfermaria. Daí quando eu tava indo, já tava uma bagunça na Ala II, nove guri de Cáceres, aí quando eu tava dentro da enfermaria eu escutei dois tiros de arma, um minuto depois desses dois tiros de arma o orientador saiu pra fora, pra ver o que era. Quando ele saiu pra fora a rebelião já tava estourada. Começou na Ala II. Estourou porque os guri de Cáceres não tinha colchão, pediram pra tia L., mas ela disse que não tinha, que tinha feito pedido, mas não tinha chegado. Nós queria também televisão, ventilador e visita íntima, e a gente tem direito, mas

eles acham que a gente não tem. Só a Ala I não participou. Pegamos uma professora de refém, uma professora nova. A rebelião estourou às duas horas da manhã, porque negociaro. A professora na hora ficou assustada, meio chorando, mas aí a gente foi conversando de boa, e ela foi acalmando, mas tinha umas gurizada que dizia que se a polícia entrasse nós ia matar ela. às seis horas da manhã negociaro. Aí ficaro J., C., A. e eu. Tá feio lá no quarto nove do CA. Nós ficamos lá fora, onde é a Ala III, até umas meia-noite e fomos encaminhados para o presídio Pascoal Ramos. Antes a Polícia entrou pelo CA. Deram um tiro na porta e entraram enquadrando. Eles que botaram todo mundo lá pra frente, deram vários tiros, mas aqui nós não apanhamos não, apanhamos no Pascoal Ramos, só quem apanhou aqui foi Deco e Ita. Chegamos lá colocaro nós tudo pelado, fomos direto pro container, aí começou a bater em nós de palmatória, na bunda... era rápido, nós ia passando e apanhando. Quando chegemo fiquemo onde fazem a revista e o banho-de-sol. Do banho-se-sol chamou nome por nome e arrumou nós na cela separado. Daí a gente ficou pelado até na quinta-feira à noite, dia inteiro pelado. Aí na quinta-feira à noite nós recebeu roupa, um aparelho de roupa pra cada um. Aí depois começou a servir o Ponche... Nesse dia de quinta-feira comemo só um pão no lanche e um tantinho assim de leite, não almoçemo, nem jantemos, aí na sexta-feira deram a refeição direito. Depois de uns cinco dias os adolescentes começaram a receber a visita. Alguns adolescentes. Num prazo de dez dias nós vimos a morte de um maior que aconteceu lá no container. Aí eu não tô ligado como foi, não Priscila. Teve um dia que os maior disseram que ia estourar uma rebelião para pegar os de maior que tava no seguro, como não tava do lado do seguro, eles disseram que ia pegar nós de refém. Nós era os refém preferido. Depois disso doze guris foi transferido pra cá de novo, quarenta e oito ficaram lá. Eles tavam trazendo os mais comportados. Depois de oito dias teve um tentativa de rebelião aqui na B e na C. Daí Priscila, depois da tentativa de rebelião foi encaminhado mais cinco adolescentes para o Pascoal Ramos. Depois teve uma tentativa de fuga daqui, da triagem, aí foram Chaquinha, Nenê, Lincoln, Tião e Gilbertinho. Teve um dia na quarta-feira, um orientador, o apelido dele é Bomba, o Adalberto, me bateu porque eu tava pedindo pra conversar com a psicóloga pra falar com a minha mãe. Já tinha vinte e três dias que eu não ligava para a minha mãe. Aí eu comecei a soltar o pé na bigorna, aí ele tirou eu da sala de TV, e começou a bater com a tonfa, deu uma cinco ou seis pancadas em mim, na minha perna, no meu braço. Já fui punido muitas vezes, por bater em bigorna, xingar orientador. Espera um pouquinho Priscila, é muita coisa, é coisa demais. (A entrevista é interrompida), L.B. pergunta: Priscila, você acha que isso aqui adianta? O pessoal da superintendência vive no mundo de fantasia, quem vai sair daqui e fazer natação, quem vai

virar pintor, ator? Porque não põe um curso de verdade, mecânica, informática. Aqui deveria formar cidadão pra viver na rua. Eu queria ter oportunidade, fazer um curso de eletrônica, mas eu vou sair daqui, e fazer o que? Nadar? Eu tô aqui punido porque a gente chama o orientador pra pedir água e ele chega brabo, não existe isso de não ter água depois das onze horas. Essa escola é um disfarce, também tem orientador despreparado, que chega chamando a gente de safado, isso não se faz. Outra coisa que eu acho errado é punir nós e colocar a gente na Ala IV , junto com estuprador. Nós não gostamos deles e eles não gostam de nós, só que lá é área deles nós corremos risco de

Entrevista com T.M. Quarto 03 – Ala III.

Nasci em Cuiabá, Mato Grosso. Tenho quatro irmãos, cinco comigo, três homens e duas mulheres. Um morreu, mataram por treta, 16 anos. Agora dia 29 de Janeiro faz 4 anos. Quando criança eu morava com meu pai e minha mãe, no Bairro do Carumbé, Av. dos Trabalhadores. Eu tinha dois irmãos no crime, o Christiano e Josuel. O Josuel morreu de aids, o Chrstiano mataram. Minha infância foi só de crime Priscila, desde os 08 anos. Eu robava as coisas do mercado e assaltava com arma já. Eu roubava porque gostava, eu não precisava. Com meu irmão Chrstiano já roubei, já matei. Matei um sem-vergonha do bairro, ele fez feio, banhista, cagueta. Matei a paulada e pedrada. Eu tinha 11 anos, ele tinha uns 13, 14. Com 08 anos eu fui para o SOS criança, porque dei uma cadeirada n cara da professora. Fiquei uns 3 ou 4 meses, aí fugi, fui para o Pedra Noventa pra casa. Comecei a vender droga, pegava dos outros pra vender; depois comecei fazer meu próprio negócio. Fui preso com 13 anos. Dos 08 aos 13 vendi droga. Fui preso por tráfico, fiquei um dia só na DECA, na Av. do CPA, na captura. Caí por tráfico e porte ilegal, eu andava com um 38. Saí e comecei roubar, só assalto, comecei a fazer 155, pra roubar corrente. Eu usava pasta base, maconha e cocaína, desde 14 anos. Minha primeira passagem rodou eu e esse cara aqui (V.A. com quem está na cela). Fiquei três dias no CA e fui embora. O V. ficou cinco meses. Na liberdade comecei só fumar maconha só. Depois de seis meses na liberdade, comecei a fumar base de novo. Aí vim de novo com furto, arrombamento de loja. A Náutica na Av. do CPA. Aí fiquei dez meses preso, saí e fui acusado por um assalto que eu nem fiz, caí e tô aqui há sete meses. Me acusaram porque eu tava saindo da escola, tinha ido buscar minha namorada, passei em frente a Sorveteria do lado da escola, lá no Industriário. Três dias depois eu tava preso. A vítima não tem certeza que fui eu. No total já passei um ano e cinco meses aqui. A pior coisa daqui é receber ordem dos outros. Eu não queria essa piscina, eu queria um curso para sair de boa. A pior coisa daqui é receber ordem de todo mundo. To cabreiro, me disseram que minha mulher ta grávida, mas se tiver não da não. Eu arrumo um trabalho. Eu não preciso de nada não, de roupa de marca, eu ando de qualquer jeito. Os orientadores só porque andam de cacetete dá uma de brabo. Já apanhei muito aqui de Batinha, Armindo e Sonia,. Apanhei porque os cara aprontaram, Batatinha veio bater, eu não fiz nada não, só falei pode bater.

Cadeia? Isso daqui, só piora mais o preso. Essa escola aí, eu não sei lê nem escrever e tô passando de ano.

Ai numa terça-feira, essa Rota Segurança pegou o Diogo, levou ele para a Lagoa Trevisan, deram uma taca nele e ele saiu caguetando tudo. Ai seis horas da manha a policia bateu lá em casa, minha mãe não sabia de nada, mas desconfiava, eu chegando em casa com dinheiro, comprava coisa sem ajuda dela. Fui acusado de roubo, me algemaram e me levaram para a Delegacia do Coxipó. Chegando lá fui recebido pelo Delegado com um murro no peito, mas na sala do Delegado estava a mãe e o pai do Diogo Vudu, que são dois traficantes fortes, mas só levaram os pais, o Diogo não. Ai o Delegado falou que o Diogo já tinha derrubado tudo e que os policiais da Rota só tinha reconhecido ele. Ai eu falei que eu e o Diogo ao tinha nada a ver com isso. Mas o delegado queria me prender de qualquer jeito, ai me colocou num carro junto com o investigador que morava perto da minha casa e tava de boa. Mas o delegado me levou na Metropolitana e perguntou pro Diogo: É esse que tava com você? Ele disse: É esses mesmo. Nisso nós dois fomos pra Delegacia do Coxipó, entramos em acordo com as vítimas, dentro de três dias, numa sexta-feira, fomos embora de lá. Minha mãe foi me buscar na delegacia. Minha mãe deu força pra mim, me apoiou, arrumou um emprego pra mim com um amigo dela, de limpar piscina. Comecei a trabalhar, mas o dinheiro não era suficiente pra curtição. Ai eu não queria mais roubar. Ai peguei 120,00 comprei uma caixa de pasta base. Eu continuava trabalhando e vendendo base. Todo sábado no bar, bebendo cerveja eu cheirava pó. Eu ganha muito dinheiro, de uma caixa de base fazia 29 cabeças, cada uma por dez reais. Ai comecei a pegar de duas caixas. Ai os noiados começaram a bater lá em casa, ai parei um pouco de vender, dei uma sossegada, um pouquinho. Voltei a trabalhar, nisso encontrei o dono do carro que eu roubava, o Michael. Comecei a roubar de novo, vim preso uma, duas, várias vezes, mas nunca descii para o Complexo. Era pres sempre por roubo, briga. Briga de bairro contra bairro. Ai um dia eu tava com 50 g. de maconha, ai chegou um colega meu, pediu R\$ 5, eu fui no banheiro de casa tirar, ai minha mãe entrou viu, começou a falar e chorar. Ai deu o sermão lá e voltou no normal nosso, mas sempre na desconfiança. Isso os policiais já me conheciam. Ai numa sexta-feira eu tava no Bar da Praça, eu e Gugu chegou o Michael e disse que tinha uma boa pra meter no Alvorada, lá no Skinão do Alvorada. Ai fui eu, Gugu, Dudu e Michael, pegamos as armas a 28 e o 22, nisso chegamos lá metemos no Skinão do Alvorada, mas no caminho reparamos que tinha muitas blitz, mesmo assim metemos no Skinão. Indo de fuga, na frente do 9º BEC, paremos na blitz, revistaram o carro, tava queimado o carro, encontraram as armas, muito dinheiro, celular, relógio, droga, não tinha nada, mas eles não sabiam de nada, porque ainda não tinha queixa registrado, mas apreenderam tudo, as armas, nos encaminharam para a Delegacia Central de Cuiabá.

Nisso a vítima do Alvorada tinha dado queixa e reconheceu a gente era 2h00 da manhã. Michaelfoi liberado, nós assumimos tudo, ele era só o cara da fuga. Ai ficou Dudu, Gugu de maior e eu de menos, mas na Delegacia eu mentia que era de maior e dizia que os três tinha que ir preso. Nisso o policial ligou para minha mãe e ai caiu minha prancha, me levaram para cela, ai eles já sabiam de tudo. 7h00 da manhã eu fui encaminhado para a DEA e os dois para o Carumbé. Fiquei cinco dias na delegacia e fui encaminhado para o Pomeri. Nunca tinha visto uma cadeia, foi um choque pra mim. Daí num quarto eu tinha treta com um guri de bairro. Kekeú Mas nisso eu e ele entramo num acordo. Dissemos que dos dois lados tinha ladrão. Pensei que tinha acabado com essa briga na cadeia. Eu pensava que tinha um processo só, mas tinha na delegacia viraram processo. Com três dias fui condenado. Ai parei pra pensar e vi que isso aqui não ajudava ninguém, só dava vontade de rouvar mais. Só escutava conversa de roubar mas, só ficava aprendendo. Um dia que eu nunca esueõ eu tava no quarta um da ala II. Eu tinha acabado de fumar maconha, tava viajando, brincando com os caras. Tava igual você fala Priscila, cara de mal. Tava trocando idéia com os caras quando ouvi um barulho na quadra interna da ala I. Pedi ajuda pra Febem pra subir na janela. Nisso eu vi uma 12 e uma lanterna na minha cara. Desci da janela, acabou minha onda, até fiquei de cara. Chegou J., orientador, abrindo o quarto e disse: nós não podemos fazer nada. Eu perguntei: nós vamos apanhar? Ele disse: Todo mundo pelado de mãos nas costas. Nisso os policiais fizeram um corredor. Todo mundo nu, virado de bunda pra eles, chorando, eles na maior zuação, iluminava a gente e dizia: Olha a bunda desse aí! Cuspia em nós, e batia nas pernas, braços, todo lugar e zoava, zoava. Pararam de bater, voltamos pra cela, todo mundo chorando de dor! Dor de taca, não foi uma taca dessa nap! Foi uma taca berdadeira, forte. Teve gente que ficou com a cara naquele esgota da B e da C. Aí começou um boato que Shona tinha chamado os policcias. No outro dia foi roda, água, leite, tudo nele! 9h00 da manhã fomos conversar com psicólogo, aquele pessoal que vive no mundo da lua. Os psicólogos pagando de chocado. Ah! Vocês vão pro IML. Até hoje não vi nada. Acabou em pizza, não deu nada. Ai eu fui pra (?), celular, maconha, tudo, mas naquela época, se tá ligada não podia entrar TV. Maconha entrava na visita, celular os orientador trazia, serra eles mesmo. Tudo comprado, mas os tipo foram embora. Ai rodou o primeiro celular, nós tava na cela, deixamos aparecendo o carregador de celular. Ai compramos outro por R\$ 180. A gente mostrava a pessoa (visita) para o orientador corre, eles acertavam tudo lá fora. Ai começamos a trabalhar na fuga. Serrando lá em cima e embaixo, ficou um mês serrado, ninguém viu. Um dia Armino subiu, olhou, olhou, pisou perto, mas não viu. Ai no sábado decidiram ir. Ai esse orientador corre sabia de tudo. Quando ele saiu as 7h00 falou

quedesejava que tudo desse certo. 1h30 da manhã, nós tudo louco de maconha na B e C, embuxacou tudo pra C pelo telefone, aí que o Jean que não ia, na última hora resolveu ir, eu e gauchinho já tava decidido não ir. As 2h00 da manhã todo mundo orando na C de mão dada, todo mundo foi. Voltamos pra B, arrumamos o quarto e fomos dormir. O celular foi porque tinha que entrar em contato com o quarto da fuga que estava encostado do quarto do muro. 7h00 da manhã, na troca de plantão que os orientadores foram saber de fuga. Depois de uma semana fui embora de Alvará, de boa. Fiquei de boa uns tempos. Depois comecei a andar com más companhias e vender drogas. Aí assaltei o clube da Caixa, na Palmiro de Barros. Nisso todo mundo deu peidô. Sujou, mas levamos tudo: DVD, computador, dinheiro, fogo de luz, tudo. Mas nós batemos muito nas vítimas, porque eles não queriam dizer onde tava o dinheiro. Eles (dois guardas) apanharam, apanharam, mas não disseram, mas um deles ouviu o nome de muitas pessoas ser falado. Nisso recebi uma intimação para comparecer na Delegacia do Coxipó. A vítima não estava lá. No dia seguinte fui lá para Manaus, pra morar definitivamente com o meu pai. Chegando lá meu pai me colocou de rédeas curtas. Manaus é uma cidade grande, mas meu pai me botou lá para estudar longe pra caralho, numa comunidade. Era cabuloso lá. Meu pai queria que eu melhorasse. Eu tava de boa, mas um pedreiro que tava trabalhando na casa da minha vó sacou que eu era malandro e trouxe uma maconha. Aí começou as aulas. No começo eu não tava gostando dos meus parentes não. Meu pai é um cara durão, o coração dele não amolece não. Quem eu pensei que não ia gostar eu gostei. A minha madrasta é gente boa demais. Nas aulas conheci os malandros e comecei a andar com eles. Minha tia era diretora da escola, mas eu tava de boa. Até que um certo dia, no recreio, à noite, um gurizinho falou: tenho um "brown", vamo fumar? Eu muito tempo sem fumar, falei: vamo agora! Fumamos um "brown", voltamos, minha tia me viu daquele jeito, olho vermelho, começou a me flagrar. Ela já sabia de tudo aqui de Cuiabá, só minha vó não sabia. Cheguei em casa. De manhã fui para casa da minha vó, deu uma hora, fui me arrumar pro colégio e meu pai falou: pra onde você vai? Sua tia já te deu a transferência, por isso, isso... E você vai embora amanhã para Cuiabá. Eu vim a noite mais revoltado. Voltei pra cá, voltei vendendo droga, estudando. Aí numa festa no Fênix, um cara que tinha uma treta comigo, me deu duas facadas pelas costas, uma furou o pulmão, a outra raspou meu fígado. Fiquei 11 dias internado na UTI e 6 na recuperação. Vi a morte, na ambulância vi toda minha vida, desde o começo, passando na minha frente, e o sangue saía pela boca e nariz, ninguém acreditava que eu ia ficar vivo. Esse negócio de túnel é mentira, dá medo, medo mesmo, só pedia a Deus, agora não! Um mês depois eu tava vendendo droga de novo. Aí eu dei uns tiros num cara lá em Nova Várzea Grande. Vim pra

cá, tentativa de homicídio. To refletindo! Vou sair daqui, vou ser nadador, vou ser um Picasso, dá raiva esse mundo de fantasia da Superintendência. Eu pegar minha revolta e usar para o lado bom, até agora só usei para o mal. Esses orientador tinha que ser mais cabeça, ter mais paciência. A palavra fala orientador, tem que orientar, dar conselho. Orientador empurra, baixa, xinga, não quer pegar água. Depois das 23h você pode morrer de sede. Se chamar uma vez pune. Se chamar duas vezes tira suas coisas do quarto. Se chamar a terceira, você toma uma taca e fica com o corpo doendo e sem água. Meu futuro é estudar bastante, ser alguém de gravata, ficar bem, bem mesmo. Não quero ficar atrás de balcão. Em junho de 2004 pegamos um orientador de refém. Nós queria fazer uma rebelião para pegar os safado. A maioria das rebeliões é para fazer reivindicações, mas agora nós achamos outro jeito, que é ficar sem comer, o povo fica mais grilado, fica louco, os orientador aí. Acabamos sem êxito, os policial imobilizaram todo mundo. Apanhamos muito, até do próprio diretor daqui. Fiacmos uma noite pelados, algemados dentro da cela. Acabou. Os safados queriam pegar nós, os safados que tinham feito feio.

ANEXO D: RELATÓRIOS DO LIVRO DE PUNIÇÕES**Livro de Punição – ala IV – pág. Não numerada.****Plantão A – 05/11/2005**

Adolescentes: R. G., L.C. dos S. e L.F.C.

Motivo: Tentativa de homicídio contra o adolescente W.C., no quarto 03 da triagem.

Período: de 07/11/05 à 10/12/05.

Responsável pela punição: A.R.V.

Plantão A – 13/11/05

Adolescente: C.P.

Motivo: Jogar um copo de água gelada no rosto do orientador J.N.

Período: de 17/11/05 à 02/12/05.

Plantão A

Adolescente: M.G.

Motivo: Xingar os orientadores.

Responsável: V.

Período: 03/11/05 à 09/11/05.

Plantão D – 08/11/05

Adolescente: R.S.

Motivo: Agredir e desrespeitar com xingamento o orientador H.

Responsável: Chefe de equipe noturna: A.

Período: 09, 11, 14/11/05.

Plantão C – 03/11/05

Adolescente: G.D. (ala C).

Motivo: Tentar agredir fisicamente o orientador D.C. em sala-de-aula, sendo necessário o uso da força moderada por parte do referido orientador para defender-se.

Responsável pela punição: João Helvis.

Plantão A – 09/11/05.

Adolescente: C.M. (Ot.04).

Período: 01 recreação 18/11/05.

Responsável: Coordenação.

Plantão C – 07/11/05

Adolescente: A.A. e F.M.

Motivo: Xingarem a orientadora M.F. de desgraçada e filha da puta.

Responsável: A.R.V.

Período: Três recreações - 09/11/05, 11/11/05 e 14/11/05.

Adolescente: W.S.S. (Quarto.A).

Período: 01 recreação 11/11/05.

Livro de ocorrências da ala II.

Plantão B – 22/11/05.

Adolescente: E.G. (Ala A), W.S. (Ala B), T.O. (Quarto 2), D Q. (Quarto 2).

Período: 01 recreação 23/11/06.

Motivo: Não ir à aula.

Responsável: À Coordenação.

Plantão B – 11/11/05.

Adolescente: P.D.

Motivo: Desacato ao orientador D. e foi punido por duas recreações 22/11/05 à 24/11/05. Responsável: Orientador D.

Plantão B – 08/11/05.

Adolescente: R.S.

Motivo: Agredir e desrespeitar com xingamento o orientador H.

Período: 02 recreações 09/11/06 14/11/2005.

Responsável: Chefe de Equipe Noturno A.

Plantão A: 17/11/05

Ficaram punidos por uma recreação, período 18/11/05, os adolescentes dos quartos 01,05,06 da ala II. São eles:

Quarto 01

D.N.

E.S.

F.C.

M.A.

P.C. B.

P.R. S.

Quarto 05

C.S.

F. M.

W. da G.

J.R.

Quarto 06

A.G.

G. D.

R.B.

R.A.

W. de B.

Motivo: Bater bigorna sem necessidade alegando falta de água incentivado pelo correria H.F. que ficará punido por isso também. Chefe de Equipe Noturno V.

Adolescente: H.F.

Motivo: Mentir para a ala II que não havia água para que o pessoal tumultuassem o plantão batendo bigorna.

Período: 02 recreações 18/11/05 à 21/11/05.

Responsável: V.

Plantão A: 17/11/05.

Adolescente: G.D., R.B. e A.G. (Quarto 06 da ala II).

Motivo: Forjarem luta corporal para que os orientadores viessem atendê-los com intuito de acenderem cigarro.

Responsável: M.V.

Período: Três recreações - 21/11/05 até 25/11/05.

Plantão B – 22/11/05

Ficam punidos os adolescentes dos quartos 05 e 06: C.S., F.M., J.R., J.P., L., W. da G., A.G., G.D., R.B., R.A., V.F. e W.B.

Motivo: Fazer “tatu”, buraco na parede entre os quartos 05 e 06

Período: Três recreações – 10 dias 09 (até 02/12/05).

Responsável: Líder de Equipe, A.

Plantão C –23/11/05

Adolescente: Todos os adolescentes do Quarto 05: C.S., W. da G., L B., J.P., J.R., F.M.

Motivo: Ser encontrado uma barra de ferro de 60 cm durante revista feita.

Responsável: Líder de Equipe, A.V.

Plantão C – 10/10 à 11/10/05

Por volta das 21h40min ouvimos ruído de parede sendo quebrada, vindo do quarto 03 da triagem. Diante disso foi efetuada uma revista no referido quarto, onde descobriu-se que estavam furando o teto do quarto, sendo para isso utilizado um cabo de rodo. Foram retirados do quarto 03, inclusive um rádio. Devido a transgressão, ficam os adolescentes do quarto 03-triagem – punidos por duas recreações pela chefe de Equipe Noturno M.F.

10/11/05 à 11/10/05

Por volta de 00:00h os adolescentes da ala I começaram bagunça generalizada na ala, alegando que queriam água, apesar de a mesma ter sido servida no horário de sempre, ou seja, às 23:00h, conforme o que já é regra deste plantão; que por mediante de segurança, faz o trabalho das 23:00h em diante sem entrar nas alas, controlando-as por fora. No momento da bagunça, a Líder de Equipe Noturno M.F., juntamente com outros orientadores, adentrou na ala e solicitou que houvesse o fim da bagunça e que a água nos quartos brevemente estaria ao dispor das mesmas, e que esses mesmos já sabiam qual a regra do plantão. Os adolescentes continuaram a bater garrafas, sem esperar o retorno da água em suas torneiras. Logo após o Líder de Equipe Noturna do CA – Sr. A.R., ignorando a presença da líder de Equipe M.F., que ainda não havia se dirigido para o setor de descanso pois estava tentando resolver a situação na ala, até minutos antes. Adentrou na ala I e serviu água a todos os quartos. Quando o orientador Maria Fátima o inquiriu dizendo que achou que a mesma já estava em seu horário de descanso, apesar de tê-la visto frente à mesa próximo da entrada da ala I.

Punições: Livro de Ocorrência pág. 41.

Plantão D: 11/10/05 à 12/10/05.

Adolescente: A.T. (Ala 1, Quarto 04).

Período: 03 Recreações.

Motivo: Mudar de quarto sem autorização do Líder de Equipe no dia de ontem (10/10/05). O mesmo ao retornar da recreação no período da tarde entrou no quarto 06 da mesma ala em que está alojado.

Adolescentes: G.D., J.R., R.B., S., M. de F., W.S., J.H., D. de S.

Período: 10 dias, de 12 às 21h.

Motivo: Bagunçar na sala de aula jogando giz do professor no chão.

Responsável: Coordenador J.E.

Punições: 10/10/ 11/10/05.

Fica punido o adolescente M.C. da Ala B por uma recreação, devido o mesmo, após ter sido advertido por várias vezes, pelo fato de gritar e bater bigorna, ter insistido no mal feito.

Responsável: Orientadora M.F.

Relatório dos fatos ocorridos na ala da triagem.**Tentativa de Homicídio.**

Por volta das 02:00h, do dia 4 de setembro de 2005, os agentes prisionais ouviram gritos na triagem e foram atender imediatamente. Quando foi constatado que o adolescente B.M. sofrera perfuração no tórax e peito, com pedaços de cabo de vassoura apontados. Foi retirado daquele quarto e conduzido para o PSM – Cuiabá, onde o mesmo encontra-se em observação médica. Ao retirar o adolescente em cela, o seu colega de quarto N.F. de F. assustado, manifestou grande interesse em sair do quarto, pois encontrava-se também ameaçado pelo adolescente R.B. que tentou contra a vida do adolescente B.M., que já havia agredido fisicamente o adolescente em questão. Procurando pelo adolescente Natalino nos informou que o adolescente toma medicamento controlado e aproveita disso para se fazer de “louco”. Foram substituídos todos os cadeados da ala IV. Passamos o plantão com 172 adolescentes na unidade e 02 no Pronto Socorro Municipal: G.P. e B. M.

Relatório do fato ocorrido na ala IV.

Por volta das 19:00h, do dia 03 de setembro de 2005, os Agentes Prisionais M.F.e A.J.S., adentraram na ala IV para recolher adolescente que se encontrava limpando o corredor de frente seus quartos. Foi quando o jovem M.G., com um chuçõ em punho enquadrou a agente M.F., que em seguida o seu companheiro de quarto W.C. também enquadrou o agente A. impedindo de qualquer comunicação dos mesmos mantiveram os agentes de reféns. Com isso um deles tomou posse da maioria das chaves dos quartos de 01 a 10, que encontrava-se no quadro próximo aquela ala. Ao verificar a situação dos prisioneiros de cada ala, o Sr. V.C. de S., Assistente da Coordenação avistou movimentação estranha na ala em tese. Foi quando solicitou ajuda dos agentes de plantão, que agiram com rapidez para que fosse contornada a situação. Porém não foi possível uma vez que os adolescentes já se encontravam em grande quantidade. Chamamos pelos PMs, que fazem a nossa segurança, fomos atendidos imediatamente. Todavia, ficamos tentando comunicar com os adolescentes para que pudéssemos reverter a situação, que no momento se tornava difícil. Foi quando o PM desta guarnição também em seguida chamou reforços, sendo atendido a contento. Diante da situação, é que também foi comunicado com ao coordenador da unidade que solicitou a presença de outras autoridades do Sistema Sócio-Educativo como: a Diretora e o Superintendente do Sistema Sócio-Educativo. Diante a negociação com os adolescentes, exibiram a agente acima citada e ficando com apenas um refém. Percebendo que o objetivo do enquadramento seria ceifar vidas dos adolescentes que são acusados de terem cometido estupro e já agredindo fisicamente alguns desses adolescentes, a policia entrou em ação para que evitasse um assassinato entre eles. Tivemos sucesso com a ação dos PMs, sem causar maiores danos. Vale ressaltar que em momento algum os orientadores tomados de reféns, tiveram sua integridade física verdadeiramente ameaçada. Apesar de os adolescentes empunharem chuços apontados para seus pescoços, os mesmos orientadores não temeram por suas vidas, pois o tempo todo os adolescentes deixaram claro que nada de mal fariam aos mesmos. Ressaltamos ainda que os dois orientadores em questão dialogaram o Maximo possível com os adolescentes no sentido de que os mesmo não realizasse o intento de chacinar os colegas de quarto, e acreditamos que por essa atitude a tragédia não foi maior. Levamos como vitimas os adolescentes J.S.C. e G.P. dos S. O primeiro com alguns arranhão na região das costas e tendo a mesma sorte, o adolescente G.P. dos S. que por pouco não viera a falecer. O jovem encontra-se com vida e está sendo atendido pelo PSM – Cuiabá. Desde já

informamos que o jovem, assim que saiu desta unidade, o mesmo fora conduzido com apoio da viatura do corpo de bombeiros, também solicitada pelas autoridades aqui presente.

Relação dos chuços e demais matérias que se encontravam de posse dos adolescentes que participaram do fato já mencionado e na revista foram retirados:

- 01 ferro de 40 cm,
- 01 ferro de 32,2 cm,
- 01 ferro de 36 cm,
- 01 ferro de 31 cm,
- 01 ferro de 30 cm,
- 01 ferro de 25 cm,
- 01 ferro de 24 cm,
- 01 ferro de 19,5 cm,
- 01 ferro de 8,5 cm,
- 01 ferro em forma de “L” de aproximadamente 16 cm,
- 01 ferro de 13,5 cm de contorno em “L”,
- 01 barbeador,
- 01 estilete artesanal feito com o cabo do barbeador e sua lâmina,
- 01 chuço feito com pedaço de caneta,
- 01 pedaço de ferro de ventilador,
- 01 pedaço de caco de vidro,
- 08 chuços feitos com cabo de rodo,
- 01 cassetete quebrado,
- 01 bobina de ventilador,
- 01 peça de formato cilíndrico de alumínio,
- 02 cabos de rodo inteiros,
- 01 cabo de rodo quebrado, sendo que em uma ponta havia um pedaço de chuço feito de plástico.
- 02 chuços de 1,15 cm.
- 01 jacaré de 11 cm.

ANEXOS E: JORNAIS

A GAZETA
Cuiabá, 30 de setembro de 2006
CADERNO B

SÁBADO

08 11 14 16 18 19
22 23 24 25 26 27

DENÚNCIA
SMTU 'ALUGA' ESPAÇOS DO TERMINAL QUE SÃO PÚBLICOS
Página 3

SURPRESA
NASCE NO CIRCO PORTUGAL A PRIMEIRA CAMELA CUIABANA
Página 3

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

LOCAL PARA INTERNAR INFRATORES PIORA EM 3 ANOS, CONCLUI A FPI

Fiscalização revela que centro está ainda mais insalubre e inadequado para atender os 198 adolescentes em medida de internação, 42 acima da capacidade

Rene Domingos
Da Redação

Três anos depois da última visita, a Fiscalização Preventiva Integral (FPI) constatou que o Centro Sócioeducativo (antigo Ponter) está ainda mais insalubre e inadequado para atender os 198 adolescentes (menores entre 13 e 21 anos) em medida de internação (50 deles em situação provisória). Para piorar, a instituição atende hoje 206 acima da capacidade, que é para abrigar 156. A construção de dois novos blocos não resolve a situação, pois apenas uma parte dos ganhos (100) poderá ser transferido. O relatório foi encaminhado ao Ministério Público Estadual (MPE).

As visitas aconteceram nos dias 11 de agosto e 4 de setembro deste ano. Nas instalações antigas, as paredes das quatro alas estão sujas, deterioradas, úmidas e repletas de bolor. Os quartos são verdadeiras celas, uma visão do voluntariado adivisa dos banheiros e íntima com janelas ou coberturas improvisadas, não há qualquer impermeabilização das paredes. As camas são de concreto, os colchões são velhos e não existem toalhas de cama. Na ala 3 há inclusive escassez de colchão.

Conforme o relatório, a falta de manutenção nas instalações elétricas traz riscos nos ambientes externos e internos. Os alimentos são consumidos pelos adolescentes sem embalagem adequada, o que propicia a contaminação. Na cozinha, a carta de higiene está quebrada, o que incentiva a proliferação de insetos e roedores. Os ratos estão sem tempo e o lixo sanitizado. Faltam condôminos, a situação é ainda mais grave, desconforto, insalubre e subutilizado.

Por mais que seja indispensável, a edificação não conta com Projeto de Prevenção e Combate a Incêndio. Existem poucos extintores e todos estão vencidos. Não há saída ou sinalização de emergência. A pouca ventilação, principalmente nas alas 1 e 2, propiciam a propagação de fogo. O espaço de armazenamento do gás está fora das normas técnicas, o que também oferece perigo.

Para a coordenadora da FPI, Eliane Heloisa Nunes, do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Mato Grosso (Crea-MT), uma das cenas mais marcantes foi encontrar os "orientadores" com cassete de maquiagem nas mãos. "O clima é pesado demais. Para trabalhar lá é preciso muito mais que graduação, deve haver uma bagagem a mais e estruturas necessárias, que ainda não existe. Podemos ter projetos, que significam uma luz no fim do túnel, mas eles ainda estão no papel".

O Conselho Regional de Psicologia da 14ª Região (CRP-14) diz que clima organizacional reproduz a violência. Há relatos de maus tratos sofridos pelos internos e orientadores, eles se agredem, em uma situação que parece não ter fim. "Aqui é o centro sócioeducativo", falou um interno. "Trabalho não deve ficar feliz nunca", critica um funcionário. Ao invés de orientar, o trabalhador do Centro Sócioeducativo ocupa hoje a figura punitiva e de vigilante. "A quebra de estigmas é difícil, precisa de tempo e envolvimento de toda a sociedade para acontecer", destaca o fiscal do CRP, Luiz Guilherme Gomes.

A única farmácia não está registrada no Conselho Regional de Farmácia (CRF) e também não conta com um profissional da área. No estoque existem 49 medicamentos entregados, que se consumidos pelos internos poderiam provocar reações adversas. Por outro lado, em insuficiente a quantidade de psicótipos, xerox, gaze, entre outros produtos básicos. "Mesmo diante de um novo projeto, que contemple as necessidades exigidas, a atual precariedade não se justifica", completa o fiscal do CRP, Jefferson Oliveira.

Entre os avanços apontados estão a construção de uma piscina e de quadra poliesportiva, mas que culminaram na desinstalação do espaço interno para o banho de sol e na sala de televisão.

Outro lado - O diretor do Centro Sócioeducativo, Carlos Castano, questiona a maneira como o relatório foi feito, diz que não é possível fazer uma análise apenas em 15 minutos de passagem pelo local. "A estrutura tem 20 anos, será que ninguém enxerga o lado positivo? Estamos tentando melhorar, já existe inclusive um projeto para um complexo de saúde aqui dentro".

Foram investidos R\$ 5,3 milhões nos três novos blocos, que compreenderão 3,3 mil metros quadrados. Para a seleção dos adolescentes que serão transferidos para lá, Castano informou que utilizará os percentos contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). "Para eles é indiferente estar no novo ou no velho, o problema maior é estar privado da liberdade. Não interessa a forma como vão ser tratados, o pensamento deles continua o mesmo". Na opinião do diretor, as novas instalações apenas proporcionam mais qualidade na prestação do serviço.

Para ele, o fato de não ter ocorrido este ou nenhum rebelião na unidade é reflexo de que o clima é tranquilo, sem qualquer violência. Porém, o clima não é tão calmo assim. Em 12 de maio deste ano, o adolescente Geraldo Maurício de Souza Júnior, 16, foi assassinado dentro de uma das celas do segundo do Centro Sócioeducativo. O companheiro de cela dele, um garoto de 17, foi indicado pelo crime. Quanto aos orientadores, Carlos Castano explica que a política vem sendo trabalhada, o uso de cassetes retirados. Mas não dá para fazer uma ruptura radical. Se ainda é utilizado em algumas situações é "por necessidade".

Perdes das quatro alas estão, sujas, deterioradas, úmidas e repletas de bolor

Cinemas são de concreto, os colchões são velhos e não existem toalhas e travesseiros

Clima de hostilidade: Orientadores andam com cassete de maquiagem nas mãos





INTERVENÇÃO

12 - Cuiabá - Segunda-feira, 5 de setembro de 2005 Folha do Estado

PM usa balas de borracha em rebelião no Pomeri

Vinte e um internos queriam linchar dois jovens

Dois carcereiros foram feitos reféns e dois internos quase foram assassinados entre a noite de anteontem e madrugada de ontem durante motim no Centro Socioeducativo Pomeri no bairro Planalto. Pelotões especiais da Polícia Militar usaram ba-

las de borracha e bombas de gás pimenta para conter os infratores.

Em outra ocorrência, um infrator levou três golpes de chuço enquanto dormia. O autor do crime foi o próprio colega de cela.

Segundo a Polícia Militar, o

tumulto teve início por volta das 19h45, na ala 4, cubículos 1 a 10, onde pelo menos 21 infratores agrediram com pauladas e chuço outros dois envolvidos em infrações penais - Joel Souza Cruz e Gilmar Ribeiro. Os agentes prisionais Aristônio José de Souza, de 45 anos, e Maria Fátima das Chagas, 41, também foram feitos reféns.

Correria

Os amotinados ameaçavam assassinar Joel e Gilmar

Arquivo

por se tratar, segundo eles, de dois estupradores.

Policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope), Rondas Ostensivas Tático-Metropolitana (Rotam) entraram no local pelo telhado e pelo corredor. O capitão Ribeiro Filho iniciou negociações com os presos e conseguiu a liberação da agente prisional.

Policiais que estavam no teto perceberam que os garotos estavam distraídos e deram sinal para o agente prisional Aristônio correrse para os fundos da ala e se trançasse numa cela.

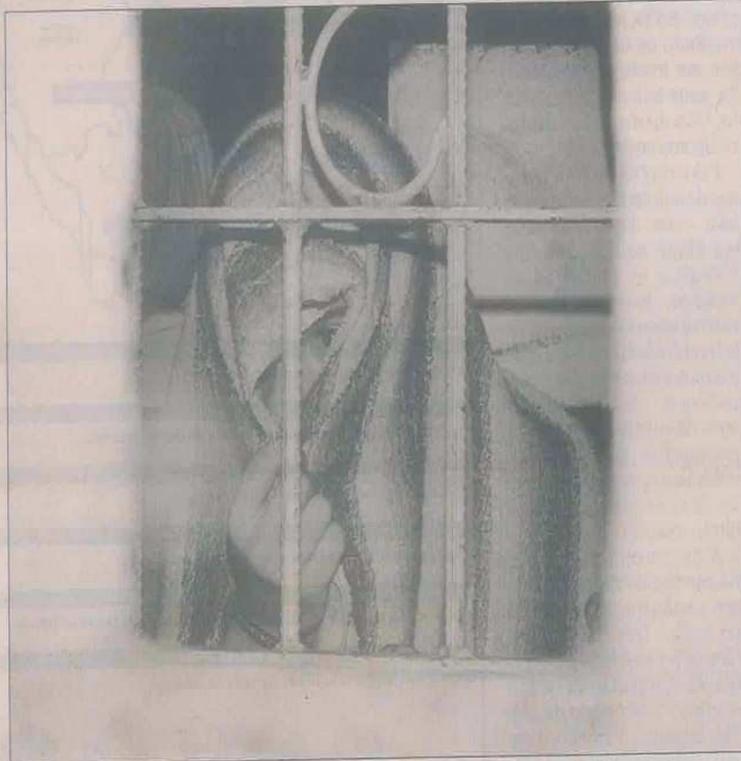
Os amotinados tentaram alcançá-lo, mas foram repelidos com balas de borracha e espargidores de gás pimenta. Aproveitando-se da situação, Gilmar e Joel também conseguiram correr até onde estava um grupo de policiais.

Em seguida os soldados entraram no local e conduziram todos à quadra de esportes. As vítimas foram encaminhadas ao pronto-socorro de Cuiabá.

Durante revista nas celas foram apreendidos dez chuços e doze pedaços de madeira afiados.

Despertado

O infrator Bruno Mazuca foi atacado com golpes de chuço enquanto dormia, à 1h15 de ontem, pelo colega de cela R.B. O crime ocorreu no setor de triagem 3, no Centro Socioeducativo Pomeri. Bruno levou três golpes. Ele ficou em observação no PS.



Rebelião ocorreu porque adolescentes queriam linchar dois acusados de estupro

TERÇA

Cuiabá, 21 de fevereiro de 2006
A GAZETA - 2B

SOB SUSPEITA

Jovem é baleado no carro da PM

Meia hora depois ele morre no Pronto-Socorro de Cuiabá, onde chegou em choque, atingido por dois tiros de escopeta calibre 12



Viatura atingida e policiais voltaram à estrada do Aricá, onde teria ocorrido a emboscada

PATRICIA NEVES
Da Redação

O desempregado Josiel Monteiro Lopes, 18, foi baleado com dois tiros de escopeta calibre 12, dentro de uma viatura da Polícia Militar, na estrada do Aricá, região de difícil acesso no Pedra 90, por volta das 20h de domingo. Levado ao Pronto-Socorro de Cuiabá, ele morreu meia hora depois. Três policiais estavam no interior da viatura, que teria sido metralhada por bandidos. Josiel foi detido porque figurava como suspeito de homicídio. A delegada Sílvia Maria Pauluzzi, da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), considerou "estranha" a versão oficial e determinou a apreensão do armamento dos policiais envolvidos na ação. Na tarde de ontem foi realizada a reconstituição da cena do crime.

Uma escopeta calibre 12, um revólver calibre 38 e uma pistola ponto 40, apreendidas com os policiais, serão periciadas e submetidas a exame de balística a mando da Polícia Civil. O resultado do exame vai determinar se alguma dessas armas foi usada para atingir a vítima ou para simulação de um atentado. No carro estavam os soldados Alívio, Mazzoni, e o cabo Rodolfo Santos, o "cabo Conan". Eles alegam que sofreram represália por causa das ações que desencadearam no bairro, o que explicaria o atentado.

O rapaz foi preso na frente de uma lanchoinete a menos de 500 metros da casa dele. Diversas pessoas presenciaram a cena da prisão. Para a

reportagem da A Gazeta algumas declararam que Josiel foi agredido antes de ser colocado na viatura. Lesões verificadas no corpo dele reforçam a informação. O rapaz tinha escoriações pelo abdome, conforme laudo de necropsia. Essas marcas são provenientes de uma queda ou de atrito com o solo.

Dois tiros atingiram o rapaz, que estava na parte do camburão (porta-malas) do carro. Ele foi ferido no esterno (parte central do abdome) e na altura do quadril. Nenhum dos militares foi machucado durante o atentado, mas os projéteis passaram pela lataria do veículo e atingiram os bancos dianteiros do motorista e do passageiro do veículo.

Na versão dos policiais, pelo menos seis homens, usando motocicletas, atiraram contra o carro quando eles estavam indo para a região do Cinturão Verde. Os policiais declararam que estavam indo buscar uma arma usada para a prática do assassinato de Wagner Peixoto, 21, morto com diversos tiros de pistola 9 milímetros no final de janeiro. Josiel teria confessado o crime. Como ele morreu, a informação jamais poderá ser confirmada.

Por duas vezes o carro foi atacado. A intenção dos bandidos seria a de acertar os policiais, que trocaram tiros com eles. Josiel chegou a ser encaminhado com vida ao Pronto-Socorro Municipal de Cuiabá (PSMC), onde chegou em estado de choque. Ele foi submetido a um exame de raios X e morreu antes de ser operado.

Polícia Civil nega acusação contra vítima

DA REDAÇÃO

A Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) negou que Josiel Monteiro Lopes, 18, fosse suspeito da morte de Wagner

de matar Wagner é um homem gordo e a descrição não é nada semelhante com a figura de Josiel.

O corregedor geral da Polícia Militar, coronel Marlan Bispo de Souza, determinou o afastamento dos três policiais das atividades de rua. Ele não faz afirmações sobre a culpa dos militares na morte do rapaz, mas diz que a decisão foi tomada porque um inquérito policial militar foi instaurado. Ele afirma não querer nenhum tipo de dúvida

quantas as circunstâncias da morte de Josiel e garante que as armas, assim como a viatura, serão periciadas e estão à disposição da Polícia Civil, que abriu um inquérito para investigar o crime.

Josiel no momento em que ele era preso, mas confessa que o rapaz esboçou reação. Declarou também que Josiel era suspeito da prática de pelo menos cinco assassinatos no bairro. "Nunca houve agressão. Sabem que ele matou uns caras em Rondônia e outros aqui. Só não contam (motivadores) porque têm medo". Afirmou também que no local onde Josiel foi preso funcionava uma boca de fumo e por isso as pessoas forneceram declarações

para prejudicar os policiais.

O irmão de Josiel, Juliano Monteiro Lopes, 20, informou que Josiel esteve preso no ano passado (no Centro Sócioeducativo) acusado de assassinato. "Mas como não há a morte do irmão e disse acreditar que o rapaz tenha sido vítima de uma emboscada. Foram lá, capturaram ele e levaram para o meio do mato. Quem viu? Quem sabe o que aconteceu de verdade naquele lugar?", declarou emocionado.

Segundo Juliano, Josiel trabalhava como servente de pedreiro, mas estava desempregado. Os dois viviam do dinheiro deixado pela mãe deles, que foi embora para Rondônia no final do ano passado. (PN)

VANDALOS

Presas dupla que aterrorizou Juruena

JANÁ PINHEIRO
Da Redação

A Polícia Militar do município de Juruena deteve dois homens acusados de cometer uma série de ataques de vandalismo contra prédios públicos, durante o mês de janeiro. Foram presos Jairo da Costa, 18, e L.A.U., de 17. Os dois confessaram que cometeram uma série de furtos e que atiraram fogo numa escola estadual, na sede local do Índex e na prefeitura.

Conforme o comandante do Núcleo da PM de Juruena, o cabo João Luciano da Silva, os

dois estavam em casa quando foram presos. A polícia recuperou uma série de objetos furtados dos prédios onde a dupla

para serem vendidos. Entre os objetos havia aparelho de DVD, vídeo, aparelho de som, máquina digital, mesa de som, entre outros materiais de valor.

Durante os ataques de vandalismo tem mesmo a sede da prefeitura e o cemitério da cidade foram poupados pela dupla. Havia suspeitas de que os atos tinham conexão com o fechamento de garimpos clandestinos no final do ano passado ou questões políticas. "As

investigações apontaram que não há nenhuma ligação política ou com os garimpos. Eles disseram que roubaram e que

cabo Silva, complementando que a dupla será encaminhada para a delegacia do município de Arapuaia (1.119 Km de Cuiabá).

Sem ter a quem recorrer - já que em Juruena não há uma delegacia - o prefeito da cidade, Bernardino Cruzeta (PPS), pediu apoio ao secretário estadual de Segurança Pública, Celso Wilson de Oliveira, que encaminhou a Juruena 2 aviões com policiais militares, civis, peritos criminais e um delegado. "As

VIDA NOVA

Reincidência se mantém em 90%

SISTEMA NÃO PREPARA DETENTOS PARA MUNDO E AINDA DISCRIMINA, VETANDO PARTICIPAÇÃO EM CONCURSO PÚBLICO

ROSE DOMÍNGUES DA REDAÇÃO

Por falta de profissionalização, baixa escolaridade e preconceitos, 90% dos presos de Mato Grosso e do Brasil, em média, voltam à delinqüência, depois de cumprirem pena e ganharem a liberdade.

Apesar de não existirem números oficiais no Estado, a informação se justifica pelo aumento populacional carcerário de 10 a 15% ao ano. Percentuais que não poderiam ser diferentes diante de presídios e cadeias públicas superlotadas e cursos profissionalizantes ainda em fase experimental.

Só para se ter uma idéia da situação de "caos" que impera no Sistema Prisional, em praticamente todos os presídios e cadeias públicas de Mato Grosso o número de presos supera o de vagas. Na cadeia do Carumbá, por

exemplo, apesar de existirem apenas 216 vagas, a média de presos (previsão) é de 500. Na ditosa quinta-feira (24) somavam 308. No presídio do Pácos Ramos, a capacidade é de 351, mas estava abrigando na semana passada 508. O mesmo vale para a cadeia de Cáceres, com um excesso de 87 presos na mesma época.

Na prática, é possível observar que o Estado não vem conseguindo cumprir o papel de "educar", de recuperar o condenado. Primeiro, exatamente devido à superlotação, o que não cria ambiente propício ao aprendizado. Segundo, porque a demanda de cursos e os tipos de atividades ainda não se adequam às carências dessas pessoas para competir no mercado de trabalho.

Por outro lado, o Estado consegue agravar e incentivar a situação de discriminação ao impor regras aos atuais de concursos públicos que vetam a participação de candidatos com "antecedentes criminais". Na avaliação da coordenadora da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil em Mato Grosso (OAB-MT), Betsey Polidornik de Miranda, apesar do Sistema Prisional ter nascido falido, isso é, nunca conseguiu a recuperação expressiva dos reclusos, a opção por "recomeçar" depende muito do presidiário. "E já acompanhados pessoas que sofreram muito até conseguirem se reerguer. Hoje são empresários, ou comerciantes, bem-sucedidos. Só que eles passaram na cadeia a conquistar o espaço".

Por outro lado, vontade de "vencer" sem o



KLEBER, EM LIBERDADE, DIZ JÁ ESTAR A PONTO DE DESISTIR

Portas se fecham aos 'marcados'

DA REDAÇÃO

Recomeçar é tudo que o ex-presidiário Kleber, Jorge Silva Coutinho, 29, quer. Só que as portas por enquanto estão todas fechadas para ele, que cumpriu pena durante 5 anos na penitenciária do Pácos Ramos por homicídio e assalto.

"Fui em lanchonetes, supermercados e escritório. Antes eu trabalhava como office boy. Achei que não fosse tão difícil encontrar um emprego".

Ele explica que foi bem recebido para as inúmeras entrevistas de trabalho, mas, quando as pessoas ficam sabendo que ele já cumpriu pena, descobrem-se e dizem que é contra a norma da empresa contratar pessoas com antecedentes criminais.

"Não quero voltar ao mundo de crime. Já tive vá-

rias propostas desses amigos bandidos para roubar, assaltar banco, mas não gostaria de voltar a fazer isso, porque a prisão é um inferno, talvez o pior por onde eu já passei".

Com o currículo nas mãos, Kleber procurou o jornal A Gazeta na semana passada. Aparentemente deseperado, ele disse que era sua última tentativa de arrumar algo digno para fazer. Morando de favor em um quarto próximo à igreja de São Benedito, no Centro de Cuiabá, ele disse que tinha até ontem para pagar o aluguel ou pelo menos dizer quando poderia pagar para o dono do imóvel, que está prestando um favor a ele, por ter se sensibilizado com a situação dele.

Contar? Quando Kleber consegue um prato de comida de algum agradece à Deus. Mas, nos últimos dois meses, seu supermercado é o lixo do

Mercado do Porto, onde escolhe as frutas, verduras e os alimentos que ainda podem ser aproveitados para o consumo.

"É triste estar passando por isso, só que quero vencer, ter um emprego e dinheiro para viver minha vida".

A família dele não o apoia, acha que "passa que nasce logo morre logo" e que ele não tem salvação.

Socinhos, carregando um estigma nas costas, ele ainda encontra jeito de sonhar com uma vida melhor e com dias melhores. O Sistema Prisional acha que ele está apto para o trabalho. Em uma declaração descreve que ele teve um bom aproveitamento nas atividades do presídio e que obter um emprego seria uma forma de "reincidir no delito". O documento seria uma carta de recomendação do Sistema Prisional. (RD)

Por outro lado, vontade de "vencer" sem o

mínimo de qualificação profissional e apoio da sociedade, em geral, resulta em inúmeras tentativas frustradas de obter um emprego. O caminho mais prático ou talvez o único que o ex-presidiário encarece nessa fase de readaptação, para conseguir sua subsistência e o da família, seja o do crime. Mesmo desistindo o contrário, muitas vezes ele acaba delinqüindo.

"A falta de capacitação é apenas uma parcela do problema. Em separado vem o próprio mercado, que está cada vez mais exigente e competitivo. O Estado nesse ponto tem culpa, mas isso é uma realidade em todo país", pondera o superintendente do Sistema Prisional de Mato Grosso, Nei Borges Scheffer.



SUPERLOTAÇÃO NÃO CRIA AMBIENTE PROPÍCIO AO APRENDIZADO E É UMA REALIDADE EM MT

“A prisão é um inferno, talvez o pior lugar por onde eu já passei”

Maioria é negra e de berço selvagem

DA REDAÇÃO

O perfil do preso comum, isto é, daqueles que abreviam cadeias e penitenciárias públicas, demonstra a realidade social do país. De acordo com o superintendente do Sistema Prisional de Mato Grosso, Nei Scheffer, "Hoje, em 90% dos casos sequer terminamos o primeiro grau e, por isso, mal sabemos ler ou escrever. Geralmente, em geral da raça negra ou parda que nunca tiveram emprego fixo e desconhecem o que seja uma carteira de trabalho assinada. A renda familiar dessas pessoas era obtida na informalidade antes de delinqüirem. O tipo de crime mais comum: tráfico de entorpecentes".

Ao contrário de pessoas com maior grau de instrução e poder, o preso comum geralmente é negro em Diáspora,

não tem dinheiro para contratar bons advogados e vai à julgamento no "maior sigilo possível" da lei. Condenado, ele chega a um presídio superlotado e repleto dos mais variados tipos de criminosos, que cometeram inúmeros tipos de crimes. Nesse local, em geral isolado, ainda impera a "profissionalização do crime", isto é, ao invés de reeducação ele aprende a se tornar mais bandido ainda.

O que tem minimizado o problema nos últimos anos, segundo o coordenador da Comissão de Recursos Humanos da OAB-MT, Betsey de Miranda, é o investimento em cursos de capacitação. Só que eles ainda estão "enguiando" segundo ela, que vem acompanhando presos na Cadeia Pública do Carumbá e no Presídio Pácos Ramos, ambos na Capital.

O superintendente Scheffer

fer admitir que muitas atividades desenvolvidas pelos "reeducandos" são interessantes para eles apenas devido ao presídio, porque lá fora não poderão ser utilizadas, como por exemplo costurar bola.

"É algo que gera renda e eleva a auto-estima deles naquele momento, mas, de fato, não prepara para o mercado de trabalho", completa.

Atualmente, poucos presídios ou cadeias públicas muito-grossos oferecem vagas em cursos de profissionalização ou no ensino regular. De média de 4,8 mil presos, em geral, apenas 500 estão estudando (alfabetização, ensino básico e médio) e cerca de 1,5 mil se profissionalizando. A maioria mesmo está apenas participando de atividades dentro dessas instituições, nada que prepare de fato para um "recomeço". (RD)

Cuiabá, sexta-feira, 07 de abril de 2006

3

Família: Sozinha, Única

POLÍCIA

Cada dia aumenta o número de crimes cometidos por menores

Ontem, um garoto de 16 anos, usuário de drogas, matou a enxadada e ainda degolou a própria mãe, para depois jogá-la dentro de uma cisterna

José Ribamar Trindade
Da Reportagem

O número de crimes cometidos por adolescentes vem aumentando assustadoramente. Atualmente a polícia chega a registrar até dez participações de menores em crimes, como roubos e assassinatos. Ontem, um assassinato chocou os cuiabanos. Um adolescente de 16 anos matou a própria mãe com uma enxada e depois jogou o corpo dentro de uma cisterna.

De dez adolescentes envolvidos por mês em furtos simples na década de 80, os números subiram para 30 - um por dia - e as modalidades de crimes também cresceram - no início da década de 90, chegando ao final dos anos 90 com dois casos diários. Hoje a polícia chega a registrar em determinados dias da semana, até dez participações de menores não apenas em furtos simples, mas em crimes hediondos como homicídio, muitas vezes dos próprios pais, tráfico de drogas, assalto, latrocínio - roubo seguido de morte -, furto, estupro, porte ilegal de arma e seqüestro. A participação de menores no mundo do crime aumenta à medida que aumenta o número de "bocas" de drogas.

Hoje, adolescentes e crianças praticam todos os tipos de crimes. Virou rotina e banalidade suas entradas e saídas - alguns com



Além de estarem envolvidos com as drogas os adolescentes estão praticando roubos e assassinatos

adolescente nunca foi esclarecida. A família dele, que poderia ser a principal interessada, nem procurou a polícia após o crime. No dia do assassinato, os parentes do garoto foram ao local, mas se retiraram bem rápido. "Esse menino não tinha jeito mesmo. É triste para uma mãe falar isso, mas ele não vai fazer falta, muito pelo contrário, agora nós vamos

boca", conta a mãe.

Triste mas consciente, a mãe lamenta a distância do filho que sumiu, e a ausência da filha que virou prostituta e drogada aos 14 anos de idade. Ela abaixa a cabeça, chora discretamente e desabafa: "Olha, gente, desde 1992 que eu acompanho o crescimento dessa coisa terrível que é a violência aqui no Tijuca. Por favor, fiquem alguma coisa pelos nossos filhos", implora.

Filhos matam os pais e destroem famílias. Coincidência ou não, ontem, investigadores da Delegacia de Homicídio e Proteção a Pessoa (DHPP),

prenderam um adolescente de 16 anos, alcoólatra e usuário de drogas pesadas que matou a própria mãe, a dona-de-casa Maria Tomazita da Gama, 52.

O crime aconteceu por volta das 3 horas da madrugada, mas o corpo da vítima só foi localizado por volta das 10 horas dentro de uma cisterna no quintal da casa localizada no bairro Voluntários da Pátria, região do bairro Pedra 90. Em princípio a

constataram que a mulher foi degolada, espancada na cabeça com uma enxada e jogada dentro da cisterna.

choram, mas garantem que os filhos estão melhor enterrados. Outras nem conseguem derramar uma lágrima e nem lamentam a morte dos filhos.

A polícia não tem dados, mas alguns policiais garantem que são pouquíssimos - chegando até ser uma exceção -, quando se encontra um menor infrator que não é usuário de drogas. "Paulinho", meu filho, começou a usar droga aos oito anos no bairro Pedregal. Virou rebelde sem causa. Não ouvia ninguém e, apesar de não precisar, começou a roubar dentro de casa aos 12 anos. "Logo ele virou bandido e hoje está morto", testemunha Benedita, de 38 anos, mãe de "Paulinho", executado com seis tiros em 1998.

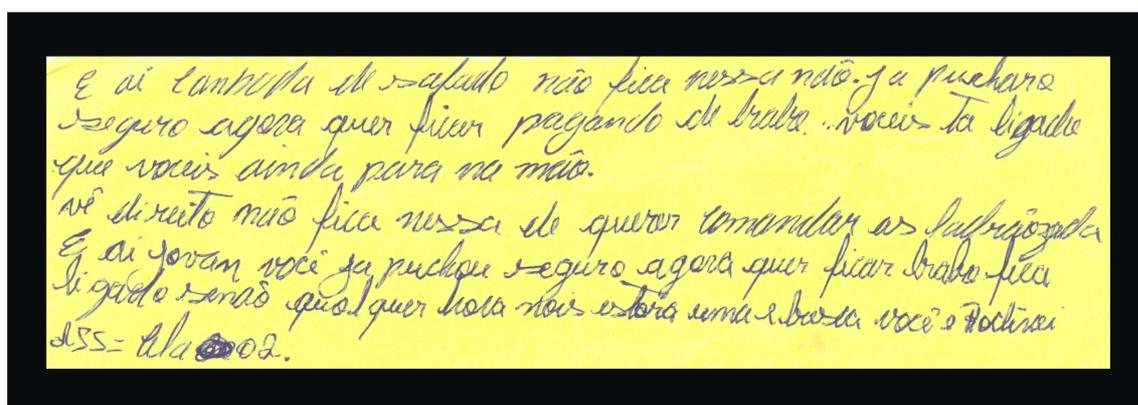
O menino "Alê", na época com 13 anos, foi assassinado com dez tiros de pistola em 2001, no bairro Osmar Cabral. A morte

média foi visitar todas as "bocas" de drogas na região do bairro Tijuca. Sem saber, meninos e meninas de oito a 12 anos contavam histórias que muitas pessoas não acreditam.

"Só os moradores daqui sabem o que acontece, e é claro, quem vem comprar a droga aqui. As outras pessoas passam e nem percebem o que está acontecendo", comenta a mãe do casal.

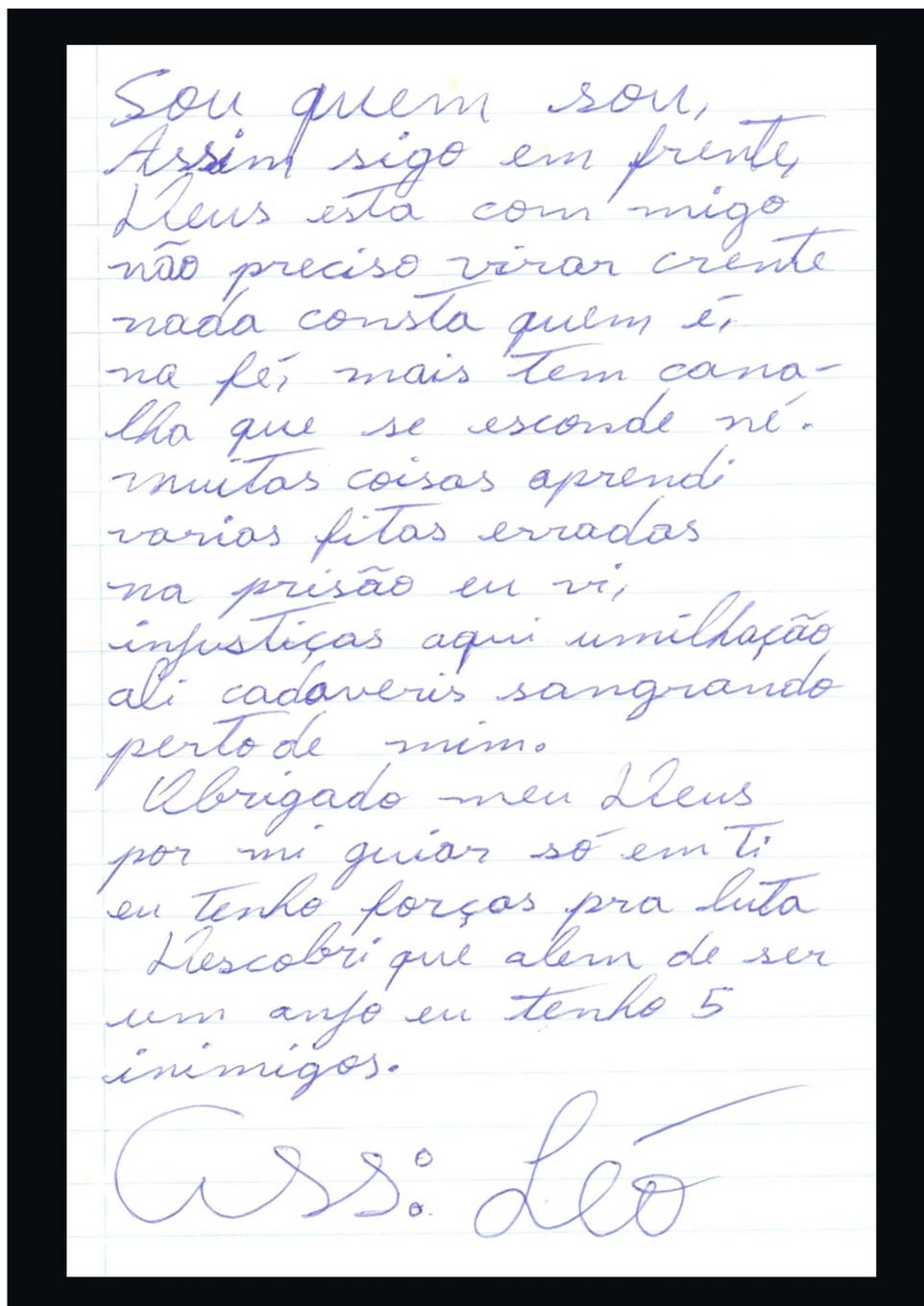
Ela garante, a perfeição veio com a televisão com reportagens e filmes "Isso porque o pessoal acompanha há muitos anos tudo o que acontece no Rio de Janeiro e São Paulo. Lá as bocas têm olheiros, seguranças e gerentes. Cada um tem sua função também, pelo menos aqui no Tijuca também as coisas funcionam assim. Por isso as pessoas nem percebem que estão passando em frente a uma

ANEXO F: BILHETE



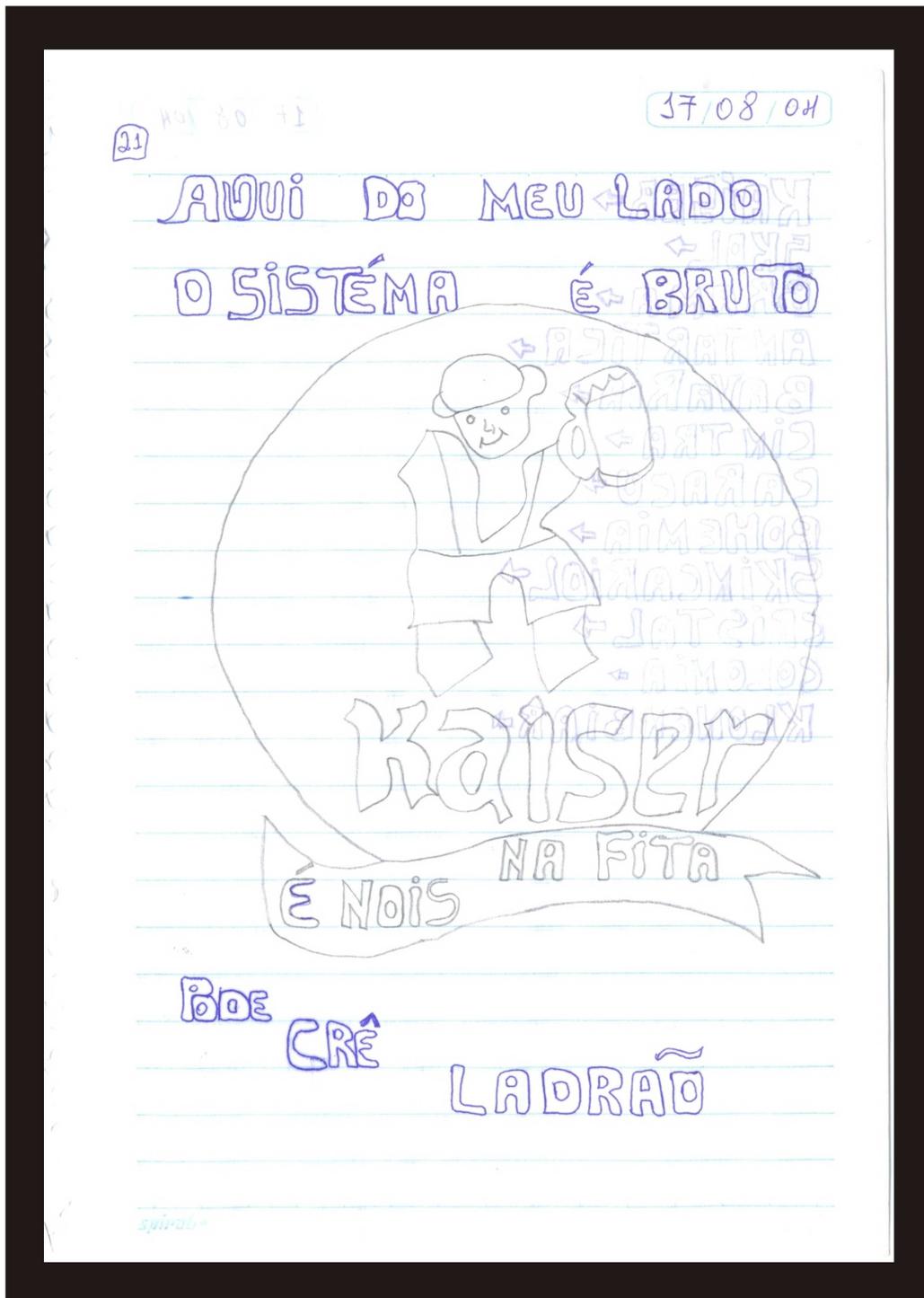
Bilhete enviado pelos adolescente da Ala II aos adolescentes estavam no "seguro".
 Centro Sócio-Educativo "Pomeri"
 Cuiabá/MT, maio de 2005.

ANEXO G: POESIA



Poesia escrita pelo adolescente L.B.B.
Quarto 1 da Triagem
Cuiabá/MT, agosto de 2004.

ANEXO H: DESENHO



Desenho feito pelo adolescente G. L.
Centro Sócio-Educativo "Pomeri"
Quarto 2 da Ala II
Cuiabá/MT, agosto de 2004

Participações Especiais:

ARTIÈRES, Philippe. *Dizer a Atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault*. In: A Coragem da Verdade. São Paulo: Parábola, 2004.

BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Coimbra: Minerva, 1999.

BENTHAN, Jeremy. *O Panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BRECHT, Bertold. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MORAES, Pedro Rodolfo Bode de. *Punição, Encarceramento e Construção de Identidade Profissional entre Agentes Penitenciários*. São Paulo: IBCCRIM, 2005. p. 143-146.

BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: novas Perspectivas*; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução Sérgio Góes de Paula. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANCELLI, Elizabeth. *A Cultura do crime e da lei: 1889-1930*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. A História entre narrativa e conhecimento. In: *À Beira da Falésia. A história entre incertezas e inquietudes*. Porto alegre: Editora da universidade Federal do rio Grande do sul. 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____ *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____ *A Cultura no Plural*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____ História de Corpos. In: *Corpo e Cultura*, Projeto História 25. Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, dez. 2002.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. *Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*; tradução da Mariza Corrêa Rio de Janeiro: paz e Terra, 1990. – (Coleção oficinas da História).

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____ *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. /tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. - São Paulo: Ed34, 1997.

_____ *Foucault*; tradução Claudia Sant' Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. - - São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____ *A Ilha Deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____ *Conversações, 1972-1990*; tradução Peter Pál Pelbart - São Paulo: Ed. 34, 1992.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *A Casa dos Mortos*; tradução Fernanda Pinto Rodrigues. São Paulo: Editora Edibolso, 1978.

_____ *Crime e Castigo*; tradução Luiz Cláudio de Castro. – 5ª ed. - Rio de Janeiro: Ediouro S.A.1994.

DROIT, Roger-Pol. *Michel Foucault – Entrevistas*. São Paulo: Graal. 2006.

DUPRAT, Catherine. *Punir e Curar – em 1819, A Prisão dos Filantropos*. Rev. Bras. de História. São Paulo. V.7 n°14. p. 7-58. mar./ago. 87.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*; tradução, Ruy Jungmann; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. - Rio de Janeiro: Jorge zahar Ed., 1994.

FERRO, Marc. *A História Viggiada; tradução Doris Sanches Pinheiro*. - São Paulo: Martins Fontes, 1980. – (Coleção o homem e a história).

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso - Aula Inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Poeira e a Nuvem*. In: *Ditos e Escritos*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____ *a Vida dos Homens Infames*. In: *Ditos e Escritos*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____ *Estratégia do Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____ *Microfísica do Poder*; organização e tradução de Roberto Machado. – 20ª ed. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____ *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. - Petrópolis: Vozes, 1998.

_____ *História da loucura na Idade Clássica*; tradução José Teixeira Coelho Netto. - São Paulo: editora Perspectiva S.A., 1978.

_____ *Os Anormais: curso no collège de France (1974-1975)*; tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX*; tradução de Denize Lezan de Almeida. - Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____ *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____ *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*; tradução de Maria Thereza da Costa; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. - Rio de Janeiro: edições Graal, 1984.

_____ *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; tradução Salma Tannus Muchai. – 8ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção tópicos).

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação. Explicitação das Normas da ABNT. – 14. ed. – Porto Alegre: s.n., 2006.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*; tradução Betania Amoroso. - São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____ Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais; morfologia e história*; tradução Frederico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____ As Vozes do outro – Uma revolta indígena nas ilhas Marianas. In: *Relações de Força: história, retórica, prova*; tradução Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a Manipulação da Personalidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____ *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1987.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Personagens e Memórias: territórios de ocupação recente na Amazônia. In: *História em Cousas Miúdas*. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2005. p. 519-546.

Cidades da Mineração: memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do Século XX. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; edUFMT, 2006.

 Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil contemporâneo.* Cuiabá: UNICEN, 2002.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *Experiência: uma fissura no silêncio.* Revista. Territórios e Fronteiras – PROG. de PÓS – GRAD. Em História – UFMT – V.3 – N1 Jan./Jun. 2002.

KAFKA, Franz. *A Colônia Penal e Outros Contos;* prefácio e tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Edibolso, 1978. (Coleção Universidade de Bolso).

O Processo; tradução de Manoel Paulo Ferreira. -. São Paulo: Círculo do Livro S.A., s/d.

O Castelo; tradução D.P. Skroski. - São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2003.

O Veredicto; Edição comentada - tradução, organização e notas de Marcelo Backes. - Porto Alegre: L&PM, 2001.

A Metamorfose; Edição comentada - tradução, organização e notas de Marcelo Backes. - Porto Alegre: L&PM, 2001.

KARAN, Maria Lúcia. *De Crimes, Penas e Fantasias.* Niterói-RJ: Luan Editora, 1993.

KOHAN, Walter Omar. *Foucault 80 anos.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOF. Jacques, 1924 - *História e Memória.* Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Filho, Oswaldo. *Ilegalismos e Jogos de Poder: um crime célebre em Cuiabá (1872) e suas verdades jurídicas (1840-1880).* Campinas, SP: [s.n.], 2003.

MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia;* tradução de Aluizio Ramos Trinta. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas; tradução Rogério de Almeida, Alexandre Dias. – São Paulo: Zouk, 2003.

MARTINS, Elvis. *No Submundo de uma prisão, reféns do próprio destino.* Cuiabá: A&C Assessoria, 1999.

MEIRELES, Cecília. 1901-1964. *Poesias Completas*, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MORAES, Pedro Rodolfo Bode de. *Punição, Encarceramento e Construção de Identidade Profissional entre Agentes Penitenciários*. São Paulo: IBCCRIM, 2005.

MV Bill & Celso Athayde. *Falcão: Meninos do Tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PAIXÃO, Antonio Luiz. *Recuperar ou Punir? Como o Estado trata o criminoso*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital: Ensaio de Bipolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
_____. *Literatura e Loucura*. In: *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.287-298.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*; tradução Denise Bottmann. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *As Crianças da Petite-Roquette*. Revista Brasileira de História: São Paulo, vol.9 n° 17, pp. 115-128. set.88/fev.89.

PESSOA, Fernando. *Antologia Poética*. São Paulo: Ediouro, 2002. (Coleção Antologias)

PINTO, Edson Luis de Arruda (Cabeção). *Presídio, Terra de Ninguém*. Cuiabá (edição do autor)/ lei Hermes de Abreu, s/d.

RAGO, Margareth. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

RUDÉ, George. *A Multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848*; tradução de Waltensir Dutra. - Rio de Janeiro: campus, 1991.

SUSKIND, Patrick. *El Perfume: História de um asesino*. Habana Vieja, Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Arte y Literatura, 1985.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*; tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. - . Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VIGARELLO, Georges. *História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI – XX*; tradução Lucy Magalhães. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

TRINDADE, Judite Maria Barbosa. *Metamorfose: de Criança para menor*. Curitiba – início do século XX. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da universidade federal do Paraná, 1998.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)